UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO FILOSOFIA
E HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS

CARLOS AILTON DA CONCEIÇÃO SILVA

J. J. SEABRA E O HIGIENISMO À *LA CARTE*: UM ESTUDO DESCRITIVO E ANALÍTICO SOBRE AS RELAÇÕES QUE FORJARAM A CONSTRUÇÃO DA MODERNIDADE CONSERVADORA BAIANA (1912-1924)

SALVADOR

2019

J. J. SEABRA E O HIGIENISMO À *LA CARTE*: UM ESTUDO DESCRITIVO E ANALÍTICO SOBRE AS RELAÇÕES QUE FORJARAM A CONSTRUÇÃO DA MODERNIDADE CONSERVADORA BAIANA (1912-1924)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências da Universidade Federal da Bahia e da Universidade Estadual de Feira de Santana, para a obtenção do grau de Doutor em Ensino, Filosofia e História das Ciências

Área de concentração: História das Ciências.

Orientador: Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez Arteaga

SALVADOR

2019

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA), com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Silva, Carlos Ailton da Conceição
J. J. SEABRA E O HIGIENISMO À LA CARTE: um estudo descritivo e analítico sobre as relações que forjaram a construção da modernidade conservadora baiana (1912 -1924) / Carlos Ailton da Conceição Silva. -- Salvador, 2019.
268 f. : il

Orientador: Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez Arteaga.
Coorientador: Fernanda Rebelo Pinto.
Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Ensino Filosofia e História das Ciências) –

Universidade Federal da Bahia, Instituto de Física, 2019.
1. História. 2. Poder. 3. Ciência. 4. Discurso
Médico-higienista. 5. Depuração Social. I. Arteaga,
Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez. II. Pinto, Fernanda
Rebelo. III. Título.

TERMO DE APROVAÇÃO

CARLOS AILTON DA CONCEIÇÃO SILVA

J. J. SEABRA E O HIGIENISMO À *LA CARTE*: um estudo descritivo e analítico sobre as relações que forjaram a construção da modernidade conservadora baiana (1912-1924)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências da Universidade Federal da Bahia e da Universidade Estadual de Feira de Santana, para a obtenção do grau de Doutor em Ensino, Filosofia e História das Ciências.

Área de concentração: História das Ciências.

MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez Arteaga – PPGEFHC (Orientador) UFBA

_____

Prof. Dr. André Luiz Mattedi Dias – PPGEFHC (Presidente da Banca) UFBA

_____

Prof. Dr. Amilcar Baiardi – PPGEFHC/UFBA

_____

Prof.ª Dra. Wlamyra Ribeiro de Albuquerque – Membro Externo ao Programa - FFCH/UFBA

_____

Prof. Dr. Marlon Marcos Vieira Passos – Membro Externo ao Programa - UNILAB – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira

_____

Salvador - Bahia

05/09/2019

Todo Homem

O sol, manhã de flor e sal
E areia no batom

Farol, saudades no varal
Vermelho, azul, marrom

Eu sou cordão umbilical
Pra mim nunca tá bom

E o sol queimando o meu jornal
Minha voz, minha luz, meu som

Todo homem precisa de uma mãe
Todo homem precisa de uma mãe

O céu, espuma de maçã
Barriga, dois irmãos

O meu cabelo negro lã
Nariz, e rosto, e mãos

O mel, a prata, o ouro e a rã
Cabeça e coração

E o céu se abre de manhã
Me abrigo em colo, em chão

Todo homem precisa de uma mãe
Todo homem precisa de uma mãe
Todo homem precisa de uma mãe
Todo homem precisa de uma mãe

Compositores: Caetano Emanuel Viana Telles Veloso / Tom Veloso / Moreno Veloso / Zeca Veloso

Letra de Todo Homem © Ubc

Mãe...!

Ao Sr. Ailton e a Dona Didi, aqueles que me fizeram filho, homem e pai. A minha dinda Ester, aquela que encantada viu as minhas primeiras escritas, as minhas primeiras leituras, e sorriu!

Ao Ilê Alá dos Orixás, A casa de Oxumaré, Ogum e Xangô!

Obrigado, Fernanda Rebello (in memoriam)

Agradecimentos

Este é um dos momentos mais importantes de minha caminhada. Muitas seriam as pessoas que eu teria que lembrar. Todas, ao seu tempo, com um papel muito significativo no processo de construção de todos os meus saberes.

Primeiramente, agradeço no plano da concepção de vida, da afetividade e do amor e da fé, agradeço aos meus pais, Sr. Ailton e *Dona Didi* (*in memoriam*), a minha madrinha Ester *(in memoriam)*, a minha tia Diva e família, ao meu tio Almir *(in memoriam) e família*, aos meus irmãos Sérgio e André, ao meu filho Sergio Ailton e Joara, a minha filha Ana Carla e ao primo Zé! Aos amigos quase irmãos Lígia e José Raulino (Zecão)

Ao meu amor por toda compreensão e paciência. Foram momentos de muito companheirismo e construção!

Agradeço aos milhões de brasileiros que, indiretamente, através da cotidiana escorcha fiscal, permitiram-me o acesso à educação pública de qualidade, em todos os níveis da minha formação.

A Universidade Federal da Bahia, instituição com que tenho uma relação edipiana, visto que, para mim, é o espaço-útero que permitiu a elevação da minha humanidade, espiritualidade e saber.

Ao amigo e compadre Walter Fraga Filho, um grande irmão! Mesmo a distância, um incansável incentivador e acolhedor das minhas viagens intelectivas, por muitos anos.

Ao meu brother, Alberto Freire que, nos bate-papos de altas horas, sempre me remeteu aos múltiplos espaços do saber: cultura, música, cinema; grande figura. Voltemos a nossas viagens!

Sou extremamente grato aos meus professores do Programa de Pós-Graduação em Ensino Filosofia e História das Ciências, Prof. Dr. Olival Freire, Prof. Dr. Waldomiro Filho, Prof. Dr. Amilcar Baiardi, Prof. Dr. Charbel El Hani Nino, e a Prof.ª Dra. Indianara Silva.

Ao meu Orientador, o Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez Arteaga, (Juanma); foram muitas as discussões sobre aspectos sempre relevantes e gratificantes. Muito Obrigado por tudo!

Eu quero dedicar um agradecimento muito especial à coordenadora do PPGEFHC, Professora Andreia Oliveira, pela força e fé em mim depositadas. Ela sabe o quanto foi árdua a minha caminhada nos últimos anos. Obrigado!

Não poderia esquecer os servidores do PPGEFHC, Lúcia, Marli e, especialmente, Marcos, pela incansável gentileza no atendimento das minhas solicitações; um grande incentivador!

Também aproveito a oportunidade para agradecer ao Instituto Federal Baiano, pela concessão de minha licença para estudos, num momento de cortes e contingenciamentos na educação.

Elenilson, sem você naqueles momentos de muita dor física e psicológica, eu não teria conseguido. A sua ajuda foi o divisor de águas. Muito obrigado por suas contribuições acadêmicas e documentais!

Por fim, um especial agradecimento a Professora Nazaré Lima – UNEB. Foi ela quem acalmou os meus arroubos da língua e da ortografia. Uma grande senhora das letras!

Ana Emília, minha amiga e secretária. O meu muito obrigado!

Resumo

A difícil instalação da República na Bahia durante toda a primeira fase de vigência do novo sistema político (1889-1930) era a principal evidência de que, por estas terras, existia um tipo de ator social extremamente arraigado aos elementos da velha tradição política. Eram aqueles sujeitos que, ao longo da história da formação local, forjaram um tipo de *status* e papel, tendo nas investiduras do poder a longevidade e garantia do prestígio e dos privilégios de classe em favor dos grupos dominantes da terra. Entretanto, o fim da escravidão e a vigência dos princípios do republicanismo liberal impuseram àqueles velhos potentados uma nova condição de lugar que passaria pela completa reestruturação material e sociopolítica do Estado. É a partir daí que este trabalho buscou descrever e analisar a dinâmica que permitiu a construção de uma modernidade conservadora embasada nos princípios da ciência à época, especialmente dos discursos higienistas produzidos pelos médicos, a legitimação ideológica necessária à constituição de uma biopolítica de controle sobre a sociedade local, com o objetivo de reinserir todos, ricos e pobres, brancos, negros e mestiços, nos espaços sociais da cidade da Bahia, através de um conjunto de ações de Estado no âmbito da saúde e do urbanismo que visavam a construção de sociabilidades marcadas pelos sentidos da convivência depurada entre 1912 e 1924, período que a Bahia e sua cidade sofriam as influências do dirigismo político seabrista.

Palavras-chave: História, tradição, poder, cultura, ciência, discurso médico-higienista, depuração social

ABSTRACT

The difficult installation of the Republic in Bahia throughout the first phase of the new political system (1889-1930) was the main evidence that, on these lands, there was a kind of social actor deeply rooted in the elements of the old political tradition. These were the subjects who throughout the history of local formation had forged a kind of status and role having in the endowments of power the longevity and guarantee of prestige and class privileges in favor of the ruling groups of the land. However, the end of slavery and the observance of the principles of liberal republicanism imposed on those old potentates a new condition of place that would undergo the complete material and socio-political restructuring of the state. It is from this point that this work intends to describe and analyze the dynamics that allowed the construction of a conservative modernity based on the principles of science at the time, especially the hygienist discourses produced by doctors, the ideological legitimation necessary for the constitution of a biopolitics of control over science. local society with the objective of reintegrating all, rich and poor, whites, blacks and mestizos in the social spaces of the city of Bahia through a set of state actions in the health and urbanism that aimed at the construction of sociability marked by the purified senses of coexistence between 1912 and 1924, a period in which the state of Bahia and its city suffered the influences of seabrista political leadership.

Key words: History, tradition, power, culture, Science, hygienist medical speech, social clearance

Abreviaturas

ADFIOCRUZ – Arquivo Digital da Fundação Oswaldo Cruz

AHPMS - Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Salvador

AMMS - Arquivo do Memorial de Medicina e Saúde

APEB - Arquivo Público do Estado da Bahia

BCEB - Biblioteca Central do Estado da Bahia

BGM - Biblioteca Gonçalo Moniz

DNSP – Diretoria Nacional de Saúde Pública

FAMEB - Faculdade de Medicina da Bahia

FGM - Fundação Gregório de Matos

IGHBa – Instituto Geográfico e Histórico da Bahia

Figuras

Página.

Fig.1 - Cidade Monturo.....45

Fig. 2 - A 7 de Setembro Vem Abaixo.....47

Fig. 3 - O lar afetado pelo alcoolismo.....61

Fig. 4 - Capa de abertura do relatório Neiva-Penna.....81

Fig. 5 - Gazeta Médica da Bahia.....113

Fig. 6 - Capa do primeiro exemplar da Gazeta Médica da Bahia.....126

Fig. 7 - Orchestra Macabra.....131

Fig. 8 - A Bahia no Inferno.....131

Fig. 9 - A Bahia Supplice.....141

Fig. 10 - Hospital de Isolamento.....143

Fig. 11 - A Febre Amarela na Bahia.....143

Fig.12 - Nova Epidemia Assola a Capital.....144

Fig.13 - Diretoria de Saúde Publica.....145

Fig.14 - Carne Virada.....146

Fig.15 - Os que morrem de fome na Bahia.....147

Fig.16 - Hospital dos Lázaros vem a abaixo.....151

Fig.17 - O Estado Sanitário e a Intervenção Federal.....153

Fig.18 - Organograma da Diretoria Geral da Saúde Pública da Bahia.....155

Fig.19 - O Esquecimento.....156

Fig.20 - O 15 de novembro de 1889 na Bahia.....165

Fig.21 - Ainda há escravidão na Bahia.....165

Fig.22 - Quadro demonstrativo das exportações baianas entre1899-1930.....170

Fig.23 - O Rei do B*eef*.....175

Fig.24 - Ataques feitos do Forte São Marcelo 1912.....181

Fig.25 - Ataque a sede do governo 1912.....181

Fig.26 - A Galinha dos "Ovos de Ouro" 184

Fig.27 - A Bahia em Pedaços.....187

Fig.28 - Nos Domínios da Moda.....189

Fig.29 - Um Modelo de Imundice.....198

Fig.30 - O Estomago da Cidade.....219

Fig.31- As Duas Amigas e o Amante.....224

Fig.32 - A Varíola em Ação.....224

Fig.33 - O Equilíbrio das Molas.....230

Fig.34 - A Intervenção *manu sanitari*.....232

Fig. 35 - A 100 Metros da Avenida.....236

Fig. 36 - Os Grandes Problemas Sociais.....240

Fig. 37 - Vamos Ter Mais Avenida.....241

Fig. 38 - A "S.P.B" e As Habitações Proletárias.....243

Sumário

INTRODUÇÃO.....17

CAPÍTULO I

A Questão Urbana e Sanitária e a depuração dos sentidos da convivência na Cidade da Bahia (1912 – 1924) 29

1.1 - A cidade da Bahia.....29
1.2 - A cidade e seu povo: hábitos, costumes e vícios.....52
1.3 - "*Triste Bahia"* – A materialidade que nos assusta!.....72
1.4 - A saúde e os sentidos da convivência na cidade da "*República Baiense"* *78*

CAPÍTULO II

O Higienismo Baiano: a rede de interlocução científica e seus endereçamentos históricos.....90

2.1 - O higienismo baiano: a rede, contextos, arranjos, percepções, complexidades e identidade.....90
2.2 - Um discurso em rede!.....101
2.3 - A rede e a ressignificação do discurso médico.....120
2.4 - J. J. Seabra: higienismo e assistência médica…….....……...135
.

CAPÍTULO III

As Elites, a Aristocracia Médica e a Segregação do Espaço Público. …….....……164

3.1 - As elites: subida ou descida, preciso de um rumo! Preciso de um galardão!.....164
3.2 - A "*belle époque tardia*" e o pensamento médico sanitário na Bahia.....188
3.3 - Apropriação e aplicação do discurso médico na Bahia seabrista.....216
3.4 - "Gangrenado e extirpado!" - O fim de uma era! Derrubando pra inglês ver!.....226

CONSIDERAÇÕES FINAIS …….……......247

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....257

INTRODUÇÃO

O trabalho de tese aqui apresentado, se constitui a partir do interesse acadêmico de compreender os aspectos políticos, econômicos e sociais que caracterizaram as transformações ocorridas no Estado da Bahia nas quatro primeiras décadas republicanas, especificamente durante o período seabrista, e cujas consequências têm suas repercussões até os dias de hoje sobre a maneira como são vistos e, portanto, colocados os trabalhadores pobres, negros e mestiços no espaço urbano da cidade do Salvador.

Sendo assim, entendo que a Bahia sempre ocupou um lugar de destaque no processo de formação do Brasil. Para a historiografia baiana, as elites locais apresentavam fortes contradições relacionadas à condução de um processo civilizador marcado por conservadorismos e permanências da tradição escravagista e imperial-monarquista. Havia os que se alinhavam aos valores da modernidade, sobretudo através das interlocuções "em rede", resultantes da circulação cognitiva em escala mundial que, quando aqui chegavam, acabavam por provocar novas formas de funcionamento tanto das instituições sociais quanto da vida cotidiana.

Por outro lado, havia, também, aqueles que estavam à margem da sociedade, excluídos por sua condição de raça e classe e, que, por isso terminavam sendo um contraponto ao discurso de modernidade, reproduzido por profissionais liberais de todos os campos, sobretudo os médicos higienistas daquele período.

Dessa maneira, com o intuito de descrever e analisar as causas e consequências da produção dos discursos médicos e sua relação com as ações voltadas para a questão sanitária da Salvador seabrista, serão problematizadas as formas como as elites locais e regionais, à luz dos posicionamentos dos "*homens de ciências*", fizeram-se presentes na organização das políticas públicas no processo de modernização de uma Salvador "republicana", entretanto marcada por um forte sentido de depuração, diferenciação e apartação urbana.

Nesse sentido, a construção deste trabalho teve como ponto de partida a defesa da seguinte tese:

A convivência social na Salvador do início século XX, especificamente, à época do "seabrismo" (1912-1924) foi sistematicamente construída através de um discurso, sobretudo médico higienista, que não se restringiu ao espaço da Faculdade de Medicina da Bahia; ele se fez presente em vários setores da vida cotidiana da cidade, repercutindo de forma à reorganizar as sociabilidades, estigmatizando segmentos sociais formados por trabalhadores, pobres, negros e mestiços, além dos doentes, numa realidade que se queria moderna e civilizada. Não obstante, depurada, diferenciada e apartada apesar da inexistência de um estatuto segregador de estado.

Com o objetivo de resolver os principais problemas em torno da tese ocorreram os seguintes questionamentos:

1. *De que forma o Estado seabrista diante de um contexto político tão conturbado conseguiu impor aos seus desafetos uma certa hegemonia, apesar dos ajustes materiais causados pela reestruturação produtiva e setorial do Estado?*

2. *Como o processo de ressignificação do conhecimento amalgamou as relações políticas e institucionais num contexto médico-sanitário marcado por disputas entre os campos conservador e reformador da Faculdade de Medicina da Bahia?*

3. *Quais os arranjos políticos e institucionais constituídos pelos grupos de poder e suas elites para atender aos objetivos de natureza estética, sanitária e social na Bahia de J.J. Seabra?*

4. *Qual o papel dos médicos e outros profissionais liberais no espaço da rede de interlocução científica na implantação da política sanitarista e higienista de Seabra?*

5. *O que foi possível realizar, no âmbito das dinâmicas sociopolíticas da época, de forma a garantir a viabilidade ou não do texto de uma nacionalidade depuradora, diferenciadora e subliminarmente apartadora na Bahia?*

Para responder a este conjunto de formulações, foi preciso fazer o cotejo, análise e descrição das várias fontes produzidas entre os anos de 1912-1924 - período de vigência do seabrismo. Nesse sentido, os jornais *Diário de Notícias, A Hora, A Tarde e a Revista Bahia Ilustrada* eram alguns dos veículos de massa utilizados, com recorte temporal, no intuito de encontrar informações sobre o cotidiano de vida da cidade de Salvador e seu processo de urbanização. Ressalte-se o papel que a imprensa teve na difusão e defesa do projeto de uma cidade higiênica, ora destacando as ações do poder público, ora veiculando notícias sobre os modos de vida dos seus cidadãos de uma forma geral.

A análise das informações contidas nos jornais de Salvador possibilitou uma melhor compreensão dos acontecimentos da época, mas também uma melhor percepção sobre as noções que os intelectuais e outros tinham sobre a cidade. A *Revista Bahia Ilustrada* nos dá um melhor entendimento sobre o mundo das elites, pois retratava os acontecimentos, os novos comportamentos e gostos que passaram a ocorrer na nova paisagem urbana da cidade da Bahia.

Com o objetivo de entender o grau de ligação entre as ações do executivo baiano e as demandas das elites sociais e seus agentes higienistas, foram de grande valia a leitura e análise dos discursos proferidos por Seabra nas aberturas dos trabalhos legislativos nos anos seguintes ao seu primeiro mandato. Na verdade, o que se vê é uma virada administrativa no sentido de garantir as grandes transformações estruturais do Estado e, principalmente, da cidade capital, tanto no plano das intervenções sanitárias quanto das ações de caráter urbanista. Nesses discursos e mensagens, fica evidente, de forma implícita, que as intervenções de Seabra garantiram à cidade um lugar no seleto grupo dos centros modernos do país e, às elites, a satisfação das suas demandas por civilidade e progresso, sem contar que tantas intervenções atenderiam aos interesses dos grupos voltados para as atividades comerciais e de exportação.

A consulta às Teses Doutorais, à *Gazeta Médica* produzidas no período pesquisado nos possibilita uma percepção bastante acurada acerca da visão de mundo dos médicos da época, assim como as suas contribuições em relação aos problemas ligados à higiene em Salvador. Lembremos que os médicos eram socialmente ungidos, o exercício da medicina por si só tinha uma aura de sacralidade, portanto uma situação que garantia aos médicos a condição de guardiões da sociedade no exercício de uma missão salvacionista. Tal situação, por sua vez, garantia àqueles profissionais reconhecimento acadêmico e prestígio social; sem contar que muitos deles tornavam-se grandes agentes da política estadual.

Desta forma, a análise de uma parte dos discursos médicos em áreas como doenças contagiosas dá a medida sobre como a manifestação do conhecimento também enunciava uma visão de sociedade. Essa era uma forma de entendimento que imputava ao homem comum as causas das doenças e epidemias que assolavam a cidade, o estado e o país. De certa forma, os discursos médicos se apresentavam no espaço utilitarista da linguagem, atendendo e formulando uma orientação ideológica a favor das elites. Muitas vezes, desqualificando e colocando os mais pobres, em sua maioria negros e mestiços, como aqueles que estavam diretamente ligados aos infortúnios da nação.

Também, foi bastante relevante para este trabalho a utilização de uma vasta literatura produzida por autores locais e de fora nos últimos anos sobre as questões ligadas aos eventos do pós-abolição e da Primeira República em Salvador. Nesse sentido, as teses, dissertações, artigos e livros colocaram-se como leituras indispensáveis sobre um período que ainda pode ser revisado, de forma a fazer emergir outras percepções sobre um espaço-tempo marcado por transformações simbólicas e materiais que se impôs ao espaço urbano e social produzindo uma nova configuração da cidade.

Com isto, a cidade de Salvador, dentre outros aspectos, passaria a sofrer as consequências oriundas de uma administração científica voltada para a satisfação das idealizações de lugar. Ou seja, a capital baiana se tornaria uma cidade higiênica, moderna e civilizada, tendo como base as noções de racionalidade técnica e objetividade como meios de atingir a sua dimensão progressista, a partir dos papeis e ações exercidas por médicos, engenheiros, intelectuais e, principalmente, pelo poder público, como forma de garantir ao espaço urbano a boa salubridade, linearidade, regularidade, funcionalidade, circulação, estética e a sensação de homogeneidade existente nas grandes metrópoles europeias.

Desta forma, a tarefa à qual me propus cumprir tem como proposta discorrer sobre os elementos econômicos, políticos, sociais, etnográficos e culturais que se fizeram presentes, de forma bastante específica, no processo de organização da nacionalidade na Bahia e, em especial, na sua cidade capital. Sendo assim, o estudo recai sobre os arranjos e imbricamentos sociopolíticos responsáveis pelo surgimento de uma elite econômica, social e política local ávida por poder, prestígio e as investiduras perdidas durante a fase de desestruturação do sistema produtivo escravista, mas que, diante das dinâmicas ocorridas no período pós-abolição e da implantação da República, conseguiu um relativo resgate do seu *status* e papel. Tudo isso,

tendo como elementos legitimadores da sua visão de mundo os aportes cognitivos produzidos pelo campo médico que passaram a fluir pelos espaços da cidade.

A título de reconhecimento e de percepção do problema, ou seja, "*a higiene e sua relação com os processos voltados à depuração dos sentidos da convivência na Bahia seabrista",* é relevante entender que a Bahia da Primeira República experimentava as mudanças ligadas à implantação do novo sistema político representativo. Junto a isso ocorria a penetração e difusão dos ideais de modernidade e civilização nos espaços cotidianos de uma população marcada por desigualdades históricas. Na verdade, era uma desigualdade que se manifestava na distribuição material de uma riqueza e na aviltante pobreza que assolava o estado e sua capital.

Uma *cidade vitrine* que, por força das relações que estabeleceu com o mundo do capital, precisava urgentemente moldar-se a partir dos modelos eurocêntricos de urbanidade, modernidade e civilidade, extirpando tudo o que fosse aviltante aos sentidos de uma elite constrangida pela herança de um traçado urbanístico colonial, com ruas estreitas, irregulares e escuras; domicílios sem arejamento e a terrível deficiência sanitária, que se refletia nas constantes preocupações com os vírus, micróbios, miasmas e epidemias. Portanto, questões que ainda se enunciavam de forma bastante persistente nas três primeiras décadas do século XX e que provocavam a difusão de conceitos que influenciaram de forma decisiva na gestão da cidade.

Em meio a tudo isto, as epidemias evidenciavam a ineficiência do serviço sanitário do estado, comprometendo a imagem dos grupos de poder, além de comprometer a salubridade das atividades ligadas ao porto cuja base era o comércio de exportação e importação, causando sérios prejuízos para a economia. Era uma situação que contribuía para a desestruturação da produção, devido à redução da força de trabalho. Pois, a grande quantidade de enfermos e mortos ligados aos surtos epidêmicos afastavam os comerciantes e investidores estrangeiros, uma vez que as quarentenas impostas aos navios em épocas de surtos epidêmicos prejudicavam a distribuição e comercialização de mercadorias em Salvador, uma área de baixa produção de alimentos que evidenciava a total dependência dos gêneros provenientes do interior e de outros estados e países.

Foi nessa atmosfera que a cidade da Bahia, entre os anos de 1912 e 1924, experimentou uma série de reformas e obras que tinham como objetivo adequá-la aos padrões estéticos, de circulação e principalmente de sociabilidades das cidades europeias, até então vistas como exemplos de metrópoles modernas e civilizadas. Aliás, sobre este aspecto o trabalho deixa claro

que as reformas de Seabra iam muito além do plano físico da cidade. Elas também deveriam acontecer sobre o modo de vida das pessoas através do crivo de uma pedagogia de controle sobre as ações dos indivíduos que deveriam começar no espaço privado, de forma a ter resultados no espaço da convivência social.

Sendo assim, em Salvador, pouco a pouco os sinais da "*belle époque",* ainda que "tardia", passaram a se manifestar tanto no espírito quanto na exteriorização de uma modernidade material, através da presença das novas tecnologias da época, como o automóvel, o telefone, os cinematógrafos, o raio X, as confeitarias e os cafés, a eletricidade e a lâmpada elétrica, as vacinas. Eram todos sinais, ou melhor, itens que passaram a fazer parte da vida cotidiana de Salvador, mas que, em uma cidade que ainda apresentava os fortes traços da colonização escravista, a ostentação material só explicitava a grande distância que existia entre ricos e pobres, ou melhor, entre brancos e negros.

Na verdade, aquela era uma situação que só reforçava a construção de uma forma de poder voltada basicamente para a negação de um passado que, para as elites, significava atraso e incivilidades, o que levou à construção de uma terrível mentalidade voltada para a diferenciação. Quanto a isto, a resposta administrativa de Seabra nos mostra que, ao enfatizar a questão da salubridade nas suas falas e discurso, o governador justificava o projeto de intervenção sobre a cidade, através da construção de dispensários e hospitais de isolamento dos doentes, da estruturação da rede estadual de saúde, da regularização dos serviços públicos, como a ampliação da canalização de água potável e o esgotamento sanitário nas áreas privilegiadas da cidade do Salvador.

No que concerne ao restante do Estado, devido aos intensos jogos políticos dos grupos oligárquicos, de certa forma Seabra era leniente em relação à presença do Governo Federal em regiões cuja oposição dos coronéis era mais resistente. Seabra não interferia diretamente nas disputas; entretanto, de imediato, prestava o seu apoio, na medida em que cooptava os vencedores com o objetivo de consolidar as bases do seu poder. Geralmente, nesses rincões, o governo do Estado seguia as orientações da DNSP. (Diretoria Nacional de Saúde Pública). Portanto, uma situação que se manifestava de forma "negligente e salutar" para o próprio Seabra, ou seja, além de não entrar diretamente nos conflitos, ele tinha custos reduzidos nas políticas de saúde, passando a só se preocupar com as intervenções da capital.

Nesse sentido, ao intervir no espaço público de Salvador, a administração seabrista e seus agentes médicos, à luz dos princípios da medicina urbana, proporcionaram a eliminação

de tudo que contribuísse para a contaminação, através da construção de hospitais, como águas paradas, lixo etc. Seabra lançou mão dos preceitos do urbanismo demolidor, alargando áreas, demolindo edificações históricas. Entretanto, a intervenção no espaço público, por meio das obras, também teve como consequência a especulação e valorização das áreas centrais, o que causou a compulsória saída da população pobre, que se deslocou rumo às áreas especificamente a ela destinadas.

Assim, para a grande parcela da população formada por trabalhadores pobres, negros e mestiços da cidade, foram edificados conjuntos de casas proletárias, homogêneas, geometricamente alinhadas, além de terem sido construídas fora do perímetro urbano. Eram empreendimentos aviados pelos preceitos do higienismo e do urbanismo científico da época, com o claro objetivo de garantir ao velho centro de Salvador condições de habitabilidade e mobilidade para as elites políticas, econômicas e sociais. Uma situação que se configurou como um claro processo de apartação urbana legitimada por construtos ideológicos voltados para uma forma de convívio depurado e saneado para uma pequena parcela humana da cidade, as elites.

Dessa forma, o presente trabalho se ateve aos elementos que tornaram evidentes a construção de uma modernidade que, embora tenha ocorrido à luz dos elementos da ciência, teve na construção dos seus discursos a produção de formas díspares e incompletas de ações e sociabilidades. Na verdade, a disparidade que se manifestou na construção desse texto está na percepção de que a pobreza se fazia presente no cotidiano da grande parcela da população negra mestiça do estado e, em especial, de Salvador e da terrível situação sanitária do estado e de sua capital.

Na Bahia, a saúde pública sofria com as consequências oriundas da carência de recursos e investimentos por parte da gestão do Estado, em áreas de alcance social como educação, habitação, portanto, elementos nodais que, ao se apresentarem desestruturados em uma cidade como Salvador e sua população de mais de 210.000 mil habitantes, evidenciavam todos os seus reflexos no campo da saúde. Em consequência de tal situação, o estado e sua capital se configuraram como "*lócus contumazes"* para a presença de endemias e surtos epidêmicos, nas zonas rurais e urbanas.

Aliado a tudo isto, a Bahia e sua capital tinham à frente dos seus destinos uma elite de origem agrária, patriarcal, conservadora, aristocrática, patrimonialista, escravista e ungida pelas bênçãos e desígnios da tradição católica. Por séculos, este segmento social sustentou as suas investiduras de riqueza, prestígio e poder, na medida exata dos resultados do trabalho

compulsório imposto aos negros. Entretanto, depois de séculos de exploração, os revezes da história mostraram-se para uma parte deles de forma e irreversível à medida que a derrocada do escravismo levava consigo as velhas formas de acumulação material e simbólica. Portanto, lhes impondo a experiência de um árduo processo de reorganização social, política e econômica.

Por outro lado, o trabalho de pesquisa ressalta a importância do setor agroexportador local, visto que, este teve exata percepção sobre as malhas que constituíam o universo do mercado e da distribuição das comodities e gêneros primários necessários à economia da época. Ainda que uma parcela daqueles senhores não tivesse, de imediato, aderido à nova lógica do sistema político e econômico, eles eram os guardiões de uma tradição de poder. Nesse sentido, a adesão aos novos modelos organizativos que a república impôs ao país, aqui por essas terras, viria acompanhada por um processo de reestruturação política e administrativa, mas também atrelado à reparação material. Dentro desse processo, o trabalho de pesquisa permitiu perceber que se, para uns, ocorreu uma readaptação econômica e financeira, para outros, senhores de terra, a falência tornou-se algo irreversível.

Nesse sentido, o presente trabalho procurou se ater ao conjunto das transformações manifestadas a partir das demandas de um outro grupo formado por sujeitos políticos detentores de um maior nível de tolerância frente às mudanças da transição dos séculos XIX-XX. Isto porque ali foi possível a formação de um segmento social de natureza antagônica, no que concerne à sua própria condição existencial. Ou seja, era um grupo social ainda arraigado aos diacríticos do velho mundo rural escravista e senhorial, mas que, no plano econômico, se colocava à luz das relações estabelecidas no espaço das dinâmicas e imbricamentos da produção, da distribuição e do mercado agroexportador.

Eram os novos atores sociais que, naquele contexto, apesar das resistências da tradição, por puro interesse e conveniência, se apropriaram dos discursos da modernidade produzindo uma forma enviesada de republicanismo, em "*que a coisa pública*", a cada negociata, contraditoriamente, passava a esfera do privado. Era uma elite social que, aliada aos segmentos médios da sociedade, impuseram um texto social à luz dos seus próprios interesses. Portanto, negando as benesses de um Estado gestor das demandas públicas a grande parcela da população.

Para que seja possível o entendimento sobre a relação do higienismo de J.J. Seabra com a sociedade, o presente trabalho se estruturou da seguinte maneira: **no capítulo primeiro,** tendo como título, ***A questão urbana e sanitária e a construção dos sentidos da convivência na***

cidade da Bahia (1912-1916), será feita, a partir das descrições de natureza qualitativa da grande metrópole, uma análise sobre os aspectos materiais, imateriais e humanos que, em linhas gerais, deram à Salvador seabrista um jeito específico de ser e tecer relações entre os diferentes grupos que formavam a sua população.

Ou seja, a partir do cotejo qualitativo do conjunto de diacríticos culturais da cidade serão analisados os elementos constituidores do *ethos*[1] local, sua relação com as condições sanitárias e de higiene, bem como os processos que levaram a capital baiana, nas primeiras décadas da República, a uma forma de gestão voltada para formas idealizadas de convivência. Nesse sentido, serão analisadas as causas das doenças, sua relação com o cotidiano da cidade e o posicionamento das elites locais em relação a um espaço público culturalmente tão avesso ao seu projeto de civilização, à época de J.J. Seabra.

O **segundo capítulo** se apresenta com o título ***O higienismo baiano: a rede de interlocução científica e seus endereçamentos históricos,*** e a intenção é analisar a dinâmica histórica que desencadeou a formação da rede de interlocução científica de natureza médico-sanitária e a inserção dos "*homens de ciências"* baianos neste espaço e suas influências na construção dos discursos de salubridade e modernidade na Salvador seabrista. Na verdade, neste capítulo, a intenção é o reconhecimento dos discursos que deram sustentação política e ideológica às ações higienistas do Governo Seabra. Para tal, serão considerados os aspectos estruturantes que levaram as ações administrativas do governo do estado ao auge das reformas urbanas e higienistas na cidade do Salvador da Primeira República, apesar da existência de um conjunto de oposições presentes nos corações e mentes daqueles que formavam as elites e o *corpus* médico da época.

Com a intenção de analisar a ascensão política de Seabra e os arranjos políticos responsáveis pelo renascimento econômico, político e social das elites, **o terceiro capítulo,** com o título: **As elites, a aristocracia médica e a segregação do espaço público,** tem como propósito analisar as transformações que se seguiram no período pós-abolição e primeira fase

[1] Ethos é um vocábulo de origem grega, que significa "*caráter moral*". É usada para denotar o conjunto de *valores, hábitos ou crenças* que definem uma comunidade ou nação. No âmbito da sociologia e antropologia, o ethos são *os costumes e os traços comportamentais* que distinguem um povo. **LABURTHE-TOIRA**, Philippe e **WARNIER**, Jean-Pierre. *Etnologia Antropologia*. 2ª Edição. Editora Vozes. Petrópolis. 1999, p. 259. Sobre a constituição do "*ethos*" ou "*self*" identitário de um grupo, Tomaz Tadeu Da Silva diz "Em geral, ao dizer algo sobre certas características identitárias de algum grupo cultural, achamos que estamos simplesmente descrevendo uma situação existente, um 'fato' do mundo social. O que esquecemos é que aquilo que dizemos faz parte de uma rede mais ampla de atos linguísticos que, em seu conjunto, contribui para definir ou reforçar a identidade que supostamente apenas estamos descrevendo" **SILVA**, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In *Identidade e diferença*: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 93.

republicana na Bahia. A ideia de higiene e sanidade em corpos e mentes sãos foi um corolário arduamente perseguido por aqueles que defendiam a tese da "*nação forte*". Era uma lógica que se colocava para além de um simples acaso da história, uma vez que foi um atributo arduamente embasado a partir da visão de mundo dos quadros liberais, conservadores e progressistas das elites, através da construção de um design biopolítico de natureza médico-sanitária, que deveria conduzir a Bahia, sua cidade capital e sua gente ao *status* de civilização e modernidade.

O presente trabalho pretende demonstrar que, assim como o Brasil, a Bahia, até 1912, era um grande hospital de portas fechadas para o povo pobre de maioria negra e mestiça por força das injunções doutrinárias de um republicanismo liberal que não dava conta das carências da população mais pobre e que, por sua vez, a cada dia, em virtude das terríveis condições sanitárias em que viviam, engrossavam as ruas e as antessalas da morte em instituições desaparelhadas e sem condições de prestar um bom atendimento aos doentes.

O desenvolvimento do trabalho de pesquisa procurou evidenciar que, para as elites, aquela era uma realidade que tinha que ser mudada sobre o espectro de um projeto de modernização. Afinal, se a pobreza e suas cenas de incivilidades eram exclusivas de um determinado segmento social, os seus resultados eram consequências patológicas que, certamente, adentrariam as casas dos mais ricos, sem qualquer cerimônia, ceifando vidas com a mesma morbidez entre os mais pobres.

Desta forma, modernizar a Bahia, e especialmente a sua cidade capital, era um passo a ser dado, sempre na perspectiva de negar o passado escravista e as mazelas humanas e sociais de um presente que só conduzia os baianos a situações de vergonha e constrangimentos, uma vez que o Estado, apesar de sua decadência política e representativa nos quadros da república, ainda tinha grande relevância econômica para o país. Afinal, Salvador era um importante porto de distribuição e comércio no setor agroexportador.

Modernizar a Bahia, sua cidade e seu porto, portanto, significava produzir um espaço humano, cultural e material, em ajuste com os ditames e demandas de um sistema econômico. Seabra e seus agentes sanitários e urbanistas tinham como objetivo mudanças materiais e comportamentais sobre uma área cultural, à luz de uma ideologia de classe, cujo objetivo era colocar a cidade nos trilhos da civilização. Nesse sentido, embelezar, garantir a circulação e higienizar tornaram-se ações contumazes no âmbito da gestão seabrista em áreas como saúde e urbanismo, de forma a garantir às elites um novo sentido de convivência nos espaços da cidade.

Nesse sentido, o presente trabalho busca discutir por que, no âmbito da saúde, mesmo à época de Seabra, os processos depuradores não tiveram os resultados desejados pelas elites e seus agentes médicos, no estado como um todo. Na Bahia, os choques de interesses entre os grupos de poder; a falta de recursos financeiros; as trocas de favores através da distribuição de funções e a redundância das medidas executadas pelos poderes públicos, inclusive da esfera federal, só geravam o desperdício de mão-de-obra, tempo e verbas.

Aliado a tal situação, o campo de tensão gerado pelas vaidades do envelhecido campo acadêmico baiano, frente às novas abordagens experimentais propostas pelos tropicalistas, à vinda das missões sanitárias de Belisário Penna (1868 – 1939) e Arthur Neiva (1880 -1943) ao interior do estado e à atuação da Fundação Rockfeller na Bahia, pode-se dizer que foram oportunidades perdidas no sentido de estabelecer novos avanços no campo da saúde e, assim, erradicar em definitivo os males das terras.

Embora as tentativas de Seabra, a fim de constituir uma rede de assistência tenha o seu relevante valor histórico, foi a partir da década de vinte, quando os grupos de poder perceberam que as doenças e epidemias se configuravam como riscos sociais, políticos e principalmente econômicos, que ocorreu a cinese necessária à transformação da realidade para promover mudanças efetivas nos serviços sanitários para além dos espaços da capital, chegando às cidades de porte médio, geralmente nas sedes de uma grande região política e administrativa, como foi o caso de cidades como Vitória da Conquista e Feira de Santana.

Nesse sentido, o trabalho mostrará que, apesar de todo apoio exercido pelos campos administrativo e institucional, a política higienista de Seabra, quando voltada para o campo da saúde, se apresentou débil se comparada ao relativo sucesso que as intervenções urbanas tiveram sobre os espaços centrais da cidade do Salvador, na medida em que demolia e embelezava, construindo verdadeiros simulacros de beleza, felicidade e bem estar, numa cidade antagonizada pelas cotidianas e persistentes formas de enunciação do seu passado e novas configurações de sociabilidades.

Por outro lado, é importante lembrar que a cidade do Salvador era uma metrópole que, apesar da natureza depuradora das intervenções médicas e urbanistas, apresentava uma intensa vida cultural, resultante da junção de matrizes que se fizeram presentes naquele espaço, desde a sua fundação em 1549. Nesse sentido, pensar a cidade, única e exclusivamente a partir das idealizações civilizadoras das elites, seria negar a capacidade de resistência e negociação do seu povo, frente às injunções higienistas.

Na verdade, ao me referir à cidade, busco entender o espaço das ruas e sua gente vivenciando cotidianamente um intenso jogo de resistência identitária forjado por diacríticos em movimento sobre espaços urbanos estreitos, lúgubres, sujos e sem ventilação, mas que permitiam a tessitura de relações ricas em uma trama de semantismos materiais e simbólicos, portanto, negando tudo que, para aquele mundo de tez mesclada e escura, não fazia sentido, a despeito de toda a repressão higienista sobre os sentidos da doença e da cura popular.

CAPÍTULO I

A QUESTÃO URBANA E SANITÁRIA E A DEPURAÇÃO DOS SENTIDOS DA CONVIVÊNCIA NA CIDADE DA BAHIA (1912 – 1924)

A partir de uma análise histórica de natureza qualitativa[2] sobre o centro urbano de Salvador, este capítulo faz uma revisão literária sobre os aspectos materiais, simbólicos e humanos que, em linhas gerais, permitiram à "Cidade da Bahia" do início do século XX um "*jeito de ser"*[3]. Como parte deste primeiro esforço, são observadas, as relações entre as formas de viver na cidade e as condições sanitárias e de higiene, bem como, os processos que levaram a capital baiana, nas primeiras décadas da República, a uma forma de gestão voltada para formas idealizadas de convivência social. Portanto, não sendo desprezadas as causas e consequências das doenças e sua relação com o cotidiano da capital e o posicionamento das elites locais perante o vitalismo cultural existente no espaço público da rua, especificamente à época da influência política de J.J. Seabra no Estado.

1.1 A Cidade da Bahia

Fundada em 1549, por ordem da Coroa Portuguesa, o projeto urbanístico da cidade da Bahia a concebia como uma cidade fortaleza. A Cidade do São Salvador da Baía de Todos os Santos se debruça sobre sua imensa baía[4] e seu mar oceano. Aproveitando o recorte do seu talude atlântico, foi erguida em dois níveis geológicos: a cidade alta e a cidade baixa, ambas histórica e culturalmente, complementares entre si. A primeira é aquela que se fecha nos interstícios da sua dinâmica histórica e cultural (res)significando e depurando os sentidos de

---

[2] **MINAYO**, Maria Cecília de Souza. *Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social*. In: MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.* 8ª edição. Petrópolis: Vozes, 1998 (1996) 20-21, p.30

[3] Aqui, é importante ratificar a questão do "*jeito de ser*" ou do "*Ethos"* como o conjunto de elementos presentes nas formas *de pensar, fazer, agir e sentir* no cotidiano de uma sociedade.

[4] A Baía de Todos os Santos foi descoberta por Américo Vespucci, piloto florentino a serviço da Coroa Portuguesa, em 1º de novembro de 1501, dia dedicado a Todos os Santos no calendário cristão – daí Baía de Todos os Santos. Entretanto, não aparece o nome Baía no documento em que o rei de Portugal doa a Capitania a Francisco Pereira Coutinho em 1534, o que só aconteceria a partir da segunda metade do século XVI. Com o tempo (ocorreu a incorporação do "h" mudo à sua grafia), a denominação vai ser usada para estender-se a todo o litoral e interior, passando a tomar, também, os territórios das antigas Capitanias de Porto Seguro e Ilhéus. Frei Vicente do Salvador, um dos nossos primeiros historiadores, assim se refere à adoção do nome pela Capitania: "Toma esta capitania o nome de Bahia por ter uma tão grande, que por antonomásia e excelência se levanta com o nome comum, e apropriando-o a si se chama Bahia" **TAVARES**, Luis Henrique Dias. *História do da Bahia.* São Paulo. UNESP - 10ª edição. 2001, p. 35).

convivência[5]. A outra é aquela que se abre para o mundo, se propondo como um cenário fluxo[6], um não lugar[7] de portas abertas para o trânsito de pessoas, ideias e coisas. Portanto, são duas cidades, duas possibilidades de enunciar-se. Duas possibilidades de localizar-se no mundo!

A segunda percepção de cidade[8] é aquela que remete o observador ao mundo de dentro do território baiano, à medida que este se volta para o poente, adentrando as terras do seu recôncavo. Aliás, foi nesta área mais intersticial que se manifestou a síntese dos elementos históricos produzidos pela ação intercambiadora entre os atores de dentro e aqueles que vinham de fora[9]. Eram indivíduos que mesmo em trânsito, fizeram-se presentes na dinâmica da formação social local.

Vale ressaltar que a sede da capitania da Bahia de Todos os Santos, entre 1536 e 1850, foi um dos principais portos de entrada de escravos africanos no Novo Mundo, ou seja, uma área de convergência de culturas e saberes. Mesmo com o fim do tráfico de escravos, por volta

[5] É importante entender a ideia de "*depuração dos sentidos da convivência social"* como o veio central de toda a discussão, análise e, portanto, a tese presente neste trabalho. O que se busca aqui é entender os processos que, norteados pelos discursos científicos da época, legitimaram as políticas de apartação espacial, sanitária e consequentemente social na cidade do Salvador no início do século XX, em especial, à época do primeiro governo J.J. Seabra, (1912-1916), no que tange ao processo de modernização imposto a Cidade do Salvador.

[6] Os Cenários-fluxos podem ser entendidos como interfaces que devem ser apreendidos como o entrecruzamento, justaposição e entrelaçamento de imagens, sons, práticas, discursos, performances, etc. em sua plasticidade, intensidade e volatilidade. Nesse sentido, não se trata de "coisas" nem devem ser tomadas como tal. Poderíamos dizer que se trata de planos que realizam, enquanto utopia, um lugar possível – neste caso, constitui-se a partir da tessitura do referido conjunto de elementos que participam destes Cenários-fluxos; daí a ideia de arranjos.

[7] Marc Augér define o lugar enquanto espaço antropológico, como um espaço identitário, relacional e histórico. O não-lugar será então um lugar que não é relacional, não é identitário e não histórico. Augé, Marc (1994) *Não-lugares: introdução a uma antropologia da modernidade*, Lisboa, Bertrand Editora.

[8] Sobre a Cidade da Bahia é importante chamar a atenção para o fator circulante material que se manifestava como consequência das ações humanas nos espaços do caminho redondo, aqui, entendido como elemento gerador de rupturas nas zonas de entremeios. Esta situação se manifestava a partir de conexões estabelecidas no intenso fluxo de indivíduos, mercadorias, bem como cenários e sentidos que permitiam o movimento e o transito de culturas sob a forma de elementos figurados – configurados – lidos e interpretados e que, na contemporaneidade, são constantemente (re)configurados, ou seja, reinventados a partir de seus arquétipos. Espaço-fluxo, caminho ou rota metaforicamente entendida como circular que permitia o fluxo de gente, mercadoria, informações e os sentidos necessários à construção das várias tramas identitárias da Bahia. Na verdade, pode-se pensar esta trama como a consequência de tudo aquilo que permitiu o fazimento de um pedaço do Brasil. O caminho redondo pode ser uma expressão que, do ponto de vista cultural metaforiza a relação sertão-litoral. O espaço onde as noções presentes no *ethos* local foram construídas e configuradas e reconfiguradas nas palavras do professor Ubiratan Castro de Araújo.

[9] Só para complementar as informações contidas no parágrafo: os elementos constituidores da síntese baiana tanto vinham do litoral como pelos caminhos do sertão, o "caminho redondo"

de 1850[10], seu porto foi até 1912 um dos mais importantes do hemisfério meridional[11]. Apesar da sua lenta agonia e decadência, por força da crise do setor agroexportador[12], a cidade ainda foi o maior núcleo urbano da América do Sul, uma condição essencial para o comércio entre Europa, América e outras partes do mundo.

Na verdade, os diálogos entre os textos[13] do interior e aqueles que vinham do além-mar, produziram uma historicidade cunhada por contradições de natureza social, tendo como principal embasamento as questões de raça e cor, visto que, foi por força da natureza histórica

[10] Depois da assinatura da carta de Aberdeen (Bill Aberdeen) de 1845, na Inglaterra. Em 4 de setembro de 1850 foi promulgada no Brasil, a Lei Eusébio de Queirós que proibia o tráfico internacional de escravos nos portos brasileiros. Embora tal decreto estivesse de acordo com a política antiescravista inglesa que proibia o tráfico negreiro no espaço atlântico (Europa-África-Brasil), no Brasil, o alinhamento da diplomacia brasileira da época ao liberalismo britânico teve como consequência, o fortalecimento do tráfico interprovincial. Ou seja, o comércio interno de escravos que já ocorria entre as províncias e vilas brasileiras aumentou significativamente, principalmente entre as zonas decadentes das regiões Norte e Nordeste e o Sudeste que a cada dia, se voltava para a ascendente economia cafeicultora, em particular, do Vale do Paraíba, no Rio de Janeiro, ao contrário da província de São Paulo, que buscou na mão de obra emigrante a base principal das relações de trabalho e produção.
A Lei Eusébio de Queirós é considerada um dos primeiros passos para a abolição da escravatura

[11] Com a abertura do Canal do Panamá, em 1912, o porto de Salvador perdeu importância estratégica para o comércio internacional. Por outro lado, é importante ressaltar que: Katia Matoso "Reconhece três momentos para a economia baiana na Primeira República. O primeiro seria entre 1890 e 1897, onde o encilhamento, a alta nos preços dos produtos agrícolas, a solidificação do cacau como gênero de exportação e a exportação compensatória de novos produtos (como a borracha e os carbonados) teriam estimulado uma recuperação econômica. Em seguida, vem a depressão, em 1897 e 1905, motivada pela crise da economia europeia, pela política que adotou o governo federal para sanear as finanças do país, pelas dificuldades em torno da produção e comercialização do açúcar, pela flutuação dos preços do cacau e pelas secas que atingiram inclusive o litoral. Por fim, entre 1906 e 1928, nova recuperação, com o restabelecimento dos preços dos principais produtos agrícolas e a maior diversificação nas transações comerciais com a entrada de novos produtos de exportação. Cidade comercial - que atuava como centro intermediário entre os núcleos produtores e consumidores de gêneros agrícolas tropicais produzidos na Bahia, por um lado, e os núcleos produtores e consumidores dos artigos importados, por outro lado, Salvador foi quem mais tirou os proveitos do incremento desta atividade. E como efeito do crescimento comercial, o seu porto possuía um movimento dos mais intensos, encontrando-se entre os principais do país" **SANTOS**, M. A. S. *Habitação em Salvador: fatos e mitos.* In: BRESCIANI, Maria Estella (Org.). *Imagens da cidade: Século XIX e XX*. 1 ed. São Paulo - SP: Marco Zero, 1994, v. 1, p. 103

[12] O declínio da economia agroexportadora baiana no que diz respeito ao seu principal produto de exportação está diretamente ligado ao reordenamento do comércio brasileiro no cenário internacional. Nesse sentido, se a decadência da economia agroexportadora do açúcar não foi sentida em toda a sua plenitude é porque embora mais rigoroso na Bahia, ele ocorreu em todo o país. Para Guimarães (2003, p. 19), "Na Bahia a queda da exportação do açúcar foi de algum modo compensado pelo aumento das exportações de fumo, café, cacau, diamante e, conjuntamente, do algodão. Num breve espaço de tempo, portanto, no bojo da crise geral da economia do império e da república recém instalada, a Bahia pôde manter sua posição relativa no conjunto das exportações brasileiras. Não se tratava, propriamente, de uma diversificação da produção, no sentido positivo que atribuem os críticos da monocultura, mas sim de uma quebra da atividade produtiva naturais ou de outros produtos cultivados, que nunca atingiram a mesma importância do açúcar." **GUIMARÃES,** Antônio Sergio Alfredo. *A Formação e a Crise da Hegemonia Burguesa na Bahia (1930-1964).* Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia. (2003, p. 19)

[13] Aqui não se trata de entender o texto na sua forma mais concreta da representação escrita. É importante entender os textos como os emblemas constituidores da identidade, portanto é tudo aquilo que se manifesta nas entrelinhas da construção identitária de um povo. Sua leitura é mental e performática. *São os textos que performatizam as ações e até mesmo o pensar* **(BHABHA,** 2001). Neste caso, são os emblemas necessários à construção de uma identidade local a partir de ressignificações e representações culturais que não só fomentam o processo de afirmação identitária, como também a construção de um ideal de si, o que permite, em especial aos negros e mestiços do Salvador, a construção dos sentidos da pertença.

de um sistema econômico plantado sobre bases escravistas, bem como dos arranjos políticos, societários e jurisdicionais existentes na capitania da Bahia e, em especial, na sua cidade sede, que, desde a sua fundação, foi garantido um conjunto de benesses e privilégios aos grupos de poder configurados como elites sociais e letradas. Uma situação que, ao longo dos séculos, permitiu, em períodos tardios da história da cidade, a opção por um determinado modelo de civilização, ainda que este fosse claramente de natureza exógena e idealizada.

Portanto, a cidade do Salvador, desde as suas origens, foi fundada como um território material legitimador e enunciador de uma conquista na esfera mercantil colonizadora do mundo atlântico. Visto que, a cidade foi erigida como parte de uma ação administrativa, um lugar cuja razão existencial não tinha equivalência com as formas clássicas de manifestação dos princípios da cidadania. Ao contrário disso, a "*Soterópolis"* se apresentava como o esteio de uma monofonia cujos signos formadores ecoavam as ideias de domínio, poder e controle. Aspectos bastante comuns no ideário colonial lusitano e, que, certamente, passariam a reger as relações entre as elites e aquela gente incivilizada da cidade.

Durante séculos, a cidade da Bahia desenvolveu um intenso fluxo comercial via porto marítimo e por estradas, desta forma, mantendo comunicação com outras regiões. No início do século XX, frente ao desenvolvimento dos meios técnicos comunicacionais contemporâneos, outras formas de contato surgiram, garantindo os contatos por telégrafos, rádio ou pelos jornais. Tudo isso ajudou, de certa forma, a mudar o perfil da cidade, não só na economia como na vida sociocultural.

No centro, a futura Avenida Sete de Setembro a ser inaugurada pelo Governador Seabra, as Ruas Chile, da Misericórdia, da Ajuda; na cidade baixa, o seu bairro comercial com o seu porto. A principal porta de entrada e saída para o mundo da época eram locais onde se concentrava um comércio de grandes dimensões varejistas[14]. Por outro lado, embora tenha o reconhecimento da sua importância estratégica para as atividades econômicas e financeiras do Estado. Entretanto, o que se pode deduzir é que historicamente, nada sugeria uma maior dedicação e zelo por parte das suas elites pelo espaço público da terceira capital do Brasil, agora republicano.

[14] **SANTOS,** Milton. *O centro da cidade de Salvador: estudo de geografia urbana*. 4ª ed. Salvador: Publicações da Universidade da Bahia. 1959.

O desordenado crescimento urbano aliado às péssimas condições sanitárias da cidade até o início do século XX eram consequências naturais herdadas, tanto da concepção colonial lusitana que passou pelo império, como por força da mentalidade privatista das elites locais que se sucediam nas várias esferas de poder e que, ao longo dos séculos, legaram à cidade um quadro de total abandono infraestrutural que evoluía para doenças e epidemias[15] de toda natureza.

Por outro lado, ao contrário de Salvador, o Rio de Janeiro, graças à chegada da família real e seu séquito de cortesãos em 1808, passou a sofrer transformações na estrutura urbana a começar pelo aterramento de pântanos e lagoas, limpeza de valas, calçamento de ruas, construção de estradas, do cais do Valongo, canais para a condução de água e fontes com bicas públicas, instalação de lampiões pontes, uma nova cadeia, a construção de casas e prédios públicos e para o divertimento da elite, o Teatro São João, construído com arrecadação de doações[16]. Afinal, era uma Corte que chegara a então futura capital do império português no Brasil exigindo uma série de ajustes frente às demandas de serviços por parte de um público tão "específico" e "refinado"[17].

É importante salientar que a chegada daquela gente de "modos diferentes, refinados e esquisitos" em terras brasileiras e, em especial, nas cidades do Rio de Janeiro e Salvador, por volta de 1808, foi responsável, grosso modo, pela constituição de formas de pensar e agir necessárias à construção do que viria a ser o Brasil contemporâneo. Ou melhor, foi a partir da chegada daquela porção humana vinda de terras do além-mar na transição do período colonial para a emancipação política de 1822 que o Brasil moderno começou a produzir as prerrogativas

---

[15] **UZEDA** (2006) retrata o Rodizio da Morte em Salvador, chamando atenção para as epidemias e endemias que assolaram a cidade do Salvador assim como a ação da medicina urbana no que diz respeito ao combate às chagas que eram crônicas na cidade. Para Uzeda apesar da mudança do sistema de representação política no Brasil, na Bahia pouco foi alterado em termos de qualidade de vida para a população. O autor, ainda, chama atenção para dois pontos importantes existentes na relação Estado-doença, quando afirma que tanto o aspecto sanitário como o nosológico evidenciavam a falta de um serviço regular de água e esgoto o que causava o aparecimento de surtos epidêmicos e endemias durante todo o período republicano. Uzeda deixa clara a inércia do Estado no que diz respeito aos assuntos de saúde no início do período republicano. Desta forma, o que se pode deduzir é que as ações de saúde na Bahia eram marcadas por seu *caráter emergencial*, uma vez que não existia uma estrutura de poder voltada para atuar de forma centralizada no que diz respeito às ações de saúde e, consequentemente, de combate aos surtos epidêmicos, tanto na zona rural como nos espaços da cidade**. UZEDA**, Jorge Almeida. *A morte vigiada: a cidade do Salvador e a prática da medicina urbana 1890-1930,* p.33, 2006.

[16] **GONÇALVES,** Leidiane de Castro. *As Transformações Urbanas e o Papel da Intendência de Polícia no Rio de Janeiro Joanino*. XXVII Simpósio Nacional de História - ANPUH. Natal. 2013, p. 10

[17] Sobre as transformações que ocorreram no Brasil após a chegada da Família Real e a Corte Portuguesa ao Rio de janeiro é importante consultar **FAUSTO,** Boris. *História concisa do Brasil. Edusp. Fundação do Desenvolvimento da Educação.* São Paulo. 1995, p.125-126

identitárias e estatutárias necessárias ao projeto de nação que, de certa forma, perdura até os dias de hoje.

Oitenta anos após o início das primeiras transformações proporcionadas pela chega da Corte ao Brasil, que passaram pela emancipação política e outros acontecimentos de natureza nodal para a construção da nacionalidade, não resta dúvida de que o ano de 1889 pode ser entendido como o divisor de águas entre o que pode ser entendido como um passado marcado pelo atraso e um presente que, àquela época, traria ao país novos signos marcados pelo ideal de modernidade e civilização.

Nesse processo, apontado por transformações no espaço da diacronia histórica, a cidade e sua espacialidade podem ser vistas como lócus de idealização e manifestação dos ideais de modernidade e civilização propostos pelas elites econômicas e letradas. A questão é que as principais cidades brasileiras do início da República, em termos físicos e humanos, não estavam de acordo com o escopo do pensamento proposto pelos grupos de poder. Desta forma, as cidades geralmente, colocadas como centro políticos e econômicos, passaram a sofrer fortes intervenções tanto nas suas estruturas físicas como sobre os seus tecidos humanos, tendo como proposta ações saneadoras que na visão das elites, conduziria a sociedade à civilização moderna. Para Needell (1993)[18], naquela época tudo tinha como inspiração as transformações do urbanismo francês. Ou melhor, as mudanças propostas em Paris pelo Barão Haussmam.

Na verdade, o conjunto das ações administrativas sobre a infraestrutura das cidades brasileiras, no início do século XX, era consequência das pressões daqueles que, na condição de interlocutores políticos[19], colocavam suas demandas civilizatórias sobre os governos locais, a partir de um viés, inicialmente, estético. Por outro lado, é importante salientar que o projeto urbanístico também evoluiu para medidas de natureza higienizadora, moralizadora, sob os fortes embasamentos oriundos do urbanismo científico francês representado pelo Barão de

[18] **NEEDELL,** Op. Cit., 1993, p. 55-58

[19] Na Bahia as elites letradas assumiram esse papel ao traduzir o modelo de civilização desejado para capital baiana. Uma vez que o projeto de embelezamento urbano da cidade do Salvador não era um projeto pessoal de J. J. Seabra. O projeto de governo era basicamente voltado para a questão de uma infraestrutura que viesse atender as necessidades operacionais de uma cidade portuária como Salvador. *In* **LEITE,** Rinaldo Cesar Nascimento. *E a Bahia Civiliza-se... Ideias de Civilização e Cenas de Anticivilidade em um Contexto de Modernização urbana – Salvador, 1912-1916*. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-graduação em História da FFCH-UFBA, 1996, p. 17

Haussemam[20] aportados, inicialmente, no Rio de Janeiro, à época do prefeito Pereira Passos[21], os quais se espalhariam para as principais capitais do país[22].

Especificamente sobre o Rio de Janeiro, tem-se a dizer que foi o caso mais emblemático das transformações urbanas ocorridas no Brasil do Início do século XX. Pois, foi com o objetivo de saciar o clamor dos grupos de poder formados, principalmente, pelas elites econômica, política e intelectual de todos os naipes que entre 1903 a 1906 o prefeito Pereira Passos teve como proposta de governo a missão de "sanear e reformar" a capital federal, implementando uma práxis de governo que logo ficou conhecida como a "regeneração' do Rio de Janeiro" KOK (2005)[23].

Passos contava com o importante apoio do médico-sanitarista Oswaldo Cruz, cientista brasileiro com formação no Instituto Pasteur, que combateu epidemias tropicais com sucesso. Foram ações de Estado que geraram, respectivamente, um alto custo político tanto para o Presidente como para a imagem do próprio Oswaldo Cruz. Entretanto, não se pode negar que tal política marcou a história da saúde pública brasileira desde então.

Por outro lado, atrelado ao avanço da medicina brasileira à época de Oswaldo Cruz, há existência de um intenso jogo político entre Governo Federal e a oposição, que culminou com a Revolta da Vacina, acontecida em 11 de novembro de 1904, nas ruas centrais da Capital

---

[20] Entre 1853-1870, o barão de Haussmann foi prefeito de Paris. Seu governo foi marcado por uma profunda e polêmica reforma na cidade de paris sob a égide do urbanismo científico que inspirou intervenções em várias outras cidades do mundo. Seu principal objetivo era, de acordo com o urbanismo científico, modernizar Paris. Em pleno século XIX, A cidade mantinha muito de sua estrutura medieval, formada por um centro composto de muitos quarteirões insalubres. Um ambiente que não estava de acordo como os conselhos médicos da época. É importante lembrar que outras cidades europeias, principalmente na Alemanha, já tinham passado por reformas embasadas pelas orientações de higiene e sanitarismo. Suas propostas urbanísticas consistiam em redesenhar o traçado compondo uma cidade mais racional, organizada e harmônica. Para tal missão, foram necessárias várias demolições, algo que para muitos era uma clara ruptura com o passado grandioso da cidade. As críticas não eram contrárias à reforma em si, mas sim à maneira como ela foi realizada. Par um melhor entendimento sobre as intervenções de Haussmann, ler **HAROUEL,** Jean-Louis. *História do Urbanismo, Campinas*, São Paulo.Papirus, 1990, p.112-113.

[21] Sobre as reformas de Pereira Passos na Capital Federal, é importante a leitura de NEEDELL, Jeffrey. *A Belle Époque Tropical: sociedade e cultura no Rio de Janeiro na virada do século.* São Paulo: Companhia das Letras, 1993

[22] Quando se fala sobre os eventos ligados as transformações físicas das cidades brasileiras é comum a historiografia fluente abordar as cidades do Rio de janeiro, a capital federal e São Paulo, enquanto o maior polo econômico brasileiro já no início do século XX. No entanto, vale ressaltar "que "o fenômeno da modernização foi abrangente e teve enorme repercussão pelas diversas capitais regionais brasileiras. O Pará e o Amazonas, por exemplo, conheceram um grande desenvolvimento nas décadas iniciais do século XX, propiciado pelas riquezas geradas pela produção da borracha, que se fizeram refletir nos melhoramentos urbanos e na intensidade da vida cultural das suas respectivas capitais.18 Já em Minas Gerais, construiu-se uma capital inteiramente nova: Belo Horizonte. " **LEITE,** Rinaldo Cesar Nascimento. *E a Bahia Civiliza-se... Ideias de Civilização e Cenas de Anticivilidade em um Contexto de Modernização urbana – Salvador, 1912-1916.* Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-graduação em História da FFCH-UFBA, 1996, p. 41

[23] **KOK,** Glória. *Rio de Janeiro na época da Av. Central.* São Paulo: Bei Comunicação, 2005, p.36.

Federal. Um episódio repleto de manipulações de toda sorte, se caracterizou como um ato de revolta contra a decisão do governo federal que, através de lei aprovada em 31 de outubro de 1904, tornou obrigatória a vacinação contra a Varíola e Febre Amarela em todo o território nacional. Segundo Fausto (1995)[24], como principal consequência de uma atitude autoritária marcada pelo uso da força policial em prol da higienização, a capital federal foi transformada num palco cujas cenas foram tomadas pela extrema violência de ambos os lados.

Para Porto e Ponte (2003)[25], o episódio contou com o apoio tanto de descendentes de africanos, que acreditavam na cura pelos rituais religiosos, quanto das elites, que questionavam a eficácia da vacina. À medida que a multidão ensandecida lutava contra a vacina, aumentavam as cenas de uma violência que, de certa forma, evidenciava ressentimentos contidos desde a implantação da ordem republicana no Brasil.

No entanto, para Kok (2005)[26] os grupos ligados à elite viam as reformas de Pereira Passos como ações que conduziriam à Capital Federal e o país ao progresso, à regeneração estética e sanitária. Por outro lado, a oposição via na revolta um mote para a desestabilização política do governo e, assim, um grande capital político para as futuras eleições. Para os insatisfeitos, jornalistas e críticos da ordem aquele quadro de desmanche material e social era visto como "um plano e a humanidade uma figura ambulante de geometria".

De certa forma, as ações do governo transformaram radicalmente a circulação urbana na medida que foram criadas novas formas de ocupação e uso do espaço público. Costa (2006)[27] ainda nos diz que em pouco mais de um ano e meio, a Avenida Central, o símbolo maior das reformas de Pereira Passos, tornou-se a mais importante do Rio de Janeiro, ao prolongar-se por quase 2 quilômetros, com 33 metros de largura.

Portanto, pode-se dizer que as reformas do prefeito Pereira Passos foram além das mudanças infraestruturais da cidade, uma vez que, por terem inspiração nos modelos do urbanismo científico e valores europeus, sem qualquer complacência, sufocaram tradições e

---

[24] **FAUSTO,** Boris. *História concisa do Brasil.* Edusp. Fundação do Desenvolvimento da educação. São Paulo. 1995, p.125-126.
[25] **PORTO,** Ângela. & **PONTE**, Carlos Fidelis. *Vacinas e campanhas: imagens de uma história a ser contada*. História, Ciências, Saúde, vol. 10, suplemento 2, 2003.p.725-42
[26] **KOK,** Op. Cit., 2005, p.36
[27] **COSTA,** Renato da Gama-Rosa. *Entre "Avenida" E "Rodovia": a História da Avenida Brasil (1906-1954).* Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, para obtenção do título de Doutor em Urbanismo. Orientador: Profª. Drª. Margareth da Silva Pereira. Rio de Janeiro.2006, p. 97

costumes populares, através do impedimento, por leis, e de posturas municipais sobre práticas como o trabalho de ganho dos vendedores ambulantes, venda de miúdos e carnes em tabuleiros à mostra, presença de mendigos, dos quiosques de frutas e verduras, balões de fogo à época das festas juninas, e até sobre as brincadeiras de rua, entre outros.

Desta forma, as reformas urbanas de Passos nos remetem à ideia de que as cidades, historicamente, além de terem no centro da sua ágora as figuras mais proeminentes da sociedade, constituíam-se como centros políticos, comerciais, financeiros, administrativos e culturais. Em muitos casos, sua influência alcançava todo o país, como foi o caso de capitais como Rio de Janeiro e São Paulo que, durante a Primeira República, disputaram a hegemonia política e social. Desta forma, as capitais deveriam colocar-se como um modelo de modernidade, civilização e progresso[28] desejado por suas elites.

É importante lembrar que, no Brasil, por força do tipo de colonização e concepção urbanística do colonizador, à medida que o espaço geográfico e populacional crescia, as cidades produziam um altíssimo grau de insalubridade e todas as formas de desordenamentos, como consequência do atraso social das suas populações. Na verdade, no início do período republicano, por força das permanências materiais e imateriais do período colonial, os emblemas do atraso faziam-se bastantes presentes nos espaços públicos. A própria Capital Federal, portanto, o mais importante centro urbano do país, era conhecida como uma das cidades mais insalubres do mundo da época[29].

Em Salvador, as constantes situações de epidemias e endemias, de certa forma serviam de desestímulo aos investimentos e negócios[30] de origem externa. As questões ligadas às doenças e à falta de higiene eram percebidas como um tácito impedimento ao desenvolvimento do capitalismo local e do país. Ou melhor, a imundície, a doença e o desordenamento urbano

---

[28] Para Schwarz(1993), "Civilização e progresso, termos privilegiados da época, eram entendidos não enquanto conceitos específicos de uma determinada sociedade, mas como modelos universais. Segundo os evolucionistas sociais, em todas as partes do mundo a cultura teria se desenvolvido em estados sucessivos, caracterizados por organizações econô*micas e sociais específicas.* Esses estágios, entendidos como únicos e obrigatórios – já que toda a humanidade deveria passar por eles –, seguiam determinada direção, que ia sempre do mais simples ao mais complexo e diferenciado. Tratava-se de entender toda e qualquer diferença como contingente, como se o conjunto da humanidade estivesse sujeito a passar pelos mesmos estágios de progresso evolutivo". **SCHWARCZ,** Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil, 1870-1930.* São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 58.

[29] **PECHMAN & FRITSCH**, *A Reforma Urbana e seu Avesso, revista Brasileira de História*, v.5, 8/9 (1985), p. 140

[30]**LEITE**, Op. Cit. 1996, p.12.

eram vistos como vetores de atraso para o processo de modernização, progresso e, consequentemente, de multiplicação da riqueza material da sociedade como um todo[31].

Além dos prejuízos econômicos e financeiros, existia um mal-estar, de certa forma causado pelo constrangimento e vergonha[32], por parte da cidade e seus habitantes, ante ao olhar daqueles que vinham de fora. Nesse sentido, a necessidade de reformas urbanas e sanitárias eram ações de governo que evidenciavam o seu caráter irreversível. Seu objetivo principal era tornar a cidade mais digna para os seus moradores e, por outro lado, mais atraente para aqueles que vinham de fora.

> "É uma tristeza, é uma vergonha nossa, quando lemos, quando vemos, quando ouvimos o que se vê lá pelo Sul, por S. Paulo, por Minas Gerais, pelo Rio de Janeiro, pelo Paraná, por Santa Catharina, pelo Rio Grande do Sul."[33]

De modo geral, no entendimento dos homens de negócio, indivíduos de visão mais pragmática, as reformas deveriam ocorrer em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Belém, Salvador[34], dentre outras, dariam aos estrangeiros e investidores dos mais variados segmentos de mercado a percepção de que as cidades brasileiras eram modernas e civilizadas. Algo bastante comum para aqueles que estavam acostumados a vivenciar nas viagens que faziam pelo mundo civilizado.

Nesse sentido, diante do que foi exposto até aqui, Salvador também passou a ser interesse de segmentos formados por intelectuais e profissionais de saúde que desenvolveram a percepção da cidade como um problema a ser tratado. Eram jornalistas, professores, banqueiros, comerciantes, estrangeiros residentes, viajantes e diplomatas que faziam, através dos jornais e periódicos de época, críticas a respeito dos problemas urbanos[35].

Por outro lado, é sabido que foi sob a tutela do Estado republicano ora representado pelos profissionais de saúde – médicos[36], higienistas e sanitaristas, abnegados "*homens de*

---

[31] **PECHMAN & FRITSCH**, Op. Cit., v.5, 8/9 (1985), p. 142
[32] *BCEB:* Jornal *A Tarde*, 11/09/1915
[33] *BCEB:* Setor de Periódicos. Jornal *Diário de Notícias*, 15 de março de 1912, p1.
[34]**PINHEIRO,** Eloísa. *Intervenções Públicas na Freguesia da Sé em Salvador de 1850 a 1920.* Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFBA, p1. 1992,
[35] **PECHMAN & FRITSCH**, Op. Cit., v.5, 8/9 (1985), p. 142
[36] A antropóloga Mariza Correa (1982) e o historiador João Reis em (1991) chamaram atenção para a importância dos médicos no período do pós-abolição. Os dois estudiosos chamam atenção para o papel médico-pedagógico que os referidos profissionais de saúde desempenharam no Brasil após a implantação do Estado Republicano. Ainda que passível de estudos mais aprofundados sobre o sucesso ou não da missão médica-civilizadora no projeto

ciências" - que, no exercício de uma medicina social legaram à sociedade baiana, através dos seus discursos e aconselhamentos, elementos da "boa sanidade". Na verdade, aspectos cognitivos de natureza biológica, atrelados aos ideais modernizadores do espaço da cidade, foram bastante relevantes para as reformas urbanas e sanitárias que a cidade do Salvador viria a passar a partir de 1912, ainda que, de forma tímida e parcial nos espaços urbanos da capital.

> A medicina é, no meu fraco entender, a mais nobre, a mais grandiosa e, sobretudo, a mais util das profissões. Não quer dizer que as demais deixem de ser boas, honestas e dignas; significa, simplesmente, que, num estudo comparativo entre os fins visados por todas as profissões, a medicina destaca-se pela natureza, pela essencia dos seus objetivos[37] [*Sic*]

Nada fugia do olhar e das críticas daqueles médicos que eram tidos como "anjos tutelares da sociedade" Corrêa (1982)[38]; nada deixava de ser percebido e questionado pelos "heróis civilizadores" Reis (1992)[39], os representantes máximos da razão científica. As críticas às más condições de saúde, salubridade e higiene nos espaços públicos, bem como às péssimas formas de ocupação do espaço das cidades estavam sempre ligadas aos processos de disseminação das doenças sob a forma de endemias e epidemias.

Sobre tal situação, destaca-se o surto de febre amarela que assolou a Capital Federal na primeira década do século XX durante o governo de Rodrigues Alves (1902-1906). Nada era tão terrível como as consequências sociais dos surtos epidêmicos que não ficavam apenas no âmbito da saúde. Vale lembrar os prejuízos que a economia das principais cidades brasileiras sofria por força da prostração de doentes, principalmente no setor terciário[40]. Nesse contexto, Salvador, que era uma das cidades portuárias mais importantes do país sofria com a estagnação causada pelos terríveis surtos que vez por outra tomavam a cidade. Não obstante, para que o ideal de modernidade e civilização fosse transmutado em ações cristalizadas no espaço das

---

de nação. Os dois estudiosos respectivamente adjetivaram os profissionais médicos como *"Anjos Tutelares da Sociedade*" e "Heróis *Civilizadores" in* **ANTUNES**, José Leopoldo Ferreira. *Medicina, Leis e moral: pensamento médico e comportamento no Brasil (1870-1930).* São Paulo. Fundação Editora da UNESP. 1999, p.271

[37] *BCEB:* Setor de Periódicos. Dr. Belmiro Valvêrde - *Revista Bahia Ilustrada*, publicação mensal de março,1918

[38] **CORRÊA,** Mariza. *As ilusões da liberdade: a escola Nina Rodrigues & antropologia no Brasil.* 1982. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, 1982. P.12

[39] **REIS,** João José. *A Morte é uma Festa: Ritos Fúnebres e Revolta Popular no Brasil do Século XIX*, São Paulo:Companhia das letras,. 1992, p. 271-357

[40] **PECHMAN,** Sérgio & FRITSCH, Lílian. *A Reforma Urbana e seu Avesso*. Revista Brasileira de História, v.5, 8/9 (1985), p. 142.

cidades, tudo deveria passar por intervenções que, por sua vez, passavam basicamente por níveis diferenciados de percepção[41] sanitária.

Nesse sentido, no primeiro nível ocorriam as ações marcadas pela adoção de padrões culturais exógenos. Logicamente que, á aquela época, eram diacríticos culturais oriundos do positivismo europeu aplicados na França, pais que para as elites locais era um modelo de civilização. Diante disso, o segundo nível de ações indicava que toda agência seria caracterizada por um alto grau de racionalização, moralização e formação intelectual dos indivíduos, tanto na esfera administrativa como no âmbito da política. Por fim, no terceiro nível, estariam as ações que indicavam que as reformas urbanas e sanitárias deveriam garantir a criação e implantação de uma estética que, além de embelezar a cidade, garantisse a utilização de modernas tecnologias na abertura de avenidas e no alargamento de ruas[42].

A cidade deveria ter áreas verdes e de lazer, bem como edificações voltadas para as ações culturais. Enfim, a cidade moderna deveria seguir o modelo urbano das cidades europeias, especialmente, a Paris das reformas empreendidas pelo Barão de Haussmann quando, a partir da segunda metade do século XIX, tornara-se o modelo em se tratando de aplicação dos pressupostos do urbanismo científico.

Enquanto isso, a Salvador da Baía de Todos os Santos, que permanecera, após 1624/1625[43], sem o perigo do inimigo invasor, viu suas elites patrimonialistas, por opção, ficarem trancafiadas nos espaços privados, inicialmente sem o controle sobre uma rede de relações que se constituía e desenvolvia nas suas praças e ruas como nos diz Ferreira Filho (1998-1999)[44].

---

[41] **LEITE**, Op. Cit. 1996, p.12.
[42] **NEEDELL,** Op. Cit., 1993, p.8.
[43] Esse foi o período que a capitania da Bahia de Todos os Santos foi invadida e ocupada pelos Holandeses. Na verdade, tal situação teve muito mais importância para o reordenamento espacial e de fronteiras do território brasileiro e o Império Colonial espanhol na América do Sul do que para uma mudança sócio-política. As Invasões Holandesas foram consequências das ações ocorridas no período filipino no Brasil. Uma vez que o trono português ficara em situação de vacância em 1580 após o desaparecimento de Dom Sebastião na batalha de Alcácer Kibir, na África, coube ao rei de Espanha, por força de um parentesco com a casa dinástica de Portugal, assumir a coroa português. A ascensão de Carlos V ao trono português colocou em xeque as antigas relações estabelecidas entre a Holanda e Portugal à época do processo de implantação da economia açucareira através da WIC. Western Indians Conpany ou Companhia das Índias Ocidentais. Ou seja, a Espanha não se sentia obrigada a cumprir os acordos comerciais e financeiros estabelecidos entre a coroa portuguesa e a Holanda. A consequência foi as invasões na Bahia em 1624/1625 e em Pernambuco 1630-1649
[44] **FILHO,** Alberto Heráclito F. *Desafricanizar as Ruas: Elites Letradas, Mulheres Pobres e Cultura popular em Salvador (1890-1937).* In Afro-Ásia, 21-22 (1998-1999), 239-256. Mestrado em História, CEAO - FFCH – UFBA. EDUFBA, Salvador, 1999, p. 239

Na verdade, o comportamento de rejeição por parte das elites, no que concerne àquele espaço público baiano, cheio de "gente incivilizada", ao longo dos anos, proporcionou à cidade o desenvolvimento de formas relacionais marcadas pelo ideal da apartação, inspiradas na forte noção de modernidade e civilização.

Por outro lado, na Salvador do início do século XX, é importante salientar que, do ponto de vista da ocupação da cidade, ficava clara uma constante busca por parte dos grupos dominantes por áreas que estivessem fora das dinâmicas socioculturais que se constituíam nos espaços da rua. Os grupos de poder, através do seu olhar "depurador", preferiam distanciar-se daquela população, na sua maioria de ascendência negra, trabalhadora e pobre, que fazia da rua a moradia, espaço de barganha e sobrevivência. Aliás, esses foram aspectos e práticas que, de certa forma, davam à cidade um jeito específico de ser[45].

A consequência de tal comportamento por parte das elites locais foi o lento e gradual abandono de prédios e sobrados que, pouco a pouco, passaram a ser ocupados por uma parte da população pobre e sem teto que vivia no que, hoje em dia, é comumente chamado de centro histórico de Salvador,[46] na região antes conhecida como "*Freguezia da Sé*" [*Sic*]. Era uma população formada por trabalhadores de todos os naipes e um grande número de negros, desocupados, mendigos, moleques e vadios[47].

Eram atores que, em paralelo à pobreza material, teciam uma rede de interlocução cujos signos da existência social eram sempre traduzidos como incômodo e eterna ameaça à ordem pública urbana[48].Desta forma, dentre os aspectos culturais, físicos e humanos, a Salvador da primeira década do século XX evidenciava um quadro caracterizado tanto pelas persistências mentais conservadoras de suas elites como pela pobreza e atraso estrutural. Ainda assim, além das péssimas condições de vida legadas a toda população formada por pobres e ricos; negros e

---

[45] Idem **FILHO**, Op. Cit.,1999, p. 239

[46] O Centro Histórico corresponde a toda a área antiga da cidade do Salvador, seus distritos e freguesias - o distrito da Sé, da Conceição, do Pilar, *Campo Grande*, *São Pedro e Vitória*. Sobre os três últimos logradouros, é importante ressaltar que aqueles viriam a ser cortados pela futura Avenida Sete de Setembro. O principal emblema de modernidade presente nas Reformas Seabristas, a partir de 1912. Uma região de grande importância neste processo é o atual bairro do Comércio ou antiga região do porto ou o bairro comercial que sofreu profundas intervenções com o objetivo de atender à demandas de setores da economia ligados a comércio de exportação e importação.

[47] Apesar de ter sido um trabalho de pesquisa sobre a questão da mendicância na cidade do Salvador do século XIX, a obra de Walter Fraga Filho é um excelente referencial acerca das formas de vida, estratégias de sobrevivência dos marginalizados e formas de percepção da sociedade sobre o problema até a virada dos séculos XIX e XX. Consultar **FRAGA FILHO**, Walter. *Mendigos, Moleques e Vadios na Bahia do Século XIX*. Hucitec-Edufba. Salvador/ São Paulo. 1996.

[48] **CORREA,** Mariza. *Raimundo Nina Rodrigues e a "Garantia da Ordem Social*. REVISTA USP, São Paulo, n.68, p. 130-139, dezembro/fevereiro 2005-2006.

brancos. A cidade se projetava para o mundo da época de forma diametral e oposta ao que era considerado moderno e civilizado, com os seus casarões e sobrados, ruas e vielas, que em nada se aproximavam do ideal de civilização.

> A velha capital (...) esta cheia de edificações seculares, de altas casas roídas, de paredes esboroadas, com grossos toros de pau servindo-lhes de amparo, de número considerável de muros fendidos, tudo ameaçador, tudo em iminência de desastres lamentáveis[49]. [*Sic*]

Eram imóveis em estilo colonial, envelhecidos e abandonados sobre uma infraestrutura precária onde as pestilências carregadas pelos fluídos e seus odores estagnados assolavam o ambiente de forma miasmática[50]. As doenças se manifestavam sob as mais variadas denominações etiológicas, até então conhecidas pela medicina da época. Nesse sentido, peste bubônica, febre amarela, varíola, tuberculose, hanseníase e beribéri eram patologias conhecidas pelos homens de ciência.[51] Ou melhor, por aqueles "heróis civilizadores" ou "anjos tutelares da sociedade", os médicos da velha Faculdade de Medicina da Bahia que se colocavam de forma

---

[49] *BCEB:* Setor de Periódicos. *"Os desmoronamentos. Avisos do destino".* (Editorial). Diário de notícias, 12 de outubro de 1912, p.1.

[50] "Tomando a palavra em sua acepção [...] consideram-se este título todas as emanações nocivas, que corrompem o ar e atacam o corpo humano. Nada há mais obscuro do que a natureza intima dos miasmas: conhecemos muito as causas que os originam; podemos apreciar grande número de seus efeitos perniciosos, e apenas sabemos o que elles são. Submetendo-os a investigação de nossos sentidos. Só o olfato nos pode advertir da sua presença: não nos é dado toca-los nem vê-los. A chimica mais engenhosa perde-se na sutileza das doses das combinações miasmáticas: de ordinário, nada descobre no ar insalubre e mortífero que d´elles esteja infectado, e quando consegue reconhecer n'elle uma proporção insólita, ou a presença accidental de algum principio gazoso, não nos releva senão uma diminulissima parte do problema. (...) Dizemos, por conseguinte, a sua composição intima, e occupemo-nos de suas causas, effeitos e dos meios preservativos. Os miasmas fazem parte desse systema geral de imanações, que tem tão grande parte na natureza. Cada ente os recebe e os transmite reciprocamente. Nesta troca continua de elementos, operam-se as misturas, as separações, as combinações mais variadas. Em certos casos, nascem miasmas, espécie de venenos voláteis, invisíveis, impalpáveis, cujas fontes são felizmente conhecidas e que podemos evitar ou destruir. As condições que favorecem os desenvolvimentos miasmáticos estão bem determinadas. Os pântanos offerecem-se em primeiro lugar. Ninguém ignora quanto são comuns, sobre o globo, as moléstias, e especialmente intermitentes benignas ou perniciosas que provem delles. Estes effluvios pantanosos, cujos insalubres effeitos sobem pela decomposição das matérias vegetaes e animaes, são sobretudo temíveis nos paizes quentes visto que a atividade da putrefação está na razão direta do calor." [*Sic*] **CHERNOVIZ,** Napoleão. Dicionário de medicina popular. 6ª edição 1890. Disponível em: HTTP://www.meusdownloads.com.br/p-servicos.jsp?ppID=c586 Acesso em: 11/02/2018

[51] De certa forma, esta expressão evidenciava a ideia de que aqueles que faziam ciência exerciam não apenas uma profissão, mas por sacerdócio. In **SCHWARZ**, Lilia Moritz. *O espetáculo das Raças. Cientistas, Instituições e Questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.p. 28. Segundo BARRETO JR. (2006). Eram indivíduos que tinham como projeto alçar a produção científica nacional ao mesmo nível das nações evoluídas à medida que criavam algo novo e para além da simples importação de ideias exógenas. Esses heroicos senhores "queixavam-se da falta de criatividade e espaço científico alegando não termos produzido nada genuinamente brasileiro, uma vez que a química era uma ciência francesa, a psicologia era inglesa, a anatomia era alemã e a criminologia era italiana. Resultando disso, a missão de criar-se uma ciência e objeto de saber especificamente autóctone". **BARRETO JR.,** Jurandir Antônio Sá. *Raça e Degeneração. Análise do Processo de Construção da imagem dos negros e mestiços, a partir de artigos publicados na Gazeta Médica Baiana (1880-1930)* Salvador: Editora da Uneb, 2004, p. 14

meramente retórica e especulativa frente às doenças[52] que se manifestavam no cotidiano da cidade.

Por outro lado, ainda que existisse na cidade uma corrente de profissionais de saúde contrária ao consenso médico da época, muito pouco podia ser feito, uma vez que o conservadorismo acadêmico não garantia o devido apoio institucional aqueles que, embora numa perspectiva mais ajustada às mudanças científicas no campo da medicina urbana da época, sofriam com a total falta de condições de trabalho, tanto no âmbito da Faculdade de Medicina como fora, no espaço dos seus consultórios, quando buscavam outras formas de abordagens para os males da terra[53].

Ao fazer uma lista que apontasse para os terríveis aspectos infraestruturais que levaram a cidade àquele estado de coisa, ganharia primazia e destaque os problemas ligados ao serviço de abastecimento de água que, até o ano de 1906 era ineficaz, visto que, as práticas de captação do precioso líquido apresentavam reminiscências de costumes do período colonial. Além disso, a rede de esgotamento sanitário por encanamento era algo extremamente raro[54]. Em certas áreas da cidade era possível ver canalizações que descarregavam diretamente nas ruas, ou nas partes dos fundos dos imóveis, os dejetos produzidos pelas residências, "*bureaux*", bancos, matadouros e casas de comércio.

> "o desasseio d'esta capital, *os maus cheiros na atmosfera*, tanto no interior como exterior das habitações, provêm essencialmente de causas que a canalização completa de todas as imundices faria seguramente desaparecer. As águas servidas e impregnadas de detritos lançados nos regos e nas sargetas das ruas, a prática detestável de acúmulo da integridade dos materiais excrementícios em abertura ou brechos feitas no páteo, ficando assim entregues ao poder de oxidação do solo, a dispersão dos dejetos sobre a via pública, confiando-se o seu desaparecimento aos animais e aos agentes da meteorologia, o que é sem dúvida um processo bem inferior ao que Moisés ensina aos seus nômades."[55][*Sic*]

Os munícipes e viajantes que se aventurassem a uma simples caminhada por certos pontos centrais da cidade logo percebiam a existência de ruas estreitas e fora de esquadro, ou

---

[52] **RIBEIRO**, Marcos Augusto Pessoa. *A faculdade de medicinada Bahia na Visão de seus memorialistas (1854-1924).* Salvador: EDUFBA, 2014, p.38

[53] Ver as dualidades existentes dentro do corpo médico da Faculdade de Medicina da Bahia sobre as doenças da época na cidade do Salvador.

[54] **PINHEIRO,** Eloísa. *Intervenções Públicas na Freguesia da Sé em Salvador de 1850 a 1920.* Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFBA, 1992, p. 1.

[55] **SARAIVA**, Manoel Joaquim. *Esgoto na Capital da Bahia.* Salvador - Bahia, *Imprensa Popular*, 1890.

seja, ruas sem nenhuma preocupação com o seu traçado. Além disso, eram vias onde o ar pouco circulava, e a sensação ótica de penumbra, mesmo durante o dia, dava ao ambiente lúgubre a total aparência de insalubridade; sem contar que muitos trechos da cidade eram precariamente calçados. Foi com esta percepção que o médico Octavio Torres da Silva, em 1908, descreveu os infortúnios que a cidade, diariamente, reservava aos seus cidadãos, ao dizer que era comum aos transeuntes encontrar, ao longo do seu caminho, toda sorte de detritos e dejetos depositados a céu aberto.

> [...]algumas dessas ruas, parece-nos, e faz-nos lembrar as estradas do interior do Estado, principalmente no tempo do inverno, onde o viandante tropeça a cada passo em buracos, lamaçais, etc. O calçamento feito em tais ruas, não passa de um amontoado de pedras, mal dispostas. No centro da cidade, em lugares concorridos, existem ruas e praças, onde se podiam criar caranguejos, patos e outros animais, que dos pântanos vão tirar a sua alimentação, seja dos vermes nelles contidos , seja das matérias orgânicas, que se encontram ali em estado de decomposição, e outras, onde o ar atmosférico, raras vezes pode substituir o ar contaminado e empestado, devido a largura, as irregularidades das habitações, a falta de alinhamento nas construções, etc., causas necessárias para o embelezamento, estética e pela Higiene.[56] [*Sic*]

Nesse quadro de caos infra e supra estrutural, um problema muito comum na cidade deste período era a grande quantidade de prédios sem manutenção, destruídos e abandonados graças a dois fatores diretos: o primeiro, a falência econômica de seus donos no período entre a crise do sistema escravista e os trinta primeiros anos da república que, *em cheio, atingiu* o *sistema produtivo local.* O segundo fator diz respeito à perda da representatividade no centro de poder durante a transição monarquia-república. Essa situação que colocou em xeque o tênue equilíbrio de poder das estruturas locais, uma vez que as disputas ocorriam entre os vários grupos oligárquicos o que, consequentemente, causou sérios entraves ao desenvolvimento das políticas públicas de Estado.

> Em plena rua, amontoados de papeis rasgados, de jornaes, de paginas de livros, constituindo, tudo isso, magnifico repasto para estudo de quem visitar a cidade abandonada...
>
> Dê-se, porém, um facto: o investigador retire de um dos, montões de lixo, existentes em todas as ruas da cidade em ruinas, um desses jornaes, a que nos referimos linhas acima, afaste as camadas de pó ou lama que

[56] *AMMS:* Arquivo do Memorial de Medicina SILVA, Otávio Torres de. *A cidade de Salvador perante a higiene*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia em 1908. N.º 108-7, p. 1.

> lhe recobrirão as paginas e lerá, inevitavelmente, as queixas da população contra immundice...[57][*Sic*]

Tanto as ruínas de antigos imóveis como os terrenos baldios, de certa forma, guardavam não apenas a simbologia da decadência econômica e material como o tenso momento político pelo qual passava o estado e a sua cidade capital nas primeiras décadas do século XX. Desta forma, a falta de uma gestão eficiente, quando aliada aos maus hábitos da população, tinha-se como consequência o acúmulo de "esterquilínios"[58] ou os montes de lixo que se acumulavam nos "baldios" e ruas da cidade. Além de dejetos e excrementos de animais que se espalhavam pelo antigo centro da cidade, algo que gerava muita insatisfação por força dos odores miasmáticos que dali eram exalados.

CIDADE-MONTURO

As queixas do inspector do 11° districto

Um bairro que é um campo de pastagem

Um aspecto do 11 districto sanitario

Fig.1 - Jornal Cidade Monturo

CIDADE – MONTURO-

As queixas do inspector do 11° districto. Um bairro que é um campo de pastagem

O dr. Vitorino Arthur Pereira é o medico inspetor do 11. districto sanitario.

[57] *BCEB:* Setor de Periódicos. *Cidade abandonada, O que dizem as lendas*. *Diário de notícias,* 5 de abril de 1914, p. 01

[58] Monturo ou montes de lixo muito presentes nos terrenos baldios da cidade.

> Chegado, ha poucos dias do Rio de Janeiro, só ante-hontem poude fazer uma visita ao districto.
>
> E, della, hontem, transmittiu ao sr. interino da Saude, um simile de relatorio em que diz textualmente:
>
> Peço-vos chamar a attenção do poder municipal para o desasseio e abandono, em que se acham as ruas da Mariquita, importante agglomeração do meu districto.
>
> Nellas, crescem, livrimente, capim e plantas agrestes, servindo de pasto para cavallos, burros, cabras e cabritos.
>
> As ruas dos Dendenzeiros do meio e a travessa da Mariquita, onde começaram a calçar, ficando o trabalho paralysado, ha mezes, estão cobertas de cisco.[59] [*Sic*]

A grande quantidade de imóveis velhos, abandonados ou em estado de ruína, além de ser um importante vetor para a propagação de doenças, apresentava-se como uma grande contradição sócio espacial frente ao problema da falta de moradia para os mais pobres. A dificuldade em abrigar a população, sobretudo em áreas mais centrais e, consequentemente, mais populosas, como as freguesias de São Pedro, Conceição da Praia, Sé, Pilar, Saúde e Paço - era de grande monta para as autoridades, uma vez que eram constantes as queixas de comerciantes que eram obrigados a ter nas calçadas de seus estabelecimentos as juntas de peças e utensílios domésticos[60] pertencentes aos desabrigados.

Leite (1996) diz que ainda contribuíam para tal fato,

> (...) as demolições realizadas com o objetivo de se fazerem melhoramentos urbanos, a exemplo das "obras de saneamento, eletrificação, implantação de novos meios de transporte e 'bota-abaixo". As interdições sofridas por alguns imóveis em decorrência das suas condições de higiene e saúde, fossem em momentos de surtos epidêmicos a fim de conter a expansão das doenças ou fossem ocasionadas por uma política de prevenção e fiscalização, agonizavam mais o problema. Para completar o quadro, houve, nos mesmos distritos centrais, a tendência crescente da substituição de imóveis residenciais por aqueles voltados para negócios. Ocorreu, então, como modo de amenizar a situação para os inquilinos e meio de aumentar os lucros dos proprietários, uma subdivisão dos espaços alocados, que, alojando maior número de pessoas em quartos repartidos, aumentava a densidade de moradores por prédio alugado. E alimentando um círculo vicioso, isso constituía uma ameaça para a saúde pública e a dos indivíduos. Porém, a mais dura consequência resultante da reunião desse conjunto

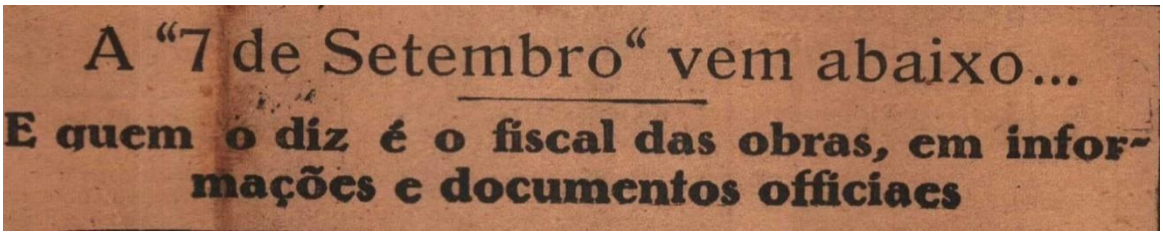
[59] *BCEB:* Setor de Periódicos. Jornal A Tarde, 02 de julho de 1915

[60] Sobre o problema de habitação em Salvador ver o artigo de Mario Augusto da Silva Santos, "Habitação em Salvador: fatos e mitos". *In* Stella Bresciani (org.), *Imagens da Cidade* (São Paulo, 1993), pp. 93-110.

> de coisas, que transformava a necessidade de habitação em um problema grave, foi a elevação dos valores dos alugueis.[61]

Diante do que foi descrito até agora, é fácil a percepção de que qualquer tentativa de modernização do espaço da cidade do Salvador não passaria apenas pela implantação de políticas públicas de caráter infraestrutural. Seria necessário também de acordo com a ideologia civilizadora da época, a aplicação de uma pedagogia que tivesse como resultado a segregação do espaço como aconteceu no Rio de Janeiro à época das Reformas de Pereira Passos, uma situação que teve como consequência o deslocamento de uma grande parcela de trabalhadores para às áreas de fora do centro urbanizado.

Enquanto isso na Cidade da Bahia,


A "7 de Setembro" vem abaixo...

E quem o diz é o fiscal das obras, em informações e documentos officiaes

Fig. 2 - Jornal A Tarde[62]

O projeto de civilização, que entraria em curso no denominado "período seabrista" 1912-1926, não pode ser entendido apenas como obras de embelezamento da cidade. Na verdade, o conjunto de reformas empreendidas na capital da Bahia era parte de um projeto civilizador almejado pelas elites políticas, econômicas, sociais e letradas locais, cujas consequências não se manifestaram apenas através da derrubada dos velhos casarões, prédios e igrejas. A ideia central era apagar de uma vez por todas, as marcas do atraso e da inércia material que havia na cidade, bem como depurar os sentidos através do desenvolvimento de um discurso de segregação[63] sócio racial sobre o espaço urbano da capital.

---

[61] **LEITE**, op. Cit. 1996, p. 31

[62] *BCEB:* Setor de Periódicos. *A 7 de Setembro vem abaixo.* Jornal A Tarde 4 de novembro de 1915, p.1

[63] Ao contrário de algumas regiões dos Estados Unidos da América, no Brasil Republicano não existia um discurso oficial de apartação sócio racial. Afinal, tanto a abolição como a República, teoricamente, colocaram negros e brancos em um certo grau de equivalência jurídica. Entretanto, no espaço cotidiano das relações raciais na Cidade do Salvador ainda estavam presentes fortes resquícios do período escravista. Vale observar que em muitas falas dos homens de letras baianos que se faziam presentes nos jornais e outras publicações, eram claras as persistências mentais. Na sua crônica noção de superioridade e vergonha do povo negro-mestiço que andava, vivia e trabalhava pelas ruas da cidade. Aqueles homens ilustres deixavam claro o incomodo e infortúnio por viverem em *uma "Costa da África de cabilda de selvagens sem governo" A Tarde, 18/08/1917. In* **ALBURQUERQUE,** Wlamira R. de.

Desta forma, para concluir esta passagem inicial sobre os problemas e aspectos mais gerais da Cidade do Salvador, é importante entender que muito dos dilemas urbanos e sanitários existentes na Salvador do início do século XX estavam, inicialmente, ligados à pobreza e à falta de educação da população como um todo – vide as práticas que aqui foram expostas.

Em paralelo à situação descrita acima, deve-se chamar atenção sobre o historicismo do processo de formação da capital baiana. Por outro lado, é importante lembrar que a ausência, ao longo da sua história, de administrações voltadas para os princípios liberais da convivência cidadã era uma consequência gerada a partir de uma percepção liberal enviesada das elites. Ou seja, a existência de um liberalismo patrimonialista, com práticas privativas que se faziam presentes nas estruturas mentais das elites dirigentes da Salvador republicana.

A cidade deveria, aos olhos das elites, ser também socialmente higienizada. Nesse sentido, como parte do novo projeto civilizador, o espaço público, ao ser depurado, deveria garantir aos potentados da terra o direito de flanar, ou melhor, de (per)ambular, preferencialmente livres dos intercursos causados pela de falta de educação, pela falta de higiene e de tudo aquilo que sinestes*ic*amente não fosse agradável aos olhos de quem era "civilizado".

Aliás, muito antes de Seabra, o engenheiro Teodoro Sampaio, em 1905 já dizia:

> (...) Não é só a remodelação do meio físico que nos deve prender a ettenção; não menos merecedor dos nossos esforços é o meio moral, para o qual devemos contribuir, a começar pela educação do povo. Afinal de que serve uma cidade-jardim cheia de bellezas e monumentos si o povo que a habita é um povo incapaz de senti-lhes os benéfícos effeitos?[64] [*Sic*]

Por fim, é importante afirmar que a partir de 1912, a política urbanística e higienizadora a ser tocada pelo governador J.J. Seabra tinha como objetivo inicial, resolver os problemas relacionados à infraestrutura urbana. Entretanto, era importante que, no bojo das ações de governo, ocorresse a tácita regulamentação dos hábitos e costumes da grande parcela da população da cidade de Salvador, a partir da clara utilização de elementos discursivos existentes no republicanismo positivista da época. Portanto, fazia-se necessário, conforme mensagem de

---

Algazarras nas Ruas. Comemorações da Independência na Bahia (1889-1923). Coleção Várias Histórias. Campinas, SP; Editora da Unicamp. Centro de pesquisa em História Social da Cultura, 1999.

[64] *IGHBA:* Secção Teodoro Sampaio, manuscrito, pasta nº09, maço 03, 1905

Seabra enviada à Assembleia Legislativa do Estado em 1912, e reiterada em 1913, implementar as obras de ajustes e melhoramentos na capital com o claro intuito de conduzir o povo à civilização, através da execução de:

> "Obras e melhoramentos, de modificação desta cidade, cujo aspecto colonial assignalava, depois da Independencia, em dois regimens diíferentes, nas mais contrarias situações da política, succedendo-se no poder vontades e opiniões de todos os partidos, o descuido simultâneo das administrações deste Município e dos Governos da Bahia, eu, como vos promettera e era necessário, me decidi sem demora a inicia-los e lhes promover, sem mêdo de nenhuma difficuldade, a sua immediata execução. Assim, utilizando quanto pude, a renda ordinaria do Estado e pedindo ás responsabilidades do novo empréstimo, cujas emissões as circunstancias fizeram retardar, o adeantamento recebido, do valor de quatrocentos mil libras esterlinas, expuz aos atestados de vossos olhos e ás verificações de todo o mundo, como uma idea vencedora, que nenhuma resistencia há de impedir, como um dever que, contente de mim e de vós, em devida e justa satisfação aos direitos deste povo, eu estava e estou cumprindo, *Os projectos e as obras que sabeis, os trabalhos que impulsiono, os reaes melhoramentos que, como symbolos do nosso caminhar para a civilisação, e interrompendo a inércia do passado, se levantam do nada, e crescem, e se adeantam, e hão ser, em proximo faturo, a irrecusável prova documental da creadora e patriotica actvidade desta época."* [*Sic*]*Grifos meus.*[65]

Trecho da mensagem do governado enviada em 1913

> (...) em qualquer situação, senhores representantes do Estado, há sempre o que corrigir na conquista do passado, pelas novas exigências do progresso, em que se dilata para as diversas relações da vida, como uma justa aspiração de todos os povos, a idéia do aperfeiçoamento. Como uma idéia vencedora, que nenhuma resistência há de impedir, como um dever que, contente de mim e de vós, em devida e justa satisfação aos direitos deste povo, eu estava e estou cumprindo, os projetos e as obras que sabeis, os trabalhos que impulsiono os reaes melhoramentos que, como symbolos do nosso caminhar para a civilização, e interrompendo a inércia do passado, se levantam do nada e crescem, e se adeantam, e hão de ser em próximo futuro, a irrecusável prova documental da creadora e patriótica actividade desta época [...] [*Sic*][66]

[65] *BCEB:* Setor de Periódicos. **Trecho da Mensagem Apresentada à Assembleia Geral Legislativa do Estado Da Bahia. Na abertura da 1ª Sessão Ordinária da 12ª legislatura pelo Dr. J.J. Seabra Governador do Estado.** Gazeta do povo 13 de fevereiro de 1913.
[66] Idem.

Da mesma forma que no Rio de Janeiro, se entende que, de "projeto espacial", a política urbanista e sanitarista do governo baiano transformou-se em um "projeto social", que teria como resultado a implantação de ações administrativas voltadas para novas formas de convivência no espaço urbano da cidade. As ações higienistas também atuariam sobre o cotidiano das relações, ou seja, ao nível do comportamento da população pobre e de trabalhadores, independente da sua origem étnico-racial, uma vez que os modos de agir, pensar, sentir e fazer dos segmentos populares eram considerados grotescos e incivilizados[67].

É importante ressaltar que a percepção preconceituosa sobre a população negro-mestiça de Salvador não se fazia presente nas falas e ações de Seabra. Ou seja, não existiu uma lei ou decreto assinado pelo governador que de forma evidenciasse ações que levassem à apartação sócio racial na cidade. Na verdade, aquela atmosfera é justificada pelo trânsito das teorias que ainda aportavam no universo mental de certos espaços sociais e intelectualizados que, de certa forma, propagavam através dos veículos de comunicação científica[68] da época as noções de raça, tendo na eugenia ideias que apontavam para o melhoramento da raça brasileira, através do seu progressivo branqueamento[69].

Desta forma, na visão de certos espaços de ciência, a herança cultural e biológica, tanto do negro como do indígena, teria gerado, um povo de qualidade humana duvidável[70]. Ou melhor, para muitos representantes das elites locais, o brasileiro e, em especial, o baiano pobre, negro e trabalhador se constituíam como uma raça que, por ser mestiça, se mostrava muito inferior em suas capacidades físicas e intelectuais quando comparada aos avanços civilizacionais alcançados pelos povos do ocidente branco. Aliás, este é um pensamento claramente manifesto na fala do Dr. Tranquilino Torres ao dizer que:

---

[67] **LEITE**, Op. Cit. 1996, p. 12

[68]Como exemplo dos veículos de comunicação dirigidos ao público especializado podem ser citadas A *Gazeta Médica* da Faculdade de Medicina da Bahia e a revista do Instituto geográfico e Histórico da Bahia.

[69] Sobre a questão do "*progressivo branqueamento"* se pode afirmar que esta era uma demanda dos setores letrados da cidade que muito reclamavam da natureza étnica e formação da cidade do Salvador. Nesses termos, figuras ilustres como o próprio Tranquilino Torres acreditavam que a sociedade baiana era um claro exemplo de "*degeneração racial". "Uma degeneração que se inoculam no corpo inteiro do paiz e do estado principalmente"***.** Para a maioria desses intelectuais, a profilaxia deste mal na visão daqueles *homens de ciências e letras*, chegaria pelo porto de Salvador, abordo de navios lotados de imigrantes europeus. [*Sic*] Discurso Teodoro Sampaio, revista IGHBA, 1913, n°39, p.124

[70] *IGHBA: "Um povo de qualidade humana duvidável".* De Tranquilino Torres (1896) ao Engenheiro Teodoro Sampaio (1906), ao auge das reformas urbanísticas e sanitárias de Seabra, os principais representantes das elites letradas da cidade, muitos dos quais, sócios do IGHBA, tinham um olhar extremamente preconceituoso em relação à natureza étnica do povo local ao dizer que "a história ainda não assignalou, nas passadas eras, um grande povo que concorresse para o progresso humano, trazendo nas veias o sangue misturado das raças que corre no nosso meio ethnico apesar de a "sub-raça brasileira" ter demonstrado a sua capacidade de "evoluir". [*Sic*] Idem: SAMPAIO, Teodoro 1913, n°39, p.124

> (...) os europeus sendo "*pessoas de bons hábitos*", eles colaborariam para a "*edificação de valores dignos, de maneiras civilizadas*", e para a afirmação da "*cultura de procedência europeia*" e dos "elevados ideais da raça branca[71]. Dr. Tranquilino Torres. 1920 *Grifos meus*

Independente da extemporaneidade existente entre o auge das teorias racistas e eugênicas, é certo que as enunciações feitas pelos simpatizantes locais de tais teorias influenciaram, de forma bastante contundente, as ações urbanísticas aquelas voltadas para a medicalização da sociedade[72]. Esta assertiva se justifica pelas falas contidas em textos encontrados nos jornais de época[73], cujas abordagens imputavam aos negros a fraqueza e a anticivilidade das suas práticas e comportamentos.

> "Não senhores, a Bahia não definha, não empobrece entorpecida apenas, como esses organismos novos, preza de uma atonia que lhe detem o natural crescimento, a Bahia lucta por encontrar a solução do problema econômico, perturbado desde a emancipação do elemento servil. Para a sua producção que é a de uma polycultura tão variada como nenhuma outra no paiz, ella ainda não conseguiu as forças , braços e capital, na medida e nas condições adequadas a uma expansão maior.( ) braço, em sua maioria, oriundo do regimem servil, sem preparo, sem disciplina, sem orientação , é ainda um instrumento fraco do ponto de vista econômico, se bem que o mais apto a a suportar as torturas do clima tórrido, no lavrar a terra. Falta-lhe, porém, o cultivo a ambição, a disciplina que caracterizam o operário europeo e o tornam agente precioso na produção da riqueza"[74] [*Sic*]

Desta forma, falta de ambição, indisciplina, imoralidade, quando aliadas à sujeira, mendicância, e ao alto grau de marginalidade eram claros exemplos da negação das formas positivas de convivência social. Estas falas ficavam mais claras quando certas comparações eram feitas entre aquilo que acontecia no espaço da cidade do Salvador e nas colônias portuguesas, na África: "as possessões africanas, mais atrazadas não invejam o serviço de asseio

---

[71] *IGHBA*: Discurso do Dr. Tranquilino Torres", Revista do IGHBA, Nº 45, p. 227-233, 1920. *Grifos meus*. *Apud* **ALBURQUERQUE,** Wlamira R. de. *Algazarras nas Ruas. Comemorações da Independência na Bahia (1889-1923).* Coleção Várias Histórias. Campinas, SP; Editora da Unicamp. Centro de pesquisa em História Social da Cultura, 1999.

[72] **UZEDA,** Jorge Almeida. *A morte vigiada: a cidade do Salvador e a prática da medicina urbana 1890-1930,* p.33, 2006.

[73] *BCEB:* Setor de Periódicos. Jornal A Tarde, 6 de setembro de 1913, p.1; em 13 de março de 1916, p5; e em 29 de setembro de 1913, p3. Dois anos depois, o jornal A Tarde, mais uma vez, volta toda a sua carga editorial para as questões do simbólico presentes nas práticas religiosas do povo de santo da cidade de Salvador.

[74] **Discurso proferido por Theodoro Sampaio (Orador oficial) na abertura da sessão Magna do 26º Aniversário do IGHB, em 03 de maio de 1920**

da nossa capital(...)”.”(...) não temos empreza: o serviço que existe envergonharia a mais atrazada possessão africana”[75][*Sic*]

Portanto, se entende que as ações higienistas depuradoras de J.J. Seabra eram parte de um projeto social que estava diretamente ligado a uma percepção histórica que as elites locais tinham acerca do homem comum e, em especial, do homem negro. A existência de uma pedagogia de controle era subliminar às ações que se materializaram sob a forma de obras públicas nos espaços da cidade. Ela se apresentava de forma bastante contundente através dos conselhos médicos[76] que, por sua vez, transitavam de forma bastante peculiar nos vários territórios da cidade, traduzida de forma a causar mudanças de comportamentos, principalmente nos níveis *mais baixos* da estrutura social. Afinal, civilizar a sociedade, era preciso!

1.2 - A cidade seu povo: hábitos, costumes e vícios

De acordo com as anotações demográficas da época, por volta de 1900, o Estado da Bahia tinha uma população de aproximadamente 2.117.956, e sua capital 205.813[77], apresentando uma taxa de crescimento de 1,61 até 1920 quando atingiu 283.422. Estes números eram relativamente inexpressivos para um estado que, pouco tempo antes do advento da república, era considerado extremamente vital para a sobrevivência do sistema monárquico escravista.

Na verdade,

> [...] durante as primeiras décadas do presente século a situação econômica da cidade e de sua região de influência pouco se modificou em relação às últimas do século interior. A falta de dinamismo do setor

[75] *BCEB:* Setor de Periódicos. *A Tarde*, 23 de fevereiro de 1915, p.1.

[76] Segundo Kátia Muricy a classe médica ocupava um papel privilegiado uma vez que as políticas higienistas tinham no seu bojo um conteúdo normativo aliado à racionalidade burguesa que tardiamente vinha se formando, no Brasil. Para a historiadora era através da difusão da ideia de mito civilizador ou de modernidade que durante a transição dos séculos XIX e XX ocorreu a regularização da vida social brasileira. No espaço do mito normalizador da sociedade, são destacadas: a crença evolucionista no progresso, as ilusões do cientificismo, e a pretensão humanista do pensamento liberal burguês como condutor do conhecimento científico que garantiria ao país o progresso e à civilização. Ainda, segundo Muricy, cabia aos profissionais médicos a autoridade de colocar as suas concepções, cunhadas por novos valores e formas de sistematização do trabalho médico – vide as intervenções de Osvaldo Cruz no Rio de janeiro - enfim, ações que constituíam o projeto de medicalização da sociedade, ou seja, o que viria a acontecer na estrutura física das cidades era uma espécie de preâmbulo diante das intervenções nos hábitos e costumes dos cidadãos. A ação higienizadora deveria agir apontando para o espaço íntimo ao ditar não só novos padrões de relação familiar como, principalmente, novos padrões de comportamento. Ver. **MURICY**, Kátia. *A razão cética: Machado de Assis e as questões do seu tempo*. São Paulo: Companhia das letras, 1988, p.15.

[77] Fonte: IBGE, Sinopse Estatística do Brasil, 1972

> tradicionalmente vital da economia baiana se refletiu na cidade, que passou por um período de grande retração econômica ao tempo em que sofreu, inclusive, um certo amortecimento demográfico, devido em parte a um redirecionamento dos fluxos migratórios rumo ao sul do Estado, estimulados pelo desenvolvimento da economia cacaueira.[78]

Ainda assim, Salvador, em 1900, era considerada a terceira cidade mais populosa da federação, ficando logo atrás da cidade do Rio de janeiro e de São Paulo, a capital do estado mais rico do país. Era uma capital de maioria negro-mestiça, cunhada pelos séculos de escravidão urbana que, por tal razão, evidenciou, no cotidiano das suas relações sociais, a despeito dos padrões éticos e morais da época, variadas formas de arranjos familiares.

Embora existisse uma clara rejeição por parte das elites em relação aos casamentos inter étnicos, a cidade da Bahia da virada dos séculos era matizada por elementos fenotípicos de variados aspectos. Na verdade, tal situação evidenciava não só o alto grau de preconceito social e racial existente na sociedade, mas também um tipo de moralidade em uma sociedade que, apesar de mestiça, se colocava no espaço da modernidade, tentando, a todo custo, invisibilizar o papel daqueles que eram reconhecidamente os atores marginalizados da história local.

A grande quantidade de mestiços era um fator demográfico que, certamente, não estava de acordo com o projeto de nação proposto pelas elites locais. Para muitos, os arranjos inter étnicos presentes na formação da sociedade brasileira era um mal a ser combatido[79]. Afinal, o *melting* formado por *raças* de origens diversas – indígenas europeus e africanos – só legou à nação consequências negativas, como a degeneração daquela parcela da população tocada pela miscigenação.

No decorrer dos tempos, a questão da mestiçagem no processo de formação da sociedade brasileira, passou por variadas abordagens e, certamente, foi um problema que passou a consumir muito do pensamento da elite intelectual brasileira mais exatamente, entre a década de 1870 e o ano de 1930 do século XX, fase que para muitos estudiosos do nosso processo de formação, significou a consolidação do Brasil contemporâneo.

---

[78] **MATTEDI,** Maria Raquel Mattoso; BRITO, Marúsia Rebouças de; BARRETO, Sueli Santos. *Salvador: o processo de urbanização*. In: BAHIA. Secretaria de Planejamento, Ciência e Tecnologia. Fundação de Pesquisas. Habitação e Urbanismo em Salvador. Salvador: SEPLANT EC, 1979, p. 351.

[79] **MOURA**, Clóvis. *Sociologia do Negro Brasileiro*. Série Fundamentos. São Paulo Editora Ática, 1988, p. 18. Importante consultar Clóvis Moura. *O negro: de bom escravo a mau cidadão?* Editora Conquista. RJ, 1977.

Para alguns setores da intelectualidade, era clara a impossibilidade de construção de uma nação civilizada a partir de uma população com fortes traços de mestiçagem, com a predominância do negro em sua composição. De certa forma, está assertiva justificava a percepção marcada pela inferioridade produzida pelos homens de ciência e letras, para quem o Brasil, agora republicano, não tinha ainda uma composição racial adequada para alcançar níveis superiores de desenvolvimento civilizacional.

Em terras baianas, e, em especial, no espaço acadêmico da Faculdade de Medicina da Bahia, obteve bastante relevância os trabalhos desenvolvidos pelo médico, maranhense e radicado na Bahia, Raimundo Nina Rodrigues. Graças ao seu pioneirismo teórico e experimental no campo da Antropologia Médica e cultural sobre os negros e mestiços na sociedade brasileira. O eminente médico e pesquisador foi responsável pelo desenvolvimento de uma linha de pensamento que colocou os africanos e seus descendentes como ponto central do conhecimento racial local. O seu trabalho é considerado basilar para a construção do racismo científico brasileiro.

Em "*Os Africanos no Brasil*"[80], de 1906, Rodrigues dizia que a raça negra haveria: "[...] de constituir sempre um dos fatores de nossa inferioridade como povo." Visto que, para ele, o negro "quase não se civiliza" e sua supremacia demográfica é "nociva à nossa nacionalidade". Por outro lado, como contraponto a esta percepção, em 1933, é publicado Casa Grande e Senzala[81], de Gilberto Freyre, uma obra que marcou uma verdadeira revolução quanto à forma de abordagem da mestiçagem.

No prefácio à primeira edição de Casa Grande e Senzala ele escreveu que "a miscigenação que largamente se praticou aqui corrigiu a distância social que doutro modo se teria conservado entre a casa-grande e a mata tropical; entre a "casa grande e a senzala". No pensamento de Gilberto Freyre, "a índia e a negra-mina", a princípio, depois a "mulata, a cabrocha, a quadrarona, a oitavona", elevaram o seu status ao tornarem-se caseiras, concubinas e até esposas legítimas dos senhores brancos.

Apesar da perspectiva enaltecedora de Freyre sobre miscigenação, a partir dos anos 70 e 80, sua obra passou a ser contestada por setores da sociologia e da história, uma vez que seu pensamento foi entendido como uma forma de atualização do pensamento conservador ao

[80] **RODRIGUES**, Raimundo Nina. *Os africanos no Brasil*
[81] **FREYRE,** *Gilberto. Casa-Grande & Senzala*. , Rio de Janeiro, Editora Record 1998, cap. IV, 34ª edição, p. 372.

colocar de maneira atenuada o papel das elites dominantes no processo de formação da sociedade brasileira. É importante ressaltar que as mulheres pobres, de origem negra ou indígena foram compulsoriamente colocadas no espaço material da sociedade e em constante condição de inferioridade frente ao pátrio poder. Portanto, não podendo colocar-se contra as investidas afetivas do homem, principalmente o branco, detentor do poder[82].

A existência de uma população formada por uma grande quantidade de não brancos, em uma sociedade estruturada em bases elitistas e untada por uma moralidade enviesada no que diz respeito à aceitação dos diferentes e subalternos, teve como consequência a negação do mestiço de origem paterna no ambiente da família tradicional, uma vez que muitos desses mulatos eram resultantes das andanças extraconjugais do senhor branco. Assim, no Brasil e, em especial, na cidade da Bahia, aqueles que nasciam fora do âmbito da casa os filhos bastardos eram: os deserdados, não só da riqueza material como, principalmente, da paternidade.

O fenômeno da mestiçagem, além de se enunciar como um clássico dispositivo de poder[83]. É consequência dos relacionamentos inter-raciais, podendo ser entendida como um fenômeno que se manifestava sem nome e sem herança material, por estar intrinsecamente ligada a uma formação que se caracterizou pela destituição da humanidade do outro. Nesse sentido, é possível entender que é um aspecto de força no âmbito das relações entre brancos e negros que se apresentou à luz da evolução econômica, política e social, tendo os seus diacríticos ainda presentes na cultura afetiva do país[84].

---

[82] Sobre as relações inter-raciais no campo afetivo é importante ler: **MOUTINHO**, Laura. *Razão, "cor" e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivos-sexuais "inter-raciais" no Brasil e na África do Sul*. São Paulo, Editora da UNESP, 2004.

[83] Na contemporaneidade, o dispositivo de mestiçagem apresenta as seguintes características: ele incita à mistura étnica; coloca a sexualidade num plano estratégico, ou seja, é veículo capaz de promover a confraternização das etnias; dilui a identidade nacional, ao apostar num amálgama capaz de unir os vários elementos que compõem nossa nacionalidade, porém, manobra essa identidade em construção para determinadas direções, conforme a conjuntura de cada período de nossa História; coloca-nos numa busca insistente pela nossa identidade nacional, impedindo um envolvimento maior com a própria nacionalidade por parte dos brasileiros; ele é, ainda, produtor de subjetividades dóceis e mal delimitadas, uma vez que promove a mistura étnica apagando as origens, apagando o passado e suas contradições, voltando-se para o futuro e des-historizando as raízes históricas individuais e nacionais. **TADEI,** Emanuel Mariano. A mestiçagem enquanto um dispositivo de poder e a constituição de nossa identidade nacional.
Psicol. cienc. prof., Brasília, v. 22, n. 4, p. 2-13, Dec. 2002. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-932002000400002&lng=en&nrm=iso>. access on 16 Feb. 2017.http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932002000400002. Acesso em: 16/02/17

[84] Moutinho (2004) diz que a questão das relações entre negros e brancos no Brasil e na África do Sul guarda certas especificidades. Nesse sentido, a autora nos diz que este é um aspecto bastante relevante para o nosso processo de formação, pois o mercado afetivo é reconhecidamente um dos espaços mais preconceituosos das relações raciais brasileiras dentro. A autora questiona as naturezas destas relações sempre apontando para a perversidade de cada contexto. Nesta etapa da sua obra, deixa clara a crítica ao cinismo presente em nossa formação quando indaga a

Nesse sentido, a rua, que sempre foi vista como a metáfora de todos os vícios[85], um território de gente incivilizada, era, na verdade, um espaço cênico identitário, um cenário-fluxo[86], um teatro de trocas e de encontros entre indivíduos que se colocavam no trânsito da história da cidade.

Ao contrário de tudo que foi idealizado enquanto forma de civilidade por parte dos grupos dominantes da época, a literatura sócio antropológica e histórica[87] local produzida nos últimos anos tem apontado para a importância da rua, ou melhor, do espaço público no processo de formação da identidade social da cidade. Afinal, foi naqueles territórios que o vitalismo cultural e identitário daquele mundo pós-imperial escravista manifestou-se com maior intensidade, se mostrando como um modo específico de ser.

Se forem observadas as resultantes históricas pertinentes à dinâmica da formação sociocultural da cidade do Salvador, é facilmente perceptível a espontaneidade como a sua cultura se manifestava sobre o sítio urbano da cidade, uma vez que foi permitido a seus atores a performatização[88], a partir de um caldo cultural hibridizado[89] por elementos de origens variadas, mas que garantiu à Cidade da Bahia a singularidade do seu ethos num espaço original.

Este ethos ou forma de ser, por sua vez, se manifestava espontaneamente como uma espécie de identidade social arredia às idealizações do espaço-tempo da cidade republicana da época. Esta personalidade social de fora e alheia aos grandes salões frequentados pelas elites se

---

condição de um país que canta em verso e prosa sua mestiçagem, à medida que exclui. **MOUTINHO**, Op. Cit., 2004, p. 35

[85] **FERREIRA FILHO**, Op. cit,1998/99, p.239.

[86] Os Cenários-fluxos podem ser entendidos como interfaces que devem ser apreendidas como o entrecruzamento, justaposição e entrelaçamento de imagens, sons, práticas, discursos, performances, etc. em sua plasticidade, intensidade e volatilidade. Neste sentido, não se trata de "coisas" nem devem ser tomadas como tal. Poderíamos dizer que trata de planos que realizam, enquanto utopia, um lugar possível – neste caso, constitui-se a partir da tessitura do referido conjunto de elementos que participam destes Cenários-fluxos; daí a ideia de arranjos. *In* **SILVA,** Anderson Silveira. *Para a Construção de uma Analítica de Agenciamentos. Uma Proposta de Compreensão das Novas Texturas Sociais.* Programa de pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientação Proº Dr. Milton de Araújo Moura, 2003.

[87] Dentre outros autores locais consultar, FILHO**,** Alberto Heráclito Ferreira. *Quem Pariu e Bateu Que Balance! Salvador 1890-1940: "Mundos Femininos, Maternidade e Pobreza em Salvador 1890-1940".* Salvador, Edufba. 2003. **ALBURQUERQUE,** Wlamira R. de. Algazarras nas Ruas. Comemorações da Independência na Bahia (1889-1923). Coleção Várias Histórias. Campinas, SP; Editora da Unicamp. Centro de pesquisa em História Social da Cultura, 1999. GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras. *Pelo pelô: história, cultura e cidade.* Salvador. Edufba.1995

[88]Sobre a questão da performatização dos textos culturais, consultar. **BHABA,** Homi K. *O local da Cultura*. Belo Horizonte, Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

[89]Consultar ***CANCLINI,*** *N. G. Culturas Híbridas- estratégias para entrar e sair da modernidade.* Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 2011.

manifestava como a síntese motriz do cotidiano das ruas, do mundo da produção informal. Ou seja, eram tramas sociais que se articulavam a partir das mais variadas formas de organização de uma convivência humana não regulamentada.

Para concluir esta breve passagem sobre as formas de ser do lugar Salvador, o que se pode perceber é que a cidade se constituiu como um microcosmo formado por tessituras estruturadas sob a forma de arranjos sociais, políticos, econômicos e culturais detentores de suas próprias lógicas de funcionamento. Como exemplos deste quadro, podem ser apontados elementos de natureza simbólica e material nos espaços do sagrado e do popular que dialogavam entre si, propiciando ações que, de alguma forma, singularizavam suas práticas e representações.

Portanto, se entende que a Salvador no início do século XX era um mundo particular dentro das Américas e, em particular, no Brasil. Uma metrópole caracterizada pela vivacidade dos elementos culturais que se manifestavam através das sinestesias das cores, dos sons, dos odores e dos corpos que se movimentavam pelas ruas da cidade, reproduzindo infinita e cotidianamente, formas de pensar, agir, fazer e sentir sob a forma de hábitos e costumes.

Por outro lado, foi de forma contrária à espontaneidade presente no espaço urbano local que o anseio de modernidade das elites foi persistentemente colocada, tendo nos seguidores do republicanismo positivista a condição de legisladores, juízes e executores de uma lógica, que imputava à cidade e seu povo as razões e estigmas do atraso, tudo isso numa época em que a propagação de ideias voltadas para a urbanidade e o "cuidar de si" se constituíram como o fio condutor que levaria as pessoas a um estado de convivência aceitável, sob a tutela das noções de civilização, estética e sanidade.[90]

Desta forma, no primeiro governo Seabra, o discurso da boa sanidade fez-se presente nos vários meios de comunicação da cidade do Salvador legitimando a implantação de uma política voltada, principalmente, para o controle no âmbito da vida privada[91]. Ou seja, no âmbito da família, uma vez que aquela era vista como o veio basilar da vida social. Um receptáculo de

[90] É possível entender que as políticas intervencionistas das unidades federativas brasileiras ao desenvolver-se a partir da perspectiva médico-urbanista colocou-se para além do aspecto material na medida em que passou a influenciar comportamentos sociais voltados para as noções de modernidade. **RAGO,** Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar, Brasil, 1890-1930*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985, p. 172-173 e 178.
[91] **LEITE**, Op. Cit. 1996, p.12

ideias cujo objetivo central era o controle das condutas de indivíduos até então propensos a atuar no espaço urbano reproduzindo cenas de anticivilidade.

Diante do exposto até aqui, fica claro que o mal-estar ficava por conta de um espetáculo, que aos olhos das elites era grotesco, e, sempre protagonizado por uma grande quantidade de pessoas destituídas da fortuna, em situação de mendicância, miséria, doença, vadiagem e maus hábitos. Eram indivíduos que perambulavam à toa nos espaços da cidade e que por conta disso levaram os guardiães da boa sanidade, da higiene e dos bons costumes, a pensar ações que estivessem para além das obras de remodelação do espaço urbano[92]. Visto que, a intenção era a eliminação dos emblemas do atraso humano e material de uma cidade que cotidianamente replicava as chagas do seu passado colonial.[93] Tal situação fica muito evidente nas repetidas mensagens veiculadas pelos jornais da cidade que sempre traziam as situações de indigência e destituição do outro de forma bastante usuais.

> (...) Por toda a parte *a cidade a urbs da vagabundagem e da miséria:* e aqui o esmoler, ali o mendigo esfarrapado e enfermo, adeante o vagabundo, o ébrio, quasi sempre estirado nos bancos das praças ou, estes e aquelles, a dormirem ao relento, fazendo ao seu leito da lage das escadarias das igrejas (...)[94] [*Sic*] (*grifo do autor*)

Combater comportamentos, hábitos e costumes causadores de tantas vergonhas tinha como objetivo a garantia de uma moralidade social adequada ao projeto civilizador das elites de Salvador. Desta forma, sanear ou higienizar tinham como significado depurar socialmente os espaços, através de práticas marcadas pela segregação espacial, inicialmente através das obras de embelezamento do espaço urbano e depois pela tentativa de uma total europeização

---

[92] De acordo com Leite (1996) "No contexto remodelador, o aspecto da miséria espalhada pela cidade parecia o mais próximo de rivalizar com o desasseio da cidade em impressão negativa. Na verdade, não era incomum que em meio à sujeira se encontrassem mendigos e indigentes a ela misturada, formando como que uma espécie de lixo humano. A grande indigência e mendicância na cidade não formavam um acontecimento novo, eram permanências oriundas diretamente do século XIX *"Materiaes imprestaveis pedras atiradas pelos cantos, vegetacao damninha em desvio onde a immundicie culmina, nauseante mictorio público valhacouto de vagabundos e mendicantes, aquella parte do bairro commercial está a merecer as vistas do esforçado e operoso intendente municipal" BCEB:* Setor de Periódicos. Diário de Notícias, 03 dezembros de 1915, p. 1 [*Sic*]. (Grifo do autor) **LEITE**, Op. Cit. 1996, p. 134

[93] *IGHBA*: J.J. Seabra cunhou a expressão "*chagas do passado colonial* ". Esta fala apareceu no seu discurso de posse no executivo do Estado da Bahia em 1912. Ver *Mensagens Governamentais* - Instituto Geográfico e histórico da Bahia –IGHBA. Ano de 1913, p. 18

[94] *BCEB:* Setor de Periódicos. Editorial *"A indigência abandonada. Grande Contraste."* Jornal *A Tarde*, 08 de julho de 1914, p.1

do estilo de vida do soteropolitano, principalmente dos grupos formados pelos bem-nascidos da cidade.

Ou seja,

> A tentativa de controle do modo de vida e de moralização do comportamento das classes populares foi defendida segundo os pressupostos idealizados para a sociedade brasileira pela elite burguesa dominante. De acordo com essas elaborações, as práticas populares eram assinaladas como incivilizadas, enquanto o projeto elaborado pelas elites intencionava um mundo em estilo europeizado. E pode acrescentar-se aí que alguns radicais idealizavam e pregavam o melhoramento da raça brasileira por meio do seu branqueamento progressivo, visto que as influências africanas e indígenas tomavam os brasileiros um povo de qualidade inferior quando comparados aos europeus. Penetravam deste modo, nos territórios da eugenia[95].

Portanto, seria um discurso que se acreditava imbuído de um forte senso de moralidade a ser aplicado sobre o universo mental, social e material daqueles indigentes expurgados pela civilização. De certa forma, o discurso das elites era fortemente marcado pela contundência ideológica que se mostrava embasada em elementos de natureza sócio racial, bem como por agentes alinhados com a política administrativa demandada por setores empoderados das elites.

Eram aqueles que evidenciavam posições e decisões sobre o universo humano, ora através das publicações jornalísticas e científicas, ora pela edição de posturas e outros textos administrativos, ou, na maioria dos casos, pela aplicação da pedagogia de uma força muito bem aparelhada e, portanto, bem aplicada pelos órgãos de repressão do período em análise.

> *Os guardas civis e as praças* designadas para o policiamento incube: *permanecer asseados e atentos nos seus postos exercendo severa e incessante vigilância sobre os movimentos das ruas e os costumes dos moradores e dos transeuntes*; prender e conduzir imediatamente à presença do comandante do corpo as pessoas encontradas na prática de algum crime, ou forem surpreendidas com algum instrumento apropriado para a execução de algum delito... Devem conduzir as estações policiais mais próximas, as pessoas encontradas com as vestes ensanguentadas,... As que estiverem danificando arvoredos, edifício, obras públicas, ou particulares, os cavaleiros ciclistas ou condutores de veículos que causarem algum sinistro ou desastre, as pessoas encontradas conduzindo objetos, que se tornem suspeitos de terem sido adquiridos por furto ou roubo, *os indivíduos em estado de embriagues, os alienados, os decrépitos, os que estiverem dormindo nas ruas, praças, adros de templo e edifícios públicos, as pessoas vestidas de modo ofensivo a moral e os bons costumes pelas ruas e praças, ou a se banhar em lugar público*. .... Não permitir que os botequins e tavernas

[95] **LEITE,** Op. Cit. 1996, p.12

> e outras casas de negócio fiquem abertos além das horas marcadas intimar os indivíduos nelas envolvidos a se acomodarem sob pena de prisão. [96]

Nesse sentido, a censura moral em relação ao que era considerado anticivilizado e grotesco se sustentava na percepção geradora da negação do que tinha que ser apagado da memória daqueles que eram considerados os atores do espaço cênico principal. Na verdade, o projeto civilizador das elites era um conjunto de simulações que tinha por característica a negação e a invisibilização da realidade social de Salvador.

A anticivilidade, além de fisicamente materializadas no espaço da cidade sob a forma de uma precária infraestrutura se mantinha mentalmente cristalizada no cotidiano dos hábitos da grande maioria da população pobre da cidade. Eram as ditas "mazelas sociais" ou "males da civilização", sob a forma de hábitos, costumes e crimes de toda monta fruto dos imbricamentos e arranjos considerados marginais. Tudo formava uma plêiade de elementos, ou como era apontado num jornal da época "*a plethora dos vícios que inevitavelmente formam a cauda dos núcleos de civilização*"[97]

Nesse sentido, num espaço mais à margem do que era aceito como razoável à convivência humana, estavam em cena os atores de um teatro cujas práticas transgrediam as ordenações do poder local. Era o próprio mercado informal estruturado como esteio de uma organização econômica alheia à lógica daquilo que a civilização concebia como aceitável, ao se apresentar num espaço formado por capoeiras[98], jogos de azar, alcoolismo, curandeirismo, pederastia, contrabando, rufiões, cafetões - os senhores e senhoras do mercado afetivo[99] da cidade - a prostituição.

---

[96] *BCEB:* Setor de Periódicos. Jornal de Notícias. 5 de setembro de 1912 p.1 *grifos meus*

[97] *BCEB:* Setor de Periódicos. Jornal A Tarde. 1 de maio de 1915, p5.

[98] Sobre o termo "*capoeira*" e seus desdobramentos. Anteriormente aos anos trinta, o termo era utilizado para designar o praticante da capoeira era "*o capoeira"*. O termo "*capoeiragem*" diz respeito à prática da capoeira, ou seja, o exercício do jogo-luta-dança "*dos capoeiras***"**. O termo também era utilizado para referir-se às ações dos arruaceiros, aqueles que praticavam atos de desordem e brigas nas ruas da Salvador antiga. Sobre essa questão ver ***REGO,*** Waldeloir. *Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico*. Salvador: Itapoã, 1968

[99] Sob esse aspecto é importante consultar **MOUTINHO,** Laura. Razão, *"cor" e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivos-sexuais "inter-raciais" no Brasil e na África do Sul.* São Paulo, Editora da UNESP, 2004.

Fig. 3 - O lar afetado pelo alcoolismo (1913, p. 17)[100]

Aliás, sobre a questão da prostituição, é importante lembrar que, embora achacada pela falsa moral burguesa da cidade, era uma forma de consumo do corpo alternativa ao espaço do matrimônio católico. Visto que, muitos senhores ligados à tradicional família baiana eram frequentadores dos bordeis da cidade. Um absurdo se fosse levado em consideração a ideia de que

> [...]havia a propensão de se utilizar o termo remodelação para designar as transformações materiais processadas na cidade. Tratando-se, porem, das transformações sugeridas aos aspectos relacionados à ordem sociocultural da cidade — ou seja, ao que dizia respeito à população, aos seus costumes e as suas carências — a expressão "saneamento

[100]Na representação acima faz-se presente um lar afetado pelo alcoolismo. Na cena, observa-se um homem também vitimado pelos efeitos que a bebida tem sobre a mentes dos adictos. Por sua vez, a mulher (representando a figura materna) está chorosa frente a um a criança que se mostra assustada. É importante lembrar que a ambiência da casa é terrível (paredes sujas e envelhecidas, desarrumação dos móveis e objetos). Se nos dermos conta do que poderia ser uma moradia digna para qualquer pessoa, é possível dizer que aquele ambiente se mostrava inóspito pela ausência de uma certa paz e harmonia familiar. A pobreza material é a pedra de toque de um tipo de família anômica. O alcoolismo e a pobreza eram dois aspectos que só mostravam o caos familiar. In **MAGALHÃES,** Alfredo Ferreira de. *BCEB: Pro eugenismo*. *O Petiz,* Salvador, n. 10-12, mar./abr./maio 1913b Magalhães (1913, p. 17)

> moral" tomou-se a mais utilizada. E era em nome de um saneamento moral que se esperava o combate ao caftismo, a escravidão branca, ao lenocínio, os quais acabaram acentuando-se com os recentes sopros de civilização que a Bahia vinha conhecendo em consequência das reformas urbanas[...][101]

Ao lado de uma pobreza tão evidente nos espaços da cidade, a ocorrência de comportamentos marcados pela total desmoralização e suas formas viciosas de manifestação evidenciava que a cidade estava muito distante de alcançar o que fora idealizado no projeto de modernização, a dificuldade em colocar em curso as propostas civilizadoras evidenciava o quão arredia[102] aquela parcela da população se mostrava em relação às mudanças propostas.

Para além das questões ligadas aos casos de polícia, eram corriqueiras, nos espaços de fora do centro da cidade, as perseguições sobre os batuques, às curas populares e práticas religiosas populares consideradas como atos de bruxaria e cura no espaço sagrado das matrizes religiosas não católicas. Tal situação se justifica na maneira como a escatologia dos textos católicos foi fundamentada aqui por estas terras, não aceitando as práticas das religiões africanas e outras seitas populares no Brasil, e, em especial, na cidade do Salvador até o início da Era Vargas, em 1930.

> Na Bahia, porém, apesar do remodelamento, das ruas abertas para o ar, para o sol, o candomblé continua no exercício medieval do demonismo, com convulsionarias e curandeiros, que mistificam a eterna tolice humana. É preciso, porém, por-se um paradeiro a isso e cumpre à policia não dar tregoas à essa farandula de loucos e exploradores.[103] [*Sic*]

Sobre a questão do curandeirismo, eram muito claras as falas dos "*homens de ciências*" nos espaços de veiculação acadêmica da cidade. Por assim dizer, a medicina tinha para si um papel institucional assumido por indivíduos dotados do capital simbólico necessário para exercer suas atividades no âmbito da saúde. Naquela sociedade, o projeto de sanidade e consequentemente, de construção da nação forte resguardava a sua primazia nas ações de cura

---

[101] **LEITE,** Op. cit.1996, p.114

[102] Sobre a natureza anárquica e caótica das sociabilidades públicas na formação do Brasil consultar ARAÚJO Emanuel. *O Teatro dos Vícios: transgressões e transigência na sociedade Urbana colonial*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1993.

[103] *BCEB:* Setor de Periódicos. Jornal A *Tarde*, 29 de setembro de 1913, p3.

exercida pela figura do médico. Tal assertiva é evidente num trecho da renomada Gazeta Médica da Bahia, de junho de 1911[104].

> "Não e somente por interesse da proffissão que a collação oficial do titulo de doutor em medicina garante prerrogativas e privilégios que não podem ser impunemente usurpados; é sobretudo em beneficio da humanidade soffredora que o Estado confia o exercício da medicina exclusivamente aquelles que tem provada competência para exercel-a.
>
> ''Num paiz como o nosso em que não há responsabilidade medica, em que o ensino profissional é ministrado officialmente pelo Estado, é justo e até necessário que haja a maior vigilância dos poderes públicos sobre o exercício da medicina para que não fique a população entregue ás especulações de leigos, que abusando da ignorância e da crueldade dos que soffrem, convertem a sublime arte de curar numa indústria vergonhosa que sem escrúpulo joga com a visa dos homens em proveito do charlatanismo e da ganancia''[*Sic*]

Deste modo, é importante ressaltar que as elites republicanas, a despeito dos elementos constituidores do cientificismo positivista presentes na nova organização política do país, criaram um sistema social embasado em um sólido alicerce moral de natureza cristão-católico, no que diz respeito ao funcionamento de suas instituições, apesar de a Constituição Republicana de 1891[105] garantir a separação entre o estado e a igreja.[106] Ou seja, o sistema jurídico brasileiro da época colocou claros limites entre os postulados da fé e uma sociedade que se mostrava aparentemente de maioria católica à medida que se faria presente enquanto tutor da sociedade nas instâncias do público e do civil.

---

[104] *AMMS:* Arquivo do Memorial de Medicina. *Gazeta Médica da Bahia* de junho de 1911, p. 542

[105] De acordo com a constituição de 1891, "Estado e Igreja passaram a ser instituições separadas. Deixou assim de existir uma religião oficial no Brasil. Importantes funções, até então monopolizadas pela Igreja católica, foram atribuídas ao Estado. A república só reconheceria o casamento civil, e os passaram às mãos da administração municipal. Neles seria livre o culto de todas as crenças religiosas. Uma lei veio completar, em 1893, esses preceitos constitucionais, criando o registro civil para o nascimento e o falecimento das pessoas. As medidas refletiam a convicção laica dos dirigentes republicanos, a necessidade de ampliar os conflitos entre o Estado e a Igreja e o objetivo de facilitar a integração dos imigrantes. Os imigrantes alemães não eram em sua maioria católicos, e sim protestantes luteranos. Outra medida destinada a integrar os imigrantes foi à chamada grande naturalização. Por ela tornaram-se cidadãos brasileiros os estrangeiros que, achando-se no Brasil a 15 de novembro de 1889, não declarassem, dentro de seis meses após entra em vigor a constituição, o desejo de conservar a nacionalidade de origem." **FAUSTO**, op. Cit. 1996, p.251

[106] A constituição de 1824, baseada no princípio romano do "*cujus regios, eius religio",* a segunda do Império estabeleceu a religião oficial de Estado no Brasil recém emancipado. Nesse sistema, a autoridade do imperador criou institutos como o padroado e o beneplácito. Ambos permitiam a total interferência do imperador nos assuntos da igreja. Sem contar que a igreja católica por força do apoio dado pelo imperador era a única a gozar de direitos totais sobre o funcionamento das instituições sociais.

Portanto, pode-se deduzir que as perseguições às manifestações religiosas, aos batuques, bem como a outras formas de expressão do espaço simbólico popular eram motivadas muito mais por força de uma intolerância moral por parte de certos núcleos da elite local, do que a partir de um conjunto de elementos instituídos pelos estatutos legais da nação. Ou seja, contraditoriamente a tal estado de coisa, como justificar a intolerância de alguns setores sociais em relação às representações simbólicas dos segmentos populares da sociedade se não fosse por força de uma óbvia intenção de depurar os sentidos da convivência também no plano do simbólico?

Ainda no espaço da cidade, era muito comum a ocorrência de outras formas de manifestações populares, sob a forma de ajuntamentos e festas[107] que, geralmente não eram bem vistas pelas elites. Quando se tratava de eventos de natureza religiosa, geralmente não havia grandes obstáculos a suas realizações, ainda que muitas tivessem o seu lado profano, como é o caso das famosas festas de largo que, como na atualidade, começavam no espaço do sagrado e sempre terminavam nos espaços públicos, se popularizando e incorporando a suas manifestações os diacríticos da dinâmica cultural da rua – o samba, a capoeira, as comidas e, por fim, os conflitos de toda natureza[108]·.

Não obstante certas manifestações populares fossem negativamente consideradas pelas elites da época, não se pode afirmar que ocorressem em toda a cidade. De acordo com Leite (1996)[109,] eram eventos que ficavam circunscritos a certos círculos sociais, constituindo "uma teia formada por uma pequena parcela de moradores da cidade". Eram indivíduos simpatizantes e contumazes praticantes do jogo do bicho, capoeiras, "os apreciadores dos divertimentos com música (ou, mais precisamente, o samba e as serenatas)" que quando aliados à ingestão de bebidas alcoólicas, sempre viam os ajuntamentos acabarem em conflitos de toda sorte. Portanto, eram eventos considerados indesejáveis, incômodos, inconvenientes e prejudiciais à ordem

[107] Sobre as festas e ajuntamentos populares Wlamira Albuquerque fez uma belíssima abordagem sobre o papel de tais eventos no processo de formação da identidade social de Salvador. Aponta as contradições socioculturais presentes nas comemorações, desde o momento que o caboclo foi incorporado como símbolo heroico maior da independência do Brasil na Bahia. A autora faz alusão às tentativas de "*europeizar*" a comemoração da independência da Bahia no *2 de julho*. Num período em que ser moderno significava reproduzir o espírito da *belle époque* parisiense no cotidiano das cidades brasileiras. Os fatos ligados às formas de representação são entendidos como um todo complexo, em que a bagunça, o samba, a capoeira, a liturgia religiosa e a presença das autoridades eram partes integrantes e complementares entre si. A autora chama atenção para as formas de apropriação popular das festas e ajuntamentos, em especial, o 2 de julho. Um acontecimento que, de certa forma, configura-se como a representação do resgate da herança africana no processo de formação da identidade local, apesar da rejeição por parte das elites locais, inclusive a intelectualidade da época. **ALBURQUERQUE,** op. Cit., 1999.p. 30-40

[108] **OLIVEIRA**, Josivaldo Pires de. *Pelas ruas da Bahia. Criminalidade e poder no universo dos capoeiras na Salvador Republicana (1912-1937)*. Programa de Pós-graduação em história UFBA 2004, p.47

[109] **LEITE,** Op. cit., 1996, p.114

pública. Para muitos, aquelas manifestações se configuravam como típicos exemplos de degeneração social e moral numa terra em que seus grupos de poder almejavam a civilização.

Para além dos arranjos e tramas anteriormente mencionados, fazia parte da seara urbana da capital, uma economia formada por casas comerciais dos mais variados segmentos – padarias, mercearias, cafés, botecos e as casas de exportação; num outro nível da economia da cidade tinham presença as instituições financeiras – bancos e seguradoras. Também é importante pontuar a existência das casas de ofício as oficinas: sapatarias, alfaiatarias, vidraceiros e outros. Aliás, sobre as padarias e mercearias, quase sempre estavam ligadas às famílias de portugueses e espanhóis, além de alguns turcos e árabes no segmento de vendas de miudezas[110].

Do lado oposto às atividades regulares, existia uma economia com traços de informalidade extremamente arraigados, uma vez que, tanto os acordos de prestação de serviços como os de compra e venda eram estabelecidos a partir de bases consuetudinárias entre as partes, ou seja, sem as garantias contratuais existentes em uma nascente economia capitalista do pós-abolição[111] local. Deste modo, o mercado de rua[112], com suas quituteiras, seus ambulantes e a vivacidade de seus pregões ainda eram fortes reminiscências funcionais e econômicas da Bahia colonial, que não desapareceram no período imperial, mas que persistia na Salvador do início do século XX.

Assim, por chamar negativamente atenção das elites e, consequentemente, dos poderes públicos, o alto grau de informalidade presente na economia de rua tinha uma relação direta

---

[110] **CARONE**, Edgard. *Tradições comerciais da Bahia: primeiro quartel do século XX*. Rev. Administração de Empresa. São Paulo, v.12, n.3, p.118-119, Sept.1972.

[110] Em Salvador, o comércio de rua teve início no século XVIII, com os chamados escravos de ganho – eram escravos cativos que exerciam diversas atividades no centro da cidade; no final do dia ou da semana, parte do dinheiro ganho era entregue a seu senhor, ficando para o escravo pequena parte dele. Com a decadência de muitas famílias abastadas tanto da cidade como do recôncavo e outras regiões. Ocorreu uma intensificação, durante o século XIX, do trabalho ambulante em Salvador, com a formação dos "cantos" que, geralmente eram esquinas específicas, onde os negros se concentravam de acordo com sua origem e atividade, para conseguir serviço. **ANDRADE,** Maria José de S. A mão de obra escrava em Salvador (1811-1860). São Paulo: Corrupio, 1988, p. 30

com as condições sanitárias e de higiene do espaço público. Mais especificamente, as feiras, as bancas de carnes e os ambulantes que se espalhavam por toda a cidade.

Desta forma, a consequência das percepções surgidas a partir de olhares tão incomodados foi o surgimento de políticas cujas tentativas passavam pela ordenação e disciplinarização de um sedimentado e resistente mundo das ruas[113] que, como mencionado anteriormente, era um território extremamente arredio a qualquer tentativa de controle de suas formas de manifestação, e também sobrevivência dos mais pobres nos espaços da cidade.

> "(...) com clamoroso desacato à autoridade em que se acha investido o ilustre sr dr Clementino Fraga, dando lugar à algazarra de populares a um começo de conflito do qual saiu ferido a bala um soldado da policia do cordão sanitário, que se fez estabelecer para **a** casa infeccionada. Tal resistência não pode continuar, porque além da gravidade que fizemos sentir, talvez favoreça o espírito da imitação. E sendo assim, não havendo força disponível para todos os cordões sanitários quantas as casa em que se somam enfermos ao hospital de Isolamento. a cidade ficará desabrigada e a mercê do contágio. Há de meio de conciliação para as pessoas que não quiserem separar-se dos: seus enfermos: é procurarem acompanha-lo ao hospital. Fora disto, não"[114] [*Sic*]

A grande parcela da população vivia do subemprego, do porto com suas exportações e importações, do comércio e do emprego público estatal que, logicamente, só absorvia os protegidos dos potentados políticos. Neste quadro, ficava em situação de desvantagem uma mão de obra desqualificada formada por trabalhadores que vinham do campo ou os antigos escravos de ganho e seus descendentes.

Nesse mundo economicamente paralelo e tão incivilizado tinham relevante importância: os vendedores, mascates, e diaristas de todos os naipes. No entanto, *foi sem dúvida, a figura feminina que mais se mostrou presente no cotidiano das ruas*[115], por carregar consigo os estigmas gerados pelos preconceitos de cor, classe e gênero, numa terra que tinha como forte característica a presença masculina, tanto no âmbito da família como dos espaços públicos, como o digno representante do pátrio poder.

---

[113] **FERREIRA FILHO**. Op. Cit. 1999. p.241

[114] *BCEB: Diário da Bahia* de 20 de agosto de 1904. P.01

[115] Sobre as formas de percepção e tratamento das mulheres que se apresentavam no espaço da rua é importante consultar a pesquisa feita por Nélia de Santana em "A prostituição feminina em Salvador - 1890 a 1940". Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, 1996.

Entretanto, ao perceber que a rua era um espaço notadamente marcado pelos signos da masculinidade, por uma questão de mera sobrevivência, coube à mulher a compreensão dos sinais reguladores existentes nas relações de poder e naquelas que se apresentavam na economia que se enredava através de tramas materiais e simbólicas. Ou melhor, apesar de todos os estigmas, de acordo com Ferreira Filho (1999)[116] desde o período colonial as mulheres ao se mostrarem como parte da paisagem urbana, além de extremamente habilidosas, eram:

> Ágeis, versáteis, econômicas, políticas... no contexto da cidade, exemplares significativos dos que souberam driblar os obstáculos e desafios das ruas. Em muitas atividades elas acabaram delineando em grande parte o perfil do pequeno comércio urbano, produziram alternativa ocupacionais nos mais variados tipos de serviços domésticos e colocaram no mundo pretinhos e mulatinhos livres, novos personagens da complicada trama do escravismo urbano[117].

Nesta mesma perspectiva, a historiadora Laura de Mello e Souza (1986)[118] chama atenção para a natureza de luta e resistência das mulheres quando, no espaço social, colocaram-se como agenciadoras *das resistências culturais e dos encontros sincréticos*, que caracterizaram a cultura popular nos grandes centros urbanos brasileiros desde a colônia. Nesse sentido, pode-se compreender que foram as mulheres pobres e trabalhadoras, também no Brasil republicano que, ao assumir as várias formas de trabalho e ocupação no espaço público das ruas, tornaram-se as grandes empreendedoras do capital circulante da cidade[119].

---

[116] Segundo Ferreira Filho, (1999) ao contrário das "mulheres públicas". A "moça" e a "senhora de família" seriam os novos modelos de mulher que passariam a compor o cenário urbano republicano. Protegida pelo *status* social, a "moça" encarnava a castidade e pureza necessárias à honestidade das famílias, que, por sua vez, era mantida pela fidelidade conjugal das "senhoras". Como aliadas dos pediatras vigilância sobre os filhos, protagonistas dos hábitos de consumo doméstico, preocupadas em instruírem-se par melhor desempenhar o seu papel familiar, engajadas em campanhas assistenciais católicas ou militantes junto ao filantrópico movimento feminista de então, as mulheres das classes abastadas iriam fazer parte da vida da cidade ao longo primeira república. (...) se no interior das camadas abastadas, a moça e a senhora de família, como representantes de tipos femininos urbano-civilizados, se opunham frontalmente aos modelos rurais de donzela analfabeta ou da sinhá enclausurada da casa-grande, maior contraponto elas estabeleceriam em relação às prostitutas e trabalhadoras de rua, uma vez que elas demarcavam linhas bem definidas entre o projeto de civilização das elites letradas baianas e a barbárie dos pretos e pobres. Neste contexto, a afirmação da moça/senhora de família se deu concomitantemente a uma sistemática estigmatização das mulheres pobres (quase sempre pretas) que viviam da rua, cuja expressão mais pejorativa era a "mulher pública". **FERREIRA FILHO**, Op. Cit.,1999, p.243

[117] **FERREIRA FILHO** Op. Cit..1999. p.240

[118] **MELLO** e Souza, Laura. *O diabo e a Terra de Santa Cruz.* São Paulo, Cia das letras, 1986, pp. 292-295 e 371-378.

[119] Segundo Ferreira Filho (1999), "na República, mesmo faltando documentação quantitativa que no informe sobre números mais exatos, a documentação qualitativa nos leva a supor que as mulheres ainda continuavam como agenciadoras em larga escala do pequeno comércio de alimentos na cidade, uma vez que foram elas o alvo de uma atenção especial dos legisladores municipais. Condicionando a liberação das matrículas para a mercancia à autorização prévia dos maridos, quando casadas, proibindo o trabalho na rua para os seus filhos menores de 14 anos (companheiros ideais das mães nas atividades de rua), reprimindo a ocupação de calçadas, controlando os

Por outro lado, também é possível entender que a presença feminina no mundo do trabalho evidenciava uma ruptura no modelo da estrutura familiar burguesa da época, ou seja, para uma sociedade que clamava pela modernidade, tendo a família tradicional como alicerce moral do projeto civilizatório, não era de bom alvitre ter a mulher ou "*mulheres públicas*"[120] como provedoras e mantenedoras daquele núcleo. Na verdade, tal situação, apesar de tão rechaçada pelos guardiões dos bons costumes, era um costume de muito tempo consolidado no espaço da tradicional sociedade baiana, uma vez que a presença feminina, nos espaços públicos, além de proporcionar a circulação do capital dinheiro em escala de sobrevivência, também possibilitava a organização de novos arranjos de poder no âmbito da instituição mais basilar daquele mundo, a família.

Ademais, constituíram novos arranjos de natureza política e econômica à sociedade baiana da época, a presença da mulher no espaço público da Salvador dos primeiros anos do século XX muitas vezes estava diretamente ligada tanto aos casos de polícia como às questões de saúde pública. No primeiro caso, tem-se a dizer que os bares, tavernas e botequins eram espaços de sociabilidades de todo o tipo. Portanto, não eram raras as contendas entre homens por causas daquelas mulheres. Geralmente, eram conflitos causados pela *bebericação* daquela gente alegre, mas que não reconhecia os limites da sua espontaneidade.[121]

Desta forma,

> (...) os bares, tavernas, botequins, vendas e quiosques, locais tradicionais de comercialização do produto, funcionavam como foco de distúrbios, pondo em risco a segurança publica, não sendo incomum que acontecessem episódios de discussões, brigas corporais, tiros, sangramentos e mortes. Este, por exemplo, era o caso do "Botequim do Gallinho" — situado a Rua do Saldanha, na Sé, e frequentado por mulheres e indivíduos de todos os tipos —, que inúmeras vezes entrara em polvorosa por conta dos conflitos desencadeados entre os seus frequentadores, sendo necessária a intervenção policial para acabar com as confusões.[122] [*Sic*]

---

horários de trabalho e condenando a venda de comida em bandejas, tabuleiros, gamelas, os poderes públicos pareciam querer obstruir a tradicional inserção das mulheres pobres na vida econômica da cidade". **FERREIRA FILHO**, Op. Cit.,1999. p.245. Tal situação foi legitimada em uma postura editada em 1912. AHPMS - Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Salvador (AHPMS). Livro de Posturas Municipais, 1912.

[120] Sobre as formas de percepção e tratamento das mulheres que se apresentavam no espaço da rua é importante consultar a pesquisa feita por Nélia de Santana em "A prostituição feminina em Salvador - 1890 a 1940". Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, 1996

[121] *BCEB:* Setor de Periódicos. *Diário de Notícias*, 14 de abril de 1915, p. 2; nesta edição o jornal faz uma breve referência a uma briga ocorrida em dezembro de 1914, que terminou em derramamento de sangue de uma das partes.

[122] **LEITE.** Op. Cit. 1996, p.116

No que diz respeito às questões de natureza sanitária presentes nos espaços da cidade, para muitos, as mulheres públicas estavam sempre associadas às mazelas provocadas pelos seus maus hábitos de higiene. As suas práticas de sobrevivência estavam diretamente ligadas à transmissão de doenças. Nesse sentido, eram comuns as queixas contra a maneira como os alimentos eram apresentados aos seus prováveis compradores. Desta forma, a qualidade e o tipo de comida de rua passaram a ser uma preocupação obsessiva[123]. Tudo passava pela necessidade de reordenamento da cidade e seus costumes.

Por volta de 1904, a publicação do código de postura municipal[124] já apontava para certas ações de caráter sanitário ao proibir e propor a extinção do comércio ambulante. No documento, fica bastante evidente a preocupação com a regulação da venda de carnes, vísceras de gado bovino e lanígero nas famosas carrocinhas que passavam pelas ruas da cidade.[125] Aliás, este é aspecto bastante relevante, uma vez que nos revela aspectos peculiares da culinária produzida e consumida pela maioria dos baianos da capital. Aliás, sobre tal aspecto, Ferreira Filho (1999)[126] nos diz que, para os guardiões do higienismo, a forma como acontecia à cocção dos alimentos era atrasada e repugnante, a começar pela forma de manuseio e preparação do alimento.

---

[123] **FERREIRA FILHO**. Op. Cit. 1999, p.245

[124]*AHPMS:* Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Salvador. *Livro de Posturas Municipais*, 1912. p.18. Sobre os *Códigos de Posturas*, Tânia Regina Braga Torreão Sá diz que "Esses instrumentos normativos repercutem lutas de classes e intercalasses demandadas do poder econômico e das necessidades sociais, revelando ideologias, ideais e, principalmente, preconceitos vigentes na sociedade soteropolitana da virada do século XIX para o XX. No caso dos Códigos de Posturas em questão, o que será apresentado é uma argumentação que se propõe a discutir de que modo essas leis corroboram o discurso que está devotado à criação de uma cultura urbana civilizatória e que se opõe frontalmente aos moldes da cultura rural, agrária e com forte influência africana. enquanto composição metódica e articulada de disposições legais e coleção de preceitos e regras autorizadas pelo poder dos legisladores, designam regras de convivência em sociedade que acompanharam, desde o período colonial (1500-1822), a organização da cidade do Salvador. A Metrópole portuguesa recorria a esses códigos com o intuito de impor a autoridade e de zelar pela ordem e "bons costumes" nas colônias que estavam sobre sua jurisdição. A elaboração, a aplicação e a consequente autoridade para vigiar, julgar e punir, em caso de desrespeito ou de negligência em seu cumprimento, eram a função fundamental da autoridade da Câmara Municipal, e a feitura de posturas, assunto do maior relevo, contando sempre com o mais empenhado cuidado dos corregedores. Quando em função de correição, para além de fiscalizarem aspectos da legalidade, os corregedores enviados pelo governador-geral ordenavam que os oficiais procedessem à feitura de novos códigos ou à reforma destes. Segundo Heloísa Oliveira de Araújo, o último Código de Posturas Municipais aprovado pela Câmara de Vereadores em 1920(...)" **SÁ**, Tânia Regina Braga Torreão. *Códigos de Posturas Municipais Como. Instrumentos Normativos Da Produção de Novas Lógicas Territoriais: estudo de caso do centro histórico de salvador sobre os códigos de posturas in Percurso*: Sociedade, Natureza e Cultura, n. 11, 2010-1. p. 273-289

[125] As carrocinhas geralmente eram feitas com madeira e forradas com folhas de ferro batido e grades de ferro. Com o objetivo de evidenciar alguma prática de higiene, as vendedoras cobriam o seu conteúdo com panos e toalhas brancas. É importante informar que a ergonomia das carrocinhas mostrava que eram mais apropriadas ao uso masculino. Desta forma, a etnografia feita por autores da época aponta para um comércio feminino feito, tradicionalmente, em gamelas e tabuleiros.

[126] **FERREIRA FILHO**, Op. Cit., 1999, p. 243

Ou seja,

> O suor desprendido na rotina profissional, particularmente dos pretos, pelo seu "odor nauseabundo", o contato manual com as iguarias Vendidas e as condições de fabricação das comidas de rua, segundo o pensamento higienista em voga, era a porta de entrada para os miasmas *e*, posteriormente, dos micróbios e dos vírus, que tanto debilitavam a precária saúde dos baianos. Por outro lado, eram comidas gordurosas, fortemente condimentadas, em cujo preparo muitas vezes utilizavam-se partes pouco recomendáveis dos animais como as vísceras, a genitália e as patas. Mesmo que alguns intelectuais, a partir da década de 1930, louvassem as "comidas típicas" como forma de afirmação de uma identidade cultural baiana, elas não frequentavam, neste período, as mesas das classes média e alta. Era vergonhoso para uma pessoa de prestígio fazer uso de tais comidas em público, fazendo-se necessária, muitas vezes, a clandestinidade para aqueles que quisessem saboreá-las.[127]

Por fim, ao concluir esta passagem pode-se perfeitamente afirmar que o espaço urbano da cidade do Salvador dos primeiros anos do século XX se constituía a partir de universos dualmente diferenciados. Ou seja, o primeiro era repleto de formas de pensar, agir e sentir cujas representações materiais e simbólicas se enunciavam de forma hibridizada e oposta a tudo que era considerado civilizado pelas elites letradas, políticas e sociais da época. Por outro lado, o segundo universo da cidade dizia respeito ao lugar comum de um grupo autocentrado na ideia de civilização e, portanto, refratário ao que era considerado popular.

Desta forma, a dinâmica dos espaços da rua era diametral e oposta ao que acontecia nos salões da alta roda da época. O que acontecia na rua com todo o vigor era, certamente, o elemento primaz de todas as manifestações culturais populares. Afinal, ali se enunciavam as matrizes geradoras do ethos local na forma de sons, cores e odores e que de forma muito natural se colocavam em movimento adentrando espaços sofisticados, ainda que negados pelas elites da cidade. Ou seja, as elites, no desejo de construir um texto identitário ajustado aos princípios de suas idealizações, viram surgir, nos espaços da cidade, ressonâncias locais que se traduziam basicamente sob a forma de dois tipos de apartação: a primeira, de natureza racial, e a segunda, de natureza social.

Na primeira enunciavam-se os discursos atrelados à ideologia do branqueamento e, consequentemente, à negação da presença africana na formação do Brasil contemporâneo. Nesse sentido, pode-se dizer que era um discurso racista e exógeno, produzido por uma falsa

[127] **FERREIRA FILHO,** Op. Cit. 1999, p. 245

ciência que se replicava nos principais espaços acadêmicos e letrados da cidade. A segunda se manifestava como consequência direta das permanências sociais, patrimoniais, cartoriais e, consequentemente, funcionais no âmbito das novas relações de produção nos espaços da cidade, durante o que a historiografia contemporânea denota como o pós-abolição.

Para qualquer observador atento ao cotidiano daquela sociedade, os aspectos ligados à raça e ao status social eram vetores persistentes de diferenciação na Salvador do início do século XX. Na verdade, eram diacríticos constituidores de sentidos de uma convivência quase impossível entre os grupos dominantes e a grande parcela negra, pobre e de trabalhadores da cidade do Salvador do período seabrista. Lembremos que todas as transformações ocorridas nos principais espaços da cidade atendiam aos ímpetos civilizadores de um segmento social formado por eurodescendentes.

Fica nítido que as associações feitas entre o sujo e a cor da pele, entre o atraso e a pobreza sempre estavam presentes nos discursos dos grupos dominantes, que viam os espaços da cidade como territórios empesteados e carentes de ordenação tanto de natureza física como mental. E, para tal seria necessária à constituição de formas de controle[128], fortemente embasada nos conselhos médicos da época, que tinham como objetivo negar a existência de tudo que fosse percebido como antítese ao entendimento de belo, saudável e civilizado.

Desta forma, *a rua* se constituiria como um espaço em que as identidades se encontravam e se confrontavam. Ou seja, a rua produzia uma espacialidade formada por elementos culturais que se faziam presentes nos processos de intercambialidade dos indivíduos e grupos que se colocavam em movimento. Era naqueles espaços que ocorria a enunciação dos diacríticos formadores da identidade que, postos em trânsito, produziam as dissonâncias necessárias à constituição do ethos local, redefinindo o jeito de ser de uma gente que, queiram ou não, era fortemente marcada pela miscigenação da pele e de tudo aquilo que historicamente era percebido como maus hábitos e maus costumes.

[128] A partir de Tal perspectiva Foucault compreenderá a atuação e intervenção do poder de estado sobre os processos orgânicos para controle de populações. Nesse sentido, "[...] a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida, a longevidade, com todas as condições que podem fazê-los variar; tais processos são assumidos mediante toda uma série de intervenções e *controles reguladores: uma biopolítica da população*." **FOUCAULT,** Michel. *A história da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. p. 152

Portanto, fica muito claro que aquele mundo que se manifestava no espaço da rua não pode ser entendido apenas como um espaço marcado pela existência ou não de uma infraestrutura afeita aos ideais civilizadores das elites locais. A rua, que outrora era percebida como a senhora de todas as mazelas, era, na verdade, uma usina produtora de sentidos de convivência numa perspectiva para além de tudo que fora idealizado e implantado pelas elites dominantes, através das ações urbanísticas e sanitárias.

1.3 "Triste Bahia"! A materialidade que nos assusta!

Por razões ligadas à natureza reflexiva presente na abordagem do tema, este trabalho volta a chamar atenção para a situação urbana da capital baiana no que diz respeito aos aspectos materiais urbanos; suas consequências nos campos da higiene e da saúde pública, bem como as possíveis soluções apresentadas pelo projeto urbanista civilizador no que tange às noções de circulação e estética à época das intervenções seabristas nos espaços da cidade do Salvador.

Em 1908, o Dr. Otávio Torres da Silva, apresentou tese doutoral com o título "*A Cidade do Salvador perante a Higiene*". Neste trabalho, o jovem médico deu à capital baiana a alcunha de "*Fábrica de tuberculosos*", quando chamou atenção para os problemas sanitários e de higiene e sua relação com as péssimas condições de moradia da população pobre de Salvador, na primeira década do século XX.

A expressão por si só se justificava na medida em que o ilustre médico chamava atenção para a utilização de espaços extremamente reduzidos onde as moradias eram construídas "em profusão que mal poderiam caber de 40 a 50 habitações semi-higiênicas", que continham "uma centena ou mais, podendo substituir-se, sem receio, o nome de tais ruas para chiqueiros" SILVA (1908)[129]. O mesmo autor também observava a necessidade de um novo perfil de casas populares em que aspectos como iluminação e arejamento seriam de extrema importância no combate ao surgimento de doenças e surtos, geralmente, os de natureza transmissíveis como, a tuberculose[130] e outras.

---

[129] *AMMS:* Arquivo do Memorial de Medicina. **SILVA**, Otávio Torres da. *A cidade do Salvador perante a higiene*. 1908. Tese (Doutorado) - Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1908, p.18

[130] Sobre o rodízio da tuberculose na Bahia é importante ler o trabalho de **SILVA,** Maria Elisa Lemos Nunes da. *Do "Centro" Para o "Mundo": A Trajetória do Médico José da Silveira na Luta Contra a Tuberculose".* Trata-

A situação descrita só corrobora as teses dos homens de letras e ciências da época, quando afirmavam que os aspectos físicos da cidade eram causas do seu terrível desordenamento urbano e da falta de educação de sua população mais pobre. Aliado a tal quadro, as péssimas condições de moradia da população mais pobre, além de darem à cidade uma péssima impressão, confirmavam as noções de atraso, insalubridade e inospitalidade para aqueles que almejavam uma cidade moderna e, portanto, higienizada para seus habitantes e todos que por aqui chegassem.

Salvador era, aos olhos da intelectualidade da época, uma cidade que só causava constrangimentos[131]. A cidade era vista como arcaica, decadente, atrasada, triste, tediosa e inerte, além de, como dizia Teodoro Sampaio, no seu dia a dia, evidenciar a sua própria incapacidade para promover transformações nas suas estruturas materiais e mentais.

> A capital da Bahia não pode continuar, com um aspecto *decadente*, que nos *envergonha* perante o estrangeiro e nos *rebaixa* a nós mesmos, como demonstração da nossa própria *incapacidade* (...) a persistência desse *atrazo* e dessas *velharias* arraigadas, representam uma decadência sem remédio[132] [*Sic*]

Desta forma, a Salvador que os ilustres homens de letras queriam estava muito distante daquilo que se podia admitir como um nicho de civilização. Para muitos letrados, as razões para tamanho infortúnio aos seus munícipes estavam ligadas às tensões diárias causadas pelas consequências da pobreza, pela falta de educação, bem como, pela falta de lazer e cultura nos espaços públicos. Ou seja, a inexistência das áreas de convivência que as cidades europeias da época cativavam como verdadeiros oásis de contemplação, repouso e distensão do tecido social.

Na verdade, ao contrário dos centros civilizados do mundo europeu, a densidade populacional presente em uma cidade mal planejada como Salvador quando aliada à ausência de logradouros públicos, como praças e jardins, não só tensionavam as relações sociais no

---

se de sua tese de doutoramento defendida em 2009, pela Universidade Federal de Pernambuco. No capítulo I, "Cidade Tísica", a autora além de mostrar o cenário no qual o tema está inserido, faz uma análise sobre o papel das instituições filantrópicas que atuaram na luta contra a chamada "peste branca". A Liga Baiana contra a Tuberculose fundada em 1900 e o Dispensário Ramiro de Azevedo que foi fundado em 1923. Portanto, período anterior à atuação do médico José Silveira. É importante chamar atenção para fato de que no seu trabalho ela chama atenção para o papel que o Médico teve na organização e delimitação do campo dos estudos tisiológicos na Bahia ao criar a cátedra de Tisiologia na Faculdade de Medicina da Bahia.

[131] "*É uma tristeza, é uma vergonha nossa, quando lemos, quando vemos, quando ouvimos o que se vê lá pelo Sul, por S. Paulo, por Minas Gerais, pelo Rio de Janeiro, pelo Paraná, por Santa Catharina, pelo Rio Grande do Sul*." *BCEB:* Setor de Periódicos. Diário de Notícias, 15 de março de 1912, p1.

[132] *IGHBA:* Secção, Teodoro Sampaio manuscrito, pasta nº 10, março 03, 1905 in Albuquerque, Op. cit., 1999, p. 27-28

espaço urbano, como também deixava a cidade muito feia, triste e tediosa. Para confirmar esta condição nos reportamos ao trecho de um jornal da época quando a cidade é descrita como uma

> [...]capital onde existem todos os inconvenientes da vida em sociedade, sem nenhuma das vantagens; vida cara, desde os alugueis das habitações, até as exigências de vestuário; população densa; casas aglomeradas, mal arejadas e... pelo outro lado, quanto a vantagens, nada, desoladoramente nada.
>
> Cerca de 300.000 pessoas quase morrendo de tédio, sem diversões nem logradouros públicos, e, ainda sombrear-lhes o espírito atribulado, a preocupação dos males epidêmicos que vão ceifando, assustadoramente, a vida, tal como a febre amarela, o mal levantino, a varíola, a desynteria e, com uma fúria innominavel, a tuberculose que leva para o seu activo dois terço do nosso obituário. [*Sic*] [133]

Até o final da primeira década do século XX, Salvador era, certamente, uma cidade que nada ou muito pouco oferecia em termos civilizacionais aos seus habitantes. Ou melhor, àquela época, a Cidade da Bahia, aquela que outrora foi a primeira capital do Brasil, só tinha a disponibilizar aos seus habitantes o sacro consolo das suas "trezentas e sessenta e cinco igrejas[134]" ou o descanso eterno dos cemitérios para aqueles que foram ou seriam tocados pelo infortúnio das constantes epidemias que, vez por outra, assolavam o sítio urbano.

A verdade é que a velha senhora, em nada se manifestava como o nicho da civilização tão sonhada por aqueles que buscavam um olhar depurado para a convivência urbana a partir das representações de cidade ideal. Uma cidade, portanto, idealizada por suas elites e representada no universo acadêmico dos homens de letras e demandada pelos estrangeiros que por aqui moravam ou estavam de passagem.

Apesar da implantação da ordem republicana de todo o seu arsenal de ideias de modernidade e civilização na Salvador do início do século XX, não havia evidências de mudanças de hábitos por parte da população local. Na verdade, também, por essas terras, o enraizamento de hábitos caracterizados pela pouca higiene fazia com que as autoridades médicas, em alguns momentos, se colocassem entre a oportuna leniência do jogo político.

---

[133] *BCEB:* Setor de Periódicos *Diário de Notícias*, 25/06/1912, p.1 (Editorial). *In* **LEITE,** Op. cit., 1996, p.32

[134] Referência à licença poética presente no samba "*trezentas e sessenta e cinco igrejas"* de Dorival Caymmi. In **CAYMMI,** Stella. O mar e o tempo. Coleção Todos os Cantos. São Paulo. Editora34. 2001, p. 49-50

Para Castro Santos (1998)[135], a população era a parte instrumental de uma determinada estrutura de poder formada por oligarcas de toda sorte que, como de praxe, tomavam atitudes marcadas pelo autoritarismo oriundo da moral médico-sanitária[136] da época. Principalmente, quando a situação saltava aos olhos de certos indivíduos ligados às elites[137] que, por puro "modismo civilizatório", desejavam flanar pelos espaços da cidade, entretanto, tendo que diariamente bater-se de frente com as tais chagas do atraso local.

Todo o quadro descrito até aqui só corroborava o pensamento de grande parte das elites letradas e sociais quando ligavam os problemas de saúde à maneira como as pessoas se relacionavam com o espaço urbano. Ou melhor, para as elites tudo tinha origem na falta de civilidade daquela gente de modos grotescos e anticivilizados. Esta, aliás, era uma percepção muito comumente expressa por figuras notórias na Salvador da primeira década do século XX.

Uma dessas figuras notórias, o engenheiro Teodoro Sampaio (1912) afirmava que "não é só a remodelação do meio físico que nos deve prender a attenção"[138] [*Sic*] sobre o espaço físico para que a cidade se mostrasse moderna e civilizada. Para o distinto engenheiro a cidade carecia de mudanças de hábitos e costumes. Em outras palavras, para ele havia a necessidade de ações que conduzissem a cidade do Salvador a uma lógica fundada em princípios de higiene, circulação e estética.[139]

Na verdade, a fala de Sampaio só confirma a ideia de que a tomada de posição para as mudanças na cidade deveria ocorrer de forma radical. Sua percepção apontava para aspectos de uma fala comumente presente no âmbito da intelectualidade local e que, de forma radical,

---

[135] **CASTRO SANTOS,** Luiz A. Castro. *As Origens da Reforma Sanitária e da Modernização Conservadora na Bahia durante a Primeira República.* Dados, Rio de Janeiro, V.41, nº3, p,2, 1998. Acesso *in* www.scielo.br, *on* 10 July 2017.

[136] Como exemplo de ações marcadas pelo *autoritarismo sanitário* podem ser citados os eventos ligados a Revolta Vacina no Rio de Janeiro em 1906 e na Bahia a Cemiterada de 1895.

[137] **LEITE,** Op. Cit. 1996, p.17

[138] *IGHBA*, secção Teodoro Sampaio, manuscrito, pasta nº 09, doc. 04, 1912. *Grifos meus*

[139] O problema da circulação na cidade seria resolvido através da organização de um "novo espaço urbano que tinha como finalidade proporcionar a melhor circulação de pessoas e mercadorias, com o controle urbanístico desembocando na reestruturação do porto, na abertura de avenidas e alargamento de ruas. Em outras palavras as cidades "deveria aparecer como uma cidade cartão-postal da Belle Époque." (...) "A questão da estética associava-se à imagem que se pretendia formar para as cidades – aparentar um aspecto de cidade civilizada, higiênica e moderna. Isso significava maior possibilidade de manter contatos financeiros com o capital internacional, onde o que se estava em jogo era o imaginário de uma cidade que se pretendia "vender". Neste contexto apareciam ainda duas questões de fundo: em primeiro lugar as condições das habitações, sobretudo a das classes mais pobres; e em segundo a questão da educação". *In* **SANTOS,** Elisângela Silva dos. *Novas Configurações da Salvador moderna: intervenções urbanas, sociabilidade e vida cotidiana.* Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais. Salvador, 2010, p. 22

seriam difundidos à medida que o poder local delineava rumos para uma nova configuração infra e supra estrutural da "Salvador civilizada", a partir do final da primeira década do século XX.

Entretanto, para que a Salvador civilizada se transformasse em algo possível é importante retomar a ideia de higiene através de um conjunto de ações institucionalizadas, permeadas por um aparelhamento oficial. Na verdade, o Estado, através dos seus agentes, foi o instrumento político e administrativo que atuou sobre a gestão das coisas tecendo engendramentos políticos, administrativos e ideológicos no âmbito das relações entre o público, o privado e certos segmentos da sociedade civil da época.

Nesse sentido, num primeiro plano apresentou-se, a partir de 1912, o Governo Seabra, e sua *entourage* de agentes públicos através da execução de um conjunto de ações infraestruturais e médico-sanitárias em certos espaços da cidade do Salvador. De outro lado, num plano secundário, mas extremamente significativo, estavam os imbricamentos de natureza sociopolítica e ideológica ressignificados[140] e, portanto, reproduzidos pelos agentes privados que atuavam na constituição da lógica higiênico-sanitária a ser aplicada na cidade da Bahia do período. Na verdade, estes se colocavam como receptores, detentores, reprodutores e difusores[141] de um conjunto de representações[142] ligadas a um determinado ideal civilizatório.

Para concluir, é importante relembrar a fala do já citado engenheiro Teodoro Sampaio, ao dizer que o projeto modernizador da Salvador seabrista não devia estar restrito às questões arquitetônicas. O projeto, por si só era muito mais abrangente, visto que civilidade passava pelos ideais de modernização, moralização dos costumes, higienização e, principalmente, intervenções de controle social, além da necessária ordenação dos espaços públicos. Até porque, como aponta Leite (1996)[143] "as reformas urbanas modernizadoras deveriam cumprir

---

[140] O discurso higienista local tinha origens nos elementos cognitivos que circulavam pelo planeta desde o a segunda metade do século XIX. Por isso é importante chamar atenção para a forma e contexto em que tal conhecimento aporta no Brasil

[141] Aqui são citados os jornais, revistas e periódicos que faziam constantes referências a situação da cidade no período em estudo.

[142] Sobre a questão das representações Chartier (1990) nos diz que as *representações remetem os indivíduos às formas idealizadas de mundo*. Deste modo, sobre a ideia de representações que aqui se manifesta é importante entender que estas se constituíam a partir de processos ligados à percepção de um grupo social sobre o outro, bem como sobre o mundo. Na verdade, o que aqui se percebia era idealização de uma realidade sociocultural oriunda dos estranhamentos produzidos no âmbito da *outridade*. Ou seja, os choques ou embates de visão sobre aquele mundo das ruas de Salvador eram gerados a partir daquilo que era considerado *transgressões*. Portanto, a ideia de civilização era o elemento gerador de rupturas entre o que realmente existia nas ruas de Salvador e aquilo que era desejado pelas elites locais. **CHARTIER**, Roger. *A história cultural entre práticas e representações.* Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1990, p.12-28

[143] **LEITE.** Op. Cit. 1996, p.15

um objetivo pedagógico sobre os habitantes da cidade, de modo que a exposição pública por meio dos melhoramentos materiais fosse internalizada pelas pessoas".

Diante disso, é possível afirmar que a pedagogia do discurso civilizador se fazia presente no universo mental dos intelectuais da época se manifestando nos jornais e outras formas de comunicação, quando dirigidas a um público especializado como aquele que frequentava as seções do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Eram falas que pediam e propunham mudança de atitude por parte do Estado em relação ao que existia de "*feio*" nos espaços da cidade e, assim, sob a bandeira do moderno, pôr fim à atmosfera de "*tristeza*" e "*atraso*" e incivilidades.

Sobre tais aspectos Teodoro Sampaio (1912) completava:

> Não menos merecedor dos nossos cuidados e de nossos esforços é o meio moral, para o qual devemos contribuir, a começar pela educação do povo. Afinal de que serve uma cidade-jardim cheia de bellezas e monumentos si o povo que a habita é um povo incapaz de sentir-lhes os benéficos efeitos?[144] [*Sic*]

Tal empreitada, por outro lado, demandava da sociedade, ou de parte dela a experiência de um processo pedagógico, tendo na ciência da época os suportes necessários à construção de uma ideologia voltada para a boa sanidade. Nesse sentido, percebe-se que era um processo de reeducação que passava pela aplicação de programas de saneamento, higienização e urbanização voltados para questões importantes, como circulação e estética.

Se para a administração Seabra tudo passava por uma lógica de poder devido à importância política e econômica da capital, para as elites científicas e letradas da época, o atendimento por parte do governo de suas demandas propiciou a possibilidade de alcance da tão desejada modernidade, tendo nos discursos médicos e na *práxis* da medicina urbana a justificativa para as mudanças pelas quais a triste Cidade da Bahia iria passar.

É nesse processo formado por imbricamentos entre poder e ciência que a saúde pública aparecia como legitimação plausível para as intervenções no espaço urbano da triste Cidade da Bahia; onde a higiene e as ordenações sanitárias obtiveram a centralidade necessária ao propor,

[144] *IGHBA:* **SAMPAIO,** Op. Cit. pasta nº 09, doc. 04, 1912

ainda que, de forma incipiente, soluções para os problemas de saúde da cidade no primeiro governo Seabra.

O novo contexto que se esboçava na Salvador do início do século XX é consequência de um processo histórico marcado por mudanças, seja na arquitetura da cidade, seja na vida cotidiana daqueles que aqui habitaram. A transição da Salvador escravista rumo à "modernidade" ocorreu atrelada a um conjunto de demandas e ações, uma vez que, o Estado conseguiu agir de forma a combinar todo um aparelho de poder no sentido de garantir a eficácia das ações de intervenção em certos espaços da cidade.

Por fim, pode-se dizer que o Estado, ao instituir o aparelho administrativo, policial e médico-higienista para compor os novos diacríticos da modernidade no espaço físico da cidade, permitiu a transformação material e humana de uma cidade que nem sempre fora desejada pelos seus ilustres representantes. Entretanto, ao "vestir", ou melhor, ao remodelar a velha senhora, a política intervencionista e demolidora criativa de Seabra, embora pouco competente no âmbito da saúde, como veremos no próximo capitulo deste trabalho, pelo menos, garantia a satisfação daqueles que, de forma constrangida, pouco tempo antes das intervenções seabristas, viam a sua capital como atrasada, triste e tediosa.

1.4 – A saúde e os sentidos da convivência na cidade da "República baiense"

Se as intenções e ações demolidoras sobre os velhos prédios e igrejas, ao lado da utilização da iluminação elétrica, a construção de avenidas, e a construção de praças e boulevards no centro da cidade iam, pouco a pouco, permitindo uma feição mais moderna à velha Salvador, no que diz respeito à questão médico-sanitária, as ações tinham suas expectativas frustradas no nascedouro do que deveria ser a origem das soluções para os problemas médicos e sanitários da capital.

Na verdade, as discussões sobre os problemas de saúde em Salvador estavam tomadas por uma disputa caracterizada por um antagonismo de natureza conceitual e de abordagem das doenças, razão esta que, consequentemente, atuaria como entrave para a erradicação dos males existentes na cidade. Nesse sentido, o que pode ser observado é que as discussões e ações de saúde na capital baiana foram colocadas em curso em um momento marcado por um alto grau

de embates entre um núcleo médico conservador[145], uma verdadeira oligarquia médica no espaço da Faculdade de Medicina da Bahia e, um grupo conhecido como médicos tropicalistas.

Era um "punhado de profissionais médicos" atentos às mudanças ocorridas no âmbito de uma medicina menos especulativa. Seus seguidores buscavam o entendimento cognitivo sobre as doenças através da observação, da investigação e da experimentação. Portanto, todos aproveitando-se das informações colhidas no campo da microbiologia[146] aplicada ao tratamento das doenças tropicais.

Ao chamar atenção para o papel histórico que a medicina baiana teve no desenvolvimento da formação médica nacional, Castro Santos (1998) coloca-se de maneira muito oportuna, ao dizer que o campo médico local no início do século XX, era um território antagonizado por influência das correntes que faziam o jogo político estadual junto às estruturas administrativas do poder, em especial, no âmbito da saúde, fato este que, de certa forma, explica o descaso manifesto em abordagens tão dispares dos problemas sanitários, tanto nos espaços da capital como nas cidades do interior, quando diretamente ligadas à uma grande oligarquia.

---

[145] **CASTRO SANTOS,** Op. Cit. 1998, p.2,

[146] A Microbiologia teve um grande avanço no período de 1857 a 1914, particularmente na Europa. Louis Pasteur estabeleceu a relação entre o processo de fermentação do vinho com microrganismos (no caso, as leveduras, organismos unicelulares pertencentes ao Reino dos Fungos) e, na busca de uma solução para um problema dos viticultores de uma região da França – a acidificação dos vinhos armazenados – relacionou essa deterioração com a contaminação por bactérias. Pasteur descobriu que, aquecendo o vinho a uma temperatura de 56ºC, os organismos que alteravam o gosto do vinho eram eliminados. Esse processo ficou conhecido como pasteurização, ainda hoje largamente utilizado na indústria de alimentos, principalmente como processo de conservação do leite.
Os estudos de Robert Koch, um médico alemão, forneceram a primeira prova de que as bactérias eram a causa de determinadas doenças. Em 1876, ao pesquisar o carbúnculo, doença que acometia rebanhos de gado e ovelhas na Europa, Koch constatou a presença de microrganismos em forma de bastonetes no sangue dos animais infectados. Comprovou que o sangue dos animais doentes, injetado em ovelhas sadias, causava doença igual. Conseguiu também cultivar tais bactérias fora do corpo do animal, em soluções nutritivas. As novas abordagens sobre as enfermidades permitiram o distanciamento das visões mágicas e religiosas e se tornou objeto de pesquisa científica. No período, conhecido como Belle Époque, a crença na razão e no progresso contínuo foram instrumentos ideológicos usados para reforçar a hegemonia capitalista ocidental. Uma epidemia pode colocar em risco está racionalidade. A pesquisa sobre a criação de vacinas para doenças epidêmicas caminha "par e passo" com o desenvolvimento do mundo capitalista. O período de 1870 a 1914, segundo Gordon, em Medicina, como em outros aspectos, caracteriza-se por inúmeras descobertas. No Brasil, são muito relevantes para a História da Ciência Brasileira os trabalhos desenvolvidos pelo médico sanitarista Oswaldo Gonçalves Cruz. Foi pioneiro no estudo das moléstias tropicais e da medicina experimental no Brasil. Aos 19 anos ingressou no Instituto Pasteur em Paris. Após três anos de estudos e trabalho volta ao Brasil onde foi encarregado de combater o surto de peste bubônica que assolava o porto de Santos. Foi Diretor Técnico e depois Diretor geral do Instituto que recebeu o nome de Instituto Oswaldo Cruz. Debelou a peste bubônica, a varíola e a febre amarela que assolavam o país. *In...*http://www.icb.usp.br/bmm/ext/index.php?option=com_content&view=article&catid=12%3Ageral&id=70%3Aintroducao-a-microbiologia&lang=en Acesso em 20/09/2017.

Por outro lado, Castro Santos (1998)[147] ressalta que em oposição ao conservadorismo médico, o surgimento da Escola Tropicalista[148], formada por um grupo de médicos errantes [149], no entanto todos atentos às novas abordagens ligadas à etiologia das doenças[150] chamava atenção para as possibilidades de novas práticas de tratamento e cura oriundas dos avanços na pesquisa médica[151]. Seus objetivos passavam pela erradicação dos males que assolavam os espaços socialmente mais pobres da sociedade, e, consequentemente, firmar o ensino e prática de uma medicina social no espaço acadêmico da Faculdade de Medicina da Bahia, apesar de exercerem a profissão de médico, não de professor.

O fato é que, desde o surgimento dos "tropicalistas", a partir da segunda metade do século XIX, o campo médico local, que se mostrava corrompido pelos ditames de uma tradição fundada na inércia gerada por um entendimento médico meramente retórico e especulativo[152], foi naturalmente colocado em xeque, uma vez que ao contrário dos professores da Faculdade de Medicina da Bahia, aqueles "estrangeiros intrometidos"[153] apresentavam-se de forma a

[147] **CASTRO SANTOS**, Op. Cit.1998, p.28

[148] Sobre a escola Tropicalista, Castro Santos nos diz que "A "escola" foi o primeiro grupo médico formado no Brasil (por volta de 1850) para estudar doenças tropicais. Os médicos baianos alcançaram maior reconhecimento por volta de1866-1872, com a publicação da *Gazeta Médica da Bahia*. Os três membros mais importantes do grupo eram Otto Wucherer (1820-1873), John Patterson (1829-1882) e J. F. da Silva Lima (1826-1910). Wucherer e Silva Lima nasceram em Portugal, Patterson na Escócia. Silva Lima estudou o beribéri, cuja sintomatologia descreveu cuidadosa e precisamente (embora falhasse na compreensão da causa da doença). Foi também um dos primeiros a estudar o ainhum, uma infecção que afetava os dedos dos pés e tinha uma alta incidência nos escravos. Wucherer foi responsável pela identificação de um tipo de filariose que se tornou conhecida como Filaria Wucherer, e por argumentar, contra a opinião consagrada de professores das Escolas de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro, que era um parasita chamado *Ancystoloma duodenale* o causador da doença do amarelão. (A tradição médica sustentava que a doença era uma conseqüência do clima tropical.) Patterson diagnosticou o primeiro ataque grave de febre amarela em Salvador, em 1849. Neste episódio, os tropicalistas tiveram delutar contra o ceticismo do corpo docente da Faculdade de Medicina da Bahia, bem como dos funcionários da saúdee dos líderes políticos, que insistiam que a doença invasora era a malária, e não a febre amarela (**COOPER**, 1975, 676). Algum tempo depois Patterson diagnosticou corretamente uma epidemia de cólera na cidade." *In* **CASTRO SANTOS,** Op. cit., 1998, p.3

[149]A utilização do termo "errante" se justifica pelo fato de que os principais representantes do tropicalismo médico baiano eram médicos estrangeiros.

[150]*A Etiologia* diz respeito ao estudo que se destina a pesquisar a origem e a causa de um determinado fenômeno. Esta metodologia não se aplica apenas ao campo biomédico, podendo fazer-se presente em diversas áreas do conhecimento, como biologia, psicologia antropologia, criminologia, etc.

[151] O conceito de medicina social nos remete às discussões de Foucault sobre as formas de controle sobre as coisas (água, ar, etc.) e suas consequências sobre o meio humano.

[152] **BARRETO JR,** Op. Cit. 2004, p. 26-35

[153] "*Errantes intrometidos" ou "estrangeiros intrometidos"* assim eram pejorativamente denominados os "médicos tropicalistas" pelo corpo médico conservador baiano ligado à Faculdade de Medicina da Bahia. **COOPER,** Donald B., "Brazil's Long Fight against Epidemic Disease, 1849-1917". Bulletin of the New York Academy of Medicine, nº 51, maio/1975, p. 676 Apud Santos, 1998, p. 2

elucidar as causas da doença, tendo como perspectiva a intervenção na sociedade, seguindo os princípios da medicina urbana[154].

De certa forma, os médicos tropicalistas apontavam para os fenômenos oriundos da convivência social em um espaço urbano cada vez mais abarrotado de pessoas morando e vivendo em péssimas condições sanitárias de vida, uma situação que tinha por necessidade um olhar médico mais atento ao tripé higiene-espaço-saúde. Ou seja, a proposta dos tropicalistas tinha como veio central a aplicação dos princípios da medicina social a ser aplicada nos espaços urbanos da Cidade do Salvador.

Desta forma, se entende que o legado deixado pelos "*intrometidos*": Otto Wucherrer (1820-1873)[155] John Patterson (1829-1882)[156], e Francisco da Silva Lima (1826-1910)[157], todos estrangeiros, se não foi suficientemente consistente para desmontar as estruturas montadas por uma oligarquia médica no âmbito da saúde local, pelo menos, abriu caminho para as novas formas de abordagem da pesquisa médica nacional, principalmente aquelas que ocorreram a partir de Manguinhos,[158] no Estado do Rio de Janeiro, e que culminaria com as campanhas de vacinação contra a Febre Amarela de 1904, a luta contra a doença de Chagas e a partir de 1912, as missões sanitárias de Arthur Neiva e de Belisário Penna pelos Sertões da Bahia.

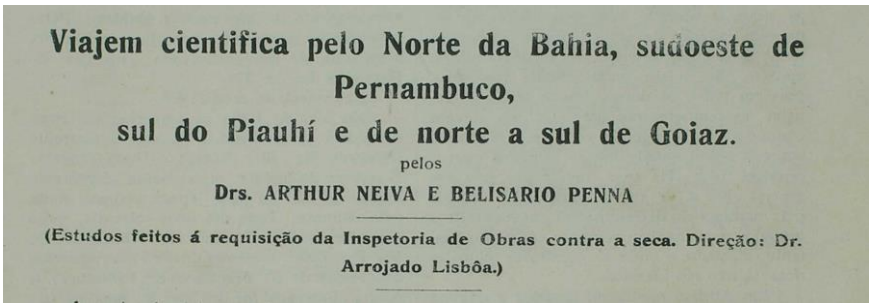

Viajem cientifica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco,
sul do Piauhí e de norte a sul de Goiaz.
pelos
Drs. ARTHUR NEIVA E BELISARIO PENNA
(Estudos feitos á requisição da Inspetoria de Obras contra a seca. Direção: Dr. Arrojado Lisbôa.)

Fig. 4 – Capa de abertura do relatório Neiva-Penna[159]

[154] Tal prática médica consistia basicamente na intervenção do estado só a cidade com o objetivo de garantir a cidade uma certa condição de salubridade. Para Foucault alguns princípios deveriam nortear tal prática;
[155] Ver nota 118
[156] Idem
[157] Idem
[158] Bairro da zona norte da cidade do Rio de Janeiro onde fica localizada a Fundação Oswaldo Cruz. Dali, na virada dos séculos XIX e XX, saíram várias pesquisas voltadas para o combate das doenças tropicais até então conhecidas. Vale ressaltar o pioneirismo do médico sanitarista Oswaldo Cruz na luta contra as constantes epidemias que assolavam o país. Principalmente, o combate à Febre Amarela e outras tantas chagas que se faziam presente no Brasil da época. Ele é também considerado como um dos pioneiros cientistas brasileiros no campo da medicina experimental.
[159] Capa de abertura do relatório Neiva-Penna: O documento também explicita a natureza política e institucional das missões sanitárias realizadas sob a direção dos médicos Arthur Neiva e Belisário Penna em 1912 nos Sertões do Brasil.

Ainda que a situação descrita em boa parte deste capítulo nos remeta a um quadro de inquietação sobre o estágio de desenvolvimento da medicina baiana é importante salientar que, embora a saúde e seus eventos tenham sido utilizados como um clássico dispositivo de poder nas mãos dos potentados da terra. Do ponto de vista qualitativo, existiu um grande avanço no que concerne às formas de abordagens sobre as doenças e epidemias que afetavam o Estado e sua capital graças as intervenções propostas pelos médicos tropicalistas.

Se de um lado a Faculdade de Medicina da Bahia sofresse com dificuldades ligadas à recursos financeiros; centralização administrativa causada pelos jogos de poder das oligarquias[160]; disputas entre as correntes filosóficas e de abordagens; precariedade das instalações e equipamentos; carência de funcionários; pagamento de baixos salários e o despreparo de alguns professores e alunos. Existia por parte de um grupo de devotados pela ciência o empenho necessário ao desenvolvimento de uma ciência experimental que se tornou a base da virada qualitativa que a instituição deu a partir do período seabrista, principalmente quando o Estado e sua capital passaram a sofrer com as consequências dos surtos de epidêmicos.

Um outro aspectos a ser colocado, concerne a natureza do ensino superior no Brasil, notadamente aquele oferecido nas áreas de medicina e direito, uma vez que estes eram cursos oferecidos por instituições de ensino, cuja clientela era formada, na sua maioria, por filhos de representantes das elites políticas e econômicas de seus respectivos Estados.*[161]* Eram os pupilos pertencentes a uma tradição elitista e conservadora, nem sempre bons alunos[162], que

---

[160] Não muito distante das formas atuais entendimento sobre as oligarquias Vianna (1938) apontou para o fato de que são grupos formados por indivíduos que possuem uma percepção patrimonialista voltada para guarda de seus direitos "*são, por isso, autônomos. São, por isso, livres. Sob a ação permanente dessa confiança interior, o caracter se abdura, se consolida, se crystalisa e adquire a infragibilidade do granito ou do ferro*" [*Sic*] e por força da sua autossuficiência causou uma série de entraves ao desenvolvimento do país. *Grifos meus*. *BCEB:* **VIANNA,** Oliveira. *Populações Meridionais do Brasil.* 4ª Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938, p. 201).

[161]Sobre as origens e atuação dos futuros médicos baianos, Costa (1997) diz: "Iniciada no Império, a tradição política dos médicos e bacharéis não se esgotou com a crise desse, antes assumiu contornos diferenciados, incorporando novas tarefas na ordem republicana: esclarecer, normatizar, sanear. Junto a outra opção das elites (ser engenheiro), mais e mais crescia a desproporção entre o número dos que se formavam e dos que exerciam efetivamente tais profissões. 'Houve quem pintasse este painel com cores muito plurais: e assim citando Verger, Costa complementa a sua ideia: *"O Brasil, país de mestiços, bem que, governado ainda em meados do século XIX, por um resto da antiga elite branca, se transforma sob o afluxo de bacharéis e doutores de raças misturadas, formados a cada ano pelas academias da Bahia, Olinda, São Paulo e Rio de Janeiro" Grifos meus* in **COSTA,** Iraneidson Santos. *A Bahia já deu Régua e Compasso: o saber médico-legal e a questão racial na Bahia, 1890-1940.* Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em História (UFBA), sob a orientação do Professor Dr. Ubiratan Castro de Araújo. 1997, p.16

[162] Também sobre os pupilos da FAMEB, Barreto Jr. (2004) diz que "Os alunos, futuros médicos, filhos da elite açucareira e comerciantes, eram na sua maioria provenientes das regiões norte e nordeste. O quadro a seguir, extraído do livro "A faculdade de medicina da Bahia na Visão de seus memorialistas, 1854-1924, mostra a composição a composição por origem do alunado da faculdade de Medicina no ano de 1894, onde se pode perceber esta realidade, sem dúvida causada pela escassez de centros de ensino superior no Brasil e na sua região em particular. A presença de estudantes cariocas pode ser justificada pelo rigor na aprovação dos exames, o que atraia

ingressavam naquelas instituições e que seis anos mais tarde saíam médicos, geralmente, com o objetivo de terem proeminência social e política em suas regiões.

Nesse sentido, o diploma de medicina era, para alguns, um instituto simbólico legitimador, e, portanto, bastante representativo para os grupos de poder que teciam o jogo político nos seus respectivos Estados e regiões. Ainda que muitos tivessem entrado e saído despreparados[163] dos quadros médicos da velha escola, a acentuada presença de filhos e, de outros indivíduos ligados às velhas oligarquias formadas por grandes latifundiários e ricos comerciantes da capital, em especial no espaço acadêmico da Faculdade de Medicina da Bahia, evidenciava a certeza do continuísmo mental das elites políticas. Ou melhor, naquele espaço tudo concorria para a existência de uma persistência mental num setor extremamente importante para a sociedade baiana.

Levantamento Nominal dos Formandos do Ano de 1900 da Faculdade de Medicina da Bahia[164]

01	Adriano Augusto de Araújo Filho	26	João Ferreira de Araújo Pinho Jr.
02	Agnello Leite	27	João Marques de Sant'Anna
03	Álvaro da Motta e Silva	28	João Silverio da Costa Oliveira
04	Américo Vespucio Carneiro Leão	29	João Theophilo Varella
05	Antônio da Gama Rodrigues	30	Joaquim Augusto Tanajura
06	Antônio Gonçalves Moreira	31	Joaquim José Xavier
07	Antônio Pereira da Silva Moacyr	32	Joaquim Moreira Sampaio
08	Antonio Ribeiro do Couto	33	Joaquim Vanancio de Castro
09	Aprigio José de Oliveira	34	José de Aguiar Costa Pinto
10	Aristarcho Dantas	35	José de Souza Pondé
11	Armando de Calazans	36	Josephino Moreira de Castro
12	Arthur Novis	37	Luiz Pedro Pereira de Souza
13	Athenodoro Martins da Costa	38	Manoel Antônio de Andrade
14	Augusto Ribeiro da Silva	39	Manoel Dias Pereira Filho
15	Carlos Affonso Ribeiro da Rocha	40	Maximiliano Gomes Machado
16	Carlos Antônio Pitombo	41	Nicanor José Ferreira
17	Carlos Maria de Novaes	42	Octaviano de Abreu Goulart
18	Eduardo Borges Mamede	43	Odilon Ferreira Machado
19	Ernesto Carneiro Ribeiro Filho	44	Olympio Américo Salles Freitas
20	Ernesto Pereira Teixeira	45	Pedro de Campos Nogueira
21	Eustáquio Daniel de Carvalho	46	Sebastião Ivo Soares
22	Flaviano Innocêncio da Silva	47	Theophilo de Holanda Cavalcanti
23	Francisco Cavalcanti Mangabeira	48	Ursino Antônio Mirelles
24	Frederico de Castro Rebello Koch	49	Virgílio Ramos
25	João Caetano Lessa		

os alunos reprovados na Faculdade de Medicina Fluminense a prestar exames aqui na faculdade de medicina da Bahia, por serem mais fáceis." , **BARRETO JR,** Op. Cit. 2004, p.36 - Sobre as questões suscitadas nas duas últimas notas é bastante relevante ler **RIBEIRO,** Op. Cit. 2014. P.78

[163] *AMMS:* Arquivo do Memorial de Medicina. Em 1907 o Médico e Prof. Dr. º Pacheco Mendes chamava atenção para a decadência do curso de medicina da FAMEB. Para o nobre prof. "*os alunos são despreparados*" e ainda apontava a causa de tal situação no sistema de ensino secundário. "*Culpa da administração de ensino secundário*" **RIBEIRO,** OP. Cit. 2014, p.79

[164] Idem, 1997, p.82. A utilização de dados presentes na tabela acima passa pela a ideia de que os médicos que adentraram o espaço FAMEB o início do século XX seriam aqueles que após a conclusão do curso ocupariam cargos na política de seus estados, em especial na Bahia, e dessa forma passariam a exercer algum tipo de influência nas ações governamentais de saúde nas suas regiões de origens. Ver Quadro em: http://www.bgm.fameb.ufba.br/sites/bgm.fameb.ufba.br/files/formandos_fmb.pdf-Acesso em 08/05/2018.

Desta forma, é possível deduzir que aqueles jovens acadêmicos, na futura condição de médicos, portadores e difusores de uma forma de pensar a capital e ou sua região de origem. Portanto, ao contrário de atuar frente às necessidades do cotidiano das populações pobres da capital ou do interior baiano, o jovem médico tornava-se um agente cujas ações nos seus currais políticos eram colocadas a serviço das demandas dos seus respectivos grupos políticos. Na verdade, muitos médicos tornavam-se os próprios chefes políticos locais.

Retomando o artigo de Castro Santos (1998)[165] "As Origens da Reforma Sanitária e da Modernização Conservadora na Bahia durante a Primeira República", o autor faz uma abordagem sobre a natureza política da estrutura de poder do Estado ao afirmar que, embora a Bahia fosse detentora de um campo econômico extremamente diversificado, do ponto de vista político, a Bahia, mesmo à época de J. J. Seabra, ainda evidenciava entraves que conferiam uma condição bastante peculiar ao seu processo de organização sociopolítica. Ou seja, a diversificação econômica gerou uma estrutura de poder marcada pelo localismo e fragmentação política.

O advento da Proclamação da República, em 1889, ao contrário do que deveria acontecer, fez surgir uma estrutura de Estado caracterizada pela total inexistência de políticas voltadas para o atendimento das demandas existentes no campo da medicina urbana e, ou social. Na verdade, tal situação evidenciava a coerência de um sistema sociopolítico, que desde o seu processo de formação, nunca propiciou a aproximação cidadã entre o Estado e o "povo". Nesse sentido, para um melhor entendimento sobre os processos que embasavam a inexistência da ação institucional de Estado junto à grande população, pode-se dizer que a nova ordem política republicana brasileira inaugurou

> Um aparelho de estado mínimo, ou melhor, o Estado da primeira República era totalmente desaparelhado para as funções de garantir saúde a população. Foi exatamente pela existência de uma estrutura administrativa deficiente que a Primeira República assistiu o fortalecimento dos chefes locais e do aumento de importância da figura do coronel. [166]

[165] **CASTRO SANTOS,** Op. Cit. 1998
[166] **UZEDA,** Op. cit., 2006, p. 20

Para concluir, podemos afirmar que a fragmentação do poder político em escala estadual e o consequente fortalecimento dos coronéis baianos[167] foram os vetores que conduziram o Governo Seabra a um conjunto de debilidades no processo de institucionalização das políticas públicas, em particular, no âmbito da saúde em todo o Estado, num momento em que em unidades da federação como Rio e São Paulo ocorriam fortes transformações em áreas como saúde, educação e infraestrutura.

Portanto, ainda que na Cidade da Bahia, as questões de saúde pública e higiene fossem tão visíveis, a doença e os doentes, salvo em momento de erupção epidêmica ou de contumácia de um surto, tinha as suas ações de contenção feitas em caráter emergencial, como é o caso dos surtos de febre tifoide de 1897[168] e de peste bubônica de 1904[169].

Por outro lado, é relevante chamar a atenção para o papel que as ações de filantropia[170] exerceram na cidade, uma vez que o Estado, apesar de toda a sua sanha demolidora urbanística, ainda não dispensava o devido cuidado a problemas como o da tuberculose[171] que, embora não fosse considerada uma epidemia, se apresentava de forma bastante corriqueira nas áreas mais

---

[167] Para Victor Nunes Leal, o coronelismo foi uma política de compromissos firmada entre o poder público e o poder privado. Não obstante, tais alianças de compromissos e/ou cooptação causaram a ausência da administração pública em áreas fundamentais para a sociedade, como por exemplo, a saúde.

[168] A febre tifoide era uma velha conhecida da cidade desde 1897. O seu ciclo de ocorrências estava ligado às condições de salubridade das populações urbana e rurais. De acordo com números oficiais, seu surto atingiu o seu ápice em 1924 quando infectou cerca de 566 pessoas e causou a morte de um total de 196 pessoas. Uzeda, (2006, p.80) chama atenção para o contexto em que a febre tifoide chegou à Bahia uma vez que, o Governo Federal criou o departamento Nacional de Saúde Pública com o objetivo de centralizar as ações de saúde no território nacional. Por outro lado, também vale lembrar o papel que a Fundação Rockfeller em 1920 e a Sociedade Brasileira de Higiene em 1923 tiveram no Brasil, principalmente, pela pressão política exercida sobre o governo central. Um aspecto que certamente causou novas diretivas no âmbito da saúde a partir daquele momento.

[169] Uma vez que a peste bubônica teve ocorrência em Santos e no Rio de janeiro por volta de 1894, Uzeda (2006) diz que, diante da situação sanitária de Salvador, desde fins de 1899 já era aguardado um surto infeccioso na cidade. No entanto, foi em 1904 que, *"sem cerimônia, a peste apareceu na cidade, registrando um total de 207 casos. Destes, ocorreram 139 ou 141 mortes. Seguiram-se os anos e a peste não deixou de frequentar o obituário da cidade do Salvador, sendo o seu ciclo entre os anos de 1904 e 1914"* **UZEDA,** Op. cit., 2006, p.42

[170] *Maria Elisa Lemos Nunes da Silva no seu artigo "* Cidade Tísica: a tuberculose em salvador nas primeiras décadas do século XX" faz uma belíssima análise sobre a questão da tuberculose na Capital baiana e nos deixa o seguinte relato *"*A trajetória do combate à tuberculose na Bahia As primeiras ações voltadas para o combate à tuberculose na Bahia ficaram a cargo da Liga Baiana contra a Tuberculose, instituição filantrópica fundada em 1900, por iniciativa dos médicos Alfredo Brito, Ramiro de Azevedo, Matheus dos Santos, Gonçalo Muniz, entre outros, ligados à Faculdade de Medicina da Bahia. Entre as suas atribuições, estava registrado como essencial estudar a tuberculose em todas as formas e causas, bem como os meios para tratá-la. Além desses aspectos, a Liga deveria se voltar para a profilaxia e buscar, junto aos poderes públicos, medidas que contivessem a propagação da moléstia.

[171] Voltando ao trabalho da Professora Maria Elisa Lemos Nunes Da Silva *"*A trajetória do combate à tuberculose na Bahia apresenta semelhanças e diferenças com outros estados do Brasil. O Estado não adotou medidas eficazes que diminuíssem a incidência e a mortalidade dessa doença. Sua ação, na virada do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, se reduziu à promulgação de leis sanitárias e às subvenções à filantropia." *Cidade Tísica: a tuberculose em Salvador nas primeiras décadas do século XX.* p, 04.
http://vencontro.anpuhba.org/anaisvencontro/M/Maria_Elisa_Lemos_Nunes_da_Silva.pdf.Acessoem 20/08/2017

populares da cidade, por força das carências da população pobre durante quase toda a Primeira República.

Para concluir, como ponto de culminância do quadro de iniquidade em que vivia a cidade, é importante ressaltar o surto de gripe espanhola, de 1918[172] que, por força do seu alto grau de indistinta letalidade, foi colocada no centro das ações administrativas, com o objetivo de debelar uma chaga que, afinal de contas, poderia assolar a cidade sem qualquer tipo de distinção humana e social.

Desta forma, as questões de saúde eram entendidas pelo establishment médico[173]baiano da época a partir de uma lógica oriunda da medicina praticada à época do império[174], visto que, a doença e o doente não deveriam estar visibilizados no espaço social da cidade. Estes deveriam ser excluídos dos espaços da convivência social. Nesse sentido, a clausura e, consequentemente, o isolamento não significavam apenas a mera retirada do doente da cena urbana. Tais ações podem ser entendidas como práticas de segregação de um corpo doente.

Na verdade, a situação aqui descrita se insere na lógica de higienização do espaço e sua relação com a construção dos sentidos de uma convivência social sadia. Nesse sentido, isolamentos, dispensários, asilos e enfermarias eram pensados como espaços de tratamento que, na verdade, apresentavam-se como solução final para aqueles que estavam em situação de prostração infecciosa e agonia numa espécie de antessala da morte.

Por outro lado, é importante frisar que a ideia de hospital ou a ação de hospitalizar, como entendida na atualidade, não existia na perspectiva dos médicos formados no espaço da Faculdade de Medicina da Bahia e que gozavam de um certo prestígio junto á estrutura

---

[172] Em seu trabalho de doutoramento **SOUZA** (2007) chama atenção para aspectos ligados aos processos ligados ao surgimento da gripe espanhola na Bahia. Assim, ao incidir sobre o território baiano, a epidemia de "*gripe espanhola"* causou os transtornos típicos da erupção de um surto epidêmico – prostração, isolamento, mortes, vigilância domiciliária e portuária, paralisação da pouca atividade industrial e do setor terciário. O trabalho ainda aponta para a mobilização e tentativas de controle a partir de vários seguimentos da sociedade. O impacto do surto epidêmico colocou em evidência as debilidades infra e supra estruturais existentes na sociedade baiana na República Velha: a começar pelos velhos fenômenos presentes nas estruturas políticas; o patrimonialismo, o clientelismo e o nepotismo que corrompiam a máquina estatal; as correntes políticas que se apresentavam como verdadeiras facções de poder, bem como os conflitos decorrentes de tal situação; o emergencialismo crônico causado pela ausência de políticas públicas de saúde que abrangesse a totalidade do Estado de forma contínua e eficaz; Os imbricamentos entre as questões econômicas e a condição sanitária da capital do estado; a práxis institucional e a legislação que as presidia e por fim, a autora faz uma imersão sobre as precárias condições de vida e saúde do povo baiano. In **SOUZA,** Christiane Maria Cruz de. *A Gripe Espanhola na Bahia: saúde, política e medicina em tempos de epidemia*. Tese de doutoramento em História das Ciências, Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2007.

[173] **SANTOS,** Op. cit., 1998, p.2,

[174] **UZEDA,** Op. cit., 2006, p.15

administrativa do Estado constituído. Assim, o doente prostrado não era uma situação que estivesse nos protocolos de ações governamentais voltadas para o tratamento e cura. Geralmente, esta era uma atividade oferecida pelos hospitais da Santa Casa de Misericórdia ou qualquer outra instituição de caridade, aos pobres e desvalidos da cidade. Tal situação ocorria em função da ação filantrópica desenvolvida por aquelas entidades.

Tudo nos leva a crer que o Estado, mesmo na Salvador seabrista, através dos seus correligionários e agentes políticos quando no uso da estrutura administrativa, delegava aos médicos, muitas vezes políticos formados pela FMB, as possíveis ações que a cidade e o Estado demandavam no campo da saúde. O problema é que como anteriormente colocado, a formação recebida por aqueles profissionais não tinha o lastro cognitivo suficiente para fazer intervenções necessárias ao controle das doenças que, vez por outra, apareciam na Cidade do Salvador.

A presença de profissionais médicos pertencentes ou oriundos do corpus mais conservador da Faculdade de Medicina da Bahia foi um fator que nos leva a pensar com mais profundidade a sua relação com o jogo político tecido pelas frágeis alianças forjadas por Seabra, mas que, em nome do equilíbrio e sua permanência tanto no poder como estrutura administrativa. Ainda que aqueles médicos fossem colocados como "anjos tutelares da sociedade" ou "heróis preparados para uma missão civilizadora", a pouca preparação acadêmica, numa época marcada por grandes avanços no campo da microbiologia, e a forte presença do espectro político apresentaram-se como grandes entraves à aplicação de políticas públicas de saúde em salvador.

Portanto, a questão médica na Bahia da época era parte de um jogo tensionado pelas injunções da política de alianças forjada por Seabra. Nesse sentido, aquilo que deveria ser colocado como uma política de Estado voltada para a saúde enunciou-se como a práxis da lógica de diferenciação social e, consequentemente, de segregação do espaço urbano, que viria a atender aos anseios de um determinado grupo de poder, cuja ideia de modernidade era de natureza conservadora[175].

Nesse sentido, é bastante plausível a ideia de que o ocaso baiano no que tange às ações governamentais em saúde e outras áreas de vital importância para o povo tem relação direta com o caráter patrimonialista das elites locais e seus agentes no uso das estruturas administrativas. Tal situação fazia com que a solução de problemas que, persistentemente, se

[175] **CASTRO SANTOS,** Op. cit., 1998, p.2

manifestavam no cotidiano das populações pobres do estado e, em particular, da Cidade do Salvador fosse vista, como parte de um jogo político[176] que, como na atualidade, se apresentava como parte de uma barganha presente nos espaços da política eleitoral.

Na verdade, o que se pode deduzir é que as oligarquias baianas pensavam o estado e sua capital como espaços privatizados, através de uma gestão personalista, na medida em que o pertencimento de classe dos poderosos os conduziam a formas de gestão voltadas para causa própria. Ou melhor, a gestão da coisa pública voltava-se para processos políticos internos que garantiam a longevidade política dos grupos de poder.

Como diz Castro Santos (1998)[177], a consequência de tal situação foi que, antes de 1920, ainda no tempo-espaço seabrista, as ações ligadas às tentativas de reformas sanitárias na Bahia ocorreram de forma bastante tímida. Realmente! Foi tudo "*um falso começo*"[178], por força das debilidades existentes em um sistema político e administrativo que se colocava a serviço dos interesses dos vários oligopólios regionais e locais.

Por outro lado, se no âmbito das políticas de saúde tudo era muito incipiente, no que concerne ao veio dorsal do projeto modernizador das elites sociais, políticas e letradas da capital baiana tudo parecia a contento. A cidade, de forma lenta e gradual, experimentava a circulação da lógica civilizadora em que o "*belo*" tinha que ser contemplado, a doença tinha que ser enclausurada e isolada e a cidade "*ficava bonita*". Portanto, digna de seus habitantes mais ilustres!

Para Azevedo (1969)[179] as transformações ocorridas na cidade, fizeram com que da carroça puxada por tração animal, Salvador passou a ter bondes movidos a eletricidade; da iluminação oriunda do óleo da baleia, por sua vez , caçada, no espaço da Baía de Todos os Santos e da Ilha de Itaparica, a capital moderna, surgida a partir de 1912, passou a contar com iluminação elétrica, e, do ponto matricial que deu origem à urbe contemporânea, a partir dos engendramentos entre os grupos de poder, o campo médico e os urbanistas, Salvador passou a contar com áreas construídas para dar moradia aos ricos e promissores homens do comércio local.

[176] Idem **SANTOS,** Op. Cit. 1998, p.2
[177] Idem **SANTOS,** Op. Cit. 1998, p.2
[178] Idem **SANTOS,** Op. Cit. 1998, p.2
[179] **AZEVEDO,** Thales de. *Povoamento da cidade do Salvador***.** Salvador: Editora Itapuã.1969.

Em consequência disso, a "*cidade-lugar"*, berço de uma formação social e histórica experimentou um refluxo interno gerado pelas novas configurações do espaço urbano. Eram territórios em movimento, que permitiram o trânsito de uma grande parcela da população para as zonas de fronteiricidade da cidade, com isto, permitindo o surgimento de zonas tomadas pela pobreza e pela destituição dos aparatos da cidadania. Lembremos que com a abolição, a humanidade do negro foi, enfim, "declarada por uma cidadania retórica que mantinha sua objetificação no controle racial de uma sociedade excludente e com intenções quando não exterminadoras,"[180] eram claramente de diferenciação e consequentemente de apartação. Vejamos a atuação do aparato policial nos dias de hoje nas zonas de periferia das grandes cidades brasileiras.

Por outro lado, e retomando a Azevedo (1969), o antropólogo e historiador baiano diz que todas aquelas transformações que apontavam para uma "*regeneração social*", assim pretendida pelos "*homens de ciências"*, foram conquistadas porque ocorriam na cidade do Salvador profundas transformações materiais, tanto no espaço físico da cidade como no tecido social. Para o autor, a compulsória transformação dos hábitos e costumes de uma parte dos habitantes da cidade, só confirmava a ideia de que a "*cidade satélite"* e sua gente seguiam a trilha do progresso e da civilização, de forma irreversível. Enfim, como se dizia àquela época, "a Bahia civilizava-se" "

Afinal, foi graças às ações urbanísticas e médico sanitárias empreendidas pelo Governador J. J. Seabra que a Cidade da Bahia experimentou os sentidos da convivência moderna. Finalmente, as sinestesias e simbologias da "*cidade civilizada*" ao estilo da "*Belle Époque*" Francesa", na sua versão tropical, seriam percebidas e experimentadas pelos privilegiados senhores e senhoras que precisavam, urgentemente, "*flanar"* pelas avenidas, praças, jardins e boulevards da velha Salvador.

---

[180] **GOES,** Luciano. *A "Tradução" do Paradigma Etiológico de Criminologia no Brasil: um diálogo entre Cesare Lombroso e nina rodrigues da perspectiva centro-margem***.** Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação *stricto sensu*, Programa de Mestrado em Direito, área de concentração Direito, Estado e Sociedade, da Universidade Federal de Santa Catarina, para a obtenção do Grau de Mestre em Direito. Orientadora: Prof.ª Dr.ª Vera Regina Pereira de Andrade. Florianópolis. 2015, p.148

CAPÍTULO II

O HIGIENISMO BAIANO: A REDE DE INTERLOCUÇÃO CIENTÍFICA E SEUS ENDEREÇAMENTOS HISTÓRICOS

Neste capítulo, buscarei descrever e analisar os arranjos históricos que permitiram a formação da rede de interlocução científica de natureza médico-sanitária, bem como, da sua relação com a construção dos discursos que deram sustentação política e administrativa às ações higienistas do Governo Seabra. Para tal, levarei em consideração os aspectos estruturantes que levaram as políticas públicas seabristas ao auge das reformas sanitaristas e urbanas na Cidade do Salvador.

2.1 - O higienismo baiano: a rede, contextos, arranjos, percepções, complexidades, identidade.

O avanço das políticas higienistas, seus discursos e práticas em países periféricos como o Brasil foi consequência direta das profundas transformações técnicas e científicas que estavam em curso no Ocidente a partir da segunda metade do século XIX e início do século XX. Por estas terras, várias são as questões de natureza política, econômica, social e cultural ligadas a um processo que, na sua essência, pertence a um contexto marcado pelo reordenamento dos estatutos da brasilidade. Na verdade, foi uma dinâmica cujo epicentro esteve ligado à consolidação da ordem liberal burguesa e à consequente mundialização da cultura científica da época.

Não resta dúvida de que houve um grande avanço científico e tecnológico em várias regiões do planeta. Todo esse ganho cognitivo foi suportado pelo campo tecnológico da comunicação[181], que se constituiu como a base material necessária à difusão, circulação e vulgarização[182] de ideias, num ritmo bastante diferenciado, se comparado a outros contextos de

[181] É importante entender os processos científicos e tecnológicos que ocorreram no campo da comunicação e que permitiram uma relativa compressão da relação tempo–espaço, e o consequente trânsito internacional das ideias entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX. Uma leitura bastante interessante sobre esses aspectos é **MATTELART,** Armand. Comunicação-Mundo. História das Ideias e Estratégias. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis-R.J. Editora Vozes, 1999, p. 15-38.

[182] *Difusão, circulação e vulgarização in* **VERGARA**, Moema. *Ciência e literatura: a Revista Brasileira como espaço de vulgarização científica,* in SOCIEDADE E CULTURA, V. 7, N. 1, jan. /jun. 2004, P. 75-88.

mundialização da cultura ocidental[183]. Aliás, Loewy (1998),[184] diz que, de modo geral, aquele já era um mundo relativamente marcado pela aceleração do ritmo das ideias e da vida material das sociedades, no que diz respeito ao uso dos objetos tecnológicos.

Tal situação expressava a nova condição humana no âmbito da relação tempo-espaço do início do século; o trânsito de pessoas, ideias, cultura, conhecimento, informações, mercadorias, bem como bactérias, vírus e doenças evidenciavam uma relativa compressão das distâncias intercontinentais[185] e, consequentemente, entre as sociedades. Era um mundo entremeado por arranjos de natureza sociopolítica num contexto marcado pelo avanço científico o que, por outro lado, possibilitou o desenvolvimento de percepções cognitivas oriundas de uma realidade exposta a velocidade das transformações que estavam em curso.

Deste modo, a ciência e a tecnologia ocidentais impunham ao ser humano uma nova organização sóciocognitiva no espaço de uma rede voltada para a interlocução de conhecimento que em fluxo se caracterizou tanto pela diversidade dos temas teorizados e abordados como pela solução das demandas humanas nos mais variados espaços de convivência.

Foi a partir desta lógica que na Bahia Seabrista, profissionais do campo da saúde, especialmente, os médicos da Faculdade de Medicina, na condição de "*homens de ciências*[186], tendo como ponto de partida os conhecimentos oriundos das Ciências Naturais, especificamente da biologia e, no espaço das humanidades, os estudos da *psicologia positivista,* propiciaram a

---

[183] Sobre os contextos de mundialização da cultura ocidental é importante levar em consideração os desdobramentos da história do ocidente. Para sermos mais exato, os processos de expansão do capital a partir da modernidade europeia carregaram elementos não só materiais, mas principalmente o aporte simbólico necessário à consolidação do sistema colonial em outras regiões do planeta. Nesse sentido, para Ortiz, existe um processo de globalização, em termos tecnológicos e de circulação material. Por outro lado, na esfera da cultura, não há uma globalidade senão uma mundialização da cultura. Este processo tem características diferentes da globalização econômica e tecnológica. São dois aspetos, o primeiro deles é que parte de um reducionismo econômico-tecnológico, embora sem deixar de fazer notar sua importância, e segundo, surgi de uma discussão entre homogeneização e heterogeneidade." Assim, se entende que as formas de mundialização da cultura se apresentam como um processo que contém normas e modelos que se mostram hegemônicos. No entanto, a grande diferença é que estes são mundiais e não globais. É por isso que não há uma identidade global, não há uma cultura global, nem um governo global. Não pode existir uma cultura mundial. Esse é um processo que em função das trocas mostram-se desde a modernidade sempre ressignificados e ajustados aos espaços onde a cultura de tradição judaico cristã alcançou. **ORTIZ**, Renato. *Mundialização e cultura*. Editoria Brasiliense, São Paulo, 1994. P.13 a 33

[184] **LOEWY,** Raymond apud **SEVCENKO.** *História da vida Privada, República: da Belle Époque à Era do Rádio.* Companhia das Letras. São Paulo.1998, p10

[185]**SANSONE,** Lívio. *Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil*, tradução de Vera Ribeiro, Salvador/Rio de Janeiro, Edufba/Pallas, 2004, p.335

[186] Expressão que em termos denotava a ideia de sacerdócio por parte daqueles que viam na ciência não apenas uma profissão. Esses homens tinham como projeto elevar a ciência brasileira a um nível de excelência mundial. Era projeto deles a busca de uma ciência autóctone e distante das produções ressignificadas que tanto se fazia por estas terras. Ler **SCHWARCZ**, Lilian Moritz. O Espetáculo das Raças. *Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil 1870-1930.* São Paulo: Companhia das letras, 1993, p.28

construção de percepções que permitiram a produção de um discurso civilizatório marcado por estigmas e preconceitos sobre a imagem do homem comum num momento marcado pela redefinição dos signos da nacionalidade através de falas como:

> **(...) a civilização que é o resultado dos progressos da humanidade na sua evolução social e intellectual, com razão é, e deve ser o grande ideal de todos os povos. Os selvagens dos nossos dias, assim como os barbaros dos tempos idos, todos elles**. Com certeza, abraçariam a civilização, se lhes fossem proporcionados legitimos, rectos e efficazes caminhos ou vehiculos para effetivamente a ella poderem chegar [ ] Jesus Christo, o mestre e o grande modelador da verdadeira Civilização[187] [*Sic*]
>
> A civilização impõe preceitos, traça normas, estabelece formulas que podem ser tidas como sacrifícios ou exigências para os espíritos rotineiros e comodistas, mas que são necessários, urgentes mesmos, para a grande colectividade que constitui a população de uma cidade, bairro ou simplesmente rua. Com a marcha vertiginosa do progresso novas ou pelos menos modificadas devem ser as leis ou bases que regem a sociedade e regulam os seus actos e presidem as suas exigências. Se assim não fora, deixaria de existir progresso; a civilização seria uma simples figura imaginativa, os melhoramentos não se verificariam na sua plenitude [...].[188] [*Sic*]

Ou de forma mais contundente, quando os discursos produzidos por intelectuais e "*Homens de Ciências*" se apresentavam como consequência da alterização negativa[189]. Ou seja, quando no contexto da colonização, o outro, o indígena ou o africano eram vistos como bárbaros e incivilizados. Nesta perspectiva e seguindo claros pressupostos defendidos por Nina Rodrigues*"*, o médico Sá de Oliveira, em 1913[190], também defendia a tese de que "*a gente de cor era um mal para a Bahia*". Na verdade, para o referido autor, a "inferioridade psíquica" do povo negro da cidade da Bahia, em sua maioria descendentes de escravos, deveria justificar a sua condição marginal nos projetos de nação. nesse sentido, o referido autor, ainda completava, de forma muito veemente, as suas falas ao afirmar que

---

[187] Artigo escrito em 1913, pelo Monsenhor Sólon Pedreira, médico e homem de letra ligado ao catolicismo baiano para o *Diário da Bahia*, *em* 06/03/1913, p. 1. *BCEB:* Setor de Periódicos. Jornal *Diário da Bahia da mesma data*

[188] *BCEB:* Setor de Periódicos. Jornal *Diário de notícias*, 27 de fevereiro de 1912, p. 1

[189]Para Arteaga, Nino, Garcia e Rasella (2015) "os processos de alterização aparecem em todos os processos de criação de identidades e, nas suas variadas formas, podem apresentar visões do outro tanto positivas quanto neutras ou negativas. Aqui limitar-nos-emos a estudar aqueles processos de alterização que conduzem à delimitação precisa das diferenças de poder simbólico entre nós e os outros, diminuindo o poder destes últimos com relação aos primeiros. Nesses casos, a alterização resulta em um processo de legitimação das hierarquias sociais no campo simbólico que permeia e constitui cada cultura" *in* **ARTEAGA**, Juan Manoel Sánchez; **NINO,** Charbel El-Hani; **GARCIA** e Laia Ventura; **RASELLA.** *Alterização, biologia humana e biomedicina.* São Paulo, v. 13, n. 3, p. 615-41, 2015

[190] *AMMS* - Arquivo do Memorial de Medicina e Saúde. OLIVEIRA, J.B. Sá *Evolução psíquica dos Baianos*.1913, p.51

> "(...) em todos os países colonizados pelas espécies brancas e coradas, há essa divergência substancial entre fins da civilização e os ímpetos selvagens dos indivíduos mestiços ou de sangue inferior. Civilizados, ou não, os indígenas, os africanos e seus descendentes não perdem de todo os costumes bárbaros"[191]

Ou, quando o próprio Nina Rodrigues se referia aos negros afirmando que

> [...] dado o fraco desenvolvimento intelectual dos negros africanos e a neurastenia que deve ser conseqüência do esgoto em que os põem todas essas práticas extenuantes de iniciação e invocação do santo, não serão elas acaso as condições de desdobramento de personalidade com estado de possessão sugestivo que temos estudado sob a denominação de estado de santo? Mas então será difícil não ver inteira equivalência entre essas condições de fraco desenvolvimento intelectual e neurastenia provocada sem manifestação franca de histeria, nos negros primitivos, de um lado; e a mesma histeria com os caracteres que a nervose adquire nas raças superiores, nos negros que se civilizam e nos seus mestiços de outro lado. O fraco desenvolvimento intelectual do negro primitivo, auxiliado pelas práticas exaustivas das superstições religiosa, como fator do estado de possessão de santo equivale, pois, à histeria que, para os negros mais inteligentes, constituem esse fator"[192] [*Sic*]

O que nos chama atenção é o fato de que estes são discursos marcados por uma natureza redutora e sempre aplicável à humanidade do *outro*. Eram construtos mentais e ideológicos que, de forma contumaz, estavam presentes, tanto nos espaços da rede de interlocução científica como no cotidiano das relações sociais de uma população marcada por estigmas que enunciavam elementos de *raça* num momento profundamente marcado pela tensão da formação identitária nacional, como mostra um pequeno trecho de um dos vários discursos publicados na revista IGHBA.

> A sciencia dos Occindentaes dividiu a espécie humana, antropológica e socialmente falando, em raças superiores e inferiores. A aquelles reconhece qualidades physiologicas que lhes permitem dominar pela força, pela esthetica e pela inteligência, a estas, por falta dessas mesmas

[191] **OLIVEIRA,** J. B. Sá. *Evolução psíquica dos Baianos*. 1913, p.51a
[192] **RODRIGUES,** Raimundo. *O animismo fetichista dos negros baianos.* Rio de Janeiro, Editora da UFRJ.2006, p.90

> qualidades, não cabe senão a posição inferior dos subjugados e vencidos por effeito de condições inatas e fataes. [*Sic*][193]

Dentro disso, é de bom alvitre lembrar que as ações de natureza pública e privada perpetradas no Brasil entre 1870 e 1930[194] faziam parte do afã modernizador presente nos esforços empreendidos pelas elites empoderadas[195] que, através dos seus representantes no campo da política, e, principalmente, por aqueles que faziam parte do campo cognitivo legitimavam e difundiam, através dos seus discursos científicos, a ideia de Brasil.[196] Tal assertiva é bastante presente em muitas publicações da época, quando enunciadas sob a forma de discursos produzidos tanto pelos médicos como pelos letrados da terra.

---

[193]IGHBA: **SAMPAIO,** Theodoro. *In* Revista do Instituto geográfico e Histórico de 1911 a 1913 p.126 Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia de 1911 a 1913 p.126. (IGHBA). Fica muito claro o tipo de discurso produzido pelos "*homens de ciências"* baiano. É preciso observar a relação que aqueles nobres senhores tinham com a alteridade. À medida que buscavam garantir a centralidade social e racial dos brancos no processo de formação da sociedade brasileira. SKIDMORE (1989) ainda nos diz que a produção dos discursos e sua natureza racial tinha um forte impacto sobre a sociedade, principalmente se as falas eram replicadas nos jornais que diariamente circulavam pela cidade. Por outro lado, é importante chamar atenção para o fato que o pensamento racial que gerava discussão aberta na Europa...chegava no Brasil via de regra sem nenhum espírito crítico (...) caudatários na sua cultura, imitativos no pensamento (...) os brasileiros de meados do século XIX, como tantos outros latino-americanos, estavam mal preparados para discutir as últimas doutrinas europeias. **SKIDMORE,** Thomas. *Uma História do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora paz e terra, 1989, p. 13

[194] É muito comum nos estudos sobre o Brasil Contemporâneo entender o tempo-espaço compreendido entre os anos de 1870 e 1930, por assim dizer, como período de "*Criação do Brasil Moderno*". Na verdade, tudo começou no início dos anos sessenta e setenta, com o relativo crescimento do trabalho livre, a diversificação das atividades econômicas, o crescimento das cidades e da população urbana livre que ocorreram mudanças nas velhas estruturas do Brasil colônia. Portanto, as transformações em curso nas últimas décadas do século XIX, de certa forma, permitiram a mudança do perfil social do país. É importante também salientar o conjunto de eventos que foram cruciais para tantas rupturas. A começar pela Guerra do Paraguai, a Abolição da Escravidão e a Proclamação da República, acontecimentos que alteraram de forma radical a realidade sociocultural uma vez que, no universo mental de nossas elites, a ideia de modernidade e civilização gerou um conjunto de esforços com o objetivo de melhorar a imagem do Brasil. Na verdade, tudo começava através de um discurso que buscava a transformação da cultura e, principalmente, apagar do cotidiano do país, as chagas do seu passado colonial que se faziam presentes na herança étnica e racial do povo. É importante ressaltar que do ponto de vista material, esta foi uma fase marcada pelas tentativas de tornar o Brasil um país industrializado e consequentemente integrado à nova ordem econômica global.

[195] **NOVAIS,** Fernando A. e **SEVCENKO**, *Nicolau. História da vida Privada no Brasil: República: da belle Époque à Era do Rádio.* São Paulo. Editora Companhia das letras. 1998, p.27

[196] As tentativas que muitos pensadores brasileiros fizeram para definir o Brasil, em larga medida, foram embasadas a partir de uma visão de mundo eurocêntrica. Ou seja, as elites intelectuais e econômicas queriam reproduzir abaixo da linha do equador as formas de convivência das principais cidades europeias, em especial, a Paris da Belle Époque. Seria uma versão tropicalizada do "fausto civilizatório" numa ex-colônia portuguesa. Diante disso, as produções literárias partiam de um ufanismo literário chegando a um fatalismo desmensurado. Assim, no esforço de entender e idealizar o Brasil aspectos como: os determinismos geográficos sempre conduziam à ideia de que a civilização era um atributo dos países frios. Portanto, a civilização era uma conquista dos países que lutaram conta as dificuldades criadas pelo ambiente. Em grande medida, a questão racial e o passado colonial eram grandes justificativas para a construção de uma imagem negativa do país. Desta forma a civilização era uma condição afeita a alguns grupos humanos mais aptos.

> Neste século que apenas começa. Esse deve ser o nosso emprenho maior. Isto é, Appararelharmo-nos para a nossa vez. Que se aproxima ,nas luetas econômicas que vão caracterizar a era nova. Boas leis, bons costumes , honestidade, justiça, credito, confiança ,orientação segura nos melhoramentos que visam estimular a producção, e sobretudo instrucção popular de moldes mais práticos, mais amplos, que habilite a captar na natureza os elementos de acção, com economia de esforço physico, já de si penoso neste clima extenuante, eis em que deve consistir o nosso apparelhamento para vencermos nas luctas do trabalho, na concurrencia mundial que se annuncia formidável.[197] [*Sic*]

Eram os "*homens de ciências"*, médicos, engenheiros e outras figuras letradas que, apesar de todo o conhecimento, ao seu tempo, construíam uma percepção de realidade social local através de uma leitura marcada pela ressignificação dos textos da ciência do período. Portanto, era um conjunto de falas ajustadas aos processos sociais ocorridos na Bahia que, em certa medida atendiam aqueles que demandavam a noção de pureza racial em uma formação histórica moldada pelos contatos inter-raciais. Tal aspecto, fica evidente no texto a seguir, quando de forma bastante erudita, o autor, reforça as percepções raciais existentes na cidade, principalmente a incomoda questão da mestiçagem.

> Por vezes se tem dito que o homem se occupa com êxito do apuramento de raças, descurando a sua.
> Não é exatamente assim. Sendo certo que aquella asserção não comprehende os tempos antigos, nem o bello mundo, em que os gregos e romanos desenvolveram com entranhado culto as proporções athleticas, a força muscular o o vigor physico em geral, tornando o homem eminentemente próprio para a vida de combates e para os trabalhos penosos; estando não menos averiguado que na edade media, ainda o culto da força elevado á grandeza épica , pela exaltação de feitos de cavalharia e de hábitos guerreiros, bem como de façanhas heroicas, que a tradição e a historia entretem perduravelmente pela narrativa e pela imagem, aquella affirmação visa portanto o descuido inteiramente moderno, que as gerações tem manifestado por manter aquella pureza da raça, que era apanágio das antigas e em que desde tempos immemoriaes, ellas timbravam.
> Este desprendimento em relação a um problema, que devia interessar profundamente todas as nações, releva-se por factos de varias ordens, a saber : promiscuidade de raças; indifferença quanto aos cruzamentos; modificações precárias nas condições matériaes das diversas castas ou classes sociaes ; despreocupação a proposito dos melhoramentos possíveis dos últimos tempos e na épocha presente , quanto a condições de vida individual e colletiva: falta de estudo do problema das

[197] *IGHBA:* Sessão Magna de Aniversário de 03.05.1920. *Trecho do Discurso de Abertura proferido pelo orador Oficial Eng. Drº Theodoro Sampaio.*

> substancias e dos meios de existência, nos variados agrupamentos de população[198] [*Sic*]

Para um melhor direcionamento sobre a discussão aqui proposta, o caso baiano é bastante emblemático, uma vez que a Bahia e a sua cidade capital se constituíram como um exemplo bastante especifico de área sociocultural, devido à natureza das relações que, historicamente, se estabeleceram no seu processo de formação[199]. Deste modo, a utilização de categorias como cultura, conhecimento e rede tende a nos remeter a um determinado grau de entendimento sobre os processos sociais à luz das influências do campo científico baiano que, aliás, independentemente de qualquer critério de qualidade, se mostrava relativamente vigoroso, se observamos o tipo de ciência que se fazia nos espaços acadêmicos e letrados da cidade.

Nesses termos, como atores institucionais presentes na rede de interlocução, podem ser citados a Faculdade de Medicina da Bahia e o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, instituições que, respectivamente, com seus "*Homens de Ciências*" – médicos, professores, historiadores, geógrafos, engenheiros e outros intelectuais absorviam os conhecimentos que se apresentavam no fluxo das várias redes de interlocução científica. Uma condição que, graças à qualidade das revistas ali publicadas, garantiu a ciência brasileira produzida na a Bahia um lugar de destaque num exclusivo espaço de cognição, posto que o conhecimento aqui produzido colocava em evidencia uma forma específica de pensar a sociedade local da época.

A partir do que foi colocado no parágrafo anterior, é possível entender que o conhecimento produzido no fluxo da rede, além de evidenciar os avanços alcançados nas várias áreas do saber, garantia aos seus detentores o "*domínio epistêmico*" e "*ideológico*[200], sobre

---

[198] *BCEB:* Setor de Periódicos. Editorial *Crônica Científica - Diário de Notícias* 09 de junho de 1914

[199] A sociedade baiana do período em estudo também passava pelo processo de organização de seus estatutos. Lembremos que aqui por estas terras, as elites empoderadas viveram de forma traumática o ocaso monarquista e o nascimento da República. A Bahia se manteve monarquista até a *vigésima quinta hora*[199], portanto, foi o último estado a aceitar o novo regime. Uma situação que, por forças dos arranjos políticos, permitiu aos grupos de poder a forja de uma nacionalidade a partir da lógica da negação do seu passado colonial. Sobre os processos de formação das instituições políticas na Bahia da Primeira república ler: SAMPAIO, Consuelo Novais. *Partidos políticos na Bahia.*

[200] Os processos de difusão apenas replicavam as formas de conhecimento da ciência moderna não percebendo o papel de outras formas de enunciação cognitiva. Na visão de Quijano (2000), foi esta situação que deu início a aquilo que conceitualmente ele classificou como "colonialidade do saber". Em síntese, foram ações institucionalizada ou não que, no âmbito do conhecimento, deu origem ao "racismo epistêmico" presente na relação entre dominador e dominados até mesmo em áreas onde o conhecimento se enunciava. Por outro lado, A Colonialidade do Saber, ao recuperar a simultaneidade dos diferentes lugares na conformação de nosso mundo: abre espaço para que múltiplas epistemes dialoguem. Em nossa América mais que hibridismos há que se reconhecer que pensamentos que aprenderam a viver entre lógicas distintas, a se mover entre diferentes códigos e,

vastas regiões do planeta. No plano local, a rede de interlocução científica permitiu a organização de uma forma de "*hegemonia epistêmica"* sobre os indivíduos não pertencentes aos grupos de poder. Ou seja, o conhecimento difundido a partir das matrizes geradoras europeias, ao aportarem na Bahia Seabrista, garantiu os embasamentos necessários às mudanças de caráter higienista e urbanística que o Estado e sua capital passaram, de certa forma, alterando a formas de convivência e salubridade da cidade.

Deste modo, no âmbito desta lógica de dominação e dependência científica, a Bahia Seabrista se colocou como um território em que as elites intelectuais absorveram e construíram um discurso civilizatório em cujas bases também se sustentava os avanços das ciências naturais, especificamente o conhecimento oriundo do Darwinismo Social[201] que, por sua vez, teve papel estruturante na construção dos discursos em áreas do conhecimento como medicina, direito[202]e engenharia[203], se levarmos em consideração as ações urbanistas e higienistas implementadas à época das reformas de J.J. Seabra a partir de 1912, na cidade do Salvador.

---

por isso, mais que multiculturalismo sinaliza para interculturalidades (S. R. Cucicanqui e C. Walsh, entre muitas e muitos), para gnoses liminares (Mignolo), para diálogo de saberes (Leff, Porto-Gonçalves)**.** Sobre a questão do **Racismo Epistêmico** ler: **QUIJANO**, Aníbal. *La Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina* in Lander, Edgardo (org.) La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latino-americanas (Buenos Aires: CLACSO/UNESCO. *** Ainda sobre a questão da circulação do conhecimento ou da ciência Bassala diz que é possível se fazer uma análise a partir de dois vetores de entendimento. O primeiro é aquele que aponta para as dialéticas clássicas que estruturam os discursos a partir das formas de relação entre os grupos humanos no espaço-tempo dos processos históricos, conquistador-conquistado, metrópole-colônia. Por outro lado, o segundo vetor aponta para ideia de que ao atribuir às culturas colonizadas uma natureza passiva no que diz respeito à produção científica. Entretanto, é neste ponto que Basalla abre espaço para um conjunto de críticas em relação ao seu modelo difusionista por não perceber o grau de profundidade existente na ontologia do conhecimento dos povos conquistados. Por outro lado, a perspectiva de Basalla pode apontar para natureza do ambiente multicultural ao permitir o surgimento de uma dialética que aponta para a construção de um mundo marcado pelo diálogo entre as diferentes formas de enunciação. Sobre o Modelo Difusionista ou de Vulgarização do Conhecimento de Basalla **ler: BASALLA**, George. *The Spread of Western Science. Science,* New Series, Vol. 156, n. 3775, May 5, 1967, pp. 611- 622

[201] Charles Darwin, admitia a tese de que o princípio da seleção natural determina quais indivíduos da espécie têm mais probabilidade de sobrevivência. Assim, foi a partir do determinismo biológico de Darwin que o "darwinismo social" ou "biologismo social" foi estruturado como uma forma de entendimento do homem em sociedade em áreas do conhecimento como História, Sociologia e também no campo da literatura. É possível afirmar que tal forma de pensar a sociedade foi uma corruptela do pensamento de Darwin que permitiu a construção dos discursos racistas no início do século XX, geralmente um conjunto de falas e procedimentos totalmente equivocados na sua forma de sustentação e aplicação.

[202] Seguindo a herança do pensamento de Nina Rodrigues é importante consultar a tese de doutoramento do médico Manoel Calmon "D*egenerados Criminosos*" tese de doutorado. *AMMS:* Arquivo do Memorial de Medicina. **ALMEIDA**, Manoel B. Calmon du P'in e *Degenerados e Criminosos*. Salvador: Litho-Typo e Encadernação V. Oliveira., 1900

[203] Ver nota 17 capítulo I p.7 - Entre 1853-1870, o barão de Haussmann foi prefeito de Paris. Seu governo foi marcado por uma profunda e polêmica reforma na cidade de paris sob a égide do urbanismo científico que inspirou intervenções em várias outras cidades do mundo. Seu principal objetivo era, de acordo com o urbanismo científico, modernizar Paris. Em pleno século XIX, A cidade mantinha muito de sua estrutura medieval, formada por um centro composto de muitos quarteirões insalubres. Um ambiente que não estava de acordo como os conselhos médicos da época. É importante lembrar que outras cidades europeias, principalmente na Alemanha, já tinham passado por reformas embasadas pelas orientações de higiene e sanitarismo. Suas propostas urbanísticas

Desta forma, é importante ressaltar que o processo de ressignificação cognitiva no remete à ideia de que a ciência produzida por aqui teve suas origens no "fluxo"[204] da rede de interlocução científica. Ou seja, a ciência baiana, inicialmente, foi estruturada como aspecto sistematizador de um discurso ajustado a realidade local que atou no âmbito das estruturas mentais dos grupos de poder. Na verdade, foi um processo que permitiu a construção de uma formação social fortemente marcada pelos sentidos da diferenciação e, portanto, de desqualificação do "outro". Ainda que esse "outro" fosse um cidadão branco em "situação de transvio", ou melhor, quando este se colocasse no espaço das sociabilidades de natureza afetiva e que possibilitasse a miscigenação.

> "Uma população totalmente mulata, viciada no sangue e no espírito e assustadora feia (...) nem um só brasileiro tem sangue puro porque os exemplos de casamento entre brancos, índios e negros são tão disseminados que as mudanças de cor são infinitas, causando uma degeneração do tipo mais deprimente tanto nas classes baixas como nas superiores"[205]

Portanto, trata-se de uma prática muito presente na formação histórica local, mas inaceitável para os padrões da moralidade branca, uma vez que a miscigenação tinha como resultado a degeneração racial.

Na Bahia da cidade do Salvador, apesar da inexistência de um estatuto civil republicano diferenciador nas relações entre brancos e negros, como aconteceu nos Estados Unidos e na África do Sul, os tais ideais de modernidade e civilização vieram sob a forma de um discurso médico higienizador, que por sua vez, estava atrelado aos velhos elementos ideológicos da matriz ibero colonizadora[206]. Na verdade, a sociedade que se propunha moderna e civilizada se construía a partir dos demarcadores de natureza racial presentes no processo da formação

---

consistiam em redesenhar o traçado compondo uma cidade mais racional, organizada e harmônica. Para tal missão, foram necessárias várias demolições, algo que para muitos era uma clara ruptura com o passado grandioso da cidade. As críticas não eram contrárias à reforma em si, mas sim à maneira como ela foi realizada. Para um melhor entendimento sobre as intervenções de Haussmann, ler **HAROUEL,** Jean-Louis. *História do Urbanismo*, Campinas, São Paulo. Papirus, p.112-113.1990

[204] Aqui, de acordo com a sociologia da técnica de Anderson Silva ou da Sociologia das identidades em movimento de SANSONE, proponho a ideia de espaços ou cenários em movimento. Neste caso, de um espaço cognitivo em trânsito. Ou melhor, de um conhecimento ou conjunto de ideias em trânsito. Para um melhor entendimento sobre esta questão é importante ler **SILVA**, Anderson Silveira. *Para a Construção de uma Analítica de Agenciamentos. Uma Proposta de Compreensão das Novas Texturas Sociais.* Programa de pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientação Proº Drº Milton de Araújo Moura. 2003.

[205] **GOBINEAU** apud Thomas Skidmore. *Preto no Branco. Raça e nacionalidade no pensamento Brasileiro*. Rio de janeiro: Editora Paz e Terra, 1989, p.265

[206] **BOXER**, C.R. Pureza de Sangue e Raças Infectas.in: *O império colonial português.* Lisboa: Edições 70, 1969.

nacional que, por ora, mostraram-se devidamente atualizados em relação à ordem social que se instaurou[207].

Portanto, apesar de fortemente influenciados pelos avanços da ciência do período, os discursos que foram colocados no centro da formação identitária nacional na Salvador de J.J. Seabra, ainda se mostravam fortemente mesclados pelos reclames de uma elite branca que, embora liberal e republicana, não queria abdicar do poder, dos privilégios e das práticas patrimonialistas e cartoriais no âmbito das estruturas sociopolíticas[208]. Desta forma, o discurso da pretensa inferioridade racial e de classe sobre o negro bem como os problemas oriundos da mestiçagem eram combatidos pelas "*teorias raciais da época, por aqui reinterpretadas e perfeitamente ajustadas ao ideário dos grupos dominantes*[209] *desde a virada dos séculos XIX e XX*.

> Muito se tem dito e escripto sobre o africano, atrazado em civilização, exíguo e impotente nas suas manifestações intellectuais, attento ao infantilismo de seo cérebro em seo minguado desenvolvimento estructural. A sua inapitidão ao aperfeiçoamento...é uma questão que tem preocupado vários auctores e sobre a qual se entrechocam opiniões e explicações diversamente interpretadas. Invoca-se para explicar o facto, a precocidade da synostose craneana que acarreta um limite physiologico ao aperfeiçoamento intellectual inferior e um obstáculo considerável ao progresso intellectual. O espírito imitativo e a instinctividade desenfreada na satisfação das necessidades materiaes são as únicas manifestações phychicas, no dizer de alguns, reveladas pelo negro d´África[210].[*Sic*]

Embora não existisse uma legislação que reconhecesse a inferioridade biológica dos "não brancos", a contumácia das falas evidenciava um forte apelo ideológico, principalmente, por que as suas origens estavam diretamente ligadas aos homens que, produziam o que eles entendiam por ciência em uma terra onde suas elites não desejavam o despertar de formas societárias homogêneas em uma população majoritariamente formada por não brancos[211].

---

[207] **BACELAR**, Jeferson. *A Hierarquia das Raças*. Negros e Brancos em Salvador. Rio de Janeiro. Pallas Editora. 2001, p.18

[208] **RESENDE**, Maria Efigênia de. *O processo político na Primeira República e o liberalismo oligárquico. In O tempo do liberalismo excludente:* da Proclamação da República à Revolução de 1930. **DELGADO**, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge. 2ºed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 91-98.

[209] **BACELAR,** Op. cit. 2001, p.18

[210]*AMMS:* Arquivo do Memorial de Medicina. **SOARES**, Deodoro Alvares. *Alguns traços da população sob o ponto de vista hygiènico e evolucionista.* Salvador: Typographia Passos / Faculdade de Medicina e Pharmácia da Bahia, 1899. p.19-20

[211] **BACELAR,** Op. cit.2001, p.18

Nesse sentido, por serem atores institucionais e difusores de um conhecimento que se mostrava em uma dada rede de interlocução. Por se apresentarem como signatárias e coadjuvantes do projeto civilizador das elites locais, no campo do conhecimento. A Faculdade Medicina da Bahia[212] e o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia[213], respectivamente, permitiram à cidade do Salvador no início do século XX, através dos seus "*homens de ciências"* e letras, colocarem-se como os principais emissores de um discurso de desqualificação humana[214] aplicado aos não brancos.

Desta forma,

> Muito mais efetiva era a construção de atributos, a partir das vivências, das práticas, do cotidiano dos negros pobres de salvador, tornados "naturais" – vadio, violento, criminoso, alcoólatra, sem família organizada, feiticeiro -, a caracterizar negativamente a sua situação. Os elementos presentes na cultura de segmentos das camadas pobres tornaram-se componentes permanentes do ser negro em Salvador, daí a equação negro igual a pobreza e vice-versa. Por sua vez forjou-se uma identidade contrastiva entre negros e brancos. O negro era o outro inferior e incivilizado, em relação ao branco, superior e portador dos padrões civilizatórios europeus. Representações e ações, preconceito e discriminação racial, inoculados no dia-a-dia, na vivência cotidiana de negros e brancos a gerar em todos os segmentos da sociedade a internalização dos valores e condutas racistas.[215]

Era um conjunto de enunciações que, no cotidiano do tecido social, tinham seus fundamentos discussionais sob bases cognitivas extremamente relevantes para o processo de reestruturação da nova ordem social local e regional. Ou seja, eram os critérios de raça e classe que na condição de elementos diferenciadores, se colocavam como aspectos restritivos ao mundo do capital[216] para os não brancos. Por outro lado, pensemos que ao evocar a ideia de raça, ou "racializar" os seus discursos, os "*homens de ciência"* só reafirmavam a ideia de que

[212] Durante o século XIX, a Faculdade Medicina da Bahia foi a única escola de nível superior existente na antiga Província da Bahia. Desta forma, ela foi guindada a condição de principal centro de produção da vida intelectual e científica local e brasileiras.
[213] O Instituto Geográfico e Histórico da Bahia à aquela época era o espaço de encontro dos doutos e notáveis da terra. Era considerado um espaço de trocas de conhecimentos. De certa forma, a instituição teve grande influência nos destinos políticos da Bahia durante a primeira República. Muitos dos seus associados eram políticos e autoridades do Estado.
[214] **BACELAR,** Op. Cit. 2001, p.18
[215] **BACELAR**, Op. Cit. 2001, p.19
[216] **BACELAR,** Op. Cit. 2001, p.18

o tempo da escravidão era uma experiencia pretérita e sem retorno do ponto de vista jurídico e material.

Na verdade, o tempo da modernidade republicana e da ciência, apesar das persistências mentais a ele inerentes, trouxe um novo componente para aquele contexto, que foi a ideia de "classe". Não porque tivéssemos um capitalismo intensamente desenvolvido. Na Bahia, tal noção se sustentou a partir da ideia de um mérito apoiado pelas investiduras da tradição que se articulava aos espaços sociais como um instituto político para aqueles que ainda guardavam nas estruturas mentais os elementos diferenciadores de outrora.[217]

Ainda que, inicialmente, fazedores de uma ciência especulativa[218] e desprovida dos aportes científicos experimentais já em uso pelos tropicalistas, a partir da década de 70 do século XIX, os "*homens de ciências"* ligados ao *establishment* médico local colocaram-se como engendradores dos discursos de natureza higienista que garantiram a sociedade local antes, durante e após o período de vigência do seabrismo os fundamentos necessários a construção de relações marcadas pela diferenciação sociorracial. Ou seja, a palavra e o discurso, enquanto signos em trânsito, refletiam um construto mental que garantia as elites regionais e locais um lugar comum marcado por poder e privilégios notadamente oriundos da condição de classe e cor dos representantes das elites. Portanto, se branco tudo...se não branco, a sujeição!

2.2 - Um discurso em rede!

> "As ideias, as informações, os conhecimentos, a riqueza, o entretenimento, os bens e praticamente tudo o que é produzido pelo homem pode ser disseminado através de cadeias complexas de redes. Em consequência, cada vez mais, indivíduos e instituições tornam-se

[217] Para Albuquerque (2009) "aquela era uma situação caracterizada pela tentativa de garantir que o edifício social montado durante a escravidão fosse reservado, mantendo-se privilégios, demarcando-se fronteiras e recompondo antigos territórios" e por fim a autora completa sua fala nos permitindo a percepção de que as matrizes históricas do racismo presente no cotidiano das relações, tão profundamente enraizado na sociedade brasileira, é, em parte, consequência de um jogo de simulações e estratégias políticas, vivências e práticas sociais e percepções de diferentes contextos e atores históricos. **ALBUQUERQUE,** Wlamyra R. de. *O jogo da dissimulação. Abolição e cidadania negra no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p.243

[218] **BARRETO JR**, Op. Cit., 2004, p.22-35

> imbricados em estruturas de rede que se reproduzem em todas as esferas da vida biológica, econômica e social." FILHO (2005)[219]

Com o claro objetivo de evitar o terrível pecado do anacronismo na escrita historiográfica ante o uso de um conceito ou categoria analítica de forma extemporânea ao pretérito do tempo histórico, é importante fazer uma breve discussão sobre a noção de rede, de forma atual, mas ajustada ao contexto em estudo, o higienismo no governo de J.J. Seabra.

Considerando que no âmbito da contemporaneidade as redes científicas foram organizadas há cerca de 200 anos, historicamente, é possível afirmar que a ideia de "rede" não é uma expressão tão recente para referir-se a um trabalho, conhecimento, discurso ou qualquer atividade humana que se manifeste de forma colaborativa[220], repetida e replicada num determinado tempo-espaço.

Portanto, a aplicação e uso do conceito de "rede", nesse trabalho, diz respeito ao formato e dinâmica presentes nas relações estabelecidas entre as organizações culturais e científicas seguidoras da tradição europeia de difusão do conhecimento, instituições que, desde 1665, através da troca de cartas, cabogramas, anais e da realização de encontros periódicos, fomentavam a produção, reprodução e ressignificação de conhecimentos[221] que evidenciavam

---

[219] **FILHO**, Naomar Almeida. Sobre Redes. *In* TEIXEIRA, Francisco (org). *Gestão de Redes de Cooperação Interempresariais*. Salvador, BA. Casa da Qualidade, 2005.

[220] A rede pode ser entendida como "colégios invisíveis" assim considerados como espaços simbólicos que através da troca de cartas e encontros periódicos, alimentavam redes científicas para a produção de conhecimentos. **BASTOS,** Bartira Brandão. *O Desenvolvimento de Documentos Técnico-Científicos Através do Ciberespaço: um estudo de caso. Salvador*: Dissertação de Mestrado no Curso de Pós-Graduação em Informação Estratégica, 2001.

[221] Os contatos entre os cientistas e pensadores ocorria por meio de cartas, reuniões filosóficas e científicas, além das caras publicações de livros. Mesmo assim, o fluxo de diálogo não era ágil na época, visto que até mesmos as atas desses encontros entre os pensadores se apresentavam como resumos dos debates com circulação extremamente restrita. Com o surgimento de tecnologias que melhoraram a impressão e circulação, as revistas científicas surgiram com o propósito de acelerar o debate de ideias. Por volta de 6 de janeiro de 1665, foi publicado o primeiro número do *Journal des Sçavans*. Em 1797, o periódico teve sua grafia atualizada *Journal des Savants*. A proposta do jornal era garimpar os temas de destaque no mundo científico europeu. Desta forma, em suas edições eram publicados relatos sobre experimentos e descobertas, principalmente de áreas como Física e Química. O periódico trazia no seu corpus seções com resenha, resumos de livros, obituários de renomados pensadores com suas biografias, e também debates sobre teologia com os cortes religiosos da época. Dois meses depois, inspirado no pioneiro francês, na Inglaterra, foi inaugurado o primeiro fascículo do Philosophical *Transactions. Este tinha como marca principal o formato* mais próximo do que conhecemos hoje dos periódicos científicos. Eram priorizados os relatos sobre os experimentos, em especial das ciências duras que deram um salto de reconhecimento, descobertas e invenções desde a Idade Moderna. A revista é vinculada até hoje à Royal Society of London.que teve na figura de Henry Oldenburg, filósofo alemão e primeiro secretário da sociedade grande desenvolvimento. Tal sucesso se deu porque o filósofo, com amplo conhecimento das línguas, mantinha uma extensa rede de contato por correspondência de cientistas para ter rapidamente acesso às novidades da chamada filosofia natural. Oldenburg decidiu imprimir as cartas com os relatos científicos no formato de boletim, o que após o contato com a versão francesa o transformou na revista com um viés mais científico e que serviu como modelo para os periódicos de diversas outras associações europeias, publicações que passaram a ser frequentes no século XVIII, principalmente devido ao crescimento de especialização das disciplinas científicas. O aumento das

grande capacidade de difusão e transformação social nas primeiras décadas do século XX Stockinger (2002)[222].

A partir da segunda metade do século XIX, graças à utilização de uma relativa plataforma tecnológica de época foi possível perceber o papel da ferrovia e da navegação a vapor na redução das distâncias. Em poucos minutos, o telefone, o telégrafo e o cabo submarino transmitiam informações e conhecimentos de um lado a outro do planeta[223], sob a tutela das instituições produtoras e geradoras de ciência que, pouco a pouco, possibilitaram a formação de várias redes de interlocução científica[224] ao redor do planeta, em todos os campos do saber, de maneira a causar grandes transformações não só países geradores de conhecimentos (França, Inglaterra e Estados Unidos), como também em países como o Brasil.

A partir da perspectiva acima, Polanco (1989)[225], ao perceber a expansão da ciência europeia através dos fluxos cognitivos, nos remete à ideia de ciência-mundo. Na verdade, sua percepção histórica de ciência significou um contraponto em relação às ideias que garantiram lugar consagrado ao conhecimento europeu. Sua noção nega a verticalização da ciência pensada por esquemas estruturantes e, portanto, hierarquizantes, ou seja, o citado autor redefine a ideia de uma "ciência" ou "ciências" que se manifestavam do centro, em direção à semiperiferia e pôr fim à periferia e vice-versa.

Desta forma, Polanco (1989)[226] ao legitimar a ideia de uma ciência em rede concebe a noção de uma "ciência-mundo", ao contar com o apoio ou "mecenato" de instituições científicas, dos estados e até da iniciativa privada e que transformou em "um grande empreendimento mundial". Aliás, este é um aspecto que não era novidade, visto que o apoio financeiro já existia no início da modernidade.

---

revistas nesse período também aconteceu devido à necessidade de um ágil registro público sobre a autoria das descobertas e invenções científicas que galgavam espaço nas sociedades ocidentais. Para facilitar sua tarefa na associação (que teve como membros personalidades como Charles Darwin, Michael Faraday, Caroline Herschel, Isaac Newton, Edmond Halley

[222] **STOCKINGER,** G. *Para uma teoria sociológica da comunicação*. Salvador: FACOM, 2001. p. 220 Disponível em: www.facom.ufba.br Acesso em: 10 out. 2002. Livro eletrônico disponibilizado por meio de link. Material Impresso para consulta.

[223] **MATTELART,** Armand. Comunicação-Mundo. *História das Ideias e Estratégias.* Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Petropólis-R.J. Editora Vozes, 1999, p. 15-38.

[224] **VERGARA**, Moema. *Ciência e literatura: a Revista Brasileira como espaço de vulgarização científica,* in SOCIEDADE E CULTURA, V. 7, N. 1, jan. /jun. 2004, P. 75-88.

[225] **POLANCO,** Xavier. Une Science-monde: *la mondialisation de la science européenne et la création de traditions scientifiques locales"* . In: POLANCO, Xavier. *Naissance et développement de la Science-monde. Paris, Éditions La Découvert*, 1989, p. 20.

[226] **POLANCO**, Op. Cit. 1989, p. 20.

É a partir desse contexto que Bourdieu (2004)[227] aponta para o fato de que a ciência moderna e contemporânea se tornou parte de um jogo composto por um sistema de recompensas no qual os cientistas que publicam e são mais citados acumulam "créditos". Tanto que, em alguns casos, aqueles podem ser convertidos em reconhecimento, prêmios, e cargos profissionais e, por fim, a conquista de crescimento na carreira acadêmica.

Dentro disso, Polanco (1989)[228] também nos diz que a ciência da transição dos séculos XIX e XX, além das formas de organização institucional, disseminou práticas, valores intelectuais e morais e, por fim, as regras técnicas que impuseram a todos uma única forma de fazer a boa ciência no planeta. Portanto, uma ciência que se manifestou em rede, evidenciando fluxos de conhecimentos e o surgimento de novos centros de produção científica como é o caso do Brasil e suas principais áreas de produção de conhecimento, Rio de Janeiro,[229] São Paulo e, especialmente, Salvador.

Portanto, dentro do que foi colocado, é possível dizer que a Bahia, através da Faculdade de Medicina, foi parte integrante da rede de conhecimento, ao conduzir para o centro das discussões da época os problemas de saúde que afligiam seus profissionais, as elites e os governantes. A participação de médicos baianos, chancelados pelo Governo Seabra em eventos internacionais, nos faz entender a ideia de "rede" e as possíveis interações entre as produções

---

[227] **BOURDIE**, P. *Para uma sociologia da ciência,* Lisboa: Editora 70, 2004.

[228] **POLANCO**, Op. Cit. 1989, p. 20.

[229] Sobre a participação do Brasil em eventos científicos no início do século, Fernanda Rebelo (2010), nos diz que "Os anos de 1903 e 1904 foram bastante significativos para o Brasil com respeito a sua participação em eventos internacionais como congressos, conferências e convenções. Um destes eventos foi a segunda participação do país em uma conferência sanitária europeia, ocorrida em Paris, em outubro de 1903. Esta conferência teve como finalidade renovar as bases científicas da convenção anterior, a de 1897, que visava a profilaxia da peste e da cólera. De acordo com os estudos sobre a peste, encarando-se o rato como o seu principal transmissor, uma nova orientação deveria ser tomada no que dizia respeito à profilaxia desta moléstia. Assim, as potências signatárias da Convenção de Veneza de 1897 resolveram se reunir em Paris, em 1903, com o objetivo de renovar as bases científicas da convenção anterior (*O Brazil- Médico*, 1905, ano XIX, p. 227). [*Sic*] O Dr. Gabriel de Piza, que era diplomata e não médico, foi o representante brasileiro em Paris. A princípio, o foco desta convenção era somente a peste e a cólera, no entanto, Piza conseguiu que se discutisse também a febre amarela. A Convenção de Paris aceitou como demonstrada cientificamente a profilaxia decorrente dos estudos da missão americana - coordenada por Walter Reed em Cuba no ano de 1900 - segundo os quais constatou-se que a febre amarela era transmitida pelo mosquito stegomyia fasciata. Todas as nações deveriam modificar seus regulamentos a partir de então, de acordo com a nova orientação, que reconhecia esta espécie de mosquito como o transmissor da febre amarela (RMJNI, Relatório do Diretor Geral de Saúde Pública, 1904/1905: A-A-15; O Brazil-Médico, 1905, ano XIX, vol 1, pp. 227). [*Sic*] O Brasil, enquanto signatário das conferências de Paris (1903) e do Rio de Janeiro (1904), tinha agora o compromisso de promover as reformulações acertadas nas reuniões com relação aos serviços sanitários (...)". (O Brazil-Médico, 1905, ano XIX, vol 1, p. 228). *In* **REBELO,** Fernanda. *A Travessia: imigração, saúde e profilaxia internacional (1890-1926).* tese de Doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde. Fundação Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, Rio de Janeiro. 2010, p 181.

científicas da época, o campo médico local e as ações sanitárias e urbanistas que foram implementadas pelo governo local a partir de 1912.

> **O 2º Congresso scientifico Pan-Americano- Os convites á "Faculdade de Medicina"**
>
> Chegaram ante-hontem, para a faculdade de medicina, os convites do Sr. Wiliams J. Bryan, secretario do exterior do governo dos Estados Unidos, afim da congregação daquelle estabelecimento de ensino tomar parte no 2° congresso scientifico pan-americano, a reunir-se em Washington de 27 de dezembro desde anno a 8 de janeiro de 1916.
> A sociedade de Medicina também recebeu igual convite[230]. [*Sic*]
>
> **Publicação do Diário Oficial do Estado**
>
> O Doutor Governador do Estado da Bahia, tendo em consideração a necessidade de ser representado o mesmo Estado no 2° congresso scientifico pan-americano, a reunir proximamente em Washington, resolve nomear, para essa comissão o Dr. José Rodrigues da Costa Dorea, professor das faculdades de medicina e Direito do Estado.
> Palacio do Governo do Estado da Bahia, 30 de Novembro de 1915. – (Assignados)- J.J. Seabra e - Arlindo Fragoso[231] [*Sic*]

Ou seja, numa época em que o planeta experimentava a constituição de uma nova relação com o tempo-espaço cognitivo, os imbricamentos comunicacionais da rede permitiram a chegada de conhecimentos e informações que se apresentavam em movimento[232], colocando, para "o bem e para o mal", a intelligentsia médica local nos quadros da "intercambialidade cultural e científica" [233] do sistema mundo da época, com o apoio do Estado e das principais instituições científicas baianas, a Faculdade de Medicina e o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.

---

[230] *BCEB*: Setor de Periódicos. Jornal *A Tarde*, 18 agosto de 1915, p.01

[231] *BCEB*: Setor de Periódicos. **Portaria editada pelo Gabinete do Governador J.J. Seabra de 30 de novembro de 1915 e publicada no Diário Oficial do Estado da Bahia em 02 de dezembro de 1915**

[232] O conhecimento se manifesta como algo em movimento. Portanto, pode ser entendido como um cenário-fluxo. Algo que pode ser entendido como interfaces que devem ser apreendidas como o entrecruzamento, justaposição e entrelaçamento de imagens, sons, práticas, conhecimentos, discursos**,** performances, etc. em sua plasticidade, intensidade e volatilidade. Neste sentido, não se trata de "coisas" nem devem ser tomadas como tal. Poderíamos dizer que trata de planos que realizam, enquanto utopia, um lugar possível – neste caso, constitui-se a partir da tessitura do referido conjunto de elementos que participam destes Cenários-fluxos; daí a ideia de arranjos. **SILVA**, Anderson Silveira. *Para a Construção de uma Analítica de Agenciamentos. Uma Proposta de Compreensão das Novas Texturas Sociais.* Programa de pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientação Proº Drº Milton de Araújo Moura. 2003.

[233] Ver a questão da *Colonialidade do Saber* na nota 13, p. 6 deste capítulo.

Nesse sentido, a partir do cotejo das fontes (mensagens políticas, jornalísticas e médicas) encontradas, bem como, dos embasamentos teóricos presentes na literatura recentemente produzida, tem-se a abordagem das noções presentes em um discurso de natureza conservadora que, à luz dos conhecimentos da época, colocou-se em "rede" sob a forma de interlocução científica em diálogo com as estruturas do poder administrativo local, com o objetivo de combater as chagas orgânicas, morais e históricas que tanto debilitavam o mitificado projeto de nação sã[234] das elites.

Na verdade, eram ações embasadas nos princípios de uma medicina higienista com fortes embasamentos eugenistas que, à época do seabrismo foram colocados a serviço dos grupos de poder do Estado Republicano baiano, em que pese que seus resultados estivessem voltados para a segregação do espaço urbano e a garantia de uma convivência socialmente ajustada aos anseios de uma elite afrancesada. Portanto, a produção científica[235] que se caracterizava por apresentar um conjunto de falas redutoras da humanidade do outro.

Assim como, no caso de um indivíduo doente e acometido pela "*síndrome de alienação"*, uma situação muito comum em Salvador causada pelas condições de vida dos mais pobres, sempre esteve associada, de forma pejorativa aos negros da cidade.

> Um estado mórbido bem definido, com sinais e caracteres especiais, que fazem do degenerado um ser á a parte, anormal em seu estado normal, anormal mesmo em seu estado de loucura, enfim sempre desviado dos seres do tipo ordinário, qualquer que seja seu estado psicológico (...) *degenerado é todo o organismo incapaz por si próprio, por defeito orgânico ou psíquico de afirmar sua própria individualidade e que conduz uma vida parasitária improdutiva e nociva à sociedade*.[236] *Grifos meus*

---

[234] Para Katia Muricy as elites letradas sabiam que só foi através da produção e difusão dos "mitos" que, seria possível no Brasil, dos séculos XIX e XX, *a regularização da vida social brasileira*. Entre esses mitos, que atuavam como aspectos legitimadores para as transformações normalizadoras da sociedade, estavam em destaque a crença evolucionista no progresso, as ilusões do cientismo, e por fim a pretensão humanista presente no pensamento liberal. **MURICY,** Kátia. *A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo.* São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 15.

[235] Se aplicarmos a ideia de "rede" para abordar um conhecimento que se manifesta no espaço de uma trama formada por indivíduos que produzem e difundem seus trabalhos, é possível afirmar que a produção científica local tinha na Gazeta Médica da Bahia o mais importante veículo de informação médica e social do país. A gazeta foi publicada em dois momentos, um primeiro ciclo de publicação entre 1866 a 1934 e depois de 1966 a 1972, com uma edição especial em 1976. Ali eram publicadas as teses mais importantes dos cientistas locais, bem como artigos de interesse cientifico e social. Para Bastianelli, a Gazeta Médica deve ser vista como um importantíssimo manancial de informações histórica necessárias à compreensão do universo mental e dos costumes da sociedade baiana. Ver **BASTIANELLI**, Luciana. *Gazeta Médica da Bahia 1866/1934 - 1866/1876***.** Bahia: Edições Contexto, 2002

[236] *AMMS:* Arquivo do Memorial de Medicina. **ALMEIDA**, Manoel B. Calmon du P'in e *Degenerados e Criminosos*. Salvador: Litho-Typo e Encadernação V. Oliveira., 1900, p. 04-06.

Nessa mesma linha de pensamento, o médico e antropólogo Nina Rodrigues, um dos principais expoentes da velha Faculdade de Medicina da Bahia, se manifestou através de teorias e métodos que, além de cotejarem a suposta inferioridade racial do povo negro, ainda atentavam para uma natural predisposição criminosa daquela parcela da população.

Desta forma, segundo ele:

> (...) A sobrevivência criminal é, ao contrário, um caso especial de criminalidade, aquele que se poderia chamar de criminalidade étnica, resultante da coexistência, numa mesma sociedade, de povos ou de raças em fases diversas de evolução moral e jurídica, de sorte que aquilo que ainda não é imoral nem antijurídico para uns réus já deve sê-lo para outros. Desde 1894 insisto no contingente que prestam à criminalidade brasileira muitos atos antijurídicos das populações inferiores, negra e vermelha, os quais contrários à ordem social estabelecida no país pelos brancos, são, todavia, perfeitamente lícitos, morais e jurídicos, considerados do ponto de vista a que pertencem os que praticam. A contribuição dos negros a esta espécie de crimes das mais elevadas. Na sua forma, esses atos procedem, uns do estádio de sua evolução jurídica, procedem outros de suas crenças religiosas.[237]

O que chama atenção no discurso de Rodrigues é o fato de que a sua proposta teórica, antes de mais nada, se mostrava intercalada por percepções marcadas por oposições que conduziam o negro à desqualificação e a exclusão quando comparado aos brancos. É a partir daí que Rodrigues e outros médicos baianos seguidores, do seu pensamento nos campos da medicina legal e da psiquiatria vão levar a frente um conjunto de falas redutoras que atuaram principalmente, sobre os diacríticos que formavam os elementos identitários da cultura negra, sempre classificando-as como inferiores àqueles praticados pelos brancos.

É uma percepção amplamente aceita, a ideia de que Nina Rodrigues ao se colocar em uma das extremidades da rede local de interlocução científica, ganhou notoriedade pela proposta e organização metodológica da sua pesquisa. Rodrigues, ao contrário de muitos defensores dos discursos radialistas de sua época, tem méritos pela forma de cotejo do seu objeto de pesquisa. Entretanto, é consensual que, ao desenvolver as suas teorias, o médico maranhense radicado na Bahia foi um dos atores responsáveis por ter construído uma forma de

[237] Sobre os aspectos presentes na construção teórica de Nina Rodrigues e aqui apresentados, é importante ler as seguintes obras Nina Rodrigues: "*Os Africanos no Brasil*". RODRIGUES, R.N. Brasília: Editora UNB, 1988. "*O Animismo Fetichista dos Negros Baianos*" Rio de Janeiro, UFRJ/Biblioteca Nacional, 2006 e por fim, *As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil*. Rio de Janeiro. Editora: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. 2006

pensar que, em rede, conduziu muitos incautos à noções racialistas e equivocadas sobre o negro baiano, num momento em que as elites, em seu projeto de nação, almejavam uma sociedade progressista e civilizada.

A forma como a rede de interlocução científica se estruturou no espaço acadêmico local desencadeou crenças médicas tão descabidas que, muitas vezes, beiravam os sentidos da ironia. Tal situação se enunciou quando o médico e escritor Heitor Praguer Froes (1921), em um artigo sobre Noções Esquemáticas de Patologia da olfação e sua relação com as raças humanas, trouxe à tona a ideia de que:

> (...) cada raça, cada nacionalidade, tem seu cheiro próprio: assim, ao olfato japonês os franceses cheiram a vaca ligeiramente baunilhadas e os alemães do norte têm odor acre de tanino; o cheiro dos chins e nipões lembra o do couro velho, o árabe e o judeu têm cheiro de ovelhas e os groenlandeses cheiram a óleo de foca; *os negros tem cheiro de hircico (budum, catinga – como se costuma chamar vulgarmente – cheiro de ácido capróico)*[238] *Grifos meus* [*Sic*]

Se analisadas as falas apresentadas, fica evidente o tipo noção que se tinha sobre as patologias e características do indivíduo no que concerne à raça. Nesse sentido, analisando a primeira citação, aquela que aborda a questão da loucura, tem-se a dizer que no plano da práxis, tal maneira de entender a doença, só produziu ações marcadas pelos sentidos da apartação entre aqueles considerados sãos e os não sãos. Sobre a segunda citação, mais uma vez, nos chama atenção a condição anômica do negro para aqueles "*homens de ciência"*. Ou seja, ao serem utilizados os sentidos da raça, o Dr. Froes, além hierarquizar posições, concebe em sua explicação uma construção predicativa de negação sobre uma importante parcela da população local.

Portanto, era uma forma de conceber e administrar a doença de acordo com os princípios vigentes da medicina social ou urbana da época, que culminou com as práticas de isolamento em antigos prédios, inicialmente ligados às instituições filantrópicas[239], pois os hospitais públicos, embora construídos a partir da segunda metade do século XIX, chegaram à segunda

---

[238] *BCEB:* Setor de Periódicos. Gazeta Médica da Bahia, 1921, p.268

[239] Segundo UZEDA (2006), "(...) a cidade de Salvador, já era, desde o período colonial, abrigo de rodízios epidêmicos o que forçou o Estado a constituir uma política de combate às epidemias, pois estas eram incompatíveis com a economia baiana, baseada na exportação e dependente do mercado externo. Era necessário prover um porto "limpo" aos negociantes. É por esta razão que no século XIX, O Estado começou a constituir um serviço hospitalar. Como o asilo de Mendicidade, o Asilo São João de Deus, o isolamento de Mont Serrat e o isolamento dos Lázaros" **UZEDA**, Jorge Almeida. *A morte vigiada: a cidade do Salvador e a prática da medicina urbana 1890-1930,* p.33, 2006.

década do período republicano trazendo no seu bojo de atuação o claro objetivo de tirar de cena o doente do espaço social dos considerados sadios.

Na verdade, tendo como embasamento a situação até aqui discutida, muito pouco mudou no que concerne à política de saúde do Estado Baiano, desde o período de transição para a República, em 1889. Nesse sentido, UZEDA (2006) nos diz que durante o denominado "*rodízio da morte"*, compreendido entre 1889 e 1930, período por ele estudado, as ações de governo passaram pela produção de um conjunto de *leis sanitárias*[240], a começar pelas posturas municipais que, na prática, se caracterizaram pela pouca efetividade, se observados os resultados obtidos. Vale lembrar que a Salvador republicana era um território constantemente visitado por doenças e surtos epidêmicos de ocasião. Tal condição deu à capital baiana, dentre outras, a alcunha de *fábrica de tuberculosos*[241]*, uma vez que, só no período de vigência do seabrismo, cerca de 14.434*[242] *baianos tiveram suas vidas ceifadas.*

Tendo como suporte a *voz dos "homens de ciências"* e letras, todo o esforço que se manifestará a partir daqui passará pelo entendimento dos mecanismos materiais, simbólicos, políticos, administrativos implicados na implementação de ações que, em acordo com o pensamento higienista da época, garantiram às ações de Estado[243], à época de J. J. Seabra o

[240] ***Postura 215. Código de Postura de 5 de novembro de 1920***

[241]*AMMS:* Arquivo do Memorial de Medicina. **SILVA,** Otávio Torres da. *A cidade do Salvador perante a higiene. 1908.* Tese (Doutorado) - Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1908, p18

[242]Sobre o número de óbitos na cidade do Salvador no período Seabrista, O dr. Fábio de Carvalho Nunes nos fornece os seguintes números:

PERÍODO	ÓBITOS
1912 - 1916	4360
1917 - 1921	5322
1922 - 1926	4752
TOTAL	14.434

AMMS: Arquivo do Memorial de Medicina. In, **NUNES,** Fábio de Carvalho. *A Mortalidade por Tuberculose na Cidade do Salvador*. Secretaria de Educação e saúde. Salvador-Bahia, 1949, p.21

[243] ***Lei 892 de 10 de junho de 1912, Código de Postura Municipal nº 32-39 de 5 de novembro de 1920, Seabra, J.J. Mensagem de Governo 1922. P. 370-371.*** A priori, todos esses dispositivos legais tinham como objetivo controlar a sanidade dos ambientes perniciosos aos sentidos de convivência da cidade através de um policiamento constante em relação às moradias e ao espaço público urbano. Desta forma, na política sanitária do Estado seabrista, os inspetores sanitários eram os principais agentes deste policiamento. No cotidiano de suas ações, eles iam de casa em casa, observando as condições de higiene e embasados nos documentos legais da época obrigando os moradores e habitantes quando no espaço público a tomarem as medidas reclamadas. A importância dada a ação sanitarista pelo Estado é manifestada na seguinte fala do Governador Seabra em 1912: "em todos os outros serviços de fiscalização, a vigilância, para ser vital, precisa ser insistente: mas nos de higiene se lhe queremos os proveitos, tem de ser incessantes" Trecho da mensagem do governador em 1912

mesmo caráter normativo oriundo da racionalidade liberal burguesa,[244] também aplicado em outras regiões do país.

Entretanto, lembremos que, por essas terras, a tradição oligárquica rural se manifestava com muita intensidade sobre as estruturas de poder. Aliás, aqui é importante lembrar que dentre outras, a prática do patrimonialismo[245] nas estruturas políticas e administrativas de Estado foi o principal aspecto gerador do atraso baiano, não só no âmbito da saúde, como também, nas áreas de educação, cultura e outras de interesse social[246].

Ainda assim, é importante entender que, a necessidade de ajustes em uma sociedade elitista e arraigada às permanências mentais como privilégios e outras benesses do poder, teve relação direta com a organização do campo científico baiano. Lembremos que o conhecimento era domínio das elites, poucos homens de fora deste grupo que tiveram acesso ao mundo acadêmico. Por outro lado, independente de tal situação, o Brasil contemporâneo tinha a necessidade de construir um texto identitário à luz dos princípios de uma modernidade que se manifestava no trânsito de uma rede de conhecimento.

Dentro disto, nos chama atenção a diversidade e natureza dos construtos científicos que por aqui chegavam. Não obstante, fizeram-se por demais significativos aqueles que tiveram profunda ligação com o processo de formação do Brasil contemporâneo e suas consequências sobre as estruturas sociais, culturais, políticas e econômicas. Nesse sentido, com o objetivo de ajustar esta discussão ao tema da pesquisa, tem-se a dizer que para além da matemática e da filosofia foi o campo biológico aquele que mais influenciou a organização das ciências no Brasil e, esta, por sua vez, determinou a natureza dos embasamentos que permitiram a construção dos textos da nacionalidade .

Como exemplo desta associação, é possível dizer que, no Brasil, os "*homens de ciências"* se constituíram como os tradutores de uma realidade marcada pela tragédia de um escravismo cujas marcas faziam-se presente no cotidiano da sociedade ainda definindo o status

---

[244] **SAES**, Décio. *A formação do Estado Burguês no Brasil (1888-191)* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985. p188-191

[245] Sobre a prática do patrimonialismo na história política e administrativa brasileira, a obra clássica "Os Donos do Poder" de Raimundo Faoro as elites são colocadas nos cenários de poder "com a sua criatura, o estamento burocrático – continha, no próprio seio, o germe do suicídio econômico. Desenvolvera uma concepção de vida avessa ao trabalho produtivo e à rotina, comprazendo-se, exclusivamente, no amor aos postos e empregos públicos. **"FAORO,** Raymundo. *Os donos do poder. Formação do Patronato Político Brasileiro*. Rio de Janeiro. Editora Globo, 1958, pag. 41

[246] **SANTOS**, Op. Cit. v. 41, n. 3, p.2, 1998.

e papel dos indivíduos nas estruturas sociais[247]. Na Bahia, a Faculdade de Medicina teve papel de destaque ao permitir o fluxo de um conhecimento que entrava e saia. Era uma produção acadêmica ressignificada e ajustada a realidade local e que por isso permitiu a produção de resultados sobre a realidade em curso.

Dentre as várias formas de enunciação do conhecimento médico-científicas produzido no espaço acadêmico da Faculdade de Medicina, nos chamam atenção aquelas que se referiam a natureza do processo de formação da sociedade brasileira e sua relação com o cotidiano das relações sociais. A exemplo desse aspecto tem-se o posicionamento de alguns médicos sobre fenômeno da mestiçagem, uma questão que, para muitos médicos era um fator de degeneração da raça brasileira. Como exemplo desse discurso em 1923, o Dr. Murilo Celestino dizia:

> É preciso cuidar da raça - sem a preocupação do preconceito de cor – resolvendo os problemas da sua psicologia, observando as regras de higiene mental e adaptando meios próprios à sua cultura psíquica e intelectual. Assim, veremos realizada a previsão do velho historiador visconde de Porto Seguro, que dizia: brasileiro, produto de três raças, terá a energia e intrepidez dos indígenas, o coração dos negros e a inteligência dos brancos![248]

Ou, também através dos discursos de médicos que buscavam na história de determinados grupos humanos, o afinamento com as noções de progresso, modernidade, salubridade, e, consequentemente, *de* civilização nos espaços públicos e privados da cidade. A exemplo de tal assertiva o Drº Belmiro Valvêrde, médico e colunista, coloca:

> (...) dentre as forças que impulsionam uma nação, abrindo os seus horisontes ao progresso e ao desenvolvimento, está, em primeira linha, o seu grau de salubridade. Noção conhecida em todos os tempos ella tem vindo, desde as épocas mais primitivas, se afirmando através successivas gerações, até chegar aos nossos dias sob a feição de uma verdade irrecusável, experimentalmente demonstrada com vigor das grandes conquistas scientificas.[249] [*Sic*]

Desta forma, em rede, a questão da higiene passou a ser entendida como um problema público e logo, passou a ser justificativa do Estado para as intervenções sobre o tecido social urbano, tanto no nível coletivo como no espaço privado da casa. Os profissionais de saúde,

---

[247] **SCHWARCZ,** Op. Cit. p.23-42
[248] *BCEB:* Setor de Periódicos. *Gazeta Médica da Bahia*, julho de 1923, p.257
[249] *BCEB:* Setor de Periódicos. Editorial *Chronica Medica* - assinado pelo Dr. Belmiro Valvêrde - Revista Bahia Ilustrada março.1918

médicos, na condição de "*homens de ciências"*, colocaram-se na natural missão de encontrar soluções para os problemas de salubridade que assolavam os espaços urbanos da Salvador Seabrista, e que se apresentavam como um grande impedimento ao progresso e à civilização. Posto que, para eles, a higiene era um princípio elementar que

> (...) posto em relevo pela victoria da inteligência humana, triumphante na luta contra os productores e propagadores das doenças, vem destacar, de forma nítida e perfeita, o valor dos médicos, demonstrando o papel, singularmente nobre, que eles desempenham no seio das collectividades em vivem, trabalhando sempre em nome de um ideal, representado pelo bem está e felicidade dos povos de que fazem parte.[250] [*Sic*]

Os médicos baianos ligados à tradição oligárquica, ao trazerem no seu acervo de conhecimentos as noções de boa sanidade social, a questão da higiene passou a ter *lócus* de destaque, tanto no espaço ideológico através da emissão de um discurso ordenador do comportamento das pessoas[251] como também no âmbito das mudanças infra estruturais do espaço físico urbano à época de J.J. Seabra. Como consequência, o posicionamento daqueles profissionais terminou por definir os aspectos clínicos da saúde e, sobretudo, o lugar do indivíduo nas estruturas social e física da cidade Costa (1999)[252].

Como já discutido no capítulo I deste trabalho, por essas terras, a identificação e formas de abordagens dos males da terra dividiu os doutores baianos durante um longo período[253]. Aliás, só para lembrar, tal dicotomia evidenciava a existência de um intenso campo de tensão entre grupos cujas práticas assumiam posturas diferenciadas no que diz respeito às teorias médicas consolidadas desde o século XVIII e às novas teorias microbianas[254] - sua relação com as doenças - e as formas de intervenção sobre a população.

---

[250] *BCEB:* Setor de Periódicos. *Revista Bahia Ilustrada*, publicação mensal, março de 1918

[251] **LEITE,** Op. Cit. 1996, p. 12.

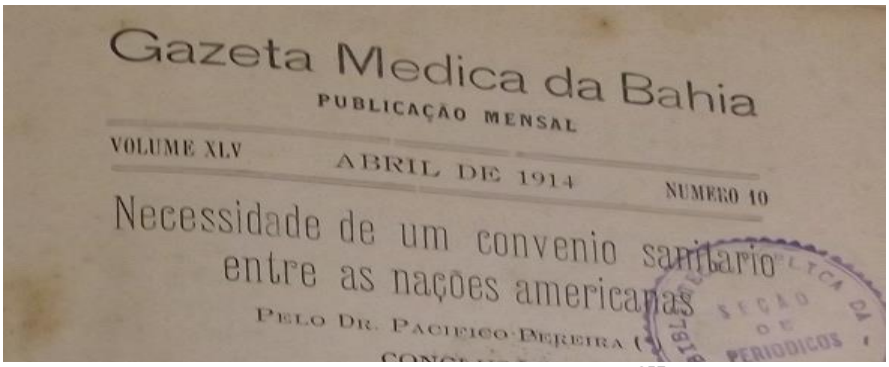
[252] **COSTA,** L. A. M. Theodoro Sampaio. *O processo de urbanização e a questão sanitária paulista do fim do século XIX: teoria mesológica e teoria microbiana, infra estruturação e políticas públicas.* Dissertação (Mestrado em Arquitetura e urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo: USP, 1999.

[253] Ver Capitulo I pag. 48-51

[254]Em paralelo aos estudos dos médicos tropicalistas e suas pesquisas no campo das ditas doenças tropicais, outros médicos se dedicavam aos estudos da febre amarela e do cólera. No entanto, a análise das fontes documentais revelou também uma grande diversidade de estudos das epidemias de febre amarela, do cólera e da tuberculose, bem como das formas de contágios das doenças. Foram encontrados estudos sobre a precariedade sanitária e de higiene nos hospitais escola, da situação difícil dos prédios públicos e casas públicas, nos portos, nos setores de trabalho, nas moradias e no espaço público da cidade. Em 1915, de acordo com os avanços no campo da microbiologia e, por isso, considerada de grande cientificidade, o Dr. Augusto de Araújo Aragão Bulcão como trabalho de conclusão de curso, defendeu Tese Doutoral intitulada "A *Molestia de Carlos Chagas*"[*Sic*], isso seis

Portanto, em rede, assim como nos principais centros de formação e produção intelectual do país, na cidade da Bahia do início do século XX, a "*ciência*" produzida na sua principal instituição de ensino, a Faculdade de Medicina, foi colocada como coadjuvante de um jogo de construção e afirmação identitária. Era um conjunto de falas caracterizadas pela negação do passado histórico, mas que buscavam a construção de uma nacionalidade baseada numa paradoxal tentativa de homogeneização humana e cultural.[255]

Por agora, e ajustando o olhar em direção a um "breve" ponto final sobre o uso da ideia de "rede de interlocução científica", podemos afirmar que a construção da nacionalidade na Bahia, à época de J.J. Seabra, é fruto de um discurso higienista e, portanto, depurador dos sentidos da convivência produzido e replicado por atores do campo médico local. Especificamente por aqueles que, em função da militância intelectual e institucional, disseminaram uma forma de pensar que legou à Cidade da Bahia e ao restante do Estado um "texto" que se manifestava através de um conjunto de performances[256] voltadas para a afirmação do ser brasileiro moderno e civilizado.


Gazeta Medica da Bahia
PUBLICAÇÃO MENSAL
VOLUME XLV ABRIL DE 1914 NUMERO 10
Necessidade de um convenio sanitario entre as nações americanas
PELO DR. PACIFICO PEREIRA
Fig. 5 Gazeta Médica da Bahia[257]

anos após a publicação original de Chagas, quando ainda persistia a infamante campanha de descrédito das descobertas de um dos principais pesquisadores brasileiros, o Prof. Carlos Chagas.

[255] É importante entender que os discursos homogeneizadores construídos por nossos "*homens de ciências"* tinham por embasamentos as teorias do racismo científico que atuaram na disseminação e sedimentação de estereótipos acerca de amplos grupos sociais formados por negros, mestiços, índios, mulheres, trabalhadores, pobre, desvalidos e desocupados, reservando-lhes um papel desabonador na formação de uma unidade inventada a qual as elites da época chamavam de Brasil. Para entender os discursos homogeneizadores ler **SILVA,** Tomaz Tadeu da. *A produção social da identidade e da diferença. In Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.* Petrópolis: Vozes, 2000, p. 93

[256] **BHABHA**, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 207.

[257] A imagem da página de abertura e capa da Gazeta Médica da Bahia do ano de 1914 evidencia um pouco da atmosfera de abertura científica da época, no que diz respeito à existência de uma rede de interlocução científica. Nesta edição fica bastante clara a propensão dos homens de ciência locais frente às enunciações cognitivas exógenas. *BCEB:* Setor de Periódicos. Gazeta Médica da Bahia – abril de 1914, p.433

Por conseguinte, diante de tudo que foi colocado, é importante salientar que a noção de rede aqui apresentada deve ser entendida não apenas como conteúdos em fluxo! Muito para além disso, na cidade da Bahia dos "*Homens de Ciências*", a "rede" deve ser percebida a partir do comportamento acolhedor e crítico que seus atores manifestavam na ávida busca pelo entendimento de uma descoberta, de um fenômeno ou de uma teoria.[258]

Desta forma, a rede de interlocução científica local, enquanto organismo neuronal intelectivo da época, gerou um construto ideológico higienizador e a produção de um conjunto de agências feitas por atores[259] ligados ao sacralizado e prestigiado campo médico oriundo da Faculdade de Medicina da Bahia[260] que, a serviço do Estado e de suas oligarquias, tinham como objetivo promover ações sanitárias legitimadas através da publicização e circulação de um discurso de natureza social, fortemente embasado no biologismo social positivista da época, com forte apelo à ordenação da vida.

Questões Medico-Sociais

A CULTURA HUMANA

> Sendo a sua falta de força, energia e vontade -neurastenia, se lhe chama- a doença hoje mais em voga, e do grupo das que não respeitam classe social, edade ou sexo, o que se atribue ao viver febril actual e ás condições ante-hygienicas do nosso tempo, embora a bygiene seja uma virtude cardinal e incessantemente praticada... no papel, não admira que a degenerescência progressiva da raça, a anemia dos grandes centros, a debilidade das mulheres e a decadência processo dos homens, que a miséria physiologica emfim dominante na geração presente, tenha a, muitos feito pensar que, se a natalidade é fraca ou pelo menos não é que conviria que fosse, alguma compensação haveria em a determinar forte

[258] São conhecimentos *constantemente* disseminados através dos eventos, dos meios de massa da época ou através das publicações especializadas feitas pela "*Gazeta Medica da Bahia*".

[259] **LATOUR**, Bruno e **WOOLGAR,** Steeve. A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos; Tradução Ângela Ramalho Vianna - Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997, p.70-75

[260] (...) O prestigio da profissão medica é, pois, muito justificado e vem sendo cultivado de longa data. Os livros sagrados estão cheios de referências dignificadoras dos médicos; no Ecclesiasto, cujas sentenças os autores modernos tanto transcrevem e tornam conhecidas, o lado utilitario da profissão parece ser a causa das reverencias á mesma: honrai o médico por causa da necessidade...» Entretanto, Isaias, falando ao povo judeu disse que «era uma razão de exclusão do commando e da corôa quando se não tinha nenhum conhecimento das molestias e dos seus remedios. Não me façaes vosso rei; eu não sou médico». E no Exodo «o Eterno toma o nome de *medico do povo de Israel*». [*Sic*] BCEB: Setor de Periódicos. Revista Bahia Ilustrada, Editorial Crônica Médica de março de 1918 de 1918. Refletindo um pouco sobre a passagem acima, se pode perfeitamente comprovar o papel do médico em nossa sociedade. Pois, além de prestigiados, os médicos tinham aos olhos de uma parcela da sociedade uma missão de natureza quase sagrada. Não é à toa que a historiografia contemporânea de autores como Marisa Corrêa e João José Reis respectivamente, os classificam como "Anjos Tutelares da Sociedade" e "Heróis Civilizadores"

> o sadia. Por outra, a qualidade boa e firme dos nascidos indemnizaria até certo ponto da pequena quantidade dos nascimentos.[261] [*Sic*]

Não é por demais ressaltar que a presença de categorias analíticas como cultura, ciência, progresso, higiene, classe, raça e gênero, tanto nos textos jornalísticos como nas publicações especializadas da época, tornaram-se elementos nodais para o processo de organização dos discursos médicos e também para a produção do que entendemos como estatutos da nacionalidade. Ou seja, aquelas categorias, ao embasar em a construção de um *texto*[262] idealizado à luz dos pressupostos científicos em vigência, dariam forma a um *ethos* ou identidade cultural local ajustada ao projeto de nacionalidade das elites.

Desta forma, não era incomum a existência de falas que chamassem atenção sobre os atavismos da mestiçagem e, que, por sua vez municiavam a persistência dos discursos defensores da depuração sócio racial como meio de garantir os sentidos da boa convivência e da civilidade na Salvador Seabrista. Assim como fez, em 1923, o Dr. Murilo Celestino, em um discurso de natureza eugênica, chamou atenção para os cuidados sobre a mestiçagem, ao dizer:

> Não existe unidade psicológica nos tipos da nossa raça: E, se não existe unidade psicológica o organismo que apresentar uma parte modificada naturalmente terá de apresentar modificações em outras partes, determinando um equilíbrio instável, e, esta instabilidade está em razão inversa da dissimetria. Infere-se dali que, se todas as funções guardam estreitas relações entre si não pode haver boa organização mental se essa harmonia for perturbada. É bem aplicável este raciocínio em relação à mestiçagem, onde a influência indelével dos geradores sobre o ser engendrado deve ser observada com máxima frequência. Esta transmissão não se limita aos caracteres essenciais da espécie; ela vai também às modificações mais ou menos numerosas sobrevindas nos organismos, sob influências de causas diversas que tem agido sobre as gerações anteriores, determinadas pelas mudanças morfológicas ou dinâmicas do tipo primitivo. E assim, embora depois de certo número de cruzamentos, onde ainda se observe a transmissão ancestral ou atávica, as modificações oriundas da uniformidade poderão apagar as diferenças mais notáveis dos tipos primitivos. Por isso, torna-se muito difícil traçar a fisionomia dos mestiços numa forma determinada, porquanto, sob as uniões dos indivíduos de todas aas cores, apresentam-se os caprichos da herança, ora associando contradições morfológicas, ora enfraquecendo ou anulando os impulsos biológicos das fontes primárias. E, apesar, porém dessas tendências inerentes à vida social impulsionadas pela lei de Malthus, a mestiçagem encontra um obstáculo poderoso nas solicitações da herança que, por sua vez retardam ou mesmo dificultam a unificação dos tipos, ora perturbando

[261] *BCEB:* Setor de Periódicos. *Questões Medico Sociaes*- Coluna diária do *Diário de Notícias* em 27 de dezembro de 1913, p.04
[262] **BHABHA**, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 207.

> os traços essenciais, ora fazendo reviver nas populações os caracteres atávicos de indivíduos mergulhados na noite dos tempos.[263]

Por fim, voltando, à questão da trama que se manifestou nos espaços da rede de interlocução científica local e suas consequências sobre o tecido urbano da Salvador Seabrista, não é por demais afirmar que seus atores, em que pese terem produzido um conjunto de enviesamentos ideológicos sacralizados pela tradição médica local, seus postulados e aconselhamentos para além das elites, só obtiveram acolhida nos espaços acadêmicos da centenária Faculdade de Medicina da Bahia e nos poucos universos letrados da cidade[264]. Ao lançar mão das teses doutorais e periódicos médicos, reproduziam-se e difundiam-se, em textos carregados de semantismos, as noções de higiene, sanidade e, consequentemente, de ordenamento social na cidade, como mostra um jornal de grande circulação da cidade.

> A policia da terra está em movimento no sentido de não deixar propagar-se em nosso meio social a horrenda chaga do caftismo. Os nossos applausos á policia da terra, com os nossos maiores desejos de que tenha ella a força, a energia precisa para levar por deante a sua acção em prol do saneamento moral da Bahia.[265][*Sic*]

Aliás, é de bom alvitre lembrar que a cultura médico-científica, apesar de todo o seu prestigio e arcabouço sacro institucional, não foi suficientemente forte para mudar a natureza das relações e, muito menos, os hábitos que se apresentavam no cotidiano dos espaços da rua. Pois, a Salvador no início do século XX era um mundo particular dentro das Américas e em particular no Brasil. Uma metrópole caracterizada pela vivacidade e vicissitudes dos elementos culturais que se manifestavam através das sinestesias das cores, dos sons, dos odores e dos

---

[263] *BCEB:* Discurso proferido pelo Dr. Murilo Celestino dos Santos, *in Gazeta Médica da Bahia*, julho de 1923, p. 256-257.*Grifos meus*

[264] Em paralelo à Faculdade de Medicina da Bahia e sua principal publicação, a Gazeta Médica criada em 1866, é importante chamar atenção para o papel desempenhado, no espaço da rede local de difusão cientifica, do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia que através da publicação de seus periódicos levava a um determinado tipo de público as ideias que seus associados desenvolviam no exercício de suas atividades intelectuais. Ainda é importante lembrar que faziam parte desse espaço social historiadores, geógrafos, jornalista, juristas, médicos e engenheiros que a partir das suas áreas de atuação faziam do Institutos um espaço de profundas e importantes interlocuções da cidade. Por outro lado, em paralelo as duas grandes instituições - a FAMEB e o IGHB - existia uma rede local de comunicação formada por jornais e revistas que atuavam como os verdadeiros porta-vozes de um jogo voltado para convivência social. Se na atualidade os novos meios tecnológicos de massa têm um papel que vai além da construção de sentidos, àquela época, os jornais tinham um papel de destaque na condução das percepções sobre o cotidiano na cidade, geralmente eram mensagens produzidas por que aqueles que detinham o poder de uma palavra que na sua maioria transmitiam as queixas e reclamações dos nobres senhores representante das elites locais.

[265] *BCEB:* Setor de Periódicos. *Editorial Saneamento moral* - Diário de Notícias, 20 de novembro de 1912, p. 01

corpos que se movimentavam pelas ruas da cidade reproduzindo infinita e cotidianamente, formas de pensar, agir, fazer e sentir, mediante hábitos e costumes.

A prova inconteste do que foi colocado acima foi parte contumaz da crônica jornalística disseminadora da ideologia vigente na cidade uma vez que, suas narrativas faziam sucessivas alusões aos momentos de tensão causados pela insatisfação das ditas pessoas geralmente pobres e "pouco esclarecidas" ante ao autoritarismo médico sanitário da virada dos séculos XIX -XX que, no afã de combater os males crônicos da terra e seus flagelos epidêmicos, não percebia formas menos invasivas de atuação. Sobre um destes momentos, Uzeda, (2006) cita um jornal da cidade que diz:

> "Com clamoroso desacato à autoridade em que se acha investido o ilustre Sr. Dr. Clementino Fraga, dando lugar à algazarra de populares a um começo de conflito do qual saiu ferido a bala um soldado da policia do cordão sanitário, que se fez estabelecer para a casa infeccionada. Tal resistência não pode continuar. porque além da gravidade que fizemos sentir, talvez favoreça o espirito da imitação. e sendo assim, não havendo força disponível para todos os cordões sanitários quantas ás casa em que se somam enfermos ao hospital de isolamento. a cidade ficará desabrigada e a mercê do contágio. há um meio de conciliação para as pessoas que não quiserem separar— se dos seus enfermos: é procurarem acompanha-lo ao hospital. fora disto, não"[266] [*Sic*]

Algumas cenas de indignação foram trazidas a público, quando alguns citadinos detentores de um falso poder, criavam estratégias de sobrevivência que iam para além dos seus parcos vencimentos, ao tempo em que, burlavam os códigos de posturas que impunham a manutenção da ordem e da higiene pública. Esta situação é facilmente comprovada pelas mensagens enviadas à coluna "Queixas do povo", do Jornal A Tarde, um espaço reservado às denúncias de situações que causavam insatisfação aos soteropolitanos. Naquele caso especifico, era um cidadão que manifestava suas queixas contra um certo agente público. Um dado lixeiro que, além de "gazetear" os seus serviços na rua J. J. Seabra, quando aparecia costumava cobrar uma "certa ajudinha" de comerciantes e de outros profissionais.

Assim,

> Além de só aparecer em a dita rua uma vez por outra também faz política, influencias... Assim retira o lixo daqueles que lhe ministram alguma gorgeta ou uma 'branquinha' e faz guerra franca áquelles que

266 *BCEB:* Setor de Periódicos. *Diário da Bahia 20 de agosto1904 p.01*

> não pingam alguma cousa. Que o diga um alfaiate da dita rua e o dono do armazém que lhe demora em frente.[267] [*Sic*]

Ou através de uma contumaz cena de mal-estar, causada pela aplicação de uma postura municipal pela autoridade sanitária de Salvador no ano de 1915 quando um jornal da época, oportunamente, em letras garrafais, exclamava:

> **Abaixo os caixões no mercado!**
>
> O sr. Director da Hygiene Municipal proibiu terminantemente, no Mercado Modelo, o uso de caixões de madeira, afim de servirem de descanso e deposito de mercadorias.
> Em vista disso, hontem. As 13 horas ali penetrou uma furma de guardas municipaes e de bombeiros quebrando a torto e a direito, tudo que era caixão que encontrava, no meio de um ruído infernal, que despertou protestos de mercadores e a atenção de todos que passaram pelo local. **[268]** [*Sic*]

Apesar de toda a resistência daquela parcela da população em relação aos conselhos e ações médico-sanitárias, foi com base na persistência daquelas falas sobre higiene, sanidade e dos relativismos presentes nos textos de ordenamento social[269] que, de certa forma, foi garantida à cidade da Bahia a produção em rede de um senso semântico voltado em uma sociedade que precisava apagar as marcas de um passado que persistia em manifestar-se para além do urbanamente aceitável.

Em que pese a relevância da rede de interlocução científica local e suas propostas de construção de um texto social marcado pela noção de ordenamento social, no plano das relações

---

[267] *BCEB:* Setor de Periódicos. Jornal *A Tarde* de 09 de outubro de 1913

[268] *BCEB:* Setor de Periódicos. Jornal *A Tarde*, 11 março de 1915, p 01

[269] Sobre esta questão é importante afirmar que os discursos de ordenamento social, eram sempre voltados para a noção do saneamento moral. Nesse sentido, a sua retórica era caracterizada por apresentar um conservadorismo de gênero muitas vezes ligado a relativa condição do indivíduo tanto na estrutura social como no próprio espaço das relações do poder de família como aponta o fragmento de texto com título "*Saneamento Moral*" do *Diário de Notícias* de 20/11/1912 se apresenta assim: "A polícia, da terra está em movimento, no sentido de não deixar propagar-se em nosso meio social a horrenda chaga do caftismo. Os nossos applausos á polícia da terra, com os nossos maiores desejos de que tenha ella a força, a energia precisa para levar por deante a sua acção, em prol do saneamento moral da Bahia. A prostituição é um triste produto da civilização humana, e desde os tempos mais remotos da história, nós vamos encontral-a, em todos os povos que attingiram a um certo grau de cultura. O homem, diz muito bem um professor europeu, tratando da nossa evolução individual e social, é animal polygano mais do que parece e se admite, e é, por consequencia, bastante difícil achar a monogamia rigorosamente usada até próprias sociedades hodiernas e mais civilizadas. Elle aceita a monogamia legal, continua o sabio professor, nos põe em prática a polygamia extra-legal, mediante o concubinato e a prostituição" *BCEB:* Setor de Periódicos. Diário de Notícias de 20 de novembro de 1912 [*Sic*]

cotidianas, aquilo que era entendido como científico, de certa forma, foi ressignificado nos grandes salões e meios de comunicação da cidade. E, assim, ao tomar a sua forma vulgarizada, cunhou ações como: apagar, negar, desclassificar, reduzir, omitir, esconder e desumanizar o outro. Tal passagem se manifesta, de forma clara, em um dos muitos editoriais veiculados pelos jornais da época, em que a natureza da mestiçagem era vista como um grande entrave ao desenvolvimento de uma raça nacional e pura.

> Nós não somos uma raça, por que em nossa pátria se tem cruzados muitas raças. As indômitas energias do caboclo, que aliás já não pertencia a uma raça única; as resistências e capacidades para o trabalho, características dos negros, que por seus turnos nos adivinham de mui diversa procedências; as cavallherosas e varonis qualidades dos portuguez, batalhador e navegante --eis as confusas origens que indefinidamente se entretecoram e entretecem no território nacional, o que não quer dizer que através tempos não tenham muitas famílias mantido intacto o seu cunho primitivo.[270] [*Sic*]

Na verdade, aqueles verbos que, transitavam através das falas tanto dos "*homens de ciências"* e letras como dos potentados das elites brancas da cidade da Bahia, legitimando noções e práticas antitéticas de forma a cicatrizar as marcas de um passado escravista que ainda se faziam tão presentes na realidade dos espaços públicos locais. No texto, ao hierarquizar as capacidades de cada tipo humano presente na formação brasileira, o autor se preocupou em realçar o papel do branco puro. Especificamente, daquele que, de alguma forma, se manteve fora do processo de miscigenação.

Por conseguinte, torna-se relevante entender que a rede de *interlocução científica* foi na transição do século XIX para o XX, bem como, nas décadas seguintes, um fenômeno planetário que, inicialmente, se apresentou tendo como base um relativo suporte tecnológico de época. No entanto em função das debilidades presentes nos sistemas de comunicação nacional e regionais, bem como da inexistência de importantes polos de estudos científicos para além de Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo todo aquele arcabouço científico e mental sofreu um processo de adaptação material, tecnológico e principalmente, discussional[271].

---

[270] *BCEB:* Setor de Periódicos. *Editorial Sursum Corda.* Diário de Notícias de 21 de julho de 1914, p.03

[271] Aliás aqui como nos diz Kédima Matos, é importante lembrar que a "institucionalização de uma ciência se dá por meio de espaços sociais, entre eles as instituições de ensino. Estas viabilizam sua dinâmica estabelecendo relações de diversos atores e tecendo redes nas quais se entrelaçam professores, alunos, dirigentes, governos. Nesse caminho, também agregam equipamentos, laboratórios, revistas, periódicos e manuais usados nas aulas, que de certa forma demarcam os limites e as concepções daquela comunidade científica." *In* **MATOS,** Kédima Ferreira de oliveira. *Os Estudos de Química e Mineralogia na Faculdade de Medicina da Bahia no Século XIX e as*

Assim, a rede de interlocução científica que se formou no Brasil, em cidades como Rio de Janeiro e em especial, Salvador, entre 1870 e 1930, se organizou como um fenômeno humano de difusão cognitiva voltada para os princípios da medicina social e urbana que trouxe consigo não só as marcas de uma nascente ciência nacional, mas também elementos ideológicos estruturantes voltados para o convívio social.

Desta forma, a ciência e seus representantes de ofício, os médicos, se apresentaram como coadjuvantes na construção de um texto que se colocou muito além da existência de um estatuto jurídico formal de apartação. Ou seja, por terem seus construtos atuando nos espaços das estruturas mentais, seus enviesamentos e tramas apresentaram-se à luz do liberalismo burguês republicano da época de forma bastante eficiente tecendo relações e resultados nos espaços do poder e da política e, com isso, definindo o lugar do cidadão soteropolitano de ascendência africana, pobre e trabalhador na sociedade.

2.3 A Rede, e a ressignificação do discurso médico

> Independentemente da sua origem e criação, a rede pode ser entendida como: física, simbólica, capilar e fractal! A rede não tem forma! A rede é fluxo! A rede é esteio de cambialidade! A rede se manifesta em todos níveis da atividade humana. A rede aproxima e distancia! Por conseguinte, a rede, ao longo dos dois últimos séculos, vem se colocando para a dita sociedade contemporânea como a produtora de sentidos, no entanto nem sempre possível, entendida e aceita por todos! (Almeida, Naomar) Cátedra Andrés Bello, 2004

Em paralelo ao processo de ressignificação, formação e difusão da ciência nacional, Schwarcz (1993)[272] deixa claro que, para além da evolução histórica presente na construção científica brasileira, as instituições médicas e seus homens de ciência, "em rede", através das suas produções literárias e científicas, colocaram-se como os principais atores e, portanto, porta-vozes de uma forma de pensar e propor uma ideia de Brasil.

Assim, se pensarmos exclusivamente o universo intelectual baiano, veremos que este se apresentava fortemente embasado nas principais correntes da época: o positivismo de Comte

---

Contribuições de Malaquias Álvares dos Santos e Virgílio Clímaco Damazio. Tese apresentada ao Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de doutora em ciências, orientador: Pedro Wagner Gonçalves. Campinas. 2016, p. 24

[272]**SCHWARCZ.** Op. Cit. 1993, p.189-235

(1798-1857), o evolucionismo de Spencer (1820-1903) e Darwin (1809-1882), e o monismo de Haeckel (1834-1919) tendências que, por aqui, deram origem a uma onda determinista, caracterizada por uma ressignificação intensamente vulgarizada dos fundamentos constitutivos das ciências naturais[273].

Por outro lado, este comportamento pouco produtivo em termos de produção científica autóctone sofreu duras críticas, tanto por força da presença de um consequente saber empírico e por sua débil mentalidade experimental[*274*], uma vez que,

> Não contando a faculdade com recursos suficientes, também não poderiam existir laboratórios e gabinetes capazes de proporcionar as condições mínimas para um trabalho eficaz; nem hospitais aparelhados para o ensino das clínicas, cujas exigências, em todas as épocas, podemos avaliar. Em face dessa situação, que meio poderia restar a um professor de talento, para colocar-se acima da vulgaridade, senão uma grande provisão de conhecimentos abstratos e de teorias, senão a eloquência e a dialética[275]

Ou como se apresenta em uma dura crítica feita por Nina Rodrigues ao tipo de ensino praticado na Bahia,

> O ensino prático com todo o seu aparato espetaculoso de sucessos oratórios, e que na avidez dos aplausos sacrifica, sem pejo, a utilidade do ensino, por mais de meio século de esterilidade banal, esse pendor invencível, símbolo de uma importação estrangeira sem critério, no termo de uma lenta agonia, já nem mais implora a caridade de um tiro de misericórdia[276]

Deste modo, ao assumir, sequiosamente, a ciência europeia no momento em que ocorria a transição do escravismo para uma nova configuração produtiva e, portanto, social, a intelectualidade local do período, através dos seus discursos, também se colocou no processo

---

[273] Embora durante a transição dos séculos XIX e XX tenham surgido severas críticas ao positivismo e ao naturalismo, como atestam o pensamento de Dilthey, Nietzsche e Bergson. É importante lembrar que o credo cientificista ainda se colocava de forma muito intensa no pensamento ocidental. No Brasil foi utilizado como uma verdadeira cartilha na organização republicana.

[274] **BARRETO JR**, Jurandir Antônio Sá. *Raça e Degeneração. Análise do processo de construção da imagem dos negros e mestiços, a partir de artigos publicados na Gazeta Médica Baiana (1880-1930).* Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências. 2004, p.28

[275] **FONSECA,** Anselmo da. *Memória histórica, 1891* apud Eduardo de Sá Oliveira. *Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia. Salvador*: Centro Editorial e Didático da Universidade Federal da Bahia, 1992, p53

[276] **RODRIGUES**, Raymundo Nina. *Memória histórica apresentada à egrégia congregação da Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia em 19 de março de 1897*. Gazeta Médica da Bahia, Salvador, v.73, out.1979. p.14

de formação do Brasil contemporâneo. Não obstante permitindo, no cotidiano dos espaços da cidade do Salvador, o recrudescimento do que já existia de pior no âmbito das relações entre brancos e não brancos na Bahia.

Dessa forma, ao ressignificar os construtos científicos de natureza racial e ajustá-los a nossa realidade, os "*homens de ciências"* e letras inviabilizaram as aspirações de cidadania dos ex-escravos, através de um discurso matizado pelos sentidos da cor, do atraso e da desqualificação cultural. Portanto, aspectos que, independentemente dos estatutos políticos jurídicos em vigor, permitiram aos seus interpretes a produção de uma percepção depurada acerca da realidade social.

> Nas madrugadas das segundas-feiras, ou das sextas-feiras de cada semana, porque a polícia aqui acorda muito tarde, aparecem nas encruzilhadas da cidade, na baixa da ladeira do cemitério da Quinta, na baixa da ladeira de Nazaré, cestos, panos vermelhos, milho torrado, algumas moedas de cobre, penas de galinha, às vezes galinhas vivas, de laços de fitas nas asas, toda uma infinidade de porcarias, tingidas de azeite de dendê e a que o vulgo dá o nome pitoresco e inexpressivo de bozó.[277]

Por terem passado por um intenso processo de reinterpretação no espaço da ciência baiana, tanto o positivismo como o darwinismo, quando utilizados e reproduzidos pelos "*homens de ciências"* e letras, embasaram as percepções depuradoras das elites sobre a sociedade local. Nesses termos, o que se viu foi a manifestação de uma síntese ideológica discussional,[278] através de construtos higienista e eugenista[279] que fizeram surgir ações

[277]*BCEB:* Setor de Periódicos. Editorial – *A Nossa Educação Religiosa*. Diário de Notícias, Salvador., 09 dezembro de 1912.

[278] Aqui por essas terras, por volta de 1913, o médico Alfredo Ferreira de Magalhães, professor da Faculdade de Medicina da Bahia e Diretor do Instituto de Proteção e Assistência à Infância, participou da primeira conferência sobre eugenia até então realizada no Brasil. Com trabalho sob o título, "Pró Eugenismo". De certa forma, o nobre Doutor, chamou atenção de um público bastante especializado formado por outros médicos e de jovens alunos da velha Faculdade de Medicina. Em suas falas ficavam claras a sua visão sobre o papel da eugenia no processo de educação do indivíduo no âmbito da família. Através de uma retórica bem ao estilo da tradição médica local, o Doutor Alfredo Magalhães apontava a educação moral como uma maneira eficiente de impedir a disseminação de "males sociais", como o vício, o alcoolismo, a prostituição e as doenças venéreas, àquela considerada responsável pela "degeneração física e moral da raça" **MAGALHÃES**, Alfredo Ferreira. *Pró Eugenismo*. Bahia: Tipografia de São Francisco, 1913.

[279] Os seguidores da eugenia classificavam as medidas eugênicas por via de aconselhamentos médicos e pedagógicos em três perspectivas: "preventiva", "positiva" e negativa". Para Renato Kehl, a "eugenia preventiva" tinha como objetivo combater as "chagas raciais" causadoras da degeneração humana, como o álcool e o tabaco. Nesse sentido, buscavam ações que permitissem "fazer a profilaxia das moléstias epidêmicas e endêmicas", através das políticas de estado ao proporem ações que permitissem a higiene e o saneamento em todos os seus aspectos. Desta forma, é nodal para a dita "eugenia positiva" o desenvolvimento da noção de boa geração. Assim, para que uma sociedade viesse a atingir elevados níveis de desenvolvimento social no futuro faz-se relevante a educação dos jovens no que diz respeito a educação sexual, da boa higiene, bem como pela prática da educação física através dos exercícios bem compreendidos e praticados. Em paralelo a tais aspectos, a "eugenia negativa" tinha como

autoritárias saneadoras[280] e de ordenação social, necessária à construção dos sentidos de uma brasilidade local marcada por um forte senso de diferenciação, exclusão social[281] e, consequentemente, segregação.[282]

Desta forma, na Bahia, os seguidores do Darwinismo Social[283] também defendiam a crença da existência de raças superiores e inferiores. Seus discursos evidenciavam a ideia de que as raças mais dotadas de inteligência e força física estariam aptas para resolver as distorções humanas e culturais presentes em nossa formação. Nesse sentido, só a imigração europeia poderia nos tirar do atraso. Para eles as raças superiores tinham origem europeia e as inferiores ou escuras eram de origem africana, semita e americana[284]. Por serem estas últimas as que se

proposta o rigoroso controle sobre as formas de reprodução humana, ao difundir a impossibilidade do matrimônio de indivíduos considerados "inaptos" ou "anormais". Em certos casos, defendiam a aplicação do controle da natalidade através da esterilização. Era preocupação dos seguidores mais radicais da eugenia negativa o controle da imigração através da elaboração de leis que restringiam a imigração. **KEHL**, Renato. *Sociedade Eugênica de São Paulo. Jornal do Comércio*, São Paulo, 4 abril 1919.No Brasil, a eugenia, atuando intimamente ligada à higiene, promoverá uma leitura de reabilitação e reintegração do brasileiro, povo que deve ser "curado" para que possa ser integrado ao curso do progresso material da nação, como sugere, entre outros autores, *Lilia Moritz Schwarcz*, p187

[280] **SILVEIRA**, Eder. *A Cura da Raça: Eugenia e higienismo no discurso médico sul-rio-grandense nas primeiras décadas do século XX.* Porto Alegre. Editora da UFCSPA.2016

[281] Mais uma vez, é importante ressaltar que quando aqui se utiliza a categoria *depuração* não se está fazendo referência a um tipo de específico de *política de Estado* cuja intenção fosse o *apartheid ou segregação racial ou social* através de um estatuto jurídico como aconteceu no século XX, em regiões do planeta como nos Estados Unidos e África do Sul. No Brasil desse período, os processos de apartação manifestavam-se nas entrelinhas de um sistema social e mental que negava as origens das chagas e mazelas daquele presente. Portanto, é mais que sabido que *os "construtos mentais de longa duração"* presentes no momento de formação da nacionalidade republicana é que definiam o papel e status de cada indivíduo nas estruturas sociais.

[282] Para **CORRÊA** (1989) os processos de segregação urbana "definem especificamente a divisão social do espaço" e referem-se e espacialização dos grupos sociais aí existentes. A segregação residencial é definida "como a concentração de tipos de população dentro de um dado espaço [...] resultante do processo de competição impessoal que geraria espaços de dominação dos diferentes grupos sociais" [...] (CORRÊA 1989 p. 59). Esta forma, toda a dinâmica segregacionista na Salvador Seabrista exige uma análise, muito específica acerca das características demográficas da cidade. Lembremos que a população de Salvador, no início do século XX estava em torno de 205.813 residentes um aspecto que dava a cidade a condição de polo de atração. Sobre este aspecto a primeira capital do Brasil era a terceira entre as metrópoles mais populosas do Brasil**. CORRÊA,** Roberto Lobato. *O Espaço Urbano*. São Paulo, Editora Ática,1989. P59

[283] Para JOSE ALDO SILVA(2006) [...]a discussão sobre o caráter racial da população foi encampada e desenvolvida em diferentes frentes tendo sempre como base ideias (mais ou menos integradas) como o positivismo, o evolucionismo e o darwinismo social, aqui assimiladas e reelaboradas de modo tanto a reafirmar a necessidade de aprimoramento do 'caráter' do povo, como a sinalizar com a possibilidade do desenvolvimento nacional, a despeito de (ou mediante) sua mestiçagem. **SCHWARTZ,** Op. Cit. 1993. p.43-46. *Apud.* **SILVA** (200) Aldo José Morais Silva. In *INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DA BAHIA: origem e Estratégias de Consolidação Institucional 1894 – 1930.* Tese Apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal da Bahia, como pré-requisito para obtenção do título de Doutor em História. Orientador: Professor Doutor Antônio Fernando Guerreiro de Freitas. Salvador 2006, p167

[284] Muitos teóricos defendiam suas teses a partir de preceitos científicos ressignificados que, muitas vezes, eram utilizados para classificar os sujeitos, geralmente, negros e mestiços dentro de um espaço social extremamente hierarquizado. Sobra a questão da hierarquização raças na Salvador pós-abolicionista ler **BACELAR,** Jeferson. *A Hierarquia das Raças. Negros e Brancos em Salvador*. Rio de janeiro. Pallas Editora. 2001

fizeram mais presentes no processo de formação brasileiro, terminaram por legar toda a espécie de atrasos e sortilégios ao país.

Diante disso, Corrêa (1989) diz que:

> (...) não parece ter sido apenas pela persuasão ideológica, apoiada em relações de favor entre raças que os negros e seus descendentes foram socialmente excluídos da participação de vários setores da vida pública brasileira, mas também pela manutenção de uma política autoritária em cuja definição a presença da discriminação não pode ser esquecida. Essa exclusão parece ter sido também o resultado de uma atuação coerente, apoiada um por racismo "científico", que legitimou iniciativas políticas seja no nível local – como no caso dos privilégios concedidos a imigração que tiveram como consequência uma entrada maciça de brancos no país – seja em nível regional, com políticas específicas de repressão das atividades religiosas ou culturais dos negros. (...) se não foi explicitado em leis civis discriminatórias, como a segregação racial norte-americana, o racismo enquanto crença na superioridade de determinada raça e na inferioridade de outras, teve larga vigência entre os nossos intelectuais no período do final do século passado (sec. XIX) e início deste (séc. XX), sendo o ponto central de suas análises a respeito de nossa definição como povo e nação.[285]

Na Bahia, tal forma de enunciação fica bastante evidente no editorial de um jornal de grande circulação, publicado no ano de 1913, em que é abordada a questão da imigração para terras baianas.

> **IMMIGRAÇÃO**
>
> **A BAHIA PRECISA POVOAR-SE**
>
> O desenvolvimento de uma nação nova como a nossa não se pode operar, em absoluto, sem o concurso do braço e da inteligência extrangeiros sem a immigração, portanto. A necessidade da immigração porém. É para o nosso paiz de maior monta do que para a: grande maioria das nações novas, das nações de fundação recente, porque mais considera recente, porque mais considera vel do que os de quasi todas ellas é o território brazileiro, mais atrazado é a nossa agricultura e as artes em nosso meio não lograram attingir, ainda, a meta aspirada. [286] [*Sic*]

[285] **CORRÊA**, Mariza. *As Ilusões da liberdade: a escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. 2. Ed. Bragança Paulista: Editora da universidade São Francisco, 2001, p.43.
[286] *BCEB:* Setor de Periódicos. Diário de Notícias, editorial de 02 de maio de 1913, p 01

Assim, ao seu tempo, em um contexto marcado pela organização da nacionalidade através de um discurso dominante que aqueles senhores, ou melhor, aqueles "*homens de ciências" e de letras*, seguidores de um conhecimento que se apresentava no espaço da rede de interlocução local, deixaram muito claro em suas produções a ideia de que a questão da raça era primordial para o desenvolvimento do país e que em alguns caso poderia ser resolvido através da migração, não através da miscigenação, posto que, esta era o principal fator de degeneração da sociedade.

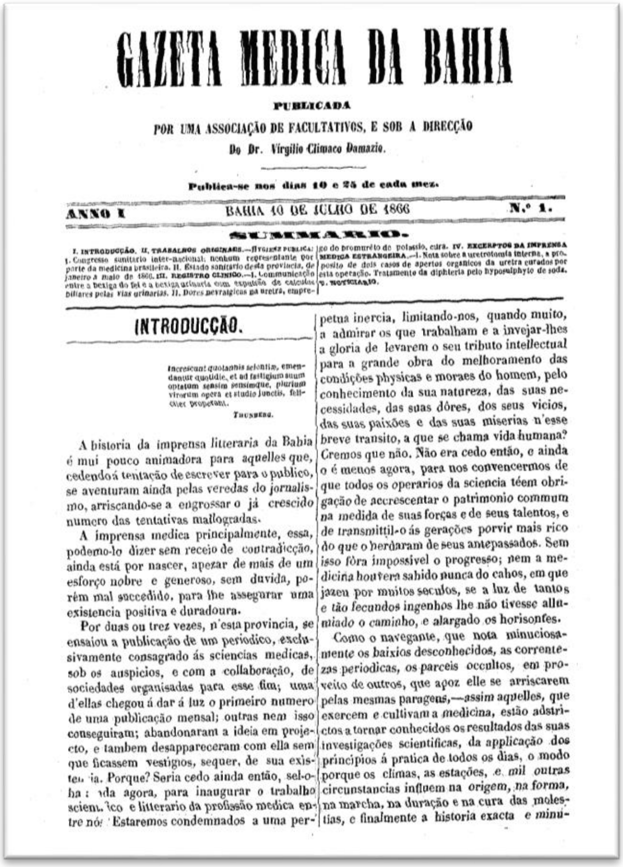
A cidade da Bahia das três primeiras décadas do século XX se apresentou como território receptor, reprodutor e difusor dos novos aportes científicos que estavam em fluxo contínuo nas redes científicas da época. Nesta onda, se apresentava o Instituto Geográfico e Histórico com suas publicações especializadas em áreas como História, Geografia e Urbanismo. Portanto, se constituindo como um espaço de conhecimento visitado pelos notáveis da intelligentsia local. E, de outro lado, no campo da saúde, a Faculdade de Medicina da Bahia, um espaço densamente marcado pelo crivo da tradição num momento em que o país passava pela construção dos sentidos da nacionalidade.

Entretanto, em paralelo às duas principais instituições baianas, sob hipótese alguma, é possível esquecer a condição errante das comunidades médicas.[287] Estas eram formadas por outros "*homens de ciências*". Eram aqueles que, no âmbito local da História das Ciências, atuaram na condição de outsiders em relação a um sistema médico que se mantinha presente no âmbito da saúde graças aos imbricamentos mantidos com as oligarquias conservadoras, afinal muitos médicos eram filhos dos velhos oligarcas[288].

Aqueles outros "*homens de ciências*", "aqueles médicos", "aqueles errantes" eram verdadeiros abnegados pelo conhecimento que, mesmo de fora dos grandes salões de discussões, orbitavam na contramão do espaço-tempo das instituições oficiais, discutindo e produzindo um saber que, embora não bem quisto pelo "*establishiment"*[289] médico da época, foram de relevante importância no processo de inserção de um conhecimento, cujas bases se

[287] Como exemplo desta condição e numa perspectiva bastante peculiar para a época, podem, mais uma vez ser mencionados, os médicos que formavam a Escola Tropicalista na Bahia já brevemente abordada no capítulo I e mais tarde a partir de 1906, o Instituto Osvaldo Cruz[287], entidade que melhor soube representar no Brasil o papel de agente político e administrativo no âmbito de uma medicina social ou urbana aplicada no Brasil frente aos episódios ligados aos surtos de febre amarela no Rio de Janeiro.
[288] Os futuros médicos formados pela FMB eram filhos da elite açucareira e comercial. Em sua grande maioria eram provenientes do Norte e Nordeste *in* **RIBEIRO,** Op. Cit. 2014, p.79
[289] **CASTRO SANTOS,** Op. Cit. v. 1998, p.2,

assentavam nos campos experimental e teórico, graças aos novos avanços ocorridos no campo da microbiologia experimental da época.



GAZETA MEDICA DA BAHIA

PUBLICADA

POR UMA ASSOCIAÇÃO DE FACULTATIVOS, E SOB A DIRECÇÃO

Do Dr. Virgilio Climaco Damazio.

Publica-se nos dias 10 e 25 de cada mez.

ANNO I — BAHIA 10 DE JULHO DE 1866 — N.º 1.

SUMMARIO.

I. INTRODUCÇÃO. II. TRABALHOS ORIGINAES.—HYGIENE PUBLICA: I. Congresso sanitario inter-nacional: nenhum representante por parte da medicina brasileira. II. Estado sanitario desta provincia, de janeiro à maio de 1866. III. REGISTRO CLINICO.—I. Communicação entre a bexiga do fel e a bexiga urinaria com expulsão de calculos biliares pelas vias urinarias. II. Dores nevralgicas na uretra, emprego do bromureto de potassio, cura. IV. EXCERPTOS DA IMPRENSA MEDICA ESTRANGEIRA.—I. Nota sobre a uretrotomia interna, a proposito de dois casos de apertos organicos da uretra curados por esta operação. Tratamento da diphteria pelo hyposulphyto de soda. V. NOTICIARIO.

INTRODUCÇÃO.

Increscant quotannis scientiæ, emendantur quotidie, et ad fastigium suum optatum sensim sensimque, plurium virorum opera et studio junctis, feliciter propetant.

THUNBERG.

A historia da imprensa litteraria da Bahia é mui pouco animadora para aquelles que, cedendo á tentação de escrever para o publico, se aventuram ainda pelas veredas do *jornalismo*, arriscando-se a engrossar o já crescido numero das tentativas mallogradas.

A imprensa medica principalmente, essa, podemo-lo dizer sem receio de contradicção, ainda está por nascer, apezar de mais de um esforço nobre e generoso, sem duvida, porém mal succedido, para lhe assegurar uma existencia positiva e duradoura.

Por duas ou trez vezes, n'esta provincia, se ensaiou a publicação de um periodico, exclusivamente consagrado ás sciencias medicas, sob os auspicios, e com a collaboração, de sociedades organisadas para esse fim; uma d'ellas chegou á dar á luz o primeiro numero de uma publicação mensal; outras nem isso conseguiram; abandonaram a ideia em projecto, e tambem desappareceram com ella sem que ficassem vestigios, sequer, de sua existencia. Porque? Seria cedo ainda então, sel-o-ha ainda agora, para inaugurar o trabalho scientifico e litterario da profissão medica entre nós? Estaremos condemnados a uma perpetua inercia, limitando-nos, quando muito, a admirar os que trabalham e a invejar-lhes a gloria de levarem o seu tributo intellectual para a grande obra do melhoramento das condições physicas e moraes do homem, pelo conhecimento da sua natureza, das suas necessidades, das suas dôres, dos seus vicios, das suas paixões e das suas miserias n'esse breve transito, a que se chama vida humana? Cremos que não. Não era cedo então, e ainda o é menos agora, para nos convencermos de que todos os operarios da sciencia têem obrigação de accrescentar o patrimonio commum na medida de suas forças e de seus talentos, e de transmittil-o ás gerações porvir mais rico do que o herdaram de seus antepassados. Sem isso fôra impossivel o progresso; nem a medicina houvera sahido nunca do cahos, em que jazeu por muitos seculos, se a luz de tantos e tão fecundos ingenhos lhe não tivesse alluminado o caminho, e alargado os horisontes.

Como o navegante, que nota minuciosamente os baixios desconhecidos, as correntezas periodicas, os parceis occultos, em proveito de outros, que apoz elle se arriscarem pelas mesmas paragens,—assim aquelles, que exercem e cultivam a medicina, estão adstrictos a tornar conhecidos os resultados das suas investigações scientificas, da applicação dos principios á pratica de todos os dias, o modo porque os climas, as estações, e mil outras circunstancias influem na *origem*, na *forma*, na marcha, na duração e na cura das molestias, e finalmente a historia exacta e minu-

Fig. 6 - Folha de capa do primeiro exemplar da *Gazeta Médica da Bahia* – 1866[290]

Segundo Vergara (2004)[291] as instituições oficiais inicialmente citadas, seus "*homens de ciências"* e as sociedades médicas tiveram importante papel na difusão e vulgarização do conhecimento médico. Entretanto, mais uma vez, é relevante reafirmar que aquele foi um

[290] Sobre os meios de comunicação da época, se pode dizer que as *gazetas, revistas, jornais e congressos eram* importantes espaços de expressão para os "*Homens de Ciências*", em especial engenheiros e médicos locais que, naqueles espaços de veiculação de conhecimento, evidenciavam de forma bastante clara suas intenções *no que* concerne à formação, utilização e consolidação do caráter da ciência feita na Bahia, graças ao apoio dos campos político e institucional da Faculdade de Medicina e, cuja as ações tinham a garantia de execução dada pelo Estado gestor da época. Fonte: http://www.gmbahia.ufba.br. Acesso em: abril.2018.

[291] "Na Revista Brasileira, observamos que os críticos literários se destacavam na dedicação à atividade vulgarizadora, uma vez que viam na ciência um caminho que poderia guiá-los para a "verdadeira" essência da identidade brasileira. O sentido da vulgarização científica promovida pela Revista Brasileira era o fato de ela ser uma obra realizada para a opinião pública da época. Essa opinião pública seria uma variante do conceito habermasiano, aqui empregado no sentido da expressão de cidadãos que, fazendo o uso público da razão, debatem sobre o destino da res pública e como um dos aspectos da esfera pública que desempenha o papel político de mediador entre o Estado e a sociedade." **VERGARA,** Moema. V. 7, N. 1, jan. /jun. 2004, p.75-88

contexto marcado por tensões entre um grupo de médicos atentos aos novos pressupostos teóricos da microbiologia e uma grande maioria formada por profissionais ligados ao campo médico conservador[292].

Portanto, a percepção que nos resta é que nesse campo de forças, as falas e conselhos médicos não eram meras resultantes da percepção clínica naturalmente existente na relação médico x paciente. De certa forma, aquelas falas ressignificadas, além de ideologicamente estruturantes, atendiam a um jogo de ordenação social baseado nos fundamentos do urbanismo científico e, principalmente, da medicina urbana e social da época. Nesse sentido, é possível entender que eram enunciações feitas de forma a produzir lugares, à luz da inclusão e exclusão de indivíduos na estrutura social local.

Ao trazer para a cena da atual discussão a existência de uma elite intelectual formada por médicos e outros profissionais ávidos pelos ideais de modernidade, no plano local, embora a Bahia fosse uma das unidades mais importantes da federação, muito pouco, em termos de mudanças no âmbito da saúde, aconteceu até o ano de 1912, quando foi instalado o primeiro governo de J.J. Seabra e, a partir daí, vieram, na esteira das transformações impostas à cidade, um processo caracterizado pela reorganização do espaço público, da saúde e dos hábitos na cidade do Salvador.

Para se ter uma ideia sobre os processos administrativos voltados para o controle que ocorreram em Salvador a partir dos governos J.J. Seabra, faz-se necessário uma breve discussão sobre a doença e seus imbricamentos no meio social local. Ou melhor, a doença como geradora de comportamentos próprios da natureza humana quando da busca da cura e da boa sanidade em qualquer momento da História[293]. Por outro lado, para uma sociedade que buscava a condição de país civilizado, o medo[*294*] ante a presença das afecções constituiu-se como um

[292] **CASTRO SANTOS**, Op. Cit. 1998, p. 1-3

[293] é importante dizer que, historicamente, as sociedades posicionaram-se de forma bastante distinta frente a erupção das epidemias e doenças. Por outro lado, é importante lembrar que, ao mesmo tempo, tanto as epidemias como as doenças – enquanto fenômeno biossocial – trouxeram profundas e importantes transformações na organização das sociedades humanas.

[294] Para DELUMEAU (2009), a doença se apresenta como elemento forjador de medos nos espaços das micro e macroestruturas sociais. Portanto, em sua percepção histórica sobre a doença é de que a depender do grau de relação da sociedade com as imponderabilidades do destino as pestes e epidemias se apresentam como uma espécie de "metáfora aterrorizadora pré-morte" **DELUMEAU,** Jean. História do medo no Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1989

importante vetor de legitimação para a implantação de políticas públicas voltadas para as tentativas de ordenamento do espaço.

Nesse sentido, é importante o fato de que, ao colocar-se no âmbito do inconsciente coletivo, tal sentimento, a depender dos elementos constituintes da sua produção, pode manifestar-se ao nível do *coletivo* [295]. Por outro lado, tanto a situação de medo quanto aquelas marcadas pela histeria despertaram em todos os segmentos sociais situações que permitiram o surgimento de demandas de segregação do espaço cunhadas pelas noções de diferenciação e*ntre os ditos sãos e aqueles que de alguma forma carregavam seus estigmas históricos*.

Ainda que a ciência do início do século XX tivesse atingido um relativo grau de desenvolvimento, para uma sociedade ligada aos princípios de um catolicismo construído sobre princípios conservadores e aquiescentes à ordem social e política, em Salvador, eventos como epidemias e doenças carregavam no seu *corpus* imaterial certas reminiscências medievais, como a visão da doença como um "*castigo"* ou mesmo sobre a "*morte como o salário do pecado*". Portanto, por essas terras, tais percepções ainda geravam angústias insuperáveis para todos, independentemente da raça e classe social que o indivíduo pertencesse.

Graças aos arranjos sociais, políticos e econômicos ocorridos num momento de transição e consolidação da ordem política e econômica, a partir de 1889 os grupos de poder - elites políticas e econômicas e "*homens de Ciências"* e letras -, diante da necessidade de manter-se à luz dos seus privilégios históricos, optaram pela constituição de uma série de estatutos cujo objetivo foi a garantia da longevidade do seu *status* e papel na estrutura social, tendo nas noções de modernidade, progresso e civilização o bastião de suas ações.

Nesse sentido, a doença, ao ser colocada como anomia biossocial no âmbito dos projetos modernizadores de nação, apesar de todos os seus elementos simbólicos, passou a ser usada como vetor de transformação, colocando indivíduos em espaços que estavam muito aquém daquilo que fora postulado pelos princípios das modernas sociedades liberais[296].

[295] É importante lembrar de alguns contextos da história do ocidente marcados por quadros de histeria social: As pestes que assolaram a Europa durante a baixa idade média; a fuga da família real de Portugal e o fenômeno do Haitianismo que provocou medo e histeria nas elites agrárias de grande parte da américa colonial quando das lutas de libertação dos escravos no Haiti francês.

[296] "Liberdade, igualdade e fraternidade" constituíram-se como os princípios mais básicos do liberalismo francê. A partir de 1789 foram adotados como corolário das nações emancipadas do mundo ocidental. Principalmente as ex-colônias ibéricas.

Desta forma, a manifestação das enfermidades, de natureza endêmica ou epidêmica, por estas terras, também se manifestou como um elemento de desorganização e de reorganização social[297]. Portanto, tais eventos tiveram o poder de tornar visíveis os arranjos mais essenciais necessários à unificação dos grupos de poder. Em outras palavras, ao desvelar os campos de força e tensões, a doença deixou claro os quão fortes e unidos eram os segmentos médico e político-administrativo no que diz respeito à execução das ações saneadoras sobre a grande parcela negro-mestiça da Salvador Seabrista.

Por conseguinte, se analisarmos a Salvador das três primeiras décadas do século XX, temos a compreensão de que a doença enquanto um fato social caracterizado pela morbidez adquiriu um papel de relevância histórica nos processos organizativos da cidade. Ou seja, ao adquirir um lugar de relevância na dinâmica histórica e social local, a doença possibilita uma melhor observação não só sobre os mecanismos administrativos e de poder como do processo de construção da imagem que a sociedade local tinha de si mesma.[298]

A validade desta discussão ganha relevância se lembrarmos que tanto as elites locais como as de outras regiões do Brasil Republicano buscavam, a todo custo, a constituição do caráter e identidade nacionais, na medida em que demonstravam em seus comportamentos e idealizações o total afastamento de um dado tempo histórico pretérito. Um passado colonial, inglório e escravista, cuja maior consequência foi o legado da afro-descendência por mestiçagem como um "fruto maldito" dos arranjos humanos e, portanto, históricos, que na visão daqueles homens de poder e ciência produziram um tempo presente repleto de chagas degenerativas que só levavam a cidade do Salvador, o Estado e o Brasil ao atraso civilizacional.

> *A Mestiçagem deve até certo ponto ser encarada, psicologicamente, como fator de degeneração.* Entre nós, é constituída de elementos de várias procedências, portadores de caracteres étnicos diversos e condições especiais que, sob a ação de influências mesológicas, devem trazer uma perturbação inevitável na organização do equilíbrio instável. A mestiçagem na Bahia, no momento atual, não é constituída apenas pelos três elementos primitivos que lhe deram origem – o africano, o europeu e o índio.
> Na sua constituição já não entra o africano legitimo, genuíno de nascimento. Este elemento há algumas dezenas de anos não vem mais ao Brasil e os restantes que ainda existem, entre nós, não mais procriam. Em compensação, o contingente asiático entre nós é regular (árabes, sírios, turcos, siberianos, etc.), e, estes no momento atual contribuem

[297] **REVEL,** Jacques; **PETER**, J. P. *O corpo: o homem doente e sua história.* In: **LE GOFF, J. & NORA**, P. (orgs). História: Novos Objetos. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1988, pp.141-159.
[298] **REVEL**, Jacques; **PETER,** J. P. Op. Cit. 1988, pp.141-159.

> para ainda mais embaraçar a nossa organização étnica, porquanto unindo-se aos tipos já adaptados as condições isotérmicas, embora de todo não depurados, ainda mais dificultarão a homogeneização da espécie em perspectiva[299]

A prova inconteste de tal situação manifestava-se quando da existência de um ciclo de vida e morte[300] entremeado pelas constantes epidemias que assolavam a cidade da Baía de Todos os Santos, desde o período colonial[301]. Aliás, como já dito no capítulo anterior, eram epidemias que constantemente aconteceram no tempo-espaço da cidade devido às péssimas condições sanitárias que vivia a população e, assim, por consequência histórica e cultural, tornaram-se parte do imaginário coletivo do povo. Na verdade, em certos momentos, as doenças mais temidas, como é o caso da tuberculose, a malária, o cólera e a febre a amarela, passaram a ser vistas como um "mau agouro", ou uma espécie de assombro precursor da morte.

Nesse sentido, a presença do inimigo invisível[302], sob a forma de epidemias e suas possibilidades de contágio, doença e morte, nos vários momentos da história local, legou ao tempo histórico da cidade sensações de medo e histeria que, por fim, produziram formas autoritárias de controle, cuja consequência maior manifestou-se no recrudescimento das relações entre os grupos de poder que, aparelhados pelas autoridades sanitárias, impunham as noções de higiene sobre a grande parcela da população pobre da cidade.

> É, absolutamente, proibido às pessoas que sofreram de moléstias contagiosas ou repugnantes, vender carnes. Os empregados de açougues, e os próprios açougueiros deverão ser inspecionados pela Higiene e Assistência Pública Municipal, antes da matrícula a que são obrigados. Pena 30:000de multa[303]

Na verdade, em Salvador, assim como em qualquer sociedade humana, também por parte da população a normal propensão às sensações de angústia, medo e desespero.*[304]*

---

[299] *Gazeta Médica da Bahia,* julho de 1923 p. 255-256. Apud Sá Barreto in Raça e degeneração. UFBA. PPEFHC. 2006, p.142. *Grifos meus*

[300]**UZEDA,** Op. Cit. p.33, 2006.

[301] Idem.

[302] Para se ter uma ideia sobre os processos que antecederam a chegada das epidemias na cidade do Salvador do século XIX, bem como a constituição do imaginário sobre a doença é importante ler, DAVID, Onildo Reis. O Inimigo Invisível. Epidemia na Bahia no Século XIX. Salvador. EDUFBA/ SARAH LETRAS. 1996

[303] Postura 215 – Código de posturas de 5 de novembro de 1920

[304] Foi a partir dos campos psicológico e filosófico que DELUMEAU (1989) buscou estabelecer uma interessante distinção entre o medo e a angústia: "O medo tem um objeto determinado ao qual se pode fazer frente. A angústia não o tem e é vivida como uma espera dolorosa diante de um perigo tanto mais temível quanto menos claramente

principalmente, quando os principais meios de comunicação da época, os jornais, diariamente, colocavam em circulação charges e imagens de grande apelo sobre o imaginário social.

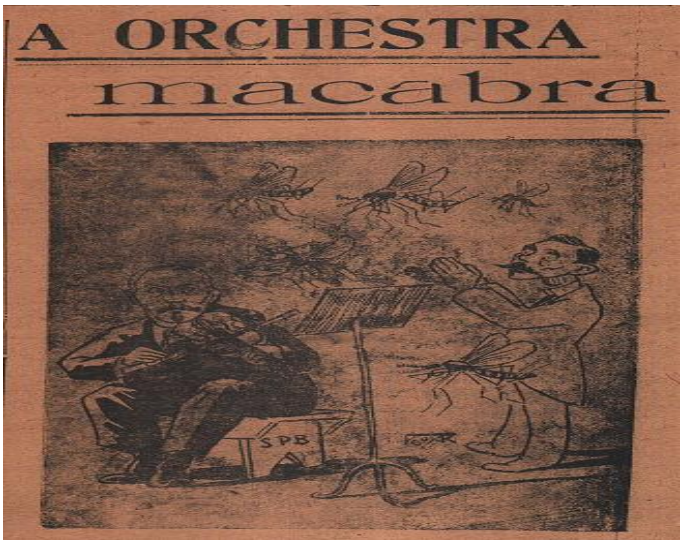


Fig. 7 - Jornal *A Hora*[305]

Fig. 8 - Jornal *A Hora* [306]

identificado" sendo assim, o autor aponta para as consequências psíquicas causadas pela presença das doenças e epidemias "O desespero e o abatimento, contudo, levavam alguns para além do fatalismo. "Um se tornava 'lunático' ou 'melancólico', outro sucumbia ao desgosto após o desaparecimento dos seus, aquele morria de medo, outro ainda se enforcava". **DELUMEAU**, Op. Cit. 1989, p. 129

[305] *BCEB: A Hora* 28 /07/1920
[306] *BCEB:* Jornal *A Hora* S/D – Publicado durante o Governo de Antônio Muniz 1916-1920

Na verdade, era a possibilidade de uma morte causada por doenças epidêmicas ou a perda de um ente querido trazia consigo o inoportuno prejuízo à imagem social de um potentado local e seu grupo familiar. Afinal, como já colocado, as doenças e epidemias, tanto para aquelas elites como para a maioria dos "*homens de ciências"* ligados ao campo médico da Bahia, na maioria dos casos eram vistas como atributos ligados à população negra, mestiça e pobre que, por força das suas origens, da ignorância latente e dos seus hábitos incivilizados, estavam naturalmente predispostas a todas as formas de afecções.

Assim, ao eximir as elites locais de qualquer responsabilidade por aquele estado de coisa, o entendimento médico da época apontava a condição dos negros como vítimas dos seus próprios infortúnios e os colocava como os grandes culpados pelas origens e causas das situações de doenças, ao tecer afirmações como:

> A schistosomose não tem preferências por esta ou por aquela raça; se, entre nós os mestiços e negros pagam pesado tributo à verminose é porque, além de constituírem a maioria da população, por condições econômicas e ignorância dos preceitos de higiene, se acham mais expostos à infecção.[307] [*Sic*]

> A febre amarela, podem afirmai-o os que conhecem sua história, não é moléstia indígena do Brasil ou originária neste país; não é natural de seu território, naturalizou-se depois de muitos anos de domicílio sem perturbação de posse. A endemia amaril veio ao Brasil de dupla origem, a antilhana e a africana, os dois conhecidos focos que por mais de um século o feriam insidiosa ou ostensivamente com as irradiações da infecção mortífera. As noções modernamente adquiridas sobre a etiologia e modo de transmissão da moléstia, elucidam a história da febre amarela no Brasil. Foi uma das pragas que a escravidão transportou também ao nosso país e de que ele não conseguiu ainda de todo libertar-se.[308] [*Sic*]

Portanto, fica evidenciado que a doença, naquela sociedade, tinha um lugar para se manifestar. Afinal, Salvador era um espaço humano cujos estatutos da ordem foram concebidos a partir de um universo mental pertencente a uma elite oligárquica, conservadora, patrimonialista e católica. Na verdade, era um conjunto de arranjos de natureza sociopolítica que autorizavam aqueles empoderados para o desenvolvimento de estratégias oriundas d*o*

---

[307] *BCEB:* Setor de Periódicos. Gazeta Médica da Bahia, maio de 1910 p. 488-489
[308] *BCEB:* Setor de Periódicos. Gazeta Médica da Bahia, setembro de 1919 p.138

sentimento de autopreservação[309] da vida, cujo objetivo principal era a continuidade de uma tradição geradora de privilégios e poder.

A partir desta lógica, o processo de construção da nacionalidade ganhava curso por essas terras, um conjunto de ressignificações ideológicas e discussionais ocorriam nos espaços das relações políticas, econômicas e sociais, mais precisamente na cidade do Salvador, berço primordial da brasilidade, como diziam os poetas da época, ao tempo que também clamavam por modernidade. Aliás, uma modernidade que levou a cidade a uma onda de transformações que se materializaram no cotidiano da cidade, a partir de 1912.

Foram ações de natureza política, administrativa e institucionais sobre uma grande parcela do tecido social urbano da capital, cujas práticas tinham como veio nodal a contenção do que era entendido como entrave ao desenvolvimento do Estado, através da aplicação dos princípios da medicina social e do urbanismo científico da época. Não obstante, as políticas saneadoras à época de JJ Seabra estavam em estrita coerência operacional com as elites locais, não só pela defesa das idealizações de um lugar europeizado, à luz da Belle Époque francesa, mas, principalmente, devido à relevância econômica da cidade e suas ligações com o setor produtivo. A Salvador das duas primeiras décadas do século XX ainda tinha um dos portos mais importantes do hemisfério sul[310]. Portanto, embelezamento e circulação para as elites eram as "pedras de toque" do processo higienizador.

Em paralelo a essas questões de ordem material, a existência de uma elite ávida pelos ideais de civilização deu um tom mais específico à questão da modernidade baiana, uma vez

---

[309] Em seus estudos sobre o medo nas sociedades ocidentais, DELUMEAU (2009) desenvolveu a ideia da presença daquele sentimento no ocidente católico fundado a partir de duas concepções que são: *medo e poder*. Portanto, ao focar sua produção intelectual sobre os perigosos imbricamentos existentes na relação medo x poder, Delumeau optou pela produção de um texto atento mais especificamente às sociedades "*patologicamente assombradas* pelo medo. Na verdade, o que mais chama atenção nos seus textos é a percepção sobre a capacidade que certas sociedades tinham em promover a implantação de governos marcados pelo autoritarismo tendo o pânico ou histeria como instrumentos geradores da cegueira coletiva. E dentro disso percebeu que os grupos detentores de poder não abdicam de tal condição. Eles criam formas que buscam legitimar a longevidade do poder, assim como tendem a aparelhar as suas estratégias de autopreservação. **DELUMEAU,** Op. Cit. 1989.

[310] Durante quatro séculos, o porto da Bahia foi o que mais recebeu mercadorias e escravos vindos para a América. Por outro lado, a exportação de mercadorias como, madeiras, o açúcar, o fumo e as famosas drogas do sertão tinham mercado garantido não só para Europa como para regiões do oriente. Desde a montagem da empresa colonial portuguesa, o porto teve importância garantida até o início do século XX. No entanto, com a entrada em operação do Canal do Panamá, em 1914, o porto da Bahia começa a entrar em franco processo de decadência e importância na zona econômica do Hemisfério Sul. Pois, se tornou mais barato percorrer os 77,1 Quilômetros de extensão do canal para atingir o pacífico e assim levar mercadorias ao oriente e à Costa Oeste da América do Norte de forma mais segura do que fazer o contorno sul americano nas águas verdadeiramente tenebrosas do Cabo Horn (Chile) na América do Sul**. MATTOSO**, Katia M. de Queirós. *Bahia: a cidade do Salvador e seu mercado no século XIX*. Salvador: HUCITEC; 1978.

que a persistência da raça se manifestava de duas formas bastante distintas no dia a dia da cidade. A primeira, através das materializações e sentidos suscitados pelos corpos que se colocavam em movimento sobre os espaços públicos, enunciando uma forma de fazer, agir e sentir, produzindo um jeito de ser bastante peculiar que a muitos incomodava e impunha-lhes vergonhas e constrangimentos. A segunda, era consequência direta da primeira pois, para aquelas elites, a questão da raça e os problemas a ela imputados eram os principais entraves ao desenvolvimento da nação. Portanto, eram situações que precisavam, na visão das elites locais e, sobretudo, dos "*homens de ciências"* e letras, ter tratadas as mazelas que ligavam o Brasil e a Bahia a um passado de atraso.

A consequência de tudo isso manifestou-se, principalmente, através dos muitos discursos científicos ressignificados de orientação depuradora, que levaram a cidade da Bahia a um conjunto de ações embasadas pelos princípios higienistas da época, mas que, por força da continuidade dos fluxos cognitivos que estavam na rede de interlocução científica, logo se mostraram untados pelas noções do eugenismo[311] que chegam por aqui a partir de 1913. Afinal, como foi dito por muitos intelectuais da época,[312] não bastavam apenas ações que conduzissem a cidade ao embelezamento dos espaços. Fazia-se necessária a implantação de uma radical política de transformação do espectro superestrutural, uma vez que o problema baiano, ou melhor, da Soterópolis, passava pela sistematização e aplicação de ações que conduzissem aquela população pobre, negra e mestiça ao desenraizamento de tudo que para eles se constituía como hábito.

Portanto, para usar uma expressão mais contemporânea, o processo de ressignificação do discurso médico se constituiu como um choque de ordem de natureza social que atuou sobre aspectos ligados à maneira como o homem comum - especificamente o não branco – vivia e interpretava aquele mundo periférico aos salões. Um mundo ressignificado e criado à luz da negação dos potentados, mas que possibilitou a construção de uma identidade social urbana alheia e refratária aos ditames de uma modernidade idealizada.

[311]Na nota 90 é feita uma breve referência sobre os trabalhos do médico Alfredo Magalhães como pioneiro no campo da eugenia na Bahia e no Brasil.
[312] Ver nota 124 do capítulo I

2.4 – J. J. Seabra: higienismo e assistência médica

A questão da saúde ganhou visibilidade em todos os setores da vida acadêmica e intelectual brasileira e baiana. O maior exemplo desta situação ocorreu à época da publicação da obra os Sertões de Euclides da Cunha em 1902[313]. Na verdade, O Arraial de Canudos só passou a ser preocupação quando a sua existência se tornou do ponto de vista político e econômico anômica aos interesses tanto das velhas Oligarquias latifundiárias quanto dos e setores conservadores da Igreja Católica do Nordeste Brasileiro[314].

Em que pese, a Guerra de Canudos (1896-1897) seja um conflito cujas causas e desenvolvimento ainda sejam bastante discutidas nos espaços acadêmicos, o autor chamou atenção sobre as terríveis condições de vida e saúde do Sertões. Um mundo tão pleno de nuances humanas e culturais, mas que foi colocado de fora das preocupações tanto das autoridades republicanas quanto das elites brasileiras.

Sendo assim. seguindo o espectro fatalista de Euclides da Cunha em relação a uma realidade tão contraditória aos projetos de nação, a ciência da época passou a exercer o seu papel de denuncia através dos trabalhos desenvolvidos pelos médicos sanitaristas. A exemplo de tal situação, o Dr. Carlos Chagas (1878-1934) fez estudos de grande relevância sobre o protozoário causador da doença de Chagas, o "*Trypanosoma cruzi", descoberto e isolado em1909,* bem como, sua forma de transmissão por um inseto do tipo hematófago popularmente conhecido como barbeiro que se apresenta como consequência das construções de casa com paredes de barro, típicas das populações pobres nas áreas rurais chamadas de: "das casas de taipa', 'casa de sopapo" ou "pau a pique".[315]

Ante as condições de penúria humana nos sertões e sempre na perspectiva de um conhecimento que se fazia em rede, as expedições científicas promovidas pelo Instituto Oswaldo Cruz (IOC) em 1910 deram grande visibilidade ao avanço das epidemias e doenças

---

[313] Ler**: CUNHA**, Euclides da. *Os sertões.* Introdução Walnice Nogueira Galvão. Rio de Janeiro: Francisco Alves,
[314] **FAUSTO,** Boris. *História geral da Civilização Brasileira. Sociedade e instituições1889-1930*. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro. 2006, p.65-79
[315] Sobre a evolução e descoberta da doença de Chagas nos Sertões ver: BENCHIMOL E TEIXEIRA (1993), KROPF (2009), KROPF & SÁ (2009). Sobre CARLOS CHAGAS, VER CHAGAS FILHO (1993) E KROPF E LACERDA (2009). Sobre o movimento sanitarista nos Sertões, ver: CASTRO-SANTOS (1985), LABRA (1985), LIMA & HOCHMAN (1996), HOCHMAN (1998) E LIMA (1999)

que matavam muitos brasileiros no interior baiano. Nesse sentido, é importante dizer que foram os relatos de viagens produzidos naquele ano justificaram a organização de novos movimentos sanitaristas a partir de 1912, exatamente à época que o campo político baiano passava por mudanças que, de certa forma, iriam permitir um novo olhar sobre a questão médico sanitária do Estado.

A grande publicidade dada aos infortúnios dos sertanejos fez com que, dentre outras expedições, os médicos Artur Neiva e Belisário Penna chefiassem a mais completa e duradora ação de natureza médico-sanitária rumo ao interior baiano. Em 1916, portanto quatro anos após o início da expedição, os pesquisadores do grupo publicaram um amplo e bem documentado relatório contendo as mais completas e instigantes observações de caráter médico e sociológico acerca das regiões visitadas.

Na verdade, foram denunciadas as más condições de saúde e de vida da população rural. Em especial, a situação dos sertanejos do nordeste brasileiro. Os líderes da expedição, os doutores Arthur Neiva e Belisário Penna, acreditavam que o crescimento econômico, social e os novos valores da nação não tinham relação com o pouco comprometimento das autoridades e da própria população com a saúde da população. E assim dizia:

> Duas cousas são indispensaveis ao pleno successo da campanha pelo saneamento do Brazil: a creação da consciencia sanitaria nacional e a educação hygienica do povo. A primeira consiste em levar aos espiritos de todos aquelles que têm parcella de poder, e ás classes lettradas, em geral, a necessidade imprescindível, como base solida do progresso economico, moral e social do paiz, de pautar todos os seus actos no sentido de promover por todos os meios o estado de saúde collectiva, sem a qual na há raça capaz, nem prosperidade possível, nem alegria, nem estimulo, nem moralidade, nem esforço productivo.[316] [*Sic*]

Para além da publicação dos primeiros relatos de viagens dos sanitaristas Neiva e Penna, o fechamento deste ciclo ocorreu após a publicação de uma série de artigos escritos por Belisário Penna, entre novembro de 1916 e janeiro de 1917, para o jornal *Correio da Manhã*. Eram textos que deram um olhar de natureza sociológica aos problemas de saúde e sua relação com o sertanejo e o ambiente. Por fim, as consequências geradas pelos trabalhos desenvolvidos

[316] **PENNA**, Belisário.*In Archivos Paranaenses de Medicina***.** Anno II, jun. 1921, n. 2, p. 31-34. In http://www.ppge.ufpr.br/teses/D09_larocca3.pdf. Acesso em 10/09/2019

Por aqueles "*homens de ciência"* foi a realização de constantes rodas de debates sobre a questão da saúde no Brasil, que culminaram com criação da *Liga Pró-Saneamento do Brasil*, em 1918.

É a partir daí, que a saúde, ou melhor, a necessidade de curar o Brasil das suas chagas históricas teve nos discursos médicos e na reprodução das falas de natureza e identitária o surgimento de debates em prol da modernidade e da civilização. Isto em um período de tempo caracterizado não só pela reorganização política do país, mas, principalmente, por ser um momento de construção do que muitos estudiosos do campo da História Social Brasileira chamam de "fase de construção do Brasil contemporâneo"1870-1910[317].

"*O Brasil é ainda um imenso hospital*"[318]

Uma vez que a saúde fora colocada como o pano de fundo de um corolário civilizatório, as elites e seus representantes políticos perceberam a tácita necessidade de sanear o Brasil. Na verdade, as elites, ao dar-se conta da penúria humana gerada pela pobreza e os prejuízos que tal situação causava aos seus próprios interesses[319], delegaram aos médicos sanitaristas e engenheiros a condução de um projeto modernizador que passava basicamente por desconstruir as consequências de uma realidade contrária aos ideais da nação.

"*O Brasil precisa ser curado*"

Dentro dessa lógica, a doença passou a ser vista como o maior impedimento para que o Brasil atingisse o nível dos países modernos e civilizados. A consequência disto foi que a relação saúde-sociedade-civilização passou a ser o motivo para a construção de um senso ideológico e legitimador da produção de medidas profiláticas de natureza social, produzidas tanto pelo urbanismo científico como pelos imbricamentos do campo médico institucional, na

---

[317] **SKIDMORE**, Thomas. *Uma história do Brasil.* Rio de janeiro: Editora Paz e terra, 1998, p.97.

[318] Em outubro de 1916 o ***Doutor Miguel Pereira*** (1871-1918) de forma solene para a época, em seu discurso de homenagem ao diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro fez a seguinte afirmação *"O Brasil é ainda é um imenso hospital!"*. O referido doutor não fugiu em nada do quadro que em geral se apresentava em uma realidade que saltava aos olhos de qualquer um que conhecesse o Brasil rural e urbano. *In* **SÁ,** Dominichi Miranda de. *A voz do Brasil: Miguel Pereira e o discurso sobre o "imenso hospital".* H*istória, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v.16, supl.1, jul. 2009, p.333-348.

[319] Nas palavras de Cristiane Cruz, as doenças epidêmicas, além de roubar braços do trabalho, atingiam tanto ricos quanto pobres. Para a autora a percepção por parte das elites sobre os aspectos externos a pobreza não foi motor suficiente para que os cuidados com a saúde e com o saneamento da cidade de Salvador se tornasse um bem público compulsório e permanente. Ver **SOUZA,** Christiane Maria Cruz de in *A Gripe espanhola Na Bahia. Saúde, política e medicina em tempos de epidemia*. Salvador. EDUFBA - Editora FioCruz.2009

sua relação com as autoridades constituídas ao praticar uma medicina Social e urbana[320] voltada para forte sentido de apartação sobre os espaços públicos das principais cidades brasileiras[321].

Para além das questões conceituais suscitadas pelo tema apresentado por este trabalho de tese, é importante buscar o entendimento acerca das ações que, de forma mais concreta, levaram a cidade da Bahia a um processo de natureza higienista e depuradora dos sentidos da convivência, através da adoção de uma política de saúde que se tornou estruturante para os arranjos existentes na tríade saúde-cidade-civilização no contexto de surgimento do período Seabrista, 1912-1924.

A política administrativa de estado existente na Bahia até o final da primeira década do século XX ainda guardava, na sua forma de estruturação e organização, a longevidade dos elementos de natureza histórica e cultural restritos ao poder dos potentados do velho sistema monárquico. Ou seja, da saída do localismo político nas províncias do Império à organização da Federação do Estado Republicano Brasileiro, o país herdou as permanências das mazelas administrativas produzidas pelas velhas elites regionais, que só atuavam na condução do aparelho de estado em causa própria, pela manutenção dos seus privilégios nas estruturas de poder[322].

---

[320] A medicina urbana consistia em uma intervenção do Estado sobre a cidade com o objetivo de garantir a salubridade dos seus espaços. Nesse sentido, Foucault apontou para o fato de que a prática da medicina urbana, se manifesta a partir dos seguintes aspectos: analise dos lugares de acúmulo e amontoamento de tudo que pode provocar doenças no espaço urbano, lugares de formação e difusão de fenômenos epidêmicos ou endêmicos. Foucault em seguida afirma que a "a medicina urbana tem como novo objeto! o controle da "circulação". Não especificamente da circulação dos indivíduos, mas das coisas ou dos elementos. Especificamente daqueles que são essenciais a circulação da água e do ar. Foucault ao pesquisar sobre a percepção do homem sobre a doença ele dá destaque a outro grande objeto da medicina urbana que é organização ou relação causal, ou seja, o reconhecimento do que é causa e consequência das doenças. Depois de enumerar esses objetos Foucault conclui que "a medicina urbana não é verdadeiramente uma medicina dos homens, corpos e organismos, mas sim, uma medicina das coisas; ar, água, decomposição, fermentos. Ou seja, a medicina urbana é o reconhecimento das condições de vida e do meio de existência dos indivíduos em um determinado grupo social. **FOUCAULT,** Michel. *Microfísica do Poder*, Rio de Janeiro, Graal. 1979, p.89-91

[321] No período republicano, cidades como Rio de Janeiro, Belém, São Paulo, Recife e Salvador passaram por momentos de profundas intervenções cirúrgicas nos seus espaços tendo como justificativa a necessidade de *higienizar para civilizar*. Mais especificamente, a cidade do Salvador passou por um processo de remodelação durante os Governos Seabra que levou a capital e sua população a experiência dos centros urbanos europeus do período através da circulação do ar, água e luz em uma parte da cidade através do alargamento de ruas e da construção de praças e boulevards. Tudo isso de forma a garantir a também circulação do que era de interesse para as elites econômicas, políticas e sociais.

[322] Para Santos (2004) o caso baiano era emblemático uma vez que "a política de facções bloqueou o caminho para a efetiva consolidação de um 'governo de partido único' na Bahia e tornou extremamente difícil a execução de leis e políticas públicas. Na ausência de um sólido partido governista, o aparelho de Estado tinha pouco a fazer para assegurar que as leis fossem observadas e postas em prática. A função legislativa, em tal contexto, era eminentemente negativa e bloqueadora. A fraca liderança exercida pelo Partido Republicano da Bahia foi responsável, em grande medida, pelo fracasso da Diretoria de Saúde Pública em manter as autoridades municipais de Salvador em sintonia com as normas de saúde ditadas pelo governo do estado. No restante do território, a

Por outro lado, como já mostrado no capítulo primeiro deste trabalho, a situação descrita se configurou como um grande impeditivo para a organização de políticas de estado voltadas para áreas de interesse social em um país que há muito pouco tempo saíra de um sistema produtivo caracterizado pela exclusão natural, compulsória e estatutária da população pobre e negro-mestiça. Entretanto, face a existência de um processo histórico caracterizado pela conjunção de interesses em áreas distintas, mas complementares entre si, o campo da saúde ajustou-se perfeitamente aos interesses políticos e econômicos dos potentados da terra como também aos projetos de nação das elites médica e letradas.

Ao término da primeira década do século XX, assim como em outras grandes cidades brasileiras, Salvador, devido ao seu crescimento descontrolado, apresentava um quadro humano marcado pelos flagelos da pobreza e cujas consequências apresentavam-se como as clássicas anomias sociais[323], sob a forma de suicídio, alcoolismo, prostituição, vadiagem e crimes de toda sorte[324] e, ainda, para emoldurar o quadro descrito, a cidade sofria desde o período colonial os sucessivos surtos de doenças epidêmicas, que se apresentavam em ciclos contínuos.

Salvador era considerada pelos viajantes europeus como possuidora de uma das mais belas paisagens do planeta, uma cidade fortaleza que se debruçava sobre uma baía

---

intervenção das autoridades em 'território oligárquico' era impensável até bem avançada a década de 1920 – e depois disso, só se tornou possível uma 'limitada interferência federal" in **SANTOS**, Luiz Antônio de Castro. Poder, ideologias e saúde no Brasil da Primeira República: ensaio de sociologia histórica. In: HOCHMAN, G., and **ARMUS**, D., orgs. *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe* [*online]*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. *História e Saúde collection*, pp. 249-293. ISBN 978-85-7541-311-1. Available from Scielo Books *Cuidar, controlar e curar*, p.269

[323] Ao aceitar a divisão orgânica do trabalho, Durkheim percebeu outros processos que estavam ligados ao desenvolvimento normal do capitalismo. Assim, a diferenciação dos indivíduos em profissões; a fim do poder da tradição; o domínio crescente da razão eram os novos elementos nas sociedades em transformação. Por outro lado, ele percebeu que os homens não estavam felizes na sociedade moderna. Esta constatação foi adquirida quando comprovou o aumento dos casos de suicídios. A partir daí passou a discutir o conceito de ***anomia*** como uma ausência ou desintegração das normas sociais. Este conceito teve um papel predominante sobre o estudo do suicídio, bem como de outras mazelas que as sociedades modernas e industrializadas ou em processo de transição de um sistema a outro passaram a ter. Deste modo, Durkheim analisou as crises econômicas e a inadaptação dos trabalhadores ocupações, o aumento das formas de violência, as reivindicações dos indivíduos com relação à coletividade. Para Durkheim, todos os fenômenos anteriormente citados são patológicos. Uma vez que as sociedades modernas têm por base a diferenciação, é necessário que o trabalho exercido pelos trabalhadores corresponda aos desejos e aptidões do indivíduo. Nesse sentido, ele entendia que a sociedade que promove o crescimento do individualismo deve respeitar a justiça. Durkheim concluiu seus estudos sobre as anomias chamando atenção para o fato de que se os valores comuns de uma sociedade se tornarem frágeis, a sociedade poderá passar por um processo de desintegração das relações entre os indivíduos e o grupo. Na verdade, a medida que o homem se tornou consciente de si mesmo, os imperativos sociais perderam a força agregadora. Por fim, ele diz que o individualismo comporta perigos uma vez que, o indivíduo passa a exigir da coletividade muito além do que ela pode dar. O não atendimento das demandas individuais é a causa da indisciplina e da desordem sob a forma de alcoolismo, prostituição, criminalidade e outras. **DURKHEIM,** Emile. *O Suicídio*. Da divisão do trabalho social. [tradução Eduardo Brandão]. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990

[324] **LEITE,** Op. Cit. 1996, p. 112-129

deslumbrante, um aspecto que, certamente, transmitia aos incautos viajantes a inicial sensação do poder de uma metrópole dos trópicos. Entretanto, à medida que o cotidiano da cidade era desvelado pelos estrangeiros que por aqui chegavam, as crônicas deficiências infraestruturais urbanas e sociais eram logo percebidas, principalmente, aquelas ligadas aos aspectos da higiene e da saúde.

Ainda que tivesse uma certa importância política por ter sido a primeira capital do Brasil, Salvador não conseguia impor-se no cenário nacional e assim realizar as reformas necessárias ao pós-abolição como aconteceu em capitais como Rio de janeiro e São Paulo. Principalmente, reformas ligadas ao mundo do trabalho e, consequentemente, ao cotidiano da população mais pobre, formada por negros e mestiços. Nesse sentido, o que se tinha por aqui era, muita pobreza, degradação humana e os constantes ciclos epidêmicos, sempre aliados às elevadas taxas de mortalidade, o que, revelava as precárias condições de saúde da população causadas pela inexistência de reformas naquele campo. No entanto,

> "Higienistas baianos lutaram para disseminar a ideia da reforma, mas encontraram uma vigorosa resistência da parte de um *establishment* médico conservador e de um ambiente político e intelectual hostil (ou indiferente) às ações no campo da saúde pública".[325]

Como já comentado, em Salvador, as elites, a partir dos aportes oferecidos pelo campo médico da cidade, perceberam que não bastava a produção de ações reificadas pelos mecanismos de segregação e exclusão dos despossuídos, como também, já não eram mais cabíveis as práticas assistencialistas feitas pelas Santas Casas e outras instituições religiosas. A contumaz existência de um "ciclo de vida e morte", entremeado pelas epidemias que visitavam a cidade, permitiu às elites um melhor entendimento sobre as doenças e epidemias e suas históricas relações com a pobreza, gerando as posições das autoridades médicas frente à questão sanitária da cidade e as dificuldades orçamentárias do estado e do município.

[325] **SANTOS,** Op. Cit. 1998, p 1.

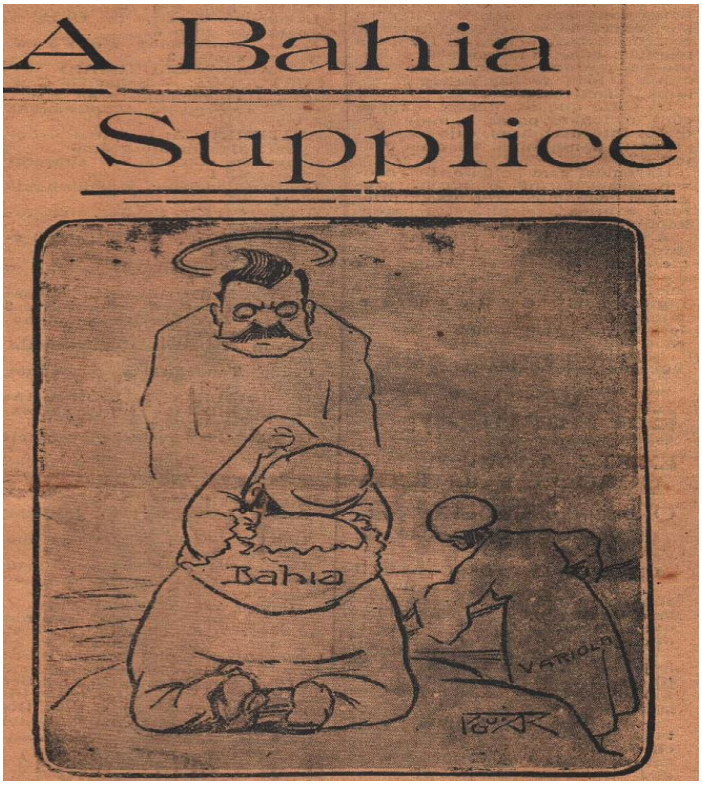


Fig. 9 – A Bahia Supplice

Bahia - Supremo dirigente, peço-te de joelhos, pois já estou a braços com a varíola, com a peste dos calos (bubonica), com a amarillica e outras epidemias e endemias, que me livres da meningite cérebro-espinhal. [*Sic*]

Epitacio - seja, conforme a tua fé! [326] [*Sic*]

Era consensual a ideia de que a contumácia das doenças era um desafio para as elites e instituições políticas, face à inexistência de condições materiais para o combate às epidemias e outras doenças. A consequência deste quadro foi um aumento da ingerência do poder público federal, uma vez que a maioria dos estados não tinha condições técnicas e financeiras para implementar políticas de saneamento e saúde pública de grande monta. Para Hochman (1998),[327] as ações de saúde nesse período foram bem-sucedidas porque a partir dali se forjou uma "consciência sanitária" entre as elites brasileiras, possibilitando o surgimento das primeiras políticas de saúde e saneamento nacional.

Durante o período de vigência do seabrismo, a cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos sofreu a continuidade do Ciclo da Morte, ou, para ficar de acordo com o que reza o

[326] *BCEB:* Setor de Periódicos. Jornal *A Hora*, 15 julho de 1920, p.01
[327] **HOCHMAN,** Gilberto. *Logo ali, no final da avenida: Os sertões redefinidos pelo movimento sanitarista da Primeira República.* História, Ciências, Saúde – Manguinhos. 1998, v. 5, p. 218

cânone acadêmico sobre o assunto, "Rodizio da Morte", expressão cunhada pelo Historiador Jorge Uzeda (2006)[328]. A partir de uma abordagem de natureza descritiva, este autor fez um importante estudo sobre a chegada das sucessivas vagas epidêmicas na cidade, bem com acerca das políticas administrativas para aplicação dos princípios da medicina urbana na capital baiana em cada momento epidêmico.

Desta forma, seguindo os passos sugeridos por Uzeda (2006)[329], podem ser listados em Salvador, dentro do período em estudo, eventos mórbidos de forma sequenciada, que levaram a cidade a testemunhar a morte em números bastante expressivos. Uma situação que, por força das péssimas condições sanitárias da cidade, colocava os mais pobres sempre na condição de esquecidos pelo Estado Liberal Republicano local e, portanto, vítimas constantes das doenças que aqui chegavam. É importante lembrar que as epidemias não escolhiam cor, idade, classe social ou posto político para causar morte e dor.

Deste modo, a cidade que se queria idealizada, mais uma vez dava continuidade aos momentos de morbidez coletiva, com a presença de velhos e novos visitantes, ao experienciar os velhos surtos, epidemias e, como novidade, uma pandemia[330]. Assim, no primeiro ano do governo Seabra, no ano de 1912, a cidade já recebia a visita de um surto de Febre Amarela, associada a casos de Peste Bubônica[331]; entre 1914 e 1919[332], a capital ainda sofria a continuidade da febre amarela, porém acompanhada de uma epidemia de varíola[333]; e, por fim, em 1924, uma velha conhecida revisitava a cidade, a febre tifoide.

Especificamente, sobre a Febre Amarela em Salvador o Relatório Neiva-Penna em 1916 dizia:

> É sabido que, a capital da Bahia, constitue foco permanente de febre amarela e que por várias vezes cazos dali provenientes de febre amarela têm ameaçado a Capital do Paiz. O mal é natural; por isso a cidade da Bahia tem fatalmente de ser um foco endêmico de febre amarela, poi reúne para isto, toda as condições epidemiológicas.[334] [*Sic]*

[328] **UZEDA**, Op. Cit. 2006, p.33
[329] Idem
[330] Era a Gripe Espanhola que aportou por aqui em 1918 testando de forma avassaladora a capacidade medica do estado em lhe dar com eventos mórbidos de grande repercussão.
[331] A *Tarde,* 23/11/1912
[332] A *Tarde*, 08/11/1919
[333] *BCEB:* Setor de Periódicos. Jornal *A Tarde* 29/05/1919
[334] *ADFIOCRUZ*: **Neiva**, Arthur e **Penna**, Belisario. "*Viajem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauhi e de norte a sul de Goiaiz.*" *Pelos Drs. Arthur Neiva e Belisario Penna. Estudos feitos á requisição da inspetoria de Obras contra a seca. Direção Dr. Arrojado Lisboa.* 1916, p126. Acesso em 20/09/2019

A TARDE

ANNO I – NUMERO 35 | BAHIA, 23 DE NOVEMBRO DE 1912

HOSPITAL DE ISOLAMENTO

Urge impedir a invasão da febre amarella e peste bubonica

Uma enfermaria do Isolamento

A ACÇÃO DA SAUDE PUBLICA VOLTADA PARA MELHORES INSTALLAÇÕES

A impressão d' "A Tarde"

Fig. 10 *Jornal, A Tarde*[335]

A TARDE

ANNO VII | BAHIA, 29 de Maio de 1919 | NUMERO 2.074

A febre amarella na Bahia

E o desprezo das leis, dos preceitos da hygiene pela situação dominante

Fig. 11 - *Jornal A Tarde*[336]

[335] *BCEB:* Setor de Periódicos. Jornal *A Tarde*, 23 de novembro 1912, p.01
[336] *BCEB:* Setor de Periódicos. Jornal *A Tarde*, 29 de maio 1919, p.01

No tempo-espaço das epidemias, nos anos de 1917 e 1918,[337] a Bahia foi palco de um evento mórbido de natureza global, quando, sua capital foi tomada pela pandemia da *hespanhola*[338], [*Sic*] sobre este último evento, CRUZ(2009)[339], fez, a partir das fontes documentais e com grande riqueza de detalhes, uma brilhante contribuição sobre a *influenza*, com uma interessante discussão sobre a política e a politização das doenças, especificamente da febre amarela e suas relações com os potentados da terra, o prestígio das elites e o utilitarismo das instituições científicas. Por fim, o trabalho desvela as graves deficiências estruturais apresentadas pelo estado baiano diante da crise instalada pela grande epidemia.

A TARDE

ANNO VI — BAHIA, 25 de Setembro de 1918 — NUM. 1.03

Uma nova epidemia está assolando a capital

Cartas Cariocas

As escandalosas do sr. Pinto de Carvalho ao próprio de emissão

Influenza? Grippe hespanhola?

Mais de 500 casos verificados nos quarteis desta capital

Ha ruas com enfermos em todos os predios

E' assim que se administra

A chacara Aguiar, ao Canella, é patrimonio da F. M.

O HOSPITAL PARA AS CLINICAS OFFICIAES

Fig. 12 - Jornal A Tarde[340]

De modo geral, aquela era uma situação plasmada pelo medo e incertezas geradoras de um clima de muita tensão sobre a população, independentemente da condição social do indivíduo. Em 10 de novembro de 1918, um domingo, um dos principais órgãos de imprensa, diretamente ligado ao governo, em reportagem de capa, lançou sobre a cidade avisos alertando

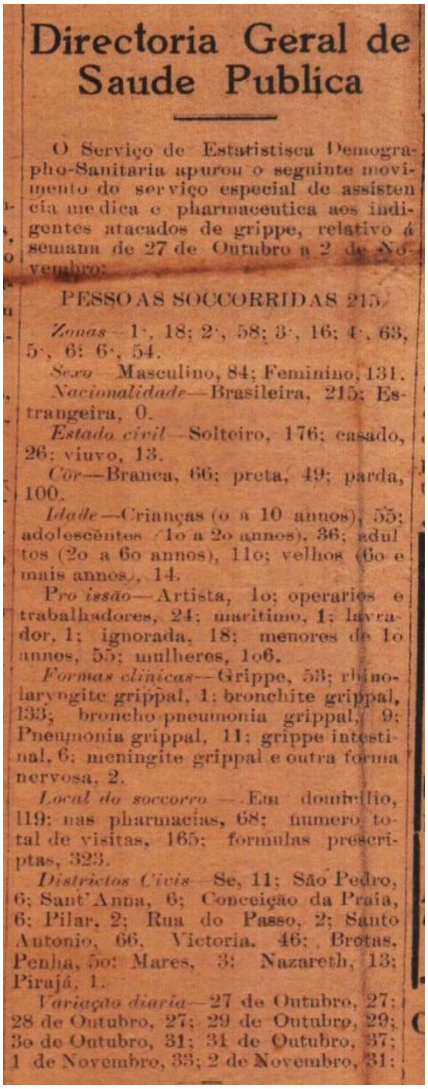
[337] *BCEB:* Setor de Periódicos. *Jornal A tarde*, 25 de setembro de 1918, p. 01

[338] Para Cristiane Cruz "A irrupção da epidemia de gripe espanhola, além de complicar o já precário quadro sanitário da capital baiana, expôs "as chagas miseráveis da Bahia" (Diário da Bahia, 06.10.1918, p. 1): a situação de pobreza da maior parte da população; a política oligárquica que gerava o clientelismo, a ingerência nas repartições públicas e as disputas de poder entre as diversas facções políticas; bem como a falta de recursos financeiros do estado e do município, que inviabilizavam a implementação de políticas públicas de saúde." In, **SOUZA**, Christiane Maria Cruz de. SOUZA, C. M. C. de: A gripe espanhola em Salvador, 1918: cidade de becos e cortiços. História, Ciências, Saúde — Manguinhos, v. 12, n. 1, p. 71-99, jan.-abr. 2005, p.91

[339]**SOUZA**, Op. Cit. 2009, p.91-127

[340] *BCEB:* Setor de Periódicos. *Jornal A Tarde*, 25 de setembro 1918, p. 01

sobre o quadro sanitário da cidade e as providências que as autoridades haviam tomado. Na verdade, aqueles eram avisos que, traziam nas entrelinhas, de forma muito claro, o grau de politização de mais um surto epidêmico que visitava uma cidade desleixada e com pouquíssima estrutura sanitária. Afinal, Seabra, "*a ferro e fogo*", ocupou o Palácio da Aclamação, mantendo alguns dos seus desafetos políticos sob o *"controle da pena"* na medida em que os direcionava aos cargos e outras investiduras da Administração Pública.



Directoria Geral de Saude Publica

O Serviço de Estatistisca Demographo-Sanitaria apurou o seguinte movimento do serviço especial de assistencia medica e pharmaceutica aos indigentes atacados de grippe, relativo á semana de 27 de Outubro a 2 de Novembro:

PESSOAS SOCCORRIDAS 215.

Zonas—1ª, 18; 2ª, 58; 3ª, 16; 4ª, 63, 5ª, 6; 6ª, 54.

Sexo—Masculino, 84; Feminino, 131.

Nacionalidade—Brasileira, 215; Estrangeira, 0.

Estado civil—Solteiro, 176; casado, 26; viuvo, 13.

Côr—Branca, 66; preta, 49; parda, 100.

Idade—Crianças (o a 10 annos), 55; adolescentes (1o a 2o annos), 36; adultos (2o a 6o annos), 110; velhos (6o e mais annos), 14.

Profissão—Artista, 1o; operarios e trabalhadores, 24; maritimo, 1; lavrador, 1; ignorada, 18; menores de 1o annos, 55; mulheres, 1o6.

Formas clinicas—Grippe, 53; rhinolaryngite grippal, 1; bronchite grippal, 133; broncho-pneumonia grippal, 9; Pneumonia grippal, 11; grippe intestinal, 6; meningite grippal e outra forma nervosa, 2.

Local do soccorro—Em domicilio, 119; nas pharmacias, 68; numero total de visitas, 165; formulas prescriptas, 323.

Districtos Civis—Se, 11; São Pedro, 6; Sant'Anna, 6; Conceição da Praia, 6; Pilar, 2; Rua do Passo, 2; Santo Antonio, 66. Victoria, 46; Brotas, Penha, 5o; Mares, 3; Nazareth, 13; Pirajá, 1.

Variação diaria—27 de Outubro, 27; 28 de Outubro, 27; 29 de Outubro, 29; 3o de Outubro, 31; 31 de Outubro, 37; 1 de Novembro, 33; 2 de Novembro, 31;

*Fig.*13 - Jornal *O Democrata*[341]

[341] *BCEB:* Setor de Periódicos. *O Democrata*[341], 10 de novembro de 1918, pg 01

Para além dos surtos e epidemias apontados até aqui, não é desprezível relembrar a contumácia persistente da chamada "peste branca."[342] – a tuberculose, uma verdadeira "praga social" ou "doença social" que fazia da Bahia, aos olhos do mundo, um estado enfermo. Afinal, a tuberculose tornara-se parte do cotidiano e do imaginário dos baianos, a ponto de Salvador ter a alcunha de "fábrica de tuberculosos"[343]. Uma situação cujas origens estavam nas péssimas condições de vida e de moradia da população pobre[344] que, cotidianamente, enfrentava o desemprego e quando empregada, muitas vezes sofria com as longas e árduas rotinas de trabalho, os baixos salários corroídos pela carestia e a falta de gêneros alimentícios de qualidade, visto que o baiano pobre de Salvador apresentava baixo nível proteico, por se alimentar com a "*carne virada"*[345] e a "*xêpa*"[346].

Fig. 14 - *Jornal A Tarde*[347]

[342] **SILVA,** Maria Elisa Lemos Nunes da. *Do "centro" para o "mundo": A trajetória do Médico José Silveira na luta contra a tuberculose*. UFPE. Recife, 2009, p. 25
[343] **SILVA,** Otávio Torres da. *A cidade do Salvador perante a higiene. 1908*. Tese (Doutorado) - Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1908, p18
[344] **SANTOS,** Mário Augusto da Silva. *Crescimento urbano e habitação em Salvador (1890-1940).* In Rua, Revista de Arquitetura e Urbanismo. V.3(4/5):20-29, junho/dezembro.1990, p.26-27
[345] A "*carne virada" ou "carne do vira"* era a carne velha, não frêsca, geralmente vendida pelas ruas da cidade nos últimos horários do dia. Era uma mercadoria que já tinha dado uma volta na cidade.
[346] A "*xepa*" eram sobras dos ranchos - dos quarteis, asilos e hospitais da cidade. As pessoas se amontoavam para consegui uma gamela ou lata de alimento.
[347] *BCEB*: Setor de Periódicos. *Jornal A tarde* 23/01/1915, p. 01

Ainda que a expressão “fábrica de tuberculosos”, cunhada pelo Dr. Torres, no ano de 1908, se mostrasse extremamente descabida, aviltante e extemporânea ao projeto das elites, no que concerne à modernização da cidade, se mostrava extremamente ajustada ao entendimento dos críticos higienistas da época, que viam uma Salvador formada por um traçado irregular de suas ruas, becos e vielas estreitas, com calçamento precário, lixo e excrementos por toda parte, animais pastando e era, a presença de carcaças de animais e corpos humanos em estado de rigidez cadavérica, abandonados pela família e pelo estado.

Os que morrem de fome na Bahia

Um cadaver de mendigo, velado por mendigos

Duas velas por camara ardente

O pobre «Pernambuco» na calçada da Conceição da Praia

Fig. 15 – Jornal *A Tarde* [348]

OS QUE MORREM DE FOME NA BAHIA-

Um cadáver de mendigo, velado por mendigos- Duas veias por câmara ardente. Quem passasse, pela manhã de hoje, pelo largo da Conceição da Praia, sentiria o infinito do que sentimos, vendo, na calçada, morto, coberto com um trapo, um mendingo, o pobre *Pernambuco*, tendo aos pés e a cabeça duas velas de stalina acesas. Velavam-lhe o cadáver outros mendigos. Um aleijado, de um loiro forte, tinha lagrimas nos olhos.

De outro lado, um preto enfermo abanava as moscas, que sumbiam em torno do náufrago da penúria. A assistência era numerosa. E naturalmente não havia ali quem não amaldiçoasse a situação que degrada a Bahia, que concebeu planos de avenidas sumptuosas gastando nelas somas fabulosas de fortuna pública, sem se lembra de reparar a miséria das ruas.[349] [*Sic*]

[348] *BCEB*: Setor de Periódicos. Jornal *A Tarde*, 21/07/1915, P.01

Diante de um quadro tão alarmante, e seguindo os princípios da medicina urbana da época, as doenças epidêmicas, de todos os naipes, inclusive a tuberculose, passaram a ser vistas como doenças contagiosas de natureza social, tendo suas origens ligadas aos mais pobres da cidade. Em especial, os negros, uma vez que os números apontavam uma maior incidência das doenças nesta parcela da população. No ano de 1899, foi realizado o Congresso Mundial de Luta Contra a Tuberculose, na cidade de Berlim. A partir de então, a doença passou a ser vista como um "dever social do estado". Nesse evento, os participantes brasileiros fizeram-se signatários da luta contra uma doença de natureza endêmica, mas que fazia vítimas pelo mundo afora. Por outro lado, logo os baianos perceberam que as exigências por ações de natureza profilática em Salvador não teriam êxito, diante da débil estrutura administrativa e operacional para a implantação de campanhas de saúde em grande escala.

Além das dificuldades citadas a inexistência de políticas públicas em áreas de interesse social e, em especial, no âmbito da saúde, na Bahia das primeiras décadas republicanas, se deveu ao fato de que a prática da medicina seguia uma orientação conceitual administrativa ligada a um Estado Republicano mínimo de feição liberal e de caráter burguês. Ou seja, ainda que no Brasil, uma parte da intelligentsia médica buscasse práticas de cura e abordagem das doenças à luz dos avanços da época, o campo institucional, de certa forma, inviabilizava o desenvolvimento de ações que conduzissem ao controle das doenças e epidemias que se faziam presentes nos espaços urbanos da Salvador seabrista.

Na verdade, por essas terras, a existência de um Estado político assentado sobre a leniência da gestão, garantia aos seus agentes e representantes, o alcance das benesses e dos privilégios do poder. Se voltarmos ao capitulo I, veremos que as lutas entre as facções políticas no início do regime republicano, na Bahia, evidenciaram uma clara intenção de permanência dos grupos de potentados que formavam as oligarquias regionais. Nesse sentido, a ocupação do aparelho de estado seria uma forma de garantir, para além do poder político, as permanências da cultura política numa época caracterizada por fortes transformações na base material da sociedade[350].

---

[350] LEAL (1976) Nos propôs a ideia de que "O fortalecimento do Estado no Brasil não foi acompanhado de um correspondente enfraquecimento das estruturas de poder ligadas ao coronelismo. Ou seja, "Os próprios instrumentos do poder constituído é que são utilizados, paradoxalmente, para rejuvenescer, segundo linhas partidárias, o poder privado residual dos 'coronéis', que assenta basicamente numa estrutura agrária em fase de notória decadência. Essa decadência é imprescindível para a compreensão do 'coronelismo' porque, na medida em que se fragmenta e dilui a influência 'natural' dos donos de terras, mais necessário se torna o apoio do oficialismo para garantir o predomínio estável de uma corrente política local". Desta forma, a ausência de autonomia legal do

Portanto, as questões de natureza social, como os eventos ligados à saúde, só tinham prioridade quando o medo e a insegurança, de alguma forma, colocavam em xeque o controle social[351] e, consequentemente, o poder das elites locais. Lembremos que as doenças, enquanto agentes biológicos presentes num determinado meio social, não escolhiam suas vítimas. Desta maneira, mesmo nas sociedades com alto grau de desenvolvimento educacional, as morbidades eram consideradas geradoras de terror, fatalismos e ações marcadas pelo individualismo insano e por práticas voltadas para a autopreservação dos grupos de poder[352].

Esta explicação nos faz trilhar por um caminho bastante interessante para pensar as peculiaridades presentes na maneira como as incipientes políticas de saúde tiveram curso na cidade do Salvador até o final do seabrismo. Inicialmente, pensemos que nada era novo em termos de estrutura e abordagens necessárias ao enfrentamento das doenças. Por aqui, o discurso dos higienistas evidenciava a ideia de separar o doente do convívio com os sãos.

Desta forma, a cultura médica dos isolamentos, dispensários e asilos se materializava através de prédios construídos como verdadeiras antessalas da morte, espaços geralmente construídos fora da cidade, sem qualquer forma de diálogo entre os doentes e a sociedade. De certa forma, a lógica higienista local deixava claro que o doente era um mal a ser extirpado. A cidade precisava estar saneada para uma forma de convivência entre indivíduos aptos para a cultura, a ciência, o trabalho e o progresso.

Nesta perspectiva, ainda que as ideias higienistas se apresentassem no espaço da rede de interlocução científica da época, mesmo após as várias reformas que o ensino médico sofreu a partir de 1832[353], a medicina urbana aplicada em Salvador até o final da primeira década do século XX se sustentava sobre um discurso voltado para administração das coisas que estavam em circulação (o ar, as águas, os odores e os solos)[354]. Na verdade, era um conhecimento cuja

---

município sempre foi deturpada pela prática de uma ampla autonomia extralegal, cedida pelos governos estaduais aos partidos locais de sua preferência sempre ligados a uma oligarquia. "Esta contraprestação estadual no compromisso coronelista explica, em grande parte, o apoio que os legisladores estaduais - homens em sua maioria do interior - sempre deram aos projetos de leis atrofiadoras do município" (p. 255). **LEAL,** Victor Nunes. *Coronelismo Enxada e Voto.* São Paulo, Editora Alfa-Ômega, 1976, p. 255.

[351] Sobre a questão do controle social, Mario Augusto dos Santos nos diz que a necessidade de ampliação do controle social contribuiu para o fato da Polícia representar, em 1919/1920, "um terço do total dos funcionários estaduais 99 sediados em Salvador" **SANTOS,** Mário Augusto da Silva. "*Sobrevivência e Tensões sociais.* Salvador (1890-1930). Tese de Doutorado Apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1982, p.87.

[352]**SAMPAIO**, Consuelo Novais. *Partidos Políticos da Bahia na Primeira República: uma política de acomodação. Salvador*, Editora da Universidade Federal da Bahia, 1998

[353] Sá Barreto

[354] UZEDA (1996) Nos diz que "No século XIX a "teoria do miasma", princípio que acreditava no poder de corrupção (o do ar sobre as pessoas e o meio e desta maneira provocando as doenças, encontrou na Faculdade de

prática era conduzida muito mais por abordagens de natureza empírica do que por aportes cientificamente comprováveis. Aliás, sobre este aspecto, muitas foram as queixas feitas pelos médicos professores do curso de medicina, reproduzidas em textos escritos por aqueles que se dedicaram aos estudos sobre o cotidiano e a estrutura de funcionamento da Faculdade de Medicina da Bahia.

Desta forma,

> Não contando a faculdade com recursos suficientes, também não poderiam existir laboratórios e gabinetes capazes de proporcionar as condições mínimas para um trabalho eficaz; nem hospitais aparelhados para o ensino das clínicas, cujas exigências, em todas as épocas, podemos aliviar.
>
> Em face dessa situação, que meio poderia restar a um professor de talento, para colocar-se acima da vulgaridade, senão uma grande provisão de conhecimentos abstratos e de teorias, senão a eloquência e a dialética?[355]

Tal situação possibilita depreender que o objetivo final da ação médico-higienista não deixava de ser a cura. Entretanto, quando esta ocorria, se manifestava como um resultado aleatório, ante as várias possibilidades de recrudescimento dos processos mórbidos, quando tratados nos isolamentos, asilos, enfermarias e dispensários da cidade, geralmente espaços sem estrutura material, pouco arejados e, na maioria das vezes, carentes da assistência do poder público local. Nesse sentido, diante de tanto descaso, o doente era parte de uma loteria, cujos prognósticos estavam diretamente ligados ao derradeiro da morte.

Medicina da Bahia o entusiasmo necessário para impor modificações no quadro insalubre da cidade. Deflagrou a luta pelo fim doa enterramentos nas igrejas e pela localização dos cemitérios afastados da cidade. A cadeira de Higiene, criada em 1815 disseminou a teoria da medicina urbana e forneceu os princípios para a política de saúde pública, no Império e na Primeira República." **UZEDA.** Op. Cit., 2006, pág. 34

[355] Discurso do professor Anselmo da Fonseca in Memória Histórica, 1891 apud Eduardo de Sá Oliveira. Memória Histórica Da Faculdade de medicina da Bahia. Concernente ao ano de 1942. Salvador Centro Editorial e Didático da UFBA. 1992, p. 53 *in* **BARRETO JR**, Op. Cit., 2004, P.32

O Hospital dos Lazaros vem abaixo

Os infelizes feridos de lepra, quasi nús, estão á mingoa de pão e medicamentos!

O HOSPITAL DE S. LAZARO

Fig. 16 - *Jornal A Tarde* [356]

Por outro lado, a ideia de hospital como concebemos nos dias de hoje não fazia parte do rol de serviços públicos do governo Seabra e nem da prefeitura do município. Ou seja, não havia assistência pública de saúde na cidade, na acepção contemporânea do termo lembremos da principal característica do Estado Republicano Brasileiro no que concerne às políticas sociais. Nesse sentido, apenas a Santa Casa de Misericórdia e o Hospital dos Lázaros, a partir de uma perspectiva filantrópica e sem os disciplinamentos exigidos pela medicina urbana[357]da época, faziam atendimento aos doentes dentro do espaço urbano de Salvador, no Hospital de Misericórdia que, a partir de 1893, passou a ser chamado de Hospital Santa Isabel, localizado numa área relativamente distante do centro, na antiga freguesia ou distrito de Nazaré, hoje bairro do mesmo nome.

Pelo exposto até aqui, o projeto higienizador das elites locais e do governo, inicialmente embasados nas obras de embelezamento; na garantia da circulação; no controle da vida privada e no consequente processo de segregação espacial, à época das reformas demolidoras de Seabra, tornou-se cada vez mais acirrado. Na verdade, foram as novas percepções sobre as etiologias das doenças que tomavam a cidade do Salvador desde os tempos coloniais, que se constituíram como aspectos legitimadores dos novos posicionamentos higienizadores presentes na política administrativa de saúde[358].

---

[356] *BCEB*: Setor de Periódicos. *Jornal A Tarde* 14 de Abril de 1915, pag. 01

[357] O Hospital Santa Isabel era tutelado pela Igreja Católica. Portanto, era uma instituição religiosa que tendia a fazer atendimento aos doentes sem seguir as teorias, métodos e regras d higiene propostas pela ciência médicas da época. Segundo o médico Alfredo Brito, tal perspectiva de ação era a principal causa de constantes conflitos entre médicos professores da Faculdade de Medicina e os religiosos padres e freiras da Santa Casa na ação de assistência aos doentes. **BRITTO**, Alfredo. *Memória histórica da Faculdade de Medicina da Bahia no ano letivo de 1900 a 1901*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1904, p. 74

[358] Sobre este aspecto é importante uma análise acerca das publicações das leis sanitárias, bem como dos códigos de postura da cidade do Salvador do período. Um exemplo bastante significativo dessa nova situação se manifestou à época da *reorganização dos serviços sanitários do Estado da Bahia*, após a da lei 921, de 29 de novembro de

Em que pese a aplicação de ações voltadas para o deleite de uma *belle époque* tardia e ressignificada por parte de uma elite urbana e afrancesada, tornou-se fato de urgente necessidade a curar da capital baiana. Desta forma, em 1912, embasados nos princípios da medicina urbana, presentes na formação dos médicos locais daquele período, a gestão sobre a cidade deu mostras de uma virada jurídica e administrativa, no que tange às ações sanitárias.

Nesse sentido, a lei 921, de 29 de novembro de 1912 se fazia extremamente clara quando apontava para o fato de que,

> [...] Nos casos de óbito por moléstia transmissíveis, não será o atestado visado pelo diretor do desinfectório central. Reconhecido porém, o caso, o verificador tomará as primeiras providencias que as tornem necessárias, avisando imediatamente, o inspector do distrito, o diretor do desinfectório, estar de acordo com a lei.
>
> Enquanto não comparecer o inspetor sanitário, não poderá o verificador retirar-se do prédio em que houver ocorrido o óbito, sendo responsável, não só pelas primeiras medidas tomadas, como também pelo que acontecer durante esse período[359] [*Sic*]

Muito antes de assumir o governo da Bahia, JJ Seabra foi ministro do interior do governo Rodrigues Alves. Portanto, ele tinha conhecimento da situação calamitosa do Estado e de sua velha capital. As doenças crônicas da cidade, conhecidas pela medicina local, os surtos epidêmicos que assolavam frequentemente o espaço urbano e a precária infraestrutura da capital eram incompatíveis com os anseios de civilidade e modernidade dos potentados, que percebiam a importância estratégica da cidade-porto para a economia agroexportadora.

Assumido o governo e de posse dos problemas da cidade e do Estado, Seabra, ao longo da sua gestão, evitou, a todo custo, a intervenção federal, mesmo em época de epidemia. Na verdade, Seabra se colocava de forma parcimoniosa em relação a qualquer forma de ação federal por força dos prejuízos fiscais e, principalmente, políticos que sua gestão poderia ter. Seabra era considerado uma "raposa" no mundo político. Portanto, o que não lhe faltava eram

---

1912, no primeiro governo Seabra. Por esta lei, a cidade que era dividida em 16 distritos sanitários foi "*subzoneada"*. Ou seja, o sistema distrital que formavam o espaço da cidade deu lugar a 4 zonas sanitárias que ficaram sob a responsabilidade administrativa de um médico verificador de óbitos. A função deste servidor era exercer o controle sobre os sepultamentos ocorridos nestas zonas ao informar as causas dos falecimentos e principalmente as providencias sobre o tipo de enterro que o morto teria. Segundo UZEDA(2006) e CRUZ(2009) essas mudanças de natureza administrativas davam o tom do tipo de controle que o Estado e Município passaram a ter sobre a vida dos habitantes da cidade.

[359] Extrato da lei 921, de 29 de novembro de 1912

históricos desafetos políticos[360] que desejavam aplicação dos dispositivos constitucionais da Federação, como a intervenção no Estado, lembremos a maneira como Seabra assumiu o palácio da Aclamação.

O ESTADO SANITARIO E A INTERVENÇÃO FEDERAL

O sr. Pinto de Carvalho quer a intervenção .. de dinheiro

Fig. 17 - Jornal *A Tarde*

Sobre o estado sanitário da cidade, não se pode dizer senão que cada dia vae peiarando, repetindo-se com frequência, os casos de peste negra e de vez em quando, de febre amarella.

Nesta ultima semana varios vapores, inclusive do Lioyd, deixaram de atracar ao caes, segundo affirmam, por terem conhecimento que estado sanitario da cidade era máo, assojado, ao mesmo tempo pela amaríllica, a bubonica e variola.

Impotente, sem recursos pecuniarios para sanear a cidade, (curioso! pode fazer obras de luxo e não pode fazer as necessarias á salvação pública) o governo estadoal, por fim, pediu auxilio ao federal, para intervenção <manu sanitarii>.

Insistente era o boato de que o dr. Luiz Pinto de Carvalho, ex-director da S.P.B o manifestava contrario a essa intervenção, por acha-la desnecessária.

Procuramol-o, pois, saber sobre o assumpto.

Sr. Ex diretor da S.P.B assim nos falou:

- Nada devo dizer. Affastei-me ha pouco da Saúde Publica e não me fica bem falar sobre o assumpto. Sei pela leitura dos jornaes que os casos de peste-negra têm se repetido muito a miude no districto da Sé, que é um terrivel fóco, porém, não posso discorrer sobre o assumpto por que não sei as providencias que tomou a hygente.

-E quanto a intervenção <manu sanitárii>?

-Acho-a muito boa

Ha muito quem diga que sou contra ella. Méro engano. Sempre fui seu apologista; o que disse e repetiu é que não ficaria na <S.P.B>. se a intervenção se désse com a vinda de medicos do Rio. O que nos carecemos aqui, somente é de dinheiro para que se possa fazer o saneamento da cidade, pois de pessoal idoneo dispomos nósA intervenção <manu sanitarii> federal vira continuar a obra por nós encetada e que não poude prosseguir devido à falta de serviços pecuniarios.

[360] Para a professora Cristiane Cruz, as epidemias foram transformadas em capital político tanto para aqueles que apoiavam a política de Seabra como também para as oposições que reivindicavam a intervenção federal com o intuito de fragilizar a ascensão política do grupo pró Seabra.

> Venha o dinheiro e teremos a cidade saneada - concluiu o sr.dr Pinto de Carvalho.361 [*Sic*]

Em caso de uma atuação do Governo Federal sob a forma de intervenção em qualquer Unidade da Federação, o estado que a requisitasse arcaria com uma pena fiscal através do pagamento de uma multa à União. No âmbito do que hoje chamaríamos de "*pacto de governança*", o combate às doenças epidêmicas da época estava sob a responsabilidade dos governos estaduais. Desta forma, o dispositivo legal da intervenção da União na gestão das coisas do Estado explicitava a clara incapacidade administrativa dos governos locais em seguir o princípio mais básico de uma República Federativa, a autonomia dos membros da União.

Diante dos problemas existentes no Estado e, em especial, na *"vitrine capital",* a necessidade de uma estrutura administrativa no âmbito da saúde se manifestava com muita vivacidade. Desta forma, para pôr fim às contumazes práticas temporárias e emergenciais de saúde, Seabra, com o apoio de Antônio Ferrão Moniz de Aragão, reestruturou o serviço sanitário estadual, tendo nas instruções normativas *nº 1151, de 15 de julho de 1916*, os embasamentos legais para as suas ações de natureza sanitária. No entanto, para obter um melhor funcionamento e eficiência da máquina administrativa, propôs, também, a reorganização dos órgãos e repartições públicas estaduais.

[361] BCEB: Setor de Periódicos. Jornal *A Tarde*, 15 de setembro de 1915, p. 01

*Fig.*18 – Organograma da Diretoria Geral da Saúde Pública da Bahia[362]

O saldo político da reengenharia administrativa empreendida por Seabra foi a vitória política nas eleições de 1916, em nome do seu principal apadrinhado político, o próprio Moniz de Aragão, aquele que viria a ser o seu sucessor no Governo do Estado. No meio de tantos dissabores causados pelos surtos e epidemia que assolavam a cidade, a tríade doença-doente-morte foi transformada em um elemento de barganha política em favor do governo Seabra. Ou seja, na cidade do Salvador, num contexto elitista e tão profundamente marcado pelos ideais de modernidade, civilidade e diferença, o jogo político fez nascer, dentre outras, uma dessas figuras marcadas pelo carisma e pela capacidade de aglutinação popular e nos espaços de um determinado grupo do poder local[363].

Tal empreitada explicita, de forma muito clara, que o Estado Seabrista, em ajuste com as demandas das elites e do corpo médico da cidade, tinha como preocupação a garantia de uma

[362] **Lei nº 1.151, Art. 17, de 15 de julho de 1916.** Reorganizava os serviços administrativos do Estado. *Apud,* Cristiane Souza, 2009. p.70

[363] A figura de Seabra se consolidou como um nome que foi colocado entre o mito e a realidade no cenário político local. O seabrismo passava a ser muito mais do que um Estado em funcionamento. Nesse sentido, guardando as devidas proporções, ao seu tempo, o seabrismo se tornou um jeito de fazer política, assim como, mais recentemente foi Carlismo para política baiana.

cidade medicada em todos os níveis da convivência através da desinfecção das moradias, do isolamento dos enfermos e da constante vigília das formas de mortes[364], com o objetivo do controle das epidemias. Por outro lado, o que nos chama atenção sobre as medidas tomadas pelo Estado são as consequências mentais que ocorreram, em justaposição às ações urbanísticas e higienistas no espaço da cidade.

Se as obras de remodelamento de Seabra recebiam queixas contra a morosidade e denúncias de toda sorte, através dos principais órgãos de imprensa locais, o universo mental da cidade se constituiu de forma bastante peculiar à dinâmica dos fenômenos ligados aos aspectos sanitários do espaço urbano de Salvador. Ou seja, uma vez que o cotidiano da cidade e seus elementos da convivência social foram ungidos pelos diacríticos materiais e imateriais da civilização moderna, era mais que normal que as doenças e suas consequências passassem pelo crivo do olhar vigilante e excludente da sociedade, através da ação dos seus fiéis representantes, as autoridades sanitárias[365].

O ESQUECIMENTO

OBRAS INTERMINAVEIS

Fig. 19 - *Diário de Notícias*[366]

[364] Uzeda (2006) Nos apresenta no seu trabalho de pesquisa as duas formas de mortes possíveis na Cidade do Salvador do período Seabrista: "*A Morte livre"* e *"a Morte Vigiada"*, no primeiro tipo, o autor chama atenção daquele indivíduo que teve uma morte longe dos percalços das epidemias presentes na cidade e, por isso mesmo, podiam livremente ser enterrados e seguidos de todas as homenagens cabíveis àquela situação. Por outro lado, a morte por doenças infectocontagiosas era vigiada porque passava pelo crivo do estado fiscalizador através da ação dos órgãos sanitários, na Salvador, especificamente, esta era uma função da Comissão Verificadora de Óbitos. Portanto, esta era uma morte constrangedora e vergonhosa para o moribundo e sua família, independente dos extratos sociais ao qual pertencesse o defunto. Era uma mancha que se instalava na reputação do morto e da família que, em muitos casos optavam pela pouca ou nenhuma publicização do féretro. **UZEDA**, Jorge Almeida. *A morte vigiada: a cidade do Salvador e a prática da medicina urbana 1890-1930*, p.49, 2006.

[365] Um exemplo bastante significativo foi a figura dos inspetores sanitários que baseados no código de postura municipal e nas leis sanitárias da época exerciam seu papel fiscalizador com poder de polícia. Além desse em 1912 a figura do verificador de óbito passa a exercer as suas atividades no diz respeito aos óbitos da cidade.

[366] *BCEB*: Setor de Periódicos. *Diário de Notícias* 08/06/1914, p. 01

O SR. J.J SEABRA

Administração e moralidade do governo

> Probidade e moralidade! Probidade de um governo que nunca informou a ninguém o preço de uma só obra, que esbanja os dinheiros creando lugares fartamente remunerados, sem assento da lei, para proteger filhos, genros, etc, etc. seus e dos proceres.
> Moralidade! Esse capitulo seria escabroso.[367] [*Sic*]

> [...] Entretanto, em meio a essa procela de trabalho eficaz e produtiva, há alguma coisa que é preciso combater: é o julgamento que fora daqui se está formando dos processos administrativos por que se vão realizando as grandes obras. Não é preciso milagre de argúcia para surpreender, com magos, a falsa opinião. Basta notar a imigração de sujeitos escunhoados [*Sic*] e maneirosos, todos lábias e ademanés (sic), que nos chegam por cada paquete, principalmente do Rio, para se ter a idéia de que a Bahia está considerada como um campo de bons e belos negócios, de contatos fáceis e rentosos que a advocacia administrativa não encontra empecilhos para conseguir.
> É contra esse aspecto do movimento reformista que muitas vezes protestamos com razão, por que obra tão benemérita deve ser intangível até das suspeições de desonestidade [368]. [*Sic*]

Deste modo, se a política sanitarista e urbanística de Seabra se caracterizou por apresentar um projeto embasado na exclusão de uma grande parcela da população pobre, negra e trabalhadora da cidade do Salvador, também tinha nas percepções e, portanto, nos discursos da elite o principal elemento legitimador e gerador das ações voltadas para a higienização física e mental do espaço. Na verdade, a política higienista de Seabra pode ser justificada pela difusão e representação que a ideia de contágio construiu no imaginário "popular" local, gerando e influenciando atitudes das pessoas, marcadas pela negação e pelo medo em relação às doenças, os doentes e a morte[369].

---

[367] *BCEB*: Setor de Periódicos. Jornal *A tarde*, 27/03/1915, P.01

[368] *BCEB*: Setor de Periódicos. *A remodelação e os negocistas.* Jornal *A Tarde* 19/10/1912 p.1

[369] Aqui, vale salientar que, naquele período, certas teorias e noções quando, negligenciadas pela rede de conhecimento, por não serem de domínio de um público eram internalizadas e utilizadas de maneira a formular conceitos discriminatórios em relação ao outro e sua condição social. Sobre este aspecto podemos citar a ideia de raça que sempre esteve presente no processo de formação da sociedade brasileira em função das relações históricas que foram estabelecidas entre os diversos grupos que para o Brasil vieram. Daí todo o movimento que teve na persistência da raça o claro objetivo de excluir os negros e pobres do convívio com os setores aburguesados e elitistas autodenominados civilizados.

Por conseguinte, nesta etapa do processo depurador, a doença, o doente e a morte[370] foram transformados em antíteses perfeitas do modelo higienizador das elites e do Estado Seabrista. E, assim, a medicina urbana, uma vez que legitimada pela rede de interlocução científica no campo institucional e administrativo garantia, pelo menos em tese, a cura e a preservação da vida como parte de um projeto depurador e de modernidade. Aliás, um projeto que na sua essência pretendia, em consonância com os ideais civilizadores, livrar a cidade das marcas do atraso social. Por outro lado, era consequência da percepção dos grupos de poder sobre os prejuízos que a cidade e o Estado tinham nas esferas política, econômica e financeira. Afinal, Salvador era um importante porto de entrada e saída de bens econômicos e mobiliários, sob uma infraestrutura caótica.

Para concluir, se entende que as consequências históricas ainda presentes nos dias atuais são relativas aos processos aqui discutidos e só reforçam a percepção de que a Salvador da segunda década do século XX passou a sofrer profundas transformações empreendidas por um Estado gestor que, em nome do equilíbrio político e dos interesses de suas elites[371], mostrou-se bastante atuante no que diz respeito a uma forma convivência ajustada aos desígnios da modernidade, ao implementar ações urbanistas e sanitaristas em escala muito próxima ao que acontecia nos grandes centros do país e do mundo, num tempo-espaço marcado pela organização dos estatutos do que viria a ser uma cidade republicana moderna e civilizada.

Desta forma, na Salvador Seabrista, tais ações tiveram seu início a partir dos suportes dados pelos "*homens de ciências"* e intelectuais de todos os naipes que, através dos meios de comunicação, em rede, reproduziram uma semiótica baseada *nos sentidos da ordem, do progresso e da civilização*. Na verdade, era um conjunto de embasamentos teóricos ajustados aos princípios higienistas, muitas vezes sustentados pelos princípios eugenistas que levaram à medicalização da sociedade, numa perspectiva depuradora, com claros objetivos de: sanear os

---

[370] UZEDA (2006), nos remete à ideia de que o Estado, na condição de instituição política e administrativa a serviço das elites criou formas de vigília sobre a doença, o doente e principalmente o tipo de morte do moribundo. Desta forma, se entende que a política higienista de Seabra além de disciplinadora das ações cotidianas do indivíduo em sociedade, também criou um consenso posicionador do sujeito frente aos desígnios da doença, independentemente, da condição do indivíduo na estrutura social. Portanto, para além dos inconvenientes das formas de cura, a morte também passou a ser depurada. Em outras palavras, os eventos ligados à doença e a morte se constituíam como uma espécie de "*grand finale*" em uma sociedade dirigida por uma elite que tão sequiosamente buscava a convivência depurada. Portanto, se antes a preocupação higienizadora apontava para a fluidez dos sentidos da civilização entre os ditos cidadãos de bem da cidade, a partir de agora a ideia de circulação das coisas passa a ter centralidade tanto nas discussões como nas práticas de contenção das doenças**. UZEDA**. Op Cit, p.49, 2006

[371] A necessidade em atender as reivindicações da elite econômicas encontrou respostas nas obras do Porto de Salvador e nos aterros a beira mar que propiciam a requalificação do Comércio confirmando, assim a tradição de cidade portuária de Salvador.

males crônicos da terra, promover a mudança de hábitos e, por fim, conduzir a população à segregação do espaço físico da cidade.

Vasconcelos (2009)[372] diz que a vigência do seabrismo se caracterizou como um período extremamente dinâmico para a geografia urbana e social da Cidade do Salvador. Na verdade, as ações implementadas pela política e administração da época proporcionaram o aprofundamento de um abismo que, historicamente, já separava as elites brancas das camadas pobres e negro-mestiça da população local, por força das reminiscências do escravismo. Entretanto, para além da inexistência de um estatuto jurídico que determinasse o *status* e papel de cada indivíduo na estrutura social, os discursos e práticas de natureza higienista atuaram como norteadores das formas de apartação.

Salvador da Baía de Todos os Santos, aos olhos dos estrangeiros e de suas elites, era uma metrópole do hemisfério sul tropical imunda, desorganizada e com uma forte presença africana. Uma cidade de arquitetura colonial grandiosa, com uma das baías mais belas do planeta, mas com os mesmos graves problemas de uma grande metrópole do mundo civilizado. No entanto, eram principalmente, as questões ligadas à saúde de sua população que, muitas vezes, em escala epidêmica, exigiam medidas voltadas para a implantação de ações higienistas caracterizadas pelo autoritarismo e pela aquiescência do Estado gestor no atendimento aos anseios de uma elite acadêmica formada por "*homens de ciências"*, em especial, os médicos oriundos da Faculdade de Medicina da Bahia.

Por outro lado, as elites sociais, políticas e econômicas locais perceberam que as epidemias colocavam em evidência a ineficiência dos serviços sanitários do Estado fazendo com que a população construísse noções que afetavam a imagem dos grupos que se encontravam nos aparelhos de poder. Além disso, aquela situação de insalubridade comprometia a operacionalidade do porto da Bahia, gerando grandes prejuízos para a economia de um estado cuja principal base econômica era o comércio de exportação e importação.

Sendo assim, tal situação nos remete à ideia de que Salvador, uma cidade comercial e portuária, por sofrer com a grande quantidade de prostrados e mortos, passou a experimentar a desorganização dos setores mais importantes da sua economia.[373] Vale lembrar que as

---

[372] **VASCONCELOS,** Pedro. *Salvador transformações e permanências 1549-1999*. Ilhéus, Editus, 2002, p147

[373] Sobre este aspecto, tanto CRUZ (2009) quanto REBELLO (2010) em seus trabalhos de pesquisa sobre as epidemias e sua relação como as atividades econômicas, nos permite entender que as quarentenas decretadas pelas autoridades sanitárias sobre os navios atracados no porto da Bahia em casos de graves crises epidêmicas causavam sérios prejuízos a economia regional, principalmente ao já precário abastecimento de Salvador. Como já vimos

epidemias se apresentavam como vetores contumazes em ciclos constantes. Suas ocorrências causavam a falta de mão-de- obra no sistema produtivo, afastando da capital comerciantes e os grandes investidores que poderiam vir de outras terras.

Um outro aspecto a ser retomado nesse fechamento é que, a despeito das disputas entre tropicalistas e o núcleo conservador da velha Faculdade de Medicina[374], a implantação de ações centralizadas e apoiadas nas novas perspectivas cognitivas que "em rede" se manifestavam no campo médico-científico da época apontava para a solução dos graves problemas sanitários da cidade. Entretanto, a falta de recursos financeiros, o dispêndio de energias no campo administrativo causado por iniciativas, muitas vezes, redundantes nas ações de Estado e da Federação, sem direcionamentos específicos, causavam a perda de mão-de-obra, tempo e verbas.

Nesse sentido, é importante fazer um exercício de memória acerca dos acordos entre o campo médico conservador e a seara política e administrativa. Ou melhor, sobre os aspectos do campo político e institucional que desencadearam a constituição de um palco encenado por um intenso jogo de vaidades e choques de interesses entre os gestores das instâncias públicas e seus opositores. Uma situação que se constituiu como a causa de todo o atraso na implementação das políticas de saúde marcadas pela permanência e durabilidade até o início de 1912.

Como se não bastasse, na seara ambulatorial da cidade, a grande população formada por cidadãos pobres e negro-mestiços tornaram-se vítimas dos entraves causados pelas dificuldades de entendimento entre os médicos representantes de uma prática embasadas nos princípios científicos, portanto, laicos e os religiosos presentes nos poucos hospitais da cidade, em especial, aqueles ligados à Santa Casa que, no âmbito da filantropia, levavam suas ações aos menos favorecidos da cidade sempre na perspectiva da caridade e da salvação.

Por outro lado, a existência de um território em constante estado de tensão procedimental conduziu a doença a um intenso jogo político institucional pelo domínio da cura. Na verdade, ali se manifestava a clássica disputa entre ciência e religião pelo domínio de um

---

uma cidade portuária, cuja reduzida e insignificante produção de gêneros alimentícios era garantida pelos gêneros provenientes do interior do Estado e em alguns casos de outros estados e países como os importados que atendiam ao consumo das elites locais e nacionais. **SOUZA**, Op. Cit.2009, p. 124 e **REBELO, Op. Cit**.2010, p 54.

[374] Castro Santos nos diz que os "Higienistas baianos lutaram para disseminar a ideia da reforma, mas encontraram uma vigorosa resistência da parte de um establishment médico conservador e de um ambiente político e intelectual hostil (ou indiferente) às ações no campo da saúde pública". **CASTRO SANTOS**, Op. Cit. 1998, p 02

espaço simbólico, de poder e aceitação numa cidade marcada pela forte presença de uma medicina popular e afeita ao curandeirismo pagão

Para Sampaio (2001)[375], a persistência de outras práticas de cura, entendidas como não oficiais devido ao caráter 'místico e popular', é uma clara demonstração da total falta de credibilidade da medicina oficial por parte da população. Para a autora, aquela era uma situação estimulada pelas contendas entre os médicos, nas quais era possível perceber nas palavras daqueles profissionais o reconhecimento de que "erros e imprecisões" eram cometidos. Portanto, "deixando seus pacientes no mínimo inseguros quanto aos procedimentos aos quais eram submetidos". Embora, os estudos demonstrados nesta passagem estejam diretamente ligados a realidade da cidade do Rio de Janeiro, é possível afirmar que as disputa entre os médicos não se manifestava apenas na capital federal.

Nesse sentido, por força das tradições de cura presentes nos espaços populares na cidade da Bahia, não era incomum a existência de outras possibilidades de combate às enfermidades que assolavam a capital. Eram os diacríticos de um universo cultural que se colocavam em movimento nos espaços da rua e do sagrado, mas que, de certa forma, levavam esperança aos doentes e moribundos da capital baiana. Sobre as questões ligadas às práticas populares de cura, ainda que extemporânea ao período em estudo, Nina Rodrigues, publicou no jornal *Diário de Notícias* de maio de 1905, um texto com o seguinte título "o perigo dos candomblés".

> "Para essa turba de ignorantes papalvos, não há mal algum, moral ou físico, que não possa desaparecer à fluência das ervas misturadas com azeite; e assim é que apenas sentem uma dorzinha de cabeça ou lhes aflige um incômodo qualquer, correm a prostrar-se aos pés dos abaluaês besuntados de sangue de galinha, eretos nos pajés"[376]

Diante de tudo que já foi colocado até este ponto do trabalho percebe-se que, ao assumir o executivo baiano a partir de 1912, J.J. Seabra se colocou no centro de um labirinto político e institucional que se mostrava sem uma solução que atendesse aos vários grupos que constituíam a sua base política. Entretanto, diante da calamitosa situação de penúria, miséria, pobreza e caos material do Estado e principalmente a sua capital, O governador abriu espaço para ações

[375] **SAMPAIO,** Gabriela dos Reis. *Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro Imperial.* Campinas-SP: Editora da UNICAMP, CECULT, IFCH, 2001, p. 33. & RODRIGUES, Raimundo Nina. *Os Africanos no Brasil.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 244.
[376] Jornal *Diário de Notícias* maio S/D de 1905

urbanísticas e sanitárias cuja intenção foi a constituição de uma estrutura “em rede”, voltada para a assistência à saúde.

Por fim, se entende que apesar de todos os entraves presentes nos campos político e institucional, Seabra promoveu o que denominamos de virada administrativa necessária a um tipo de saneamento que, inicialmente, se sustentou na reorganização do espaço físico da cidade com o objetivo de atender aos anseios modernizantes e civilizadores de uma elite afrancesada. Por outro lado, diante de tantas demandas feitas pelos defensores da cruzada higienista local. Em janeiro de 1914, através de mensagem apresentada a Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, J.J. Seabra anunciou investimentos a serem feitos na infraestrutura de saúde local como mostra a coluna do jornal Gazeta do Povo de 13 de fevereiro de 1914.

OFFICIAES

MENSAGEM

APRESENTADA Á

Assembléa Geral Legislativa

DO

ESTADO DA BAHIA

Na abertura da

1· SESSÃO ORDINARIA DA 12· LEGISLATURA

PELO

Dr. J. J. Seabra

Governador do Estado

Senhores Membros da Assembléa Gera legislativa:

A saúde publica, assumpto de máxima importância no plano das reformas que Vcs indicara e cuja situação atestava, na ruina de suas mais necessárias instituições como na espantosa pobresa dos seus recursos de acção, a despeito das altas quantias consumidas pelo tesouro em sucessivos anos, o desamparo oficial, eu dei, vós o sabeis e o sabe a cidade inteira, todo o corajoso empenho de minha inflexível decisão de attendel-o. E não posso , sem ingratidão para com este bom povo da Bahia , lhe separar do nome, para as memorias desta época, docilidado patriota com que ele se subimeteu ás novas

> medidas da Hygiene, de sua própria defesa acceitando sem revolta, sem pretexto, até mesmo sem quexa, a utilíssima reforma praticada[377] [*Sic*]

O que fica muito claro é que todo aquele conjunto de ações legou à cidade uma atmosfera marcada por uma forma de apartação social sobre o espaço da cidade. Tal situação, era a evidência de que às elites, de alguma forma, fora garantida uma forma específica e privatista de relação com o espaço urbano em uma cidade tão rica de história, cultura e diversidade.

Se, de um lado, o conjunto das ações higienistas, sanitárias e urbanísticas provocou a mobilidade da população abastada para o nobre Distrito da Vitória, dos palacetes e casarões das classes ricas e abastadas da Salvador da Belle Époque Seabrista. Por outro lado, a população menos privilegiada formada por trabalhadores pobres, desocupados e negro-mestiços da cidade, em alguns casos, permaneceu no antigo centro histórico da cidade que, de forma muito rápida, passou a sofrer um forte processo de degradação do espaço o que terminou por levar aquela população a migrar para as áreas mais distantes do centro, dando início a formação dos muitos bairros pobres da periferia da Salvador contemporânea.

[377] *BCEB:* Setor de Periódicos. Jornal *Gazeta do Povo* de 13 de fevereiro de 1914, p. 1

CAPÍTULO III

AS ELITES, A ARISTOCRACIA MÉDICA E A SEGREGAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO

No bojo das transformações que se seguiram no período do pós-abolição e da primeira fase republicana, a ideia de higiene e sanidade em corpos e mentes sãos, na Bahia, foi um corolário arduamente defendido por adeptos da tese da "*nação forte*". Uma lógica que se colocava para além de um simples acaso da história, configurava-se como um atributo arduamente embasado a partir da visão de mundo dos quadros liberais, conservadores e progressistas das elites, através da construção de um design biopolítico de natureza médico-sanitária, que deveria conduzir a Bahia, sua cidade e sua gente ao *status* de civilização e modernidade. Nesse sentido, a percepção do outro em uma sociedade basicamente marcada pelo passado escravocrata e, posteriormente, pela miscigenação é a base de investigação para a presente análise.

3.1 - As elites: subida ou descida? Preciso de um rumo! Preciso de um galardão!

Por estas terras, o período conhecido como República Velha foi marcado por intensas disputas entre as várias facções de poder. É importante lembrar que a Bahia foi a última província do império a aceitar o novo regime. Segundo Sampaio (1998)[378], "***Até a vigésima quinta hora***", a maior parte das elites baianas apresentavam fidelidade ao imperador a ponto de, abertamente, repudiar o igualitarismo ideológico da República[379]. O próprio Presidente da Província, o Liberal Monarquista José Luiz de Almeida Couto, não aceitou as tentativas dos republicanos baianos de firmar uma aliança com Deodoro da Fonseca quando, a ele, foi

[378] **SAMPAIO,** Op. Cit 1998, p.27
No que concerne ao *imbróglio republicano baiano, u*m fato interessante é que, por essas terras, a República, em um espaço de quarenta e oito horas, teve duas proclamações. Ou seja, quando a Historiadora Consuelo Sampaio fez uma sabia alusão à vigésima quinta hora da pós-Proclamação da República no Brasil, ela apontou para as dificuldades causadas pelos choques de interesses presentes no plano local, regional e estadual que ocorreram e que conduziram a Bahia a um processo de acomodação política entre as facções de maneira que, por aqui, o poder fosse exercido por um ou outro signatário. Assim, o primeiro embate ocorreu quando o militar republicano Frederico Cristiano Buys empossou como primeiro governador republicano Virgílio Damásio, o que contrariou o grupo político liderado por Rui Barbosa, até então ministro da Fazenda de Deodoro, que exigiu a "*re-proclamação*" da República na Bahia, às 13horas, de 17 de novembro dando posse ao liberal federalista Manoel Vitorino Pereira.
[379] "As novas ideias de igualdade social e de participação política pairavam no ar e, por certo, contribuíram para reforçar o arraigado conservadorismo da elite local" **SAMPAIO,** Op. cit. 1998, p.30

proposta a sua permanência no executivo baiano. Na verdade, Couto acreditava que o Brasil estava sob a égide de uma Ditadura Militar.

Fig. 20 - O 15 de novembro de 1889 na Bahia[380]

Embora a República apresentasse na sua base ideológica elementos de modernidade e civilização, em terras baianas até a segunda década do século XX, as permanências mentais e materiais do Brasil-Colônia e Monarquista ainda se faziam bastante presentes no espaço das relações existentes no sistema socioprodutivo. Isto principalmente naqueles territórios em que historicamente os senhores brancos das elites e o povo pobre, de maioria negro-mestiça e trabalhadora, foram colocados em lugares diferenciados. A exemplo de tal situação, o jornal *A Hora* de 1919 trouxe na matéria de capa, uma denúncia sobre a permanência de aspectos escravagistas nas relações de trabalho praticadas pelo "*Sr. Barão de Assú da Torre*".

Ainda ha escravidão
na Bahia
«A Hora» visita incognita o feudo
do sr. Assú da Torre

Fig.21 - Jornal a Hora[381]

[380] Imagem. A Proclamação da República em Salvador - Foto tirada por Rodolpho Frederico Francisco Lindemann em 15 de novembro de 1889 – in http://www.historia-bahia.com/iconografia/proclamacao-republica.htm . Acesso em 20/12/2018

[381] *BCEB:* Setor de Periódicos - Ainda há escravidão na Bahia. [*Sic*]. Jornal *A Hora*, 19 de agosto 1919, p.1

> Terminando a interessante reportagem que acabamos de colher na rua do Diabo, onde predomina a vontade sanguinaria do Barão do Assú da Torre, para quem, como para o sr. Antonio Moniz, mostro com forma humana, por extravagancia da natureza, a lei de 13 de Maio de 1988 nenhuma significação tem, envergonhados com o miserias que campeiam no nosso estado, desde que o corvadissimo ex-auxiliar d' <<O Norte>>, shootado polo destino tão cruel para Bahia, foi esbarrar nas poltronas palacianas, apiedados da sorte dos desgraçados condemnados, cruelmente, á morte, num paiz onde não existe semelhato pena, appelamos para os sentimentos christãos e humanitarios das senhoras bahianas, no sentido dellas solicitarem-no governo a suspensão dessa deshumanidade. [*Sic*]
>
> **COMO SE LIBERTAM OS DESGRAÇADOS**
>
> Deixando, com a alma constrangida o fendo do Sr. Assú da Torre, encontramos na estrada do Mutá para Pirajuhia um homem esquelectico, espantado, sem chapéo, enfiado numa camisola de algodão mescla.
> Reconhecemos nelle um evadido da ilha maldita, interrogamos-lhe como havia conseguido liberta-se.
> E o desgraçado, que nos disse ser ferreiro, depois de contar-nos como fóra esbarrar nos dominios do Barrão, narrou-nos a sua fuga cheia de episodios.
>
> Encontrando uma Canôa abandonada á praia, e não podendo mais soffrer fome e os castigos pesadissimos que alli são aplicados, transportou-se para o Mutá tencionando voltar á capital, onde deixara a sua família que muito não tinha noticia.
>
> Depois de ouvirmos compadecido, o desgraçado, que nos pediu não publicassemos o seu nome, para evitar novas perseguições aqui na capital, por que mais de uma vez o barão tem dito que acima da lei e da justiça está a vontade do Sr. Moniz demos-lhe umas calças de brim para compor-se. [*Sic*]
>
> **COMO FORA DEPORTADO O ENTREVISTADO**
>
> Uma noite, ha mezes passados, diz nos o desgraçado, saindo a passeio; após uma refeição, foi detido, sem motivo justificado, pela policia do Pilar e no dia immediato, com outros presos, entre os quaes alguns gatunos, embarcaram-n'o na lancha "Graciosa", de propriedade do Barão, e chegando a ilha maldita foi apresentado também como gatuno.
>
> Na manhã seguinte, meio adoentado, graças aos soffrimentos moraes e aos maos tratos, assim no posto do Pilar como durante a viagem, foi despertado a cipó caboclo e obrigado a trabalhar, em jejum, até 12 horas do dia.
> Não é, nem nunca foi gatuno em tempo e opportuno procurará a imprensa independente para provar o que diz.[382] [*Sic*]

O texto acima nos mostra de forma muito clara que, de certa forma, o evidente apego às formas, costumes e hábitos dos tempos áureos da monarquia - seus valores, formas

[382] *BCEB:* Setor de Periódicos - *Jornal A Hora*, 19 de agosto 1919

discricionárias, principalmente no que concerne ao mundo do trabalho e das relações sociais - ainda estava muito presente na Bahia republicana, como ficou evidente no caso do Barão de Assú da Torre; uma contradição, se forem observadas as idealizações de nação presentes nos discursos que pairavam sobre o universo mental dos grupos de poder e das elites intelectualizadas, ao proporem a condução da sociedade rumo à modernidade e à civilização, alicerçada na valorização das ciências e de uma relativa aceitação dos princípios republicanos, desde que as elites mantivessem as suas investiduras e privilégios.

No Brasil, as transformações começaram a ocorrer com mais intensidade a partir da década de 70 do século XIX, com eventos históricos de grande monta[383], os quais foram responsáveis pelo surgimento de incipientes traços de uma cultura urbana em algumas unidades da Federação e cujos remetimentos culturais no âmbito da convivência urbana voltavam-se para os modelos eurocêntricos, em especial aqueles ditados em países como França e Inglaterra. Portanto, aquele era um momento de dissipação das nuvens do obscurantismo sociocultural do Brasil-colônia. Eram as luzes dos novos tempos que se acendiam, promovendo mudanças que provocaram o surgimento do que Skidmore (1998)[384] chamou de "*Brasil Moderno*".

Do ponto de vista sociocultural, também é consensual a percepção de que as grandes capitais, detinham o saber acadêmico, através daqueles que tiveram acesso às poucas escolas de ensino superior brasileiras, em cidades como Salvador, Rio de janeiro, Recife e São Paulo. Também era comum, no seio das elites letradas do período em estudo, a existência de indivíduos privilegiados que buscavam formação em outras terras, principalmente nas grandes universidades europeias, em especial, na França e na Inglaterra.

Uma pergunta que naturalmente se apresenta é: quem eram aqueles homens? Qual a sua origem? Como eles se apresentaram num cenário tão específico no processo de formação da nacionalidade local e recente? É certo que era um grupo, majoritariamente, oriundo das grandes oligarquias[385] agrárias e comerciais do Estado, bem como dos segmentos médios da sociedade,

---

[383] A Guerra do Paraguai, a Abolição da Escravidão e a Proclamação da República foram acontecimentos que alteraram profundamente a realidade do país e que culminaram com os primeiros esforços das elites em garantir ao Brasil uma imagem melhorada no que concerne à situação sociocultural e racial. A vida urbana ganhou forte impulso graças à passagem de um sistema oligárquico escravocrata para os primórdios de uma incipiente industrialização.

[384] **SKIDMORE**, Thomas. *Uma História do Brasil*. Rio de Janeiro. Editora paz e Terra, 1998, p. 97

[385] PANG (1979) diz que as Oligarquia é um sistema de domínio político por uma ou mais pessoas, representando um clã ou grupo consanguíneo ou não mantido por metas econômicas em comum, interesses políticos e crenças ideológicas e religiosas, ou pelo desejo coletivo de glorificação de um líder carismático, tudo para promover e defender o bem comum de um determinado grupo social. **PANG**, Eul-Soo. *Coronelismo e Oligarquias (1889-1934) A Bahia na República Brasileira***.** Rio de Janeiro: Civilização brasileira,1979, p. 07

os quais se constituíam como uma elite intelectual formada por escritores, jornalistas, advogados, engenheiros, professores e, sobretudo, médicos que, por força das relações que tinham com as elites políticas e econômicas, dominavam e manipulavam o ritmo do processo de mudança que deveria ocorrer no Brasil e, especificamente, na Bahia, sempre na perspectiva do atendimento dos interesses dos grupos de poder[386]. Afinal, muitos desses letrados e médicos tinham o seu berço de origem nos territórios do poder.

Aqueles homens formavam verdadeiras confrarias, ao se reunirem em sociedades, institutos, clubes e até partidos políticos[387], com o objetivo de discutir projetos e ideias que geralmente tinham como principais proposições transformações nos segmentos econômicos, políticos e, principalmente, sobre o universo sociocultural das cidades, visto que estas, além de serem vistas como salas de visita do poder econômico local, também eram entendidas como primordiais e necessárias para o acesso do Brasil à ordem civilizatória da época.

Por força das transformações políticas e materiais ocorridas na Bahia da Primeira República, em especial nos anos da influência política de J.J. Seabra (1912-1924), é consensual para a historiografia baiana a ideia de que existia entre os que integravam as elites locais, fortes contradições no que se refere à condução dos destinos do estado[388]. Tal situação ocorria porque, de um lado, estavam aqueles que apontavam para as permanências da tradição imperial-monarquista e, de outro, os que aceitavam os valores da modernidade que, "em rede", circulavam pelo mundo e que por aqui chegavam, influenciando a constituição das novas formas de funcionamento das instituições sociais e da vida cotidiana.

Para um certo entendimento sobre a forma como as elites locais e regionais fizeram-se presentes no processo de modernização da Salvador republicana através dos seus discursos e práticas à época do seabrismo, é importante que busquemos, a partir daqui os aspectos concernentes às origens, *status* e papéis daqueles que enunciara-se como autores e difusores de um ideal de identidade, civilização e progresso em uma sociedade que passava por rupturas materiais e imateriais. Ou melhor, torna-se importante o entendimento sobre os ajustes econômicos, políticos e sobretudo, socioculturais e científicos que ocorreram na Bahia a partir

---

386 **PINHEIRO,** Israel de Oliveira. *Ideação*, Feira de Santana, n.4, p.49-78, jul./dez. 1999. Pag. 61

387 Sobre os partidos políticos desse período que levaram a proclamação da República é importante ver COSTA, Emília Viotti da. *Do Império à república: momentos decisivos.* São Paulo, UNESP, 1999, p. 289. Sobre os eventos políticos que ocorreram na Bahia republicana, faz-se importante a leitura de **SAMPAIO,** Consuelo novais *in Partidos Políticos da Bahia na Primeira República. Uma Política de Acomodação.* Salvador, EDUFBA, 1999, p. 27-87

388 Em "Partidos Políticos da Bahia na Primeira República" a historiadora Consuelo Novais Sampaio, nos remete ao mundo da política local e das várias regiões do Estado da Bahia nos primeiros anos do ocaso republicano baiano.

de 1912 com a ascensão de J.J. Seabra e suas consequências sobre os espaços da cidade do Salvador.

Comecemos pela especificidade dos diacríticos de natureza política e econômica que, de certa forma, atuaram por essas terras no processo de formação do Brasil contemporâneo. Inicialmente, é perfeitamente aceitável a ideia de que a Bahia sempre teve um papel de destaque nas dinâmicas que deram ao Brasil a condição de nação emancipada. Entretanto, diante de tantas transformações políticas e econômicas a "*Grande Rainha*"[389] de tempos de outrora, de forma lenta e gradual, passou a sofrer com a síndrome do "destronamento"[390], causada, basicamente, pela perda do poderio econômico do pós abolição.

Como fundamento para as primeiras discussões a serem tecidas neste ponto do trabalho, busquei como suporte intelectivo as análises feitas por Mattoso (1978)391, no que concerne à ocorrência de transformações econômicas tão específicas na Bahia nos primeiros anos do século XX. A autora chamou atenção para a existência de três fases distintas na economia baiana da Primeira República: a primeira, entre 1889 a 1897, quando ocorreu um movimento de recuperação causado pela alta dos preços dos produtos agrícolas voltados para o comércio exterior392; a segunda, de 1897 a 1905, fortemente influenciada pela depressão que o mercado europeu sofreu, uma situação que causou profundas dificuldades para os baianos do recôncavo,na produção e comercialização do açúcar393, dentre outros produtos; por fim, a

[389] **LEITE,** Op. Cit. 2012, p. 39

[390] Na verdade, este foi um processo muito comum em áreas que não conseguiram ajustar-se as mudanças impostas pelo mundo do capital. Tudo começou pelas transformações que ocorreram na base material da sociedade a partir dos anos setenta do século XIX[390] culminando tanto com a Abolição da Escravidão quanto com as mudanças ocorridas no campo político após Proclamação da República. Desde o início da década de 1870, a lavoura açucareira do Recôncavo mergulhou numa crise financeira que se estendeu até o final do século XIX. A queda dos preços do açúcar nos mercados externos e a concorrência do açúcar de beterraba diminuíram o volume de exportação do produto. Para agravar a situação, a lavoura açucareira, perdeu a força da mão-de-obra em 1888 **FRAGA FILHO**, Walter. *Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1879-1910).* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006).

[391] **MATTOSO**, Kátia. *Bahia: a cidade do salvador e seu mercado no século XIX*. São Paulo: HUCITEC. 1978. P. 350-351

[392] Pela consolidação da lavoura cacaueira no sul baiano e pela expansão da borracha e dos itens de natureza carbonada,

[393] Até a lavoura cacaueira sofreu com a flutuação do preço no mercado exterior, além de sofrer como uma seca de grandes proporções. Essa produção aumenta de 811toneladas em 1865 para 41 mil toneladas em 1905 e daí para 53 mil toneladas em 1920. Baixa de 70 mil em 1929 para 63 mil toneladas em 1930. *In* TAVARES, Luis Henrique Dias. São Paulo. UNESP 2001 p. 364

terceira fase, de 1906 a 1928[394], marcada pela recuperação dos preços no mercado agroexportador[395].

A partir dessa linha de raciocínio, Cunha (2004)[396] aponta que, embora prevista uma crise de "natureza catastrófica" sobre a economia local, o término da escravidão e as mudanças políticas não atingiram de forma letal a estrutura agroexportadora baiana[397], visto que a variabilidade da produção agrícola baiana tinha grande importância na pauta de exportação nacional. Deste modo, produtos como cacau, fumo, algodão e, principalmente, o açúcar do recôncavo, apesar da concorrência externa do açúcar antilhano, e do europeu produzido a partir da beterraba, ainda guardava espaço no comércio internacional.

EXPORTAÇÃO BAIANA POR PRODUTO ENTRE 1899-1930 (EM CONTOS DE REIS)

Períodos	Cacau	Fumo	Café	Couro	Borracha	Açúcar
1889/1899	62.978	112.087	112.934	6.672	4.926	3.155
1900/1910	159.486	155.410	48.837	23.658	25.735	25.018
1911/1920	316.175	210.818	72.999	65.657	14.12	74.239
1921/1930	764.744	445.027	320.042	89.569	915	106.919

Fig. 22 - Fundação Centro de Pesquisa,[398]

[394] Por força do contexto internacional, os anos 20 permitiram ao Estado da Bahia uma relativa recuperação econômica. No entanto, de acordo com Clemente Mariani a frustração ocorreu com a Revolução de 1930. [...] "até a Revolução de 30, a economia baiana, modesta, mas equilibrada, se perdia para o maior desenvolvimento, sobretudo industrial, dos Estados do Sul, ainda conseguia, graças sobretudo à nova lavoura do cacau, acumular margens de poupança [...]. A Revolução de 30 trouxe, entretanto, no seu bojo, duas conseqüências da maior gravidade para os interesses da Bahia. A primeira foi o soçobro do prestígio político do Estado, sem nenhuma afinidade ao movimento vitorioso [...]. A segunda foi a instalação como fonte legislativa, inclusive em matéria tributária e nas correlatas, como o comércio exterior, da vontade discricionária do Chefe de Estado, sujeito apenas a influência dos que lhe giravam em torno" [*Sic*] MARIANI**,** Clemente. *Análise do problema econômico baiano.* Planejamento, Salvador, v. 5, n. 4, p. 55-121, out./dez. 1977.

[395] É importante lembrar que por força da primeira guerra mundial, a Europa mostrou-se aberta a novos contratos comerciais.

[396] **CUNHA,** Sílvio Humberto dos Passos. *UM RETRATO FIEL DA BAHIA: sociedade-racismo-economia na transição para o trabalho livre no recôncavo açucareiro, 1871-1902.* Tese de doutoramento apresentada ao Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Doutor em Economia sob a orientação da Profa. Dra. Lígia Maria Osório Silva. 2004, p 135

[397] Os produtos de exportação são: açúcar (Recôncavo); fumo (Alto de Cachoeira, Muritiba, Cruz das Almas, São Gonçalo); algodão; madeiras; couros e solas (boiadas desciam de Itapicuru e vinham até mesmo do Piauí); aguardente; e ouro (Jacobina, Rio de Contas). *In* **TAVARES,** 1987, p. 99-102)

[398] **CASTRO**, Ubiratã de Araújo e **BARRETO**, Wanda Sá. Secretaria do Planejamento, Ciência e Tecnologia. Fundação Centro de Pesquisas e Estudos – CPE, *A inserção da Bahia na evolução nacional 1a. etapa: 1850-1889***.** Salvador, 1978. Fundação Centro de Pesquisa, 1978, p. 120 -125

Além disso, é importante ressaltar que, apesar da decadência do setor diamantífero, as pedras das lavras diamantinas ainda eram levadas da cidade de Lençóis no oeste baiano para o mundo. A pecuária baiana produzia a proteína necessária ao consumo da população, levando o gado e seus derivados a outras regiões da Bahia e do Brasil[399], tanto por terra quanto por mar. Lembremos que a Bahia e seu porto ainda se configuravam como um importante entreposto de trocas, abaixo da linha do Equador.

Na verdade, ao contrário do que é afirmado por boa parte da historiografia contemporânea, o setor agrário não entrou em uma *debacle* terminal no pós-abolição. Existiu, sim, por força das injunções de mercado, a ocorrência de um processo de transição e reajuste que da economia baiana.

Nesse sentido, Cunha (2004) diz:

> Talvez o hiperbolismo dos discursos tenha funcionado como sinais de alerta para que se buscasse, de forma urgente, os meios para soerguer a lavoura de cana. Contudo, esta compreensão não significa subestimar os efeitos da abolição sobre a economia açucareira, ou negar que o mundo criado pelo açúcar entrou em ruína. Proceder dessa forma seria desconhecer os aspectos estruturais da crise, isto é, sua natureza crônica. É fato que senhores de engenhos do Recôncavo morreram de melancolia ou desgosto, perderam suas fortunas, mas também é fato que eles sobreviveram, mantiveram o status de senhor, ressignificaram a função da terra face à diminuição crescente do seu valor intrínseco. Forçaram a acomodação e se acomodaram dentro da redefinição da correlação de forças dos novos tempos.[400]

Em certa medida, ao buscar um entendimento sobre a complexidade da economia baiana em sua totalidade, Cunha (2004) diz que a crise não chegou a se apresentar na intensidade apontada pelos "interlocutores e porta-vozes" da época; as rupturas ocorridas na transição do escravismo para o trabalho livre e depois da monarquia para a República se manifestaram sob a forma de um "liberalismo enviesado", totalmente ajustado a um universo mental apinhado por diacríticos culturais de longa duração.

Em outros termos, o setor produtivo baiano, no seu afã por sobrevivência e longevidade, experimentou o enrijecimento das formas de exercício do poder regional e local, através do

[399] Diário Oficial do Estado da Bahia, Impressa Oficial do Estado da Bahia. Sábado, 03 de fevereiro de 1919. P. 1405
[400] **CUNHA,** Op. Cit. 2004, p 135

mandonismo[401], bem como do controle das estruturas do aparelho de poder. Uma situação que viria causar muitos prejuízos a grande parcela desprovida da população baiana que, por muitos anos, teve que enfrentar as novas formas de diferenciação social.

Diante de tudo que foi colocado até aqui sobre o ocaso do renascimento econômico baiano, é importante chamar atenção para o fato de que o processo de reestruturação do setor produtivo, ocorrido nas três primeiras décadas do Século XX, foi identificado por Mattoso (1978) como parte de um grande surto de modernização que teria profundas consequências sobre o mundo material local. Por outro lado, o que veremos no desenrolar deste capítulo é que, se existiu um necessário e conveniente ajuste nas estruturas produtivas do Estado, no campo político não houve mudanças à luz do que fora proposto pelos elementos filosóficos do republicanismo liberal.

Assim, como consequência do que foi colocado acima, na Bahia, o poder político em muitos momentos mostrou-se débil e sempre conduzido por um tênue equilíbrio de forças, permanecendo por muito tempo nas mãos dos velhos e novos potentados republicanos, sem a participação da grande parcela da população pobre e trabalhadora. A prova inconteste dessa situação está na forma exclusivista como as elites sociais, econômicas, políticas e intelectuais tomaram parte dos eventos que ocorreram na Bahia e na sua capital antes, durante e depois do dito período do seabrismo.

Se, em São Paulo, as rupturas materiais e sociopolíticas no mundo da cafeicultura permitiram a modernidade agroindustrial via um conjunto de especificidades que conduziram o Estado a um tipo de *revolução burguesa*[402], na Bahia ocorreu uma síntese entre os velhos embasamentos de um mundo escravista, patrimonialista, cartorial e católico e os novos elementos do capital agroexportador, que a cada dia se ajustava à ordem política republicana, sempre buscando suas recompensas. Ou seja, por essas terras, os velhos elementos forjadores

[401] Para Carvalho (1997), O mandonismo "Refere-se à existência local de estruturas oligárquicas e personalizadas de poder. O mandão, o potentado, o chefe, o chamado "coronel", como indivíduo é aquele que, em função de algum recurso estratégico, exerce sobre a população domínio pessoal e arbitrário que a impede de ter livre acesso ao mercado e à sociedade política. In **CARVALHO,** José Murilo de. *Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: uma discussão conceitual*. Dados Rio de Janeiro. V. 40. N.02, 229-250. 1997, pag. 2

[402] **FERNANDES,** Florestan. *A Revolução Burguesa no Brasil. Ensaio de interpretação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976, p. 269-270; p. 292

do velho mundo rural patriarcal fizeram-se presentes no processo de transição para um tempo que se ajustava às novas demandas do capital e de um novo regime.[403]

Diante disso, é perfeitamente entendível que a parcial desestruturação da economia baiana, durante a transição dos séculos XIX e XX, levou seus principais atores a uma dualidade de natureza evolutiva no espaço das relações entre economia, política e sociedade. E, muitos senhores de terras padeceram de "*melancolia e desgosto*,[404] terminaram por perder suas fortunas e, em alguns casos, poder e influência regionais.

Outros, porém, passaram a depender de intermediários ligados ao setor comercial agroexportador, uma poderosa oligarquia urbana que se formava, representada, especificamente, pelas casas ou firmas de exportação e Importação[405]. Na verdade, esta era uma situação que se constituía como uma condição mínima de sobrevida para os velhos senhores da terra, homens forjados na têmpora do poder, que sempre tiveram o domínio de tudo e sobre todos, mas que, por ora, passariam a viver sob as regras do mercado e das novas formas de exercício do poder. Aliás, um poder que, em muitos casos, se mostrou mantenedor das velhas práticas e formas de atuação nos seus rincões produtivos.

A consequência do empoderamento das casas de comércio exterior se manifestou através da agência de certos atores, no plano político e institucional, pela preservação dos interesses dos setores ligados ao complexo agroexportador baiano. A partir disso, Cunha (2004) nos diz que estas eram práticas corriqueiras nas relações entre o Estado Seabrista e os principais setores da atividade econômica baiana. Lembremos que a Bahia era um estado essencialmente agrário. No entanto, não ficava de fora das negociatas e barganhas demandadas pelos representantes ligados às atividades comerciais, bancárias e da construção civil, à época da remodelação da urbana de Salvador.

Como exemplo do que foi colocado no parágrafo anterior, chamamos atenção para dois claros exemplos de uso da "coisa pública*"* em benefício próprio, por parte de dois potentados locais. O primeiro exemplo é o do já citado Júlio Brandão[406], intendente de Salvador entre 1912

[403]Como evidência inconteste deste processo, podemos citar as alianças políticas que foram forjadas no início do período republicano na Bahia. Ver SAMPAIO, Consuelo Novais. *Partidos Políticos da Bahia na Primeira República: uma política de acomodação.* Salvador, Editora da Universidade Federal da Bahia, 1998.
[404] **CUNHA**. Op. Cit. 2004, p. 136
[405] **ALMEIDA,** Rômulo Barreto de. *Traços da História Econômica da Bahia no Último Século de Meio.* Planejamento, v.1.set/out.1973. Salvador - Fundação Pesquisa. CPE, 1973.
[406] O Sr. Júlio Brandão foi intendente de Salvador de junho de 1912 a setembro de 1914. A chefia da intendência era o principal posto do executivo municipal. Tinha as mesmas ocupações administrativas e representação política

e 1914, que foi acusado de peculato e locupletacão. Na verdade, o Sr. Brandão usou, de forma temerária, o dinheiro oriundo de parte de um empréstimo junto ao Banco da família Guinle[407], de 500 contos de réis, que deveriam ser aplicados especificamente nas obras de remodelação da avenida Sete de Setembro. Entretanto, o *Diário de Notícias* de 29/04/1914 nos diz que o nobre intendente aplicou o dinheiro em outras áreas e até em benefício próprio, causando sérios prejuízos à intendência e aos munícipes.

> Em agosto do anno passado foi, realizada a segunda parte do empréstimo, entregue ao representante da casa Guinle & Cia. Constituído pelo dr. Julio Brandão, procurador do município, conforme a carta delle, que foi publicada na <A Tarde>.
>
> Esse procurador do município auctorison a intendencia a saccar sobre a importância por elle recebida, que attingiu a avnltada somma de..... 8-474:57936640, conservando-a em seu poder segundo confissão do próprio intendente, mediante os juros de 4 % ao anno.
>
> Ora além de arriscada essa concessão, permittida a uma firma envolvida em tantos negócios como é a casa Guiule & C., não tem explicação possível, tal concessão, quando o município por falta de numerário e, seus cofres, passa títulos a seus credores, mediante juros de 10° %, e ainda mais, quando por essa mesma causa estão em atrazo de seus vencimentos os próprios funccionários municipaes.[408] [*Sic*]

dos atuais prefeitos. Sobre a figura de Júlio Viveiros Brandão é possível afirmar que, ele teve grande participação nos projetos de remodelação da cidade, tendo, este sido por muito tempo uma espécie de representante do seabrismo na política do município de Salvador. Por volta de 1914, diante de muitas críticas devido ao seu comportamento autocrático e de pouca transparência na gestão dos gastos durante a remodelação da cidade, se afastou da intendência municipal. Na verdade, Sr. Brandão usou de forma temerária o dinheiro oriundo de parte de um empréstimo de 500 contos de reis, junto ao Banco da família Guinle que seria aplicado especificamente nas obras de abertura da avenida sete de setembro, segundo informações do *Diário de Notícias* de 26/06//1912, p.01. A questão é que o nobre intendente, segundo nota do *Diário de Notícias* de 29/04/1914, colocada no corpo de texto, aplicou o dinheiro em outras áreas e até em benefício próprio causando sérios prejuízos à intendência e aos munícipes. Segundo, LEITE (1996), O jornal A Tarde, órgão da imprensa local de oposição a Seabra, desde de abril de 1914, tomou a frente das denúncias contra o Intendente ao fazer grande cobertura do caso, que diante da repercussão tomada levou Brandão a renunciar do cargo. "A acusação de desvio do dinheiro do município tomou-se, a partir de então, um tema constante nas manchetes deste jornal ao longo de vários meses. Somente com deflagração da guerra na Europa, no mês de agosto, e as notícias sobre este acontecimento, o assunto deixou de ser central no noticiário. **LEITE**, Op. Cit.1996, p.57

[407] A família Guinle (do Rio de Janeiro) foi concessionária da "Linha Circular" que atendia a região da Vitória, Graça e Barra. Em Salvador, eram responsáveis pela exploração de fornecimento de energia elétrica. Na remodelação da cidade, tiveram intensa participação na construção da Avenida Sete de Setembro através de contrato com o governo do Estado via "Companhia de Melhoramentos". Esta situação deixava muito clara a maneira como os imbricamentos entre o governo e a iniciativa privada se faziam presentes no processo de urbanização da cidade. Especificamente, no Corredor da Vitória importante área nobre da cidade. Uma região que com o passar dos anos se tornaria uma das mais caras da cidade. Tal situação evidencia que tudo foi preparado para que em um momento posterior Salvador sofreria com a intervenção do capital especulador fundiário e/ou imobiliário das grandes famílias da cidade

[408] *BCEB:* Setor de Periódicos- *Cahiu a Máscara*. *Diário de Notícias* 29 de abril de 1914 – p. 4

O segundo exemplo diz respeito a uma figura muito conhecida na cidade de Salvador, o Coronel Amado Bahia[409] que, através das suas artimanhas, imbricamentos e negociatas junto às autoridades sanitárias municipais da época, obteve o domínio do abastecimento de carne fresca na cidade de Salvador. Com isto, o *"Rei do Beef",* como era conhecido, conseguia impor ao Estado e a sua capital um monopólio setorizado sobre o mercado atacadista e varejista local.

Fig. 23 - *Jornal A Hora*

Ze'- Mas não ha carne, *seu* Bahia
Amado Bahia- Carne ha, gado é que não. Mande chover e verdejem os pastos que a carne não subirá.[410] [Sic]

As duas situações evidenciam que, na Bahia, os grupos de poder, através dos seus agentes diretos, buscavam apenas a corroboração de sua condição e papel em uma sociedade que, historicamente, se constituiu através da positivação da diferença excludente e da manutenção de privilégios para aqueles que formavam as poderosas oligarquias da terra. Eles

[409] Francisco Amado da Silva Bahia ou simplesmente, **Amado Bahia** foi uma figura muito influente no meio político e comercial baiano. Nasceu em 13 de setembro de 1855, filho de Bernardino da Silva Bahia e Francisca Alves de Menezes. Ambos eram de origem humilde e não possuíam recursos financeiros para educa-lo. Amado Bahia foi educado por seus padrinhos, o Major Francisco Eusébio Soares e Filismina Soares, pessoas de melhores condições financeiras que seus pais. A boa formação de Francisco Amado da Silva Bahia lhe permitiu acessos ao mundo dos negócios o que lhe permitiu a constituição de grande fortuna como um grande fazendeiro e comerciante do setor de alimentos, couro, sebo, farinha de osso e em especial, de carne verde no Estado da Bahia e sua capital, Salvador. Amado Bahia era um grande proprietário de imóveis e terras que iam de Paripe até Novo Mundo. Era proprietário de talhos e açougues na Cidade Baixa e um grande mercado na Baixa dos Sapateiros. Se tornou figura muito importante na região e na cidade, além de fazer parte da elite de Salvador. Por tal razão, o Coronel Amado Bahia exercia com grande sagacidade o seu poder político sobre as estruturas administrativas e sanitárias do Estado.

eram poucos, porém ligados por laços de identidade e pertença, o que, na sua autopercepção, os tornavam dignitários e senhores da terra. Ou seja, não bastava apenas ter o poder, fazia-se necessário a produção de um conjunto de relações, discursos e ações que garantissem àquele universo social o status de pessoas especiais, em uma sociedade em que, na visão deles, tudo significava atraso, incivilidade e barbárie.

Nesse sentido, retomando as análises de Cunha (2004)[411] acerca do processo de reorganização econômica e sociopolítica estadual, podemos dizer que estes grupos de poder, de forma bastante voraz, durante toda a Primeira República se apropriaram do aparelho de Estado e do seu aparato relacional com o poder econômico, o que fazia surgir novos potentados de uma oligarquia urbana. Na verdade, esta prática foi a forma como os antigos senhores de terra conseguiram preservar o real e o imaginário do complexo Casa Grande & Senzala, por meio do acesso ao universo burocrático[412] do Estado, exercendo as investiduras dos cargos barganhados na condição de agentes públicos com funções nos escalões principais.

Além disso, por aquela ser uma sociedade marcada por um patrimonialismo institucionalmente estruturado, tornou-se bastante comum a garantia, após a realização dos pleitos eleitorais, de certos privilégios aos membros dos grupos de poder, quando seus representantes estavam no exercício em cargos do legislativo, do judiciário e do executivo[413]. Assim, desembargadores, juízes, promotores, secretários de estado, chefes de polícia e, especialmente, os delegados de saúde, dentre outros agentes públicos, garantiam às elites, através das barganhas e formas de locupletacão, o pronto atendimento dos seus interesses.

Dessa forma,

---

[411] **CUNHA**, Op. Cit. 2004, p. 135

[412] **CUNHA,** Op. Cit. 2004, p. 136

[413] De acordo com Sampaio (1999) Pinheiro (1999) e Britto (2014) A questão política na Bahia da República Velha, tem como característica principal o prestigio de nomes junto aos partidos. Geralmente, eram figuras representativas das regiões produtoras de origem. Eram os velhos oligarcas, seus descendentes e seguidores diletos que na condição de líderes regionais tinham como intenção principal a constituição de uma linha personalista que, na maioria dos casos, se manifestava muito para além da ideologia do partido. Portanto, aqueles chefes políticos, muitos dos quais, fundadores das organizações e agremiações políticas que junto com os seus colaboradores e correligionários construíam uma linha de pensamento e ação do grupo. A exemplo de tal situação citamos as principais correntes políticas baiana daquele período: Vianistas, Marcelinistas, Gonçalvistas, Severenistas e o mais emblemático de todos para este estudo, os Seabrista, os seguidores de J.J. Seabra. Por fim, se pode dizer que esta foi uma tendência que perdurou na Bahia até a crise do Carlismo encerrada nas eleições de 2006. Ver. **PINHEIRO,** Israel de Oliveira. *Ideação*, Feira de Santana, n.4, p.49-78, jul./dez. 1999., **SAMPAIO,** Consuelo novais *in Partidos Políticos da Bahia na Primeira República. Uma Política de Acomodação.* Salvador, EDUFBA, 1999 e **BRITO,** JONAS. *A BAHIA DOS CALMON: um ás no jogo político da I República (1920-1926).* Programa de Pós-graduação em História, Da Faculdade de Filosofia e Ciências humanas da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2014, p.108

> [...] conseguindo recompor parte de suas fortunas, em alguns casos e, em outros, ampliá-la. Desse modo, os antigos senhores de engenhos e seus comensais, ainda que momentaneamente deserdados, conseguiram a indenização pretendida com a abolição[414].

Ainda que formalmente, na Bahia, não tenha ocorrido o pagamento de indenizações aos grandes senhores de terras, referentes aos *prejuízos* causados pela abolição, os ajustes ocorridos naquele universo sociopolítico garantiram uma relativa reparação àquele grupo de poder, desde que, como contrapartida, eles, de maneira óbvia, se colocassem a favor do novo sistema político.

Inicialmente, nos chama atenção a demasiada regionalização dos grupos de poder[415] que, por estarem ligados a determinadas atividades agrárias, naquele contexto, se constituíram como a principal causa do pluralismo partidário existente na Bahia Seabrista. Poder-se-ia até dizer que tal situação legaria ao Estado a dianteira no processo de formação política do Brasil-Contemporâneo, não fosse a presença de certos diacríticos de natureza sociocultural que atuaram num cenário marcado por intensas disputas entre atores pertencentes a um mesmo mundo social, as elites[416].

Certamente que a situação descrita evidencia que além de dificultar o "controle político partidário" nos primeiros anos do novo regime, a regionalização política gerou um quadro marcado pela extrema "*caudilhização*"[417] do poder naqueles rincões. Ou seja, eram territórios

---

[414] **CUNHA**. Op. Cit, 2004, p. 136

[415] Na verdade, se a realidade política baiana tiver como comparativo os territórios onde as disputas ocorriam no âmbito de um espaço de consensualidade política e material. Logo chegaríamos a conclusão de que, naquelas áreas os grupos de poder se colocavam de forma mais coerentes por força da unicidade produtiva. Portanto, na Bahia, ao contrário de São Paulo, Rio de janeiro e Minas Gerais, e até mesmo do Nordeste em que o poder estava assentado nas mãos de uma determinada família, o cenário político se mostrava de forma mais difuso por força das diversidades existentes na base econômica do Estado. Aliás, este foi, certamente, o fator que, em muito, dificultou a construção de uma correlação de forças voltadas para uma visão de mundo que conduzisse o estado a uma revolução econômica, como aconteceu no mundo da cafeicultura paulista. Pensemos nesta lógica a maneira como a cafeicultura paulista se organizou em torno do Partido republicano Paulista (PRP) ao ponto de permitir a ocorrência de uma revolução burguesa com forte base num tipo específico de acumulação primitiva de capital.

[416] Na verdade, tal situação tem explicações nos processos reestruturação da economia baiana ocorrido nos pós-abolição, bem como, nos anos do que, historicamente, é denotado como "*República Velha*", 1889-1930.

[417] Para autores como José Murilo de carvalho, Boris Fausto, Carlos Guilherme Mota, o Caudilhismo se apresenta como é o exercício do poder político à luz do agrupamento de uma comunidade em torno do chefe caudilho. Em termos gerais, os caudilhos se constituem como lideranças políticas com forte carisma sempre vinculadas aos setores mais tradicionais da sociedade, geralmente grandes fazendeiros, chefes militares que lastreiam seu poder no personalismo. Um aspecto que chama atenção sobre estes líderes é que tendem a permanecer no poder por mais tempo do que o previsto. "O caudilhismo apresenta-se como forma de exercício de poder divergente das democracias representativas. No entanto, nem todos os caudilhos são ditadores: às vezes podem exercer forte liderança autocrática e carismática mantendo formalmente a norma democrática". **CARVALHO,** José Murilo de.

rurais marcados pelo personalismo político; uma práxis de poder que conduziu os macro e microssistemas sociais baianos a um "*modus operandi*" caracterizado pelo personalismo, pelo autoritarismo, pelo compadrio e pelas trocas de favores, permitindo a emergência de um tipo de meritocracia antirrepublicana nos municípios e nas estruturas de poder do Estado.

Se levarmos em consideração os princípios defendidos pelo projeto liberal de sociedade, a Bahia Seabrista, no que diz respeito às relações estabelecidas com as elites regionais, apresentou-se como um tipo de sistema sociopolítico que deu origem a uma estrutura de poder cuja principal característica foi a "paternidade política" dos grandes oligarcas sobre os seus pares e, de outro lado, a utilização do mandonismo sobre as populações rurais, principalmente quando a situação estava ligada à posse da terra ou à proteção do território. Portanto, na Bahia, prevaleceu um sistema de poder que produziu uma fidelidade legitimada por laços atados pelo "*toma lá, dá cá*".

Dessa forma, se pensarmos J.J. Seabra como o grande protagonista de um sistema de poder, podemos dizer que sua figura, além de contar com grande apoio popular, tinha o suporte político do Governo Federal. Lembremos que enquanto um republicano de confiança do presidente Rodrigues Alves, no quadriênio 1902-1906, assumiu o Ministério da Justiça, tendo ainda sido interinamente, ministro das Relações Exteriores, no ano de 1902. Quando retornou à Bahia, nas eleições de 1908, foi eleito deputado federal pelo Estado e por fim, diante da confiança e do prestígio político construído até ali, entre 1910 e 1912, à época do governo de Hermes da Fonseca, assumiu a pasta de Viação e Obras Públicas.

Por outro lado, é preciso dizer que a vivência de Seabra na Capital Federal foi um aspecto que lhe concedeu a experiência administrativa necessária ao exercício do executivo baiano. Aliás, a presença de Seabra nos altos escalões do Governo Federal foi o grande trunfo para sua atuação no imbróglio que era a política baiana nos primeiros anos da república. A prova de tal assertiva se manifesta na capacidade de persuasão política que ele teve, mesmo nas tratativas com os seus rivais políticos, sem contar que, ao chegar ao governo baiano, promoveu profundas mudanças nas estruturas de poder do estado, ao exercer um maior controle sobre as formas de gestão da estrutura administrativa.

"Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual". In: IDEM. *Pontos e bordados, escritos de história e política.* Belo Horizonte: UFMG, 1999, pp. 130-153

Na verdade, Seabra não era um político ligado à velha tradição política dos senhores de terra baianos. Sua ascensão política aconteceu quando ele se lançou como candidato apoiado pelo Governo Federal, à época da *política das salvações*[418]. Aliás, esta foi a condição que o colocou na linha de frente contra uma grande parte de um poder oligárquico conservador, fortemente desarticulado pelas suas disputas internas e intensamente influenciado por figuras históricas da política local e nacional que, a todo custo, tentavam impedir as transformações autonomistas e anticentralistas que, provavelmente, ocorreriam com a consolidação do novo sistema político.

Assim, em 1911, Seabra lançou-se como candidato ao Governo da Bahia. No entanto, de acordo com as regras da época, o constitucionalista e opositor Ruy Barbosa (1849-1923) alegou a sua inelegibilidade. Por outro lado, na Capital Federal, de forma contrária aos princípios constitucionais, o governo da União exibia o seu poderio militar, ao manter manobras com navios de guerra na Baía de Todos os Santos. Com isso, buscava evidenciar uma clara atitude de pressão sobre a população e, também, sobre o até então governador da Bahia, o Senhor Araújo Pinho, aliado de Ruy Barbosa.

Em 13 de dezembro de 1911, o governador renunciou ao cargo, deixando em condição de vacância o executivo baiano. Não obstante, de acordo com a Constituição do Estado da Bahia, o segundo na linha de sucessão era o presidente do Senado Estadual, que alegou problemas de saúde para não assumir o executivo, que viria a ser assumido pelo presidente da Câmara, o deputado estadual Aurélio Viana.

Com o tácito apoio de Rui Barbosa, o governador Viana levou a sede do governo baiano para a cidade de Jequié, no interior do estado. De certa forma, Aurélio Viana, além de garantir a sua integridade pessoal, aproximava o governo dos interesses das oligarquias rurais e se afastava dos canhões do Exército que, ostensivamente, já se movimentavam nos fortes da

[418] Foi a política de Hermes da Fonseca que tinha como argumento principal sanear as instituições republicanas e combater a corrupção que existia nas instituições políticas brasileiras, principalmente dos estados. Entretanto, uma análise mais aprofundada do período nos permite perceber que o objetivo na realidade era outro. Hermes da Fonseca pretendia combater e retirar do poder dos velhos grupos oligarcas estaduais. Principalmente, daqueles que se colocavam como oposicionistas ou que apoiavam seus adversários. A *Política de Salvações* consistia, basicamente, na retirada dos cargos de presidentes de estado, se necessário com a utilização da força militar. A política salvacionista de Hermes da Fonseca teve boa aceitação na Bahia de JJ Seabra, em Pernambuco e em Alagoas, fracassando na Paraíba, no Piauí e no Rio Grande do Sul. É relevante lembrar que este estado tinha como representante no Senado um dos principais opositores de Hermes da Fonseca, o senador Pinheiro Machado. O político gaúcho gozava de grande poder e prestígio junto às oligarquias regionais que tinham pouca expressão. Mas não descolava das alianças existente entre os latifundiários de São Paulo e Minas Gerais, que se fez bastante clara na Política do Café com Leite. In FAUSTO, Boris. História concisa do Brasil. Edusp. Fundação do Desenvolvimento da educação. São Paulo. 1995.

capital. Viana fazia um aceno aos coronéis do sertão[419]. Ou seja, o governador procurava o apoio das velhas e viciadas oligarquias do sertão, ao convocar uma nova Assembleia Estadual, visto que a Câmara dos Deputados, em Salvador, teve, compulsoriamente, os seus trabalhos encerrados.

Por outro lado, as manobras de Viana só atiçaram os espíritos da oposição seabrista, na medida em que seus partidários alegavam a inconstitucionalidade daquele ato. Para eles, a Assembleia só poderia ser convocada pelo corpo parlamentar. Foi nesse ínterim que Seabra e seu grupo impetraram um mandado de segurança, por intermédio de um *habeas corpus*, tentando garantir a reabertura do prédio da Câmara que, a essa altura, estava guardada pela polícia do estado.

A recusa do governador Aurélio Viana e seus aliados em cumprir o mandado judicial conduziu um nobre desconhecido da cena política local ao estrelato, quando o General Sotero de Meneses, em 10 de janeiro de 1912, divulgou um *ultimatum*, informando que se tal resistência continuasse, seria obrigado a usar a força dos canhões[420] para assegurar o direito dos congressistas de assumir seus lugares no legislativo. Na verdade, o fiel General seguia ordens do então Presidente e Marechal Hermes da Fonseca, notório apoiador do seu ministro, J. J. Seabra.

A cidade passou por horas de tensão, o comércio fechou, as linhas de bonde pararam e pessoas fugiram em direção às áreas mais distantes do centro administrativo da cidade. O general Sotero, um fiel escudeiro de Seabra, já não tinha qualquer dúvida quanto ao cumprimento da sua missão quando, às 13h e 40 min daquele dia, ordenou o ataque à cidade da Bahia. Inicialmente, os canhões do Forte São Marcelo dispararam dois tiros de pólvora seca, como aviso; 20 minutos depois, o bombardeio real começou a partir do Forte de São Marcelo, na Baía de Todos os Santos e, em terra, os fortes de São Pedro e do Barbalho, deram apoio a uma série de ataques marcados pelo uso de uma força desproporcional por cerca de quatro horas, mas que, por fim, garantiu a Seabra e seu grupo político a tomada da capital e do Governo do Estado da Bahia.

---

[419] O Coronelismo é o esteio da "Política dos Governadores". Nesse sentido, a práxis do poder se coloca como "um sistema político nacional baseado em barganhas entre o governo e os coronéis. O governo estadual garante, para baixo, o poder do coronel sobre seus dependentes e seus rivais, sobretudo cedendo-lhe o controle dos cargos públicos, desde o delegado de polícia até a professora primária. o Coronel hipoteca seu apoio ao governo, sobretudo na forma na forma de votos. Para cima, os governadores dão seu apoio ao presidente da República em trocado reconhecimento deste de seu domínio no estado" **CARVALHO,** Op. Cit. 1997, pag. 04

[420] *BCEB*: Setor de Periódicos. *Diário da Tarde*. 12 de janeiro de 1912, p.1

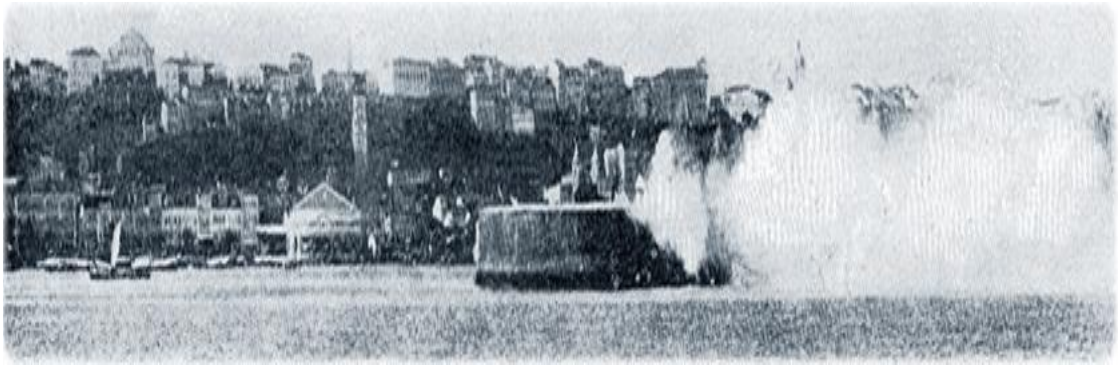


Fig.24 - *Ataques* feitos do Forte São Marcelo que atingiram a sede do governo baiano em 10 de janeiro de 1912. Fotografia publicada pela *Revista Illustração Brazileira* Nº 65 - 1 de fevereiro de 1912[421]. [*Sic*]

Fig.25 - A sede do Governo baiano severamente danificada pelos tiros desferidos a partir do Forte São Marcelo e incendiado por granadas, após o bombardeio de 1912. Fonte: *Jornal O Paiz,* de 19 de maio de 1912[422]. [*Sic*]

A queda de Salvador, em 1912, foi um dos episódios que marcaram as lutas políticas entre as oligarquias provincianas durante os primeiros anos da República Velha na Bahia. O episódio por si só, traumatizou a cidade, adquiriu repercussão nacional e culminou com a ascensão de Joaquim José Seabra ao poder do Estado. Este fato pôs fim a uma fase de instabilidade política, ao levar à derrota antigos líderes conservadores da política local, dentre

[421] Sobre o ataque de 10 de janeiro de 1912 à cidade do Salvador o *Jornal de Notícia* relatava: "A 1h e 40ms começou o bombardeio. Os canhões do forte de S. Marcello romperam fogo, cahindo as duas primeiras balas na montanha junto a base do palacio do governo e as demais, numa pontaria certeira, nas paredes e interior do edifício a praça do Conselho. Não era, entretanto, este o único ponto alvejado. Tambem desparos se fizeram dalli para o edifício do paço municipal, a mesma praça, e em um de cujos lados funcciona, como se sabe, a camara dos deputados e para o theatro S. João, edifícios estes egualmente se achavam occupados por parte contigentes da força policial. Vimos que em vinte minutos, de 1 e 40 as 2 hs, o forte S. Marcello deu vinte tiros. Durante o bombardeio ocorriam em terra encontros entre soldados de policia e do exercito e pessoas do povo". [*Sic*] *BCEB: Jornal de Notícias*. 12 de janeiro de 1912, p.6

[422] "O que espanta é como, depois do episódio bahiano, haja ainda quem apelle para o poder judiciario, na esperança de se garantir contra uma dominação militar. É de hontem a conducta innominavel do tribunal [Supremo Tribunal], dando braço forte ao executivo, nesse attentado á civilização humana, que foi o bombardeio da Bahia." [*Sic*] *BCEB:* O jornal *O Paiz* - Editorial de 19 de maio de 1912, p. 01

eles figuras como Rui Barbosa, Aurélio Vianna, Bráulio Xavier, José Marcelino, Severino Vieira, Luiz Vianna, José Gonçalves, Gois Calmon e outros.

A verdade é que a ascensão de Seabra ao mundo político baiano em 1912 inaugurou uma fase marcada por mudanças num universo de práticas de poder untadas pela tradição. Ou melhor, Seabra deu início a um período de reformas cuja ideia central era a modernidade. Portanto, não é excesso a ideia de que ele se colocava como a nova "esperança da Bahia".[423] Em especial, para os setores da sociedade que apoiavam o seu programa de governo.

Era uma *entourage* formada por militares que fizeram parte do governo; empresários e funcionários de companhias interessadas na ascensão seabrista – vide os projetos de reformas e embelezamento da cidade; setores do operariado local, em boa parte ligados ao Centro Operário da Bahia; e, por fim, não podem ser esquecidos a leva de figuras importantes da Associação Comercial, que saíram da zona de conforto e neutralidade da entidade para assumir de forma aberta o apoio ao novo chefe do executivo baiano.

Somando-se a aquele contingente, é importante lembrar que, de alguma forma, Seabra foi um aglutinador de forças opostas ao seu modelo de exercício do poder republicano[424]. Nesse sentido, acreditando nos ideais reformistas defendidos pelo governador no que concerne às estruturas do Estado baiano. Intelectuais e homens de saber, principalmente aqueles ligados aos jornais de grande circulação. *A Gazeta do Povo*, e O *Diário de Notícias* foram alguns dos veículos de comunicação que, ao logo do tempo, passaram a veicular notícias sobre o Seabra. Especificamente o engajamento do *jornal de Notícias* e seu jornalista Aloísio de Carvalho, também conhecido com o pseudônimo "*Lulú Parola*"[425] que de uma forma bem explicita passou a atuar ao lado da "*esperança da Bahia*".

---

[423] **CARVALHO,** Daniel Rebouças. *As Crônicas de Lulu Parola na Bahia: desilusão republicana e engajamento político em Aloísio de Carvalho (c. 1891-1916).* Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção de grau de Mestre em História. Orientadora: Profa. Dra. Edilece Souza Couto. Salvador. 2013, p.112.

[424] **SARMENTO,** Sílvia Noronha. *A raposa e a Águia - J.J. Seabra e Rui Barbosa na Política Baiana da Primeira República.* Salvador. EDUFBA, Ba. 2011, p. 145

[425] Aloísio de Carvalho, foi um jornalista e cronista baiano que de forma irônica e irreverente publicou textos de natureza política publicados no Jornal de Notícias entre 1891 a 1916. Atuou na imprensa baiana por cerca de trinta anos, usando o pseudônimo **Lulu Parola**. Sobre o jornalista vale dizer que se tornou figura de destaque no meio jornalístico da época graças aos seus comentários cheios de humor, feitos com a intenção de divertir ao tempo que também tentava expor a desilusão republicana desde os primeiros anos do novo sistema político.

> Tomou posse o Seabra...Sim, senhor!
>
> Pode dizer que foi renhido o pleito!... Se o povo é na República eleitor,
>
> Nunca nenhum já foi melhor eleito...
>
> Deu trabalho...houve uns dias de calor
>
> Desde que o vulgo chama – de respeito;
>
> Mas, o triunfo na vida tem valor
>
> Quando custa; se não, não é perfeito!
>
> Na política – a luta foi tremenda,
>
> Desde o ano passado...E de janeiro
>
> Tem sido mesmo destas de encomenda.
>
> Tomou posse, afinal, como queria...E espero aqui que o honrado Brasileiro
>
> Corresponda a esperança da Bahia![426]

Por outro lado, a ascensão de Seabra ao poder levou a política baiana a uma fase historicamente marcada por uma "*acomodação política*[427]*"* cujos fundamentos assentavam-se na formação de alianças entre o governador e os grupos oligárquicos, que pouco tempo antes eram seus rivais declarados. É importante salientar que Seabra foi o principal beneficiário do trágico incidente de 1912, visto que, com o enfraquecimento dos coronéis do interior, se tornou o único mandatário do poder na Bahia até as eleições de 1920, contando com o apoio das classes urbanas e de alguns convertidos controlados pelas trocas e barganhas. Este aspecto dava aos senhores da política uma grande possibilidade de locupletacão, a partir da manipulação de vultosas somas do erário público, uma situação, que sempre foi denunciada tanto nos jornais como no anedotário da época.

[426] **CARVALHO, Op. Cit.** 2013, p.112.
[427] **SAMPAIO,** Op. Cit. 1998, p. 27-87

A política vista como a "G*alinha dos Ovos de Ouro*"

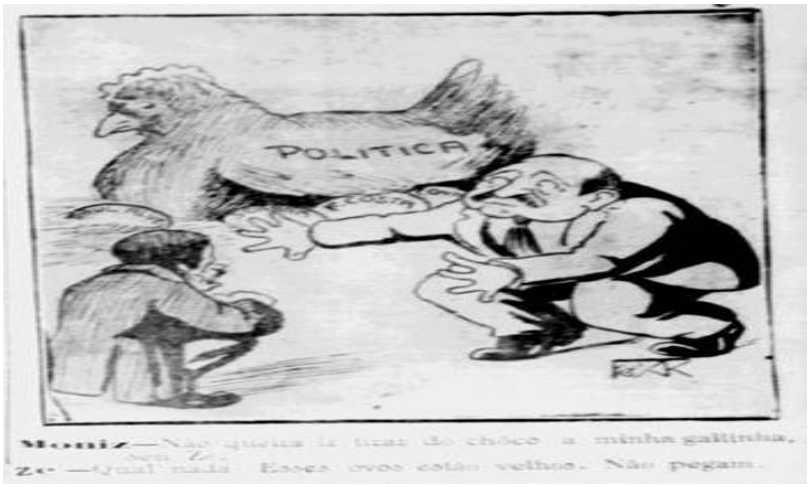


Fig. 26 – A G*alinha dos Ovos de Ouro*

Moniz- Não queira ir tirar do chôco a minha galinha, seu Ze.
Ze'- Qual nada. Esses ovos estão velhos. Não pegam.[428] [*Sic*]

Seabra chegou ao poder entremeado por elementos jurídicos de natureza difusa e da mais clara manifestação de força militar investida por seus apoiadores do Governo Federal. Nesse sentido, o sistema político que por aqui foi instalado teve como principais embasamentos o apoio popular, o controle do legislativo bicameral, a reforma da Constituição do Estado e a reestruturação orgânica dos Municípios, através da *lei nº 1.102, de 11 de agosto de 1915.*

Com isso, Seabra teve todos os elementos jurídicos e institucionais a seu favor, pois, a partir dali ele passava a indicar os intendentes municipais Pang (1979)[429]. Vale ressaltar que nos "*vis a vis"* daquele intenso jogo político, Seabra experimentou o aumento da dependência dos intendentes e lideranças regionais em relação ao Governo do Estado. Por outro lado, tal situação evidenciou como consequência mais direta o loteamento da máquina pública do estado e dos municípios, visto que, os vínculos entre Seabra e seus seguidores só aumentavam graças à intensa distribuição de cargos públicos, sem critérios, para aqueles que formavam o séquito seabrista.

[428] *BCEB:* Setor de Periódicos. Jornal *A Hora*, 22 de setembro de 1919, p.1
[429] **PANG**, Eul-Soo. *Coronelismo e Oligarquias (1889-1934) A Bahia na República Brasileira.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,1979 pag. 123-124

> A escolha dos governantes e funcionários não atendia ao critério das capacidades, mas à afeição dos dirigentes. É o sistema de captar partidários ou recompensar dedicações com o emprego público.[430]

Por outro lado, para a população, a existência de um intenso campo de disputas e momentos de acomodação, entremeados por diacríticos políticos de natureza personalista e patrimonialista, teve como consequência a condução de ações em áreas de interesse social como Saúde, caracterizadas pelo primarismo das intervenções meramente assistencialistas, visto que nada era feito em termos de planejamento e políticas públicas voltadas para as populações mais pobres do Estado. Especificamente, a capital baiana, de forma bastante contumaz, experimentava a visita de ciclos epidêmicos que levavam a cidade a um grande número de óbitos.

Estava claro para Seabra que, na Bahia, o novo sistema político ainda não tinha a adesão de importantes setores econômicos e políticos regionais. Nesse sentido, a fim de evitar as manobras dos neorrepublicanos liberais e conservadores ressentidos refratários ao seu governo, com o apoio de uma nascente burguesia urbana, buscou forjar alianças e arranjos de poder a fim de obter o controle senhorial nas regiões econômicas do Estado, dando uma relativa autonomia aos chefes políticos.

Sobre a situação descrita acima, Sampaio (1998)[431] apontou para o fato de que aquela era uma evidência da astúcia política de Seabra, por não interferir nas contendas entre os chefes políticos em suas regiões. No entanto, quando a paz era restabelecida, a sua práxis política se manifestava através da aproximação dos vencedores, com o intuito de se fortalecer cada vez mais no complicado tabuleiro político baiano. Em consequência disso, num cenário marcado pela jogatina política, Seabra passou a lotear espaços para os seus aliados nas três instâncias do Estado Republicano Baiano, manipulando tudo e a todos a seu favor, na medida em que, calava as oposições.

Foi através da velha "*política de acomodação*"[432] ou de compromissos que aqueles senhores, seus herdeiros, parentes, e agregados tornaram-se homens públicos e, assim,

---

[430] Sobre este aspecto Faoro nos diz que por fazer do *poder político, do estamento burocrático, elementos de barganha ou moeda de troca*, os bens do governo. o Estado patrimonial detém uma certa autonomia em relação às classes que governa, se fazendo hegemônico com base em laços de *consideração* ou na *estima social* que "*distribui e alimenta*". Ver **FAORO**, Raymundo. *Os donos do poder. Formação do Patronato Político Brasileiro*. Rio de Janeiro: Globo, 1958, p. 94

[431] **SAMPAIO,** Op Cit. 1998, p.140

[432] **SAMPAIO,** Op. Cit. 1998, p.50

conseguiram recompor parte de um poder subtraído pelas mudanças sociais, políticas e econômicas em curso na fase inicial da República. Ou seja, apesar de tantas transformações, os velhos potentados ainda conseguiram manter a sensação de onipotência patriarcal e patrimonialista da época da escravidão em seus domínios, dando lugar a uma forma de poder hibridizado por elementos de natureza liberal e conservadora.[433]

Na verdade,

> O sistema de capitanias e outras formas de exercício do poder onde o público e o privado nunca estavam delimitados, nos trouxe de forma muito arraigada, o patrimonialismo político. A decadência econômica da Bahia a partir de meados do século passado levou as nossas elites a ver no controle da burocracia do Estado a única forma de continuidade do seu antigo poder. Uma continuidade conservadora, porque baseada na ideia de um poder individual, sem implicações coletivas imediatas e sem modernização no sentido da contemporaneidade. Tudo isso faz o passado avançar, se prolongar no presente e com isto seus usos e costumes, onde a figura do ‘’coronel’’ ainda é sua marca fundamental.[434]

Ou seja, na Bahia seabrista a voracidade política, econômica e existencial dos grupos de poder, teve como meta principal a longevidade da representatividade política dentro e fora dos seus *currais políticos*. Afinal, em tempos republicanos, a rede de relações era um importante instrumento de consolidação para o poder dos grandes mandatários[435] e seus grupos de poder. Nesse sentido, as demandas deviam ser ratificadas pelo governo do Estado, no espaço da política e da economia. O poder dos grandes senhores de terra do período passou a depender das incipientes realizações nas regiões de origem. Desta forma, a Bahia dava início a um tipo de governo republicano assentado num sistema de escambo político e cuja consequência foi a paralisia das estruturas administrativas no que concerne a ações voltadas para a população do estado.

---

[433] **SAMPAIO,** Op. Cit. 1998, p.27

[434] **PINHEIRO,** Op. Cit. 1998, n.4, p.49-78

[435] De acordo com BRITO (2014) “A Bahia possuía lideranças políticas com projeção nacional e a segunda maior bancada no Parlamento, mas, em muitas ocasiões, as disputas entre suas elites prejudicaram uma articulação mais eficiente de tais recursos. Igualmente, ficava em parte comprometida a capacidade do governo de defender a autonomia do estado contra interferências federais, em especial após as crises sucessórias presidenciais de 1909-10, de 1918-19 e 1921-22.” **BRITO**, Op. Cit. 2014, p.12

Fig. 27- *Jornal A Hora*[436]

Na verdade, aquela elite econômica, política e intelectual era a velha "*farinha de um mesmo saco*"[437] dos tempos do império confirmando a velha lógica de permanência nas estruturas de poder. Ela dava as caras no espaço de um intenso jogo político, unindo e dissipando forças pela defesa de seus próprios interesses, por meio de um conjunto de práticas em todos os níveis da administração e dos negócios. Portanto, tudo foi feito com o objetivo de garantir o funcionamento de um modelo político que fez com que as elites experimentassem novas formas de acumulação[438], que iam além das suas atividades econômicas de origem.

Por conseguinte, assim como na atualidade, as ações feitas pelas elites e seus agentes no âmbito do poder e das estruturas administrativas do Estado baiano eram voltadas apenas para a autopreservação do seu próprio grupo. Ao se constituir à luz de um republicanismo liberal enviesado, os grupos de poder produziam uma forma de hegemonia permanente sobre a

[436] *BCEB:* Setor de Periódicos. *A Bahia em pedaços.* Jornal *A Hora*, 16 de junho de 1920, p. 01
[437] "*farinha do mesmo saco*" Expressão muito usada pela imprensa do Segundo Império. Denotava a alternância identitária entre Liberais e Conservadores nos espaços do jogo político do período. Para muitos observadores da época, os dois grupos eram formados por atores oriundos das elites da época. Muitas vezes os interesse defendidos se identificavam com os principais grupos de poder formados por senhores de engenho e grandes comerciantes, ali representados por agentes políticos. Não existiam princípios claros que definissem os dois grupos. Ver Fausto,
[438] Sobre esta questão é importante lembrar que os serviços públicos em Salvador passaram pelas mãos de pessoas e empresas que tinham seus representantes junto as estruturas de governo.

sociedade permitindo para si e seus lacaios a longevidade de seus privilégios e as permanências mentais produtoras de certas investiduras sobre um universo formado por trabalhadores, negros e mestiços, de maneira a não bloquear seu acesso aos ditos avanços civilizatórios da época.

3.2 - A "*belle époque tardia"* e o pensamento médico sanitário na Bahia

Por força do desenvolvimento tecnológico e material no campo da comunicação, no início do século XX,[439] ocorreu uma relativa compressão da relação tempo-espaço, com o encurtamento das distâncias[440] entre as várias áreas culturais do planeta. Do ponto de vista humano, naquele momento, o mundo passou a se organizar no espaço das várias redes de interlocução graças a um consequente fluxo de ideias[441]em escala planetária o que, por sua vez, gerou a sensação da existência de uma cultura mundial, visto que as sociabilidades se constituíam num espaço cognitivo e mental reduzido, graças às dinâmicas presentes nas relações conhecimento-tecnologia e tempo-produção.

No Brasil, e em especial na Bahia, num contexto ainda marcado pelas tentativas de hegemonização do pensamento liberal, nas zonas de persistência mentais "onde as tradições ainda não se foram e a modernização não terminou de chegar"[442], a principal consequência foi a constituição de estruturas socialmente dualizadas tendo, de um lado, as *elites* que, aliadas aos seus representantes dos campos político e administrativo, tinham como garantia a permanência e longevidade dos seus privilégios históricos. E, de outro lado, uma grande parcela humana formada por indivíduos que, em estado de desprovimento das formas de acumulação, sofriam com processos políticos e socioculturais cujo objetivo era a apartação social no plano da convivência urbana. Afinal, a cidade ficaria para os "*Flanners*"!

---

[439] **MARTTERLART,** Op. Cit. 1994, p. 15-57
[440]Idem.
[441] Idem.
[442]**CANCLINI**, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2.ed. São Paulo: Edusp, 1998

Fig. 28 - Jornal *a Notícia*[443]

A Bahia, como parte integrante desta dinâmica, ainda na transição dos séculos XIX e XX, através de seus intelectuais, buscava os elementos culturais que identitariamente lhe permitissem a constituição de um *ethos*. Ou seja, a constituição de um jeito de ser como nação dentro de um imenso território formado por uma grande variabilidade cultural e regional. Um território unificado exclusivamente por uma "*língua mater*" e por um sistema político cujos embasamentos teóricos e jurídicos legitimavam os princípios da Federação de Estados, de forma ajustada aos desígnios do liberalismo vigente.

Por outro lado, do ponto de vista cultural, a versão tropicalizada e tardia da *"belle époque*"[444] baiana se manifestou a partir de dois aspectos complementares entre si: o primeiro se enunciou no nível das idealizações, do espírito e da condição humana, tendo como referência de comportamento o modelo francês de refinamento, no que concerne aos hábitos, os costumes, o luxo, a moda, a estética e a educação, inclusive no uso da língua como um sinal de sofisticação[445]. Sobre estes aspectos, o jornal *Gazeta de Notícias* de 1912 deixou muito claro a maneira como a França passou a ser um modelo de referência para as atitudes e comportamentos dos homens e mulheres das elites baianas.

---

[443] *BCEB:* Setor de Periódicos. *Jornal a Notícia*. *Folhetim de moda. Nos Domínios da Moda 1912*, p.3

[444] Ver **NEEDELL**, Jeffrey. *Belle époque tropical- sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

[445] "Paris afirmou-se enquanto capital do luxo e da moda, por isso deveria ser contemplada, admirada e imitada. E continuaria como modelo de vida urbana na virada do século; afinal, os franceses procuravam acompanhar as inovações técnico-científicas e elegeram a luz e a velocidade como símbolos dos novos tempos. A Exposição Universal de 1900, chamada Festa Eletricidade, dá-nos a dimensão da importância das inovações advindas da luz elétrica. Foi preparada para dar ao visitante a ideia de um futuro de abundância, alegria, inovações tecnológicas e ilusão. A eletricidade permitia a esplêndida iluminação de palácios e pavilhões e a projeção dos filmes de Louis Lumière por intermédio do cinematógrafo. **COUTO,** E. S. *A Bahia não se desnacionaliza: modernidade: civilidade e permanência dos costumes na Salvador republicana".* In: **MOURA,** M., org. *A larga barra da baía*: essa província no contexto do mundo. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 56-85.

Commentarios

A polidez brasileira

> Os brasileiros são frequentemente comparados aos francezes, por assignalado espirito de polidez, indole serviçal e decisivas aptidões, em assumptos de <<saovir-faire>> e <<saovir-vivre>> .Trata-se de conceitos definitivos, profundamente verdadeiros, dispensando quaesquer demonstrações.
>
> Os brasileiros são, effectivamente, a todos os respeitos, os francezes da américa.
>
> E, a tal respeito, convém apenas, accrescentar que os brazileiros provincianos, principalmente de certas circumscripções cultas , como o Rio grande do Sul, Bahia, Minas S. Paulo etc, ainda são mais cortezes, benevolentes e acolhedores do que os domiciliados nesta grande cidade cosmopolita, em constante convívio com a rudez e o egoísmo duro de estrangeiros, especialmente aldeões.
>
> Certamente os nossos compatriotas não hauriram as <<bonnos maniéres>> de francezes sempre em número muito reduzido no Brasil, para servir de padrão generalizado.[446] [*Sic*]

Para além dos elementos de natureza simbólica presentes no trecho acima, O segundo aspecto que se manifestou na Salvador da *Belle Époque* tardia tem relação direta com os usos da cultura material europeia. Na verdade, esta apresentou-se como um "*melting*" formado por elementos científicos e tecnológicos de origem francesa e inglesa. Por outro lado, além dos conteúdos do campo cognitivo, por aqui também chegavam as inovações que formariam a base infraestrutural e estrutural da cidade, através da introdução das novidades do velho mundo, tais como: a eletricidade e a luz elétrica, o cinematógrafo, o telefone, a limpeza e coleta públicas de lixo, "o *auto-omnibus"* com rodas de borracha maciça"[447], além do mais desejado de todos os ícones da modernidade, o automóvel[448] que, por volta de 1913, eram apenas 150 em Salvador, mas que já causavam grandes problemas na cidade[449]. Na verdade, eram todos instrumentos oriundos da Revolução Tecnoindustrial que, sob a ótica dos higienistas e urbanistas locais, dariam à cidade um certo ar de modernidade.

Entretanto, apesar de toda a tentativa de modernização e civilidade, a *Belle Époque* baiana, em Salvador, se mostrava atada a um quadro material com ruas estreitas que impediam

---

[446] - *BCEB:* Setor de Periódicos**.** *A Polidez Brasileira* - Jornal *Gazeta de Notícias*. 05 de novembro de 1912, pag. 01

[447] *BCEB:* Setor de Periódicos. Jornal *A Tarde,* 5 de agosto de 1913, p. 1.

[448] *BCEB:* O *"Avan-l'être" Da modernidade baiana*. *Jornal A Tarde,* 26 de agosto de 1913, p. 1.

[449] *BCEB:* Setor de Periódicos. Jornal *A Tarde,* 26 de agosto de 1913, p. 1.

a penetração dos raios solares e a circulação do ar. Além disso, o aglomerado urbano, esgoto a céu aberto e os monturos espalhados pelas ruas eram situações vistas pelos sanitaristas da época como vetores propícios à ocorrência de doenças e à propagação de epidemias. Para os higienistas, a origem de algumas enfermidades estava na emanação de miasmas. Assim, as doenças que por aqui ocorriam eram causadas pela má qualidade do ar respirado pelas pessoas que viviam em ambientes expostos as matérias em decomposição sob o solo da cidade. Nestes termos, o Dr. Arnaldo Moreira Reis, em sua tese de doutoramento de 1919, aconselhava:

> Para encher uma rua de ar puro é preciso liberta-lhe o solo destes revestimentos que o couraçam porque, sem elles, o solo transpira e absorve, renovando o ar a cada instante; é necessario que se evidencie estas funcções porque a circulação que resulta das trocas nutritivas e respitarórias que se effectuam entre o ar e os terrenos. Representa a funcção hygienica do solo e depuradora dos líquidos e dos gazes do sub-solo que, sem ella, se estagnariam. Em hygiene, deve haver sempre circulação;(...)[450] [*Sic*]

Devido as atividades do setor portuário, existia em Salvador um intenso fluxo de pessoas e mercadorias. Aliado isto, a falta de fiscalização acabava por expor a população e seus visitantes a uma maior circulação de doenças e surtos epidêmicos. A esses problemas, somava-se a falta de controle sobre a produção e circulação de mercadorias, principalmente no que concerne aos gêneros alimentícios que abasteciam a cidade, e entravam e saíam pelo porto e pelas estradas. Também não deve ser considerado como um aspecto desprezível a ausência de hábitos de higiene de uma população que não tinha acesso aos princípios de educação e boa sanidade.

Portanto, tornava-se necessário mudar o panorama da capital, organizando-a de acordo com as concepções europeias de cidade. Nesse sentido, baseado nos princípios da medicina urbana, urgia sanear o meio, isolar o doente e os cemitérios, organizar e limpar o espaço urbano das aglomerações e garantir a livre circulação dos fluxos de ar, água e dos homens. Na verdade, eram ações sanitárias necessárias e conhecidas pelos médicos baianos, mas que tinham como entraves questões ligadas ao campo político das relações desenvolvidas por Seabra.

Em paralelo à atuação nefasta dos potentados políticos e seus representantes sobre o universo da saúde, existiam problemas de natureza qualitativa no espaço médico baiano, que

---

[450] *BGM* - Acervo da Bibliotheca Gonçalo Moniz - Faculdade de Medicina da Bahia. **REIS,** Arnaldo Moreira. *Sobre a Hygiene do Solo Urbano.* Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia, em 28 de outubro de 1919. p. 12

começavam pela formação dos profissionais de saúde no período. Nesse sentido, Ribeiro (1924) cita o doutor Anselmo da Fonseca (1891) chama atenção para críticas tecidas no passado, mas que ainda se ajustavam às permanências de uma tradição escolástica voltada para um ensino excessivamente teórico, que tinha suas justificavas na carência de recursos necessários à formação dos futuros profissionais de saúde.

Assim,

> Não contando a faculdade com recursos suficientes, também não poderiam existir laboratórios e gabinetes capazes de proporcionar as condições mínimas para um trabalho eficaz: nem hospitais aparelhados para o ensino das clínicas, cujas exigências, em todas as épocas podemos avaliar.
>
> Em face dessa situação, que meio poderia restar a um professor talentoso, para colocar-se acima da vulgaridade, senão uma grande provisão de conhecimentos abstratos e de teorias, senão a eloquência e a dialética[451]

Para piorar ainda mais a questão médico-sanitária na Bahia, após o vazio causado pelo autoexílio de Nina Rodrigues (1862 - 1906)[452], em 1897, do campo experimental, e, anos mais tarde, a morte do médico e cientista tropicalista Francisco da Silva Lima (1826-1910), cujas presenças representavam um inestimável ganho em termos de capital simbólico para a FAMEB, causaram um grande atraso ao desenvolvimento de soluções para os problemas médico-sanitários rurais e urbanos do estado, visto que os embasamentos dos seus trabalhos primavam pela observação e pelo experimentalismo[453].

Por outro lado, apesar dos avanços científicos da época, a medicina local ainda se mostrava marcada por híbridas formas de abordagens Edler (2002)[454]. Ou seja, tanto os

---

[451] **RIBEIRO,** Op. Cit. 2014, p.35 e
FONSECA, Anselmo da. *Memória Histórica*, 1891 apud OLIVEIRA, Eduardo de Sá. *Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia.* Salvador. Centro Editorial e Didático da UFBA, 1992, p.53

[452] **BARROS,** 1997/1998 nos diz que "Em 1897, Nina Rodrigues aponta a decadência do ensino teórico e prático na Faculdade de Medicina da Bahia, afasta-se completamente das pesquisas junto à Escola Tropicalista Baiana e encerra a carreira de patologista de doenças tropicais. Este momento pode ser considerado o marco de encerramento da Escola Tropicalista Baiana, pois, ao redigir a memória histórica sobre a faculdade, Nina Rodrigues expõe as razões pelas quais não havia condições para que fossem realizados uma teoria, uma prática e um ensino médicos de acordo com o modelo médico sanitarista imaginado pelos fundadores do movimento médico tropicalista" **BARROS**, Pedro Mota de. *O Alvorecer de Uma Nova Ciência: a medicina tropical baiana. In História, Ciência, Saúde.* Rio de Janeiro – Manguinhos. FIOCRUZ. Vol. IV (3). Nov.1997 / fev.1998, p. 442-443

[453] Esta foi uma tendência que se fez vigente desde a virada científica do campo microbiológico na transição dos séculos XIX – XX, após as descobertas de Pasteur.

[454] **EDLER**, Flávio. C. *A Escola Tropicalista Baiana: um mito de origem da medicina tropical no Brasil.* História, Ciências, Saúde. Manguinhos, Rio de Janeiro, vol. 9(2): maio-ago. 2002, p. 357-85

elementos da tradição médica quanto os novos conhecimentos do campo microbiológico estavam presentes nos discursos médicos através das suas formas conceituais, procedimentais e consequentemente nas ações sobre a sociedade. Na verdade, tal situação se configurava como uma espécie de estratégia de um grupo médico não hegemônico no âmbito da negociação por afirmação profissional e identitária no espaço marcado pelos usos e abusos da tradição[455].

Os tensionamentos da esfera política local, também se manifestavam no espaço médico-institucional através de sujeitos históricos que, por força do amparo da tradição e das investiduras políticas, se constituíam como um grupo de poder no campo da saúde[456]. Inclusive, com poder de, até mesmo, validar o teor das enunciações que se apresentavam como solução aos problemas médicos e sanitários de uma cidade constantemente visitada por doenças em escala epidêmica[457].

Na Bahia, entre os anos de 1889 e 1930, havia uma atmosfera voltada para a construção identitária de um país à luz dos princípios da ciência moderna. A sua produção acadêmica e científica constituiu uma forma de conhecimento que se estruturou à luz de dois vetores de construção cognitiva: apesar da sua extemporaneidade em relação ao período desta pesquisa, o primeiro vetor foi aquele cujas origens remontam ao *legado* do determinismo sócio- racial[458] de Nina Rodrigues; seus seguidores aceitavam a tese de que estavam na mestiçagem, na degradação e na impureza da raça as origens do atraso que condenava o país.[459]

Como exemplo desta visão de mundo, explicitada sob a forma de discurso médico e científico, o Doutor Guimarães, em 1911, trouxe como ponto de discussão na sua tese de doutoramento indagações e afirmações raciais deterministas, implicitamente defendendo a ideia de "*rejeição interna*", ou seja, do negro em relação ao negro como estratégia de sobrevivência no campo afetivo das relações, portanto, algo que Fanon (1983) denominou como um quadro

[455] **RIBEIRO,** Op. Cit. 2014. 155-177
[456] **CASTRO SANTOS**, Op. Cit. 1998, p. 01-03
[457] **EDLER,** Op. Cit., 2002. p 360
[458] **SCHWARCZ**, Op. Cit. 1993.p 245
[459] Ao conceber a noção de hereditariedade pela fatalidade da raça. Para Rodrigues, o homem comum brasileiro uma vez miscigenado era racialmente definido como inferior. Por outro lado, o nobre médico e professor, entendia que a nação era passível de aprimoramento desde que o Estado propiciasse condições para "branqueamento" do homem brasileiro. Por outro lado, a reprodução e vulgarização dos discursos médicos que ligavam a doença as condições de vida da população negra e mestiça da cidade através dos jornais de circulação diária permitiu, no tempo-espaço das relações sociais, a construção de noções racializadas de modernidade e progresso. Ou seja, a raça se tornou uma questão de importância fundamental para os destinos da nação. Ver a obra de Nina Rodrigues: O Animismo fetichista, os Africanos no Brasil dentre outras.

de "*alienação psíquica"*[460], que propiciava a constituição de relações inter-raciais utilitárias entre mulheres negras e homens brancos no mundo pós-colonial.

Assim,

> Como se pode purificar uma raça? [...] os optimistas, dão innumeros factores como podendo auxiliar a purificação: o amor é um dos grande elementos purificadores das raças. A mulher preta ou india com a maior facilidade se entrega ao branco, tendo as primeiras uma certa repugnancia aos seus irmãos; os cruzamentos desiguaes são sempre entre o branco e a amarella ou preta, ou entre o amarello e a preta. Muito mais difficilmente se encontra o cruzamento de uma branca com um preto. Conclue se que o homem desce até a mulher, mas, esta raramente desce ao homem![461] [*Sic*]

Num outro nível de produção intelectual, apresentando a herança do pensamento de Nina Rodrigues sobre os doutorandos da FAMEB, as teses evidenciavam um certo tom de crítica ao peso da mestiçagem no processo de formação do Brasil. O que nos chama atenção é que estes construtos se colocavam ajustados a um tipo de biologismo enunciador da relação dos negros e mestiços com os malogros da sociedade brasileira, na medida em que lançavam mão de categorias como raça e degeneração. E, por fim, tendo a aparição do branco europeu, neste caso, especificamente, o inglês como o redentor da raça, como fica claro no trecho abaixo.

> [...] O trafego dos Negros da Africa para o Brazil foi elemento quase predominante na degeneração da nossa raça; e, si, hoje ainda existem brancos entre nós, devemos unicamente agradecer à Inglaterra que, dizendo-se movida por piedade pelos infelizes pretos , impedia o trafego às outras nações, deitando cruzeiros no Atlantico que ao mesmo tempo lhes protegiam o trafego para suas colônias. [*Sic*][462]

Não eram apenas os aspectos biológicos que tomavam o espaço das críticas e dos discursos médicos da época. Cabia àqueles "*homens de ciências*" atuar sobre o mundo dos

---

[460] **FANON** (2008) na obra "*Pele negra, máscaras brancas" afirma que* uma das maneiras adquiridas por essa não identificação é a negação de um vínculo íntimo entre negros, uma vez que estes passam a buscar a *branquitude* sistematicamente imposta aos subalternos enquanto cultura hegemônica. Qualquer aproximação com o branco passa a ser uma saída melhor porque o negro começa a ser em si e por si malvisto. Ocorre a partir da construção desse inconsciente coletivo um complexo de inferioridade entre os negros. A internalização dos valores culturais dos brancos oriundos da metrópole ou não gerou a negação da negritude **FANON,** Franz. P*ele negra, máscaras brancas.* Rio de Janeiro: Editora Fator, 2008, p. 34.

[461]*BGM* - Acervo da Bibliotheca Gonçalo Moniz -Faculdade de Medicina da Bahia. GUIMARÃES, Pery. *Ligeiras considerações sobre as raças humanas. 31 de outubro de 1911.* Tese Faculdade de Medicina da Bahia, Bahia, 1911, pag. 87

[462] Op. Cit. **GUIMARÃES,** 1911, p. 70

hábitos e dos costumes, uma vez que, para as elites, a convivência também passava pela mudança de comportamentos. Para elas, a maneira de viver dos negros explicitava o atraso em que a sociedade local estava imersa, se comparada ao mundo civilizado.

A grande presença de negros e mestiços em Salvador era um fator cujos remetimentos estavam ligados à importância da cidade e seu porto no período colonial e monarquista. Era um contingente que chegava a 90% de toda a população, que também sofria com a total falta de infraestrutura, vivendo em total desajuste frente às ordenações sanitárias da época. Portanto, uma situação que fazia com que a cidade estivesse constantemente sujeita a um ciclo de vida e morte protagonizado pela visita de ondas epidêmicas que só atestavam a natureza de uma cidade que se mostrava antagonizada entre os desejos de modernidade, civilidade e progresso e a situação de miséria, fome, desemprego, pobreza e invisibilidade que tomava a maioria da população.[463]

Desta forma, com o objetivo de garantir civilidade no espaço urbano de Salvador a partir da segunda década do século XX, a municipalidade, legitimada pelos discursos médicos higienistas, produziu uma série de leis e códigos voltados para o controle sanitário e também em relação aos costumes.

Nesse sentido, o *Código Municipal de Posturas,* de 1920, voltado para a organização sanitária da cidade, dentre outras ordenações, determinava:

> "É, absolutamente, proibido às pessoas que sofreram de moléstias contagiosas ou repugnantes, vender carne. Os empregados de açougues, e os próprios açougueiros deverão ser inspecionados pela higiene e assistência Pública Municipal, antes da matrícula a que são obrigados. Pena 30:000 de multa"[464]

Numa perspectiva de controle e regulamentação sobre as manifestações culturais, um outro código também editado em 1920, a Postura 148, com o título *"Do entrudo, máscaras e confetti, espetáculos e fogos de artifícios*", estabelece:

---

[463] A extemporaneidade dos fatos citados no parágrafo anterior em relação ao período em estudo deve ser vista como um aspecto "Heurístico", "instrumental", portanto, "didático" necessário ao entendimento do processo de transição para o momento de vigência e aplicação dos princípios da medicina urbana na Bahia Seabrista.

464 *FGM:* Prefeitura Municipal de Salvador – Gabinete do Intendente - *Código de Postura* de 5 de novembro de 1920 - Postura 215

> "Ninguém poderá dar espetáculos públicos, armar ou queimar fogos de artifícios nas ruas, praças e avenidas desta cidade e subúrbios, sem a competente licença da Municipalidade"[465].

Estas ações deveriam ocorrer sobre a grande parcela da população[466]. Especialmente, nos espaços onde os negros, mestiços e trabalhadores de Salvador teciam relações mantendo as especificidades dos seus próprios códigos de sociabilidades, nas tais cenas de anticivilidade, que ocupavam os espaços das ruas e de um cotidiano que maculavam os sentidos do belo e do sofisticado idealizados por uma elite creoula adepta das noções de civilidade. Aliás, sobre essas cenas, o jornal *Diário de Notícias*, no ano de 1912, fez duras críticas à cidade do Salvador e ao comportamento das pessoas, dizendo:

> "Comparada a certas capitais do Brasil, grandes e pequenas, a Bahia parece um quintal. E quintal de casa baiana. Porque aqui, alugando uma casa que tenha uma nesgazinha de terra, o inquilino não a destina para criar a ave doméstica, para semear o coentro cheiroso ou para plantar as rosas vivaces;" [467] [*Sic*]

O jornal também explicitava sua opinião sobre uma certa democratização dos maus hábitos de educação que, de certa forma, eram indistintamente praticados por muitos.

> "Quotidianamente, ao transitar pelas ruas da cidade, observa-se o seguinte: um cidadao, alias de boa apparencia, postado a porta de uma habitacao, uma creanca, um popular chupa um pedaco de canna de assucar, come uma banana, saboreia um pedaco de jaca e atira ao leito da via publica os bagacos e as cascas".[468] [*Sic*]

---

[465] *FGM*: *In Do entrudo, máscaras e confetti, espetáculos e fogos de artifícios. [Sic] In:* LIVRO de registro de posturas. Salvador, 1920. cap. 21, p. 17-84. *Lei orgânica do Município. Código de Postura de 1920.* Prefeitura Municipal do Salvador

[466] Para Michel Foucault a medicina urbana caracteriza-se pela intervenção do Estado sobre a cidade com o objetivo de garantir a salubridade dos espaços e consequentemente da população. Foucault enumera a prática da medicina urbana, sob os seguintes aspectos; inicialmente, no combate a tudo que sobre o espaço urbano poderia causar o surgimento de doenças e epidemias. A partir desta perspectiva, é possível entender que ao seguir tais princípios, a medicina urbana praticada na Salvador seabrista se constituía por promover uma constante vigília sobre os elementos que naturalmente estavam em circulação. Desta forma, em função dos princípios defendidos pela teoria dos miasmas era preocupação constante a fiscalização sobre a qualidade do ar, água, solo e dos monturos formados nos espaços de uma cidade que tinha como cultura o hábito do descarte de seus resíduos nas ruas da cidade.

[467] *BCEB:* Setor de Periódicos. **"***O asseio da cidade***" -** Editorial, *Diário de Notícias*, Salvador, 25 de outubro de 1912, p. 1

[468] *BCEB:* Setor de Periódicos. *"O Asseio. Abuso a corrigir-se"* - Editorial, *Diário de Notícias*, 7 de outubro de 1914, p. 1.

Ou, quando, se referindo aos festejos juninos da capital, fica expresso um olhar preconceituoso sobre as formas de brincar e festejar dos populares.

> "[...] um vestígio da barbaria, da selvageria, da brutalidade, das eras coloniais, quando aqui ainda era, quase, tudo mata brava, quando aqui ainda era povoado de indígenas ferozes e de colonos também ferozes".[469] [*Sic*]

As três situações só confirmam a ideia de que a cidade da Bahia de Todos os Santos era um problema de grande monta para os higienistas e outros envolvidos no processo de modernização, uma vez que tudo que acontecia por aqui não eram ações que deveriam ser exclusivamente ligadas ao comportamento dos mais pobres, como pensavam, de forma muito consensual, aqueles que idealizavam a cidade da *Belle Époque.* De certa forma, os maus hábitos e costumes eram manifestações de uma forma de lidar com a cidade[470]. Ou seja, aqueles hábitos se constituíam como uma forma de cultura urbana[471]

Na verdade, era uma cultura popular que, na visão dos mais intolerantes, tinha uma perfeita identificação com os "mundos de lá"[472]. Ou melhor, para aqueles olhos tão sensíveis, a cidade da Bahia que lhes tomava a retina era um caos urbano que se manifestava com suas ruas movimentadas e imundas, com um intenso comércio de ambulantes, com a predominância da tez escura com suas indumentárias lembrando a África e os tempos do Brasil-Colônia. E mais, a sinestesia dos sons, das cores e odores das iguarias e seu pregão diário conferiam às suas enunciações o caráter exótico e peculiar que, para muitos, explicitava uma cidade imersa nas chagas do atraso.

---

[469] *BCEB:* Setor de Periódicos*. "Fogos Soltos."* Diário de Notícias, Salvador, 22 de junho de 1912, p.1

[470] *BCEB:* Setor de Periódicos. *Diário de Notícias*, 13 de junho de 1913, p. 2

[471] LEITE (1996) nos diz que "Alguns eram ainda acusados de fazer da rua sentina pública, mas não e especificado se populares, mendigos ou crianças; por outras notícias, sabe-se que os mendigos satisfaziam as suas necessidades publicamente. Mas, decerto, outras pessoas, em momentos de aperto, e na falta de sanitários públicos, faziam da rua o local para aliviar-se das necessidades fisiológicas, não era à toa que se clamava pela instalação de mictórios nos locais de maior movimento de pessoas. *"O Asseio. Abuso a corrigir-se"*. Jornal *Diário de Notícias de* 07/10/1914, p. 1. *Apud* **LEITE**,1996, p.106

[472]Os "*mundos de lá*" era uma expressão muito usada para se referir África. Era uma forma pejorativa de referência à África e aos africanos. Denotava os ditos aspectos de negatividade e atraso do continente.

Do ponto de vista humano, era uma diversidade formada por grupos de homens "*pretos*" e "*mestiços*", alguns trabalhando, outros não; "*os capoeiras*", sujeitos bebendo e fazendo batucadas, os rufiões, os arruaceiros e os jogadores da sorte e do azar. Era a evidência de uma divisão espacial sobre uma ténue linha de equilíbrio entre gêneros. E, no limiar do que ali se apresentava, estavam os mendigos, os aleijados, os lazarentos, os tísicos, os sifilíticos, os cegos e os órfãos que se apresentavam como figuras contumazes no cotidiano de uma cidade idealizada para a modernidade, mas que era um grande desafio ao processo modernizador e higienista uma vez que, para muitos, aquele nada mais era do que o pedaço mais ocidental da África.

UM "MODELO" DE IMMUNDICIE

O Mercado Municipal é um perigo para a saude publica

Dous aspectos de hontemdo «Mércado Modelo»

Fig. 29- Jornal *A Tarde* [473]

-Vamos A costa d'Africa?
-Agora? Em que paquete?
-Não; é desnecessário atravessarmos o atlântico?!
-Desçamos o Elevador.
Descemos a costa d'África

Do amigo era o <mercado modelo, Os alojamentos intertores deste mercado municipal estão hoje em dia, por um preço, que não supportam os lucros das vendagens diárias de um pobre quitandeiro.[*Sic*]

[473] *BCEB:* Setor de Periódicos Jornal A Tarde, 25de junho de 1915 p. 1. Na reportagem *"UM "MODELO" DE IMMUNDICE"* podemos observar no texto os remetimentos a uma África negra ("Hottentotia" - referente ao grupo linguístico Khoisan do sudoeste africano). Portanto, para eles, selvagem, desorganizada, atrasada e suja. Eram comparações feitas com o objetivo de evidenciar a sociedade que o atraso local estava diretamente ligado a uma ocupação do espaço tomada por um modo de vida contraditório aos anseios de modernidade, progresso e civilização.

> Tendo a municipalidade constituído que se fizeisem vendas, principalmente de icuça indígena e fructas pelo exterior do mercado, nos seus passeios os vendedores preferiram as achadas em vista do preço memor.
>
> E vimos monte de fructas, louças e capoeiras de galinhas, a venda sob o sol e sob a chuva, em deposito sobre a lama podre.
>
> Por entre poças d'agua stagnada chapinham vendedores e compradores
>
> A falta de asseio é completa. Na lama pultrefasem-se detrictos de comidas, fructas, palhes dos milhos de S. João, enfim todo um monturo.
>
> Repugna!
>
> As feiras districtaes são mais toleráveis em limpeza
>
> E é nisto que se concerne o progresso da nossa capital.
>
> Jardim de Semiramis e lama da Hottentotia[474] [*Sic*]

Dentre outros aspectos, a presença feminina no espaço público recebia pechas como: "*mulher preta", "mulher de saião",* com seus tabuleiros e gamelas, *a "mulher do cuscuz", a "mulher do acarajé" a "mulher da cocada" a mulher do "fato" ou as "fateiras", sem contar as "mulheres da vida"* e as meretrizes da cidade, sempre associadas à transmissão das doenças venéreas[475], principalmente a temida sífilis[476] que, independentemente da situação feminina no espaço público, sempre se fez presente no território baiano. Nas últimas décadas do século XIX e as primeiras décadas do século XX, como uma das consequências do processo de urbanização, esta situação, por força das suas capilaridades no meio social, mobilizou a comunidade médica

---

[474] *BCEB:* Setor de Periódicos. *Um modelo de Imundice.* Jornal A Tarde, 25de junho de 1915 p. 1

[475] *BGM* - Acervo da Biblioteca Gonçalo Moniz -Faculdade de Medicina da Bahia. Sampaio, Antônio Joaquim. *Da Inconveniência da liberdade ilimitada no exercício da prostituição*. Tese de doutoramento apresentada a Faculdade de Medicina da Bahia, em 31 de outubro de 1912.

[476] BATISTA (2015) afirma que "A sífilis é uma doença de ciclo biológico longo e que se apropria de diversas partes do corpo. Ao mesmo tempo em que alguns sintomas aparecem, outros somem. O processo de seu desenvolvimento se compõe de três fases, intercaladas por intervalos assintomáticos e de tempo variável em cada organismo. A primeira delas é caracterizada pelo cancro, que pode aparecer na região genital, entre as pernas, língua, lábios, ânus ou outras partes do corpo. Depois de alguns meses, inicia-se a segunda fase, em que podem aparecer erupções na pele, feridas e úlceras nas amídalas, boca e órgãos genitais. Após meses, ou até anos, surge a fase terciária, que afeta órgãos vitais como o cérebro, o pulmão, o coração, o fígado e os rins" **BATISTA**, Ricardo dos Santos. *Como se saneia a Bahia: a sífilis e um projeto político-sanitário nacional em tempos de federalismo*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia. Orientadora: Profa. Dra. Lígia Bellini. Salvador. 2015, p. 89
Ver in **BATISTA**, Ricardo dos Santos. *A sífilis na Bahia: considerações sobre saúde pública, medicina e eugenia.* Texto apresentado no XXVII Simpósio Nacional de História. Conhecimento Histórico e Diálogo Social. Natal. 22 a 26 de julho e 2013, p.1

local em torno do seu combate, como uma das mais importantes questões da medicina pública Carrara (1996)[477] pelo saneamento do corpo e da moral[478].

Sobre a questão da sífilis e sua relação com a cultura machista, muito recorrente nos universos públicos e privados da capital baiana, é importante dizer que aqueles nobres senhores das elites, ainda que árduos defensores dos valores propalados pela "*Belle Époque Tardia*", também eram assíduos frequentadores das famosas casas de tolerância da cidade[479]. Não é à toa que os debates e interesse social sobre a "escravidão branca"[480] estavam tão presentes no campo médico baiano[481], propondo-se saídas para a extirpação coercitiva[482] para o que os nobres senhores consideravam, entre todas as chagas morais da terra, uma exploração ignóbil[483], como fica evidente na citação a seguir:

> A polícia da terra está em movimento, no sentido de não deixar propagar-se em nosso meio social a horrenda chaga do caftismo. Os nossos applausos á polícia da terra, com os nossos maiores desejos de que tenha ella a força a energia precisa para levar por deante a sua acção em prol do saneamento moral da Bahia.[484] [*Sic*]

Por ser a hereditariedade a mais perturbadora forma de contágio, a sífilis foi considerada uma praga social, assim como o alcoolismo, a tuberculose e a prostituição. Na concepção dos higienistas, todas deveriam ser erradicadas, uma vez que aquelas eram *chagas* que poderiam levar a sociedade e a nação à total extinção[485]. Apesar das duras críticas recebidas em relação

---

[477] **CARRARA,** Sérgio. *Tributo a Vênus: A luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40.* Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996, p. 67

[478]*BCEB:* Setor de Periódicos. *Saneamento Moral* – Editorial. *Diário de Notícias*. 20 de novembro de 1912, p.1

[479] Idem.

[480] Idem.

[481] *AMMS:* Arquivo do Memorial de Medicina - **SAMPAIO,** Antônio Joaquim de. *Da influência da liberdade illimitada na exercício da prostituição.* Salvador. Typographia Commercial, 1912.[*Sic*]

[482] No ano de 1916, o então Chefe de Polícia e Segurança, José Álvaro Covas, diante do assombro da cidade em relação as cenas produzidas pelas meretrizes da cidade em *relatório de atividades, fez esclarecimentos sobre* a política de bons costumes defendida pelo governo Seabra em atendimento aos reivindicações das associações católicas e dos bons chefes de chefes de família contra o meretrício escandaloso, "diligenciando circunscrever a sua localização a mas que não sejam artérias principais ou ponto de trânsito necessários" IGHBa: *Relatório de Polícia* (1917) - Anno I. 1919. p. 16. [sic]

[483] *BCEB:* Jornal *Diário de Notícias* 20/11/1912, p.1

[484] *BCEB:* Setor de Periódicos. *Diário de Notícias,* 20 de novembro de 1912, p. 01

[485] *AMMS:* Arquivo do Memorial de Medicina. **SOUZA**, João Prudêncio de. *Syphilis e Eugenia*. Tese (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1923 (Sic); Jornal A *Manhã, O factor Maximo da degenerescencia no Brazil*. Salvador, 25 de abril de 1920; Jornal A *Manhã*. *O Brasil não é tão feio como se pinta*. Salvador, 3 de maio de 1920 [*sic*]. No ano de 1923 o Jornal *Diário da Bahia* publicou a nota "*Higiene Social*" que se constituía como uma clara defesa da aplicação de princípios eugenistas na Bahia. O texto trazia uma visão racista sobre a sociedade, à medida que criticava os contrários as medidas profiláticas voltadas para a "*higiene social*", como a do "*atestado de sanidade*" que deveria "impedir os casamentos de o tuberculoso, o leproso, o

às medidas profiláticas e policiais adotadas para o tratamento e combate às ditas pragas sociais. No caso da sífilis, o jovem Dr. João Prudêncio de Souza[486], na sua tese de Doutoramento de 1923, já assumindo o peculiar caráter tutelar dos médicos sobre os destinos da sociedade, se colocou clamando pela consciência moral dos maridos, ao dizer:

> Não existe coisa mais indigna, descuido mais lamentável na vida social do individuo, que levar comsigo, inconsciente da acção que pratica, a syphilis para um lar que vae construir. Muito peior se o faz conscientemente, o que é comum de se vêr sempre na sociedades, quando os indivíduos não têm educação hygienica necessária, quando eles agem pelo impulso traiçoeiro da primeira vontade sem pezar bem o valor e a consequência dos seus actos.[487][*Sic*]

Além disso, o jovem médico também era um árduo defensor da realização de exames pré-nupciais, com o objetivo de garantir a aptidão dos nubentes para o casamento e, assim, garantir a perpetuação da família e da espécie.

> "A necessidade do exame pré-nupcial atestado, por médico de valor reconhecido, ou melhor, especialista de todos os candidatos ao consórcio, impõe-se para evitar que o cônjuge indemne e a prole paguem, de futuro, com brutal tributo, o erro da ignorância praticada. Faz-se mister tornar obrigatório o exame de sanidade, a bem da prophilaxia social, de modo a evitar monstruosidades levadas a pratica de pessoas que não tem a verdadeira noção do que seja a boa moral[488]. [*Sic*]

Na Faculdade de Medicina da Bahia, esta foi uma situação que gerou muitos debates, não só em função dos aspectos morais do homem, inclusive daqueles que, em paralelo aos bailes e encontros dos grandes salões, também frequentavam os bordéis, cabarés e casas de jogos da cidade. Portanto, um aspecto que, para muitos, não deveria vir a público. Afinal, aqueles

---

louco, a avariado, em benefício da sociedade conjugal, em beneficio da prole". [*Sic*] **PRUDÊNCIO,** Joao. Higiene Social. Jornal *Diário da Bahia.* Salvador, n. 95, 22 abri. 1923.

[485] *AMMS:* Arquivo do Memorial de Medicina. **SAMPAIO**, Op. Cit. 1912, p.37

[486] BGM- Acervo da Biblioteca Gonçalo Moniz -Faculdade de Medicina da Bahia. SOUZA, João Prudêncio de. *Syphilis e Eugenia*. Tese (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1923. p. 19 [*Sic*]

[487] *AMMS:* Arquivo do Memorial de Medicina. **SOUZA**, Op. Cit. 1923. p. 20

[488] *AMMS:* Arquivo do Memorial de Medicina. **SOUZA,** Op. Cit. 1923. p. 20

senhores eram sujeitos de moral ilibada, mas que, na maioria dos casos, era quem "[...] *naturalmente"* causava "*a contaminação da mulher* [...]"[489]

Diante da recorrência de casos de sífilis, os médicos higienistas passaram a defender a realização do referido exame com o claro objetivo de minimizar as incertezas sobre a existência da doença, ainda que a sua metodologia permitisse a inserção de mais uma profilaxia de natureza seletiva e depuradora no espaço da cidade justificada pelas noções de zelo e longevidade da nação. Lembremos que ainda era muito forte a influência do determinismo sobre o universo mental do campo médico, tendo como resultado a produção de um discurso cunhado a partir de princípios profiláticos de natureza higienista e eugênica que, por sua vez, propalavam com bastante veemência a noção de transmissão hereditária de certas qualidades do indivíduo.

A consequência de tais produções sobre a sociedade foi a percepção de um homem comum reduzido à condição de sujeito inferior, desclassificado e afeito ao crime e, que, por tal razão, a ciência e as instituições de controle social não deveriam deixar acontecer a sua reprodução. Por outro lado, aqueles que se mostrassem ajustados às exigências da civilização, teriam o salvo conduto e reconhecimento social. Eram aqueles que se apresentavam como o tipo ideal de homem. Portanto, de físico forte, belo, moralmente vitorioso, e com uma carga genética de boa sanidade.

Ao associar a questão da prostituição à sífilis, em 1912, o Doutor Antônio Joaquim de Sampaio teceu inúmeras críticas em relação à letargia do Estado e do Munícipio, quanto ao enfrentamento da moléstia e suas causas sociais. Aliás, a partir deste ponto de vista, o nobre doutor defendeu a tese de que tal chaga se faz presente em lugares em que a prostituição livre e certos costumes lascivos[490] não eram combatidos, tendo como consequências, problemas terríveis e irremediáveis nas famílias. E diz o referido médico que "...apesar de termos prescripções civis, as quaes determinam o exame médico antes da contracção do matrimônio, nada se observa ..."[*Sic*] e ainda completa o seu discurso médico de natureza moralista,

[489] *AMMS:* Arquivo do Memorial de Medicina. **SAMPAIO,** Op. Cit. 1912, p.37

[490] Sobre este aspecto o Dr. Sampaio faz terríveis considerações sobre a linguagem do corpo quando manifestada através das músicas e das danças presentes nos espaços da cidade discutindo o seu papel no que concerne ao estímulo à libido e do desejo sexual. [...] as sensações voluptuosas, votadas para despertarem no acto da cópula vão encontrar no calor de uma valsa, no roçar de coxas, no attricto dos seios, no approximamento da face, incentivo poderosos para o seu desenvolvimento muitas vezes, precoce...As extremidades dos seios constituem, entre ellas, zonas eróticas. Sua fricção excita a volúpia. A flexibilidade ordinária do corpo da mulher, o bamboleio voluptuoso, a pressão de corpo contra corpo, tudo isto ainda mais desenvolve-lhe o appetite sexual [...] [*Sic*] **SAMPAIO,** Op. Cit. 1912, p. 27

afirmando que a sífilis provoca "[...] as consequências deploráveis das desuniões, do desbaratamento da família e em alguns países a dissolução legal do casamento [...]"[491]

Na verdade, para os "*homens de ciências"* e intelectuais da terra, esta forma de entendimento sobre a cidade só reforçava a ideia de que as doenças e o atraso baianos tinham relação direta com o grau de degenerescência e inferioridade física da raça e com a degradação moral, ambas causadas por uma dinâmica histórica marcada pelos contatos inter-raciais, como foi o caso baiano[492].

Sendo assim, na perspectiva médica, doenças como a tuberculose, a sífilis e os estados psíquicos ligados à loucura e ao alcoolismo, dentre outras, por serem entendidas como um mal racial de natureza degenerativa só aumentavam a ignorância e o mal entendimento da sociedade acerca dos agentes etiológicos causadores das patologias que se manifestavam nas relações indivíduo X indivíduo e indivíduo X ambiente social. Ou seja, a perspectiva médica baiana vigente apontava o indivíduo doente como um degenerado pela mestiçagem, ou um degenerado social.

Os discursos indicavam a debilidade física da raça como transmissora de patologias orgânicas e sociais que possibilitariam a geração de loucos e criminosos. Àquela época, a teoria científica vigente sustentava que alguns tipos de loucura estariam associados à progressiva degeneração causada pela mestiçagem, que gerava indivíduos física e moralmente fracos, através da sucessão das gerações, e que todo degenerado seria um desequilibrado mental. Na verdade, a suposta fragilidade da raça, em muitos casos, atestava a fraqueza moral como um vetor que conduzia os indivíduos a comportamentos inaceitáveis, como o alcoolismo, os vícios e a prostituição.

O discurso sobre a degeneração como uma consequência do comportamento do homem comum também aparece na tese de doutoramento "*Da inconveniência da liberdade illimitada no exercício da prostituição"* [*Sic*] Sampaio (1912)**,** em que é evidenciada a importância que

---

[491] *AMMS:* Arquivo do Memorial de Medicina. **SAMPAIO,** Op. Cit. 1912, p.39

[492] Na ausência de um sistema tão aviltante e espoliador como a escravidão para ordenar e disciplinar a sociedade, as elites brancas baianas valeram-se de um modo de classificação social baseado na ideia de raça e nas teorias raciais importadas da Europa. Na verdade, tais teorias passaram por um processo de adaptação à realidade local. Enquanto, o modelo racial europeu adotava de explicações voltadas para a "pureza sanguínea", no Brasil, por força da larga mestiçagem presente na população, os discursos defendiam um critério baseado em um sistema classificatório baseado na cor.

os doutorandos da FAMEB davam ao moralismo como forma de tratamento dos comportamentos ligados à loucura no ambiente social.

Sobre essa linha de pensamento e discurso, é importante salientar que a partir dos anos 20, portanto numa fase em que o Seabra começa o seu declínio, e, em definitivo, começa a ocorrer uma virada científica no espaço da FAMEB, por força das percepções geradas pela aplicação dos avanços do campo experimental sobre as populações rurais e urbanas baianas[493]. Nesse sentido, os discursos negativos sobre as raças que formavam a nação brasileira e o seu persistente processo de mestiçagem passaram a dar espaço a uma forma aquiescente de entendimento sobre um fenômeno de natureza formacional presente na sociedade baiana.

Na verdade, a mentalidade médica, de forma lenta e gradual, dava sinais de renúncia em relação ao pessimismo sentimental, muitas vezes marcado pelas ideias de degeneração, *miséria somática e situação racial decaída*[494] [...] voltando-se agora [...] *para a ideia de regeneração*[495]. Naquele momento, as falas já deixavam evidente a presença do ideal eugênico, ao prever novas noções que defendiam o ressurgimento e regeneração da raça. Desta forma, não mais se fazendo oposição nem direcionando ataques à mestiçagem como um vetor de degeneração.

Os discursos explicativos passaram a se voltar para o combate às doenças que, de maneira indistinta, tomava os espaços da cidade. Assim como nos casos de "*Ptosis trachomatosa*", a tuberculose, a epilepsia, a loucura, e os maus hábitos como o alcoolismo e a prostituição, situações tão constantemente ligadas aos negros e mestiços passaram a ter formas de abordagens no âmbito de uma medicina voltada para a cidade. Afinal, todos estavam propensos a tais quadros.

A tônica do momento era entender a doença como um vetor de degeneração humana, num sentido mais amplo. Independentemente da condição de classe ou raça do enfermo. Nesse sentido, o discurso médico passou a fundar-se a partir de elementos científicos, investigativos e experimentais, com o objetivo de obter o entendimento e as razões etiológicas das

---

[493] Segundo Batista (2013), a associação entre medo e prática médica sobre a questão da sífilis, fazia com que os estudantes da Faculdade de Medicina da Bahia tivessem uma especial predileção em frequentar o "Posto de Profilaxia Silva Lima", visto que era unidade de referência para o tratamento da doença em Salvador. Na verdade, eles tinham como intuito observar, aprender e praticar, os aspectos e tratamento das manifestações causadas pelo avanço da doença. Era o claro "desejo de recolher ensinamentos que lhes sejam úteis na vida prática". Assim, tornou-se comum os futuros médicos solicitarem aos seus preceptores a autorização para acompanhar os doentes que frequentavam a unidade; sem receber remuneração e sem a certeza do emprego numa unidade pública de saúde após a colação do grau de doutor. *AMMS:* Arquivo do Memorial de Medicina. **BATISTA**, Op. Cit. 2013, p.1.
[494] *BCEB:* Setor de Periódicos. *Gazeta Médica da Bahia*, julho, 1923, p. 32
[495] Idem.

enfermidades, como mostra o Dr. Cesário de Andrade, num artigo publicado em 1916, na *Gazeta Médica da Bahia*.

> Um fato vem a propósito referir que mereceu a nossa atenção, por não estar muito de acordo com o pensar de alguns autores, foi o grande número de indivíduos de raça negra, portadores de lesões *trachomatosas*, que figuram no nosso registro clínico hospitalar, ainda que em número inferior aos da raça branca e mestiça (...) Aliás, essa nossa verificação pertinente a raça negra, ao nosso ver, não vem de molde a suspeitar do africano como veiculo de transmissão do morbos aos nacionais do nosso estado; muito propensos como estamos por fundadas razões que nos assistem, a acreditar que o elemento estranho dessa propagação ao menos o principal dentre muitos , devia ter sido, e o é ainda o sírio e o turco (que para muitos se confundem) e que são frequentes portadores da moléstia[496] [*Sic*]

Por volta de 1924, portanto, numa época em que o critério racial já não era considerado o principal vetor indicativo das doenças, o formando João Rabello de Mattos[497], na sua tese de doutoramento, fez uma extensa abordagem sobre a relação da pobreza com a Peste Branca na Bahia. Desta forma, em seu estudo de título "*Fatos e Aspectos da Tuberculose na Bahia*", o jovem médico teceu o perfil sociológico do tísico residente em Salvador. A partir da análise dos dados estatísticos colhidos na pesquisa, ele percebeu que a grande incidência de óbitos na cidade tinha relação direta com aspectos de natureza socioeconômica como: ausência de saneamento na cidade e no meio rural, carência nutricional, bem como as longas e cansativas jornadas de trabalho.

Para completar os aspectos apontados, Salvador tinha um terrível déficit habitacional, cuja consequência era a existência de habitações insalubres, mal arejadas, úmidas; o pior deste quadro era a grande quantidade de pessoas morando em lojinhas e cubículos, as consideradas de baixa classe social, não necessariamente negros e mestiços, porque a pobreza se espalhava por toda a cidade, também de forma indistinta.

Portanto, eram doenças e comportamentos que se manifestavam na sociedade de forma indistinta, tanto no universo dos mais desassistidos quanto no seio das elites. Na verdade, a aceitação da mestiçagem dava espaço à ideia dos mestiços como figuras redimíveis. Entretanto,

---

[496] *BCEB:* Setor de Periódicos. *Gazeta Médica da Bahia*, julho, 1916, p. 186-187 *Grifos meus*. Este estas era uma das poucas situações discussionais em que a doença tinha na sua origem uma relação direta com o negro. Tal situação de certa forma, já evidencia uma mudança de rumo sobre a origem e etiologia dos casos.

[497] **MATTOS,** João Rabelo de. *Fatos e Aspectos da Tuberculose na Bahia*. Salvador-Bahia, A Nova Gráfica. 1924, p. 10

por força das permanências mentais de natureza racialista, nos espaços médicos ainda ocorria uma forte contraposição àqueles que eram vistos como imperfeitos e irremediavelmente anômicos no espaço social. Nesse sentido, para enfermos, alcoólatras, loucos, epiléticos não seria possível qualquer forma de regeneração. Era uma forma de pensar a sociedade à luz da perfectibilidade dos bons mestiços ou ainda na perspectiva da homogeneização das raças.[498]

O segundo vetor de construção cognitiva, de forma intelectualmente contrária e marginal ao espaço conservador da Faculdade de Medicina da Bahia, se colocou à luz dos avanços do campo microbiológico e sanitarista. Tais desenvolvimentos foram assumidos pelos médicos seguidores da Escola Tropicalista que tinha como grande entusiasta o Dr. Pacífico Pereira (1846-1922), um dos últimos remanescentes da primeira geração que, em consonância com a produção de Arthur Neiva e Belizário Penna, garantiu uma relativa longevidade ao tropicalismo médico. A partir de suas premissas, deu-se a constituição de um campo teórico e experimental ajustado às condições sanitárias e sociais do Estado e da sua capital.

Aceitação do legado dos doutores Neiva e Penna e de outros tropicalista só confirmava a tese de que a comunidade médica precisava aceitar a novas formas de abordagens dos problemas médico sanitários. Nesse sentido, terras baianas, também na condição de médicos e professores da FAMEB, o tropicalista Pacífico Pereira (1846-1922) e o notável psiquiatra Juliano Moreira (1873-1933)[499] colocaram-se como críticos vorazes sobre as questões que envolviam o ensino médico na Bahia.

Na verdade, suas falas colocavam-se como consequências diretas das percepções que ambos desenvolveram face aos avanços que a medicina experimental, clínica e ambulatorial

---

[498] **BARRETO,** Op. Cit., 2004, p.17-18

[499] Juliano Moreira (1873-1932) foi, um dos poucos negros formados pela FAMEB. Chegou a atuar como professor da instituição e diretor do Hospício Nacional dos Alienados, no Rio de Janeiro. A principal característica da ação médica de Moreira está nas formas humanizadas de tratamento da pessoa principalmente no que concerne ao aprisionamento dos pacientes. Propôs uma revolução psiquiátrica que mudou o perfil de assistências às pessoas com problemas mentais. Dentro disso, mudou a estrutura física e estabeleceu novos modelos assistenciais no interior dos hospícios. Também foi importante a sua atuação nos processos que permitiram o nascimento da psiquiatria brasileira. Foi médico dermatologista, foi o primeiro pesquisador a identificar a leishmaniose cutaneomucosa, e tentou provar que a questão racial não motivava as doenças. Explorou a sifilografia e a parasitologia. Moreira foi membro de diversas sociedades médicas em todo o mundo. Fez parte da Escola Tropicalista da Bahia. Foi colaborador por uma década com o conteúdo da Revista Gazeta Médica da Bahia, com o cargo de redator principal. Em 1984, foi fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Bahia e da Sociedade de Medicina Legal da Bahia (1894). Psiquiatra, ocupou o cargo de diretor no Hospício Nacional dos Alienados (1903-1930), no Rio de Janeiro. Foi criador de laboratórios no espaço hospitalar ao introduzir a técnica de punção lombar, bem como, do exame cefalorraquidiano como diagnóstico neurológico. Em 1911, foi fundador do Manicômio Judiciário. *In* **PERESTRELLO**, M. Juliano Moreira – Um Mestre. Revista Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina. Volume 98. Número 01. Jan-fev. mar. 2004.

alcançou na Bahia, se comparada com a persistência de alguns setores do campo médico conservador em manter uma vida profissional marcada pela pouca prática e produtividade intelectual. Foi nesta perspectiva que o Dr. Pacífico Pereira se colocou em uma das edições da *Gazeta Médica* da FAMEB comentando sobre tal situação;

> "É certo que contamos em nossas Faculdades com professores muito notáveis, mas é forçoso confessar que, quer pela sua organização e pelos elementos de que dispõem, quer pelo sistema oficialmente adotado e determinado por lei, o ensino é quase uma formalidade, a prática uma ilusão"[500]

Desta forma, a denominada Escola Tropicalista Baiana se desenvolveu fora do espaço acadêmico da Faculdade de Medicina da Bahia. O seu grande legado foi a definição de uma medicina tropical ajustada à realidade sanitária nacional ao investigar as especificidades dos agentes etiológicos causadores das doenças do meio tropical. Ao contrário dos médicos mais conservadores, os tropicalistas procuravam utilizar as mais avançadas formas de abordagens e métodos, como: análise bioquímica, Fisiologia Aplicada, Estatística Médica, Hematologia, Parasitologia. Aliado a tudo isso, utilizavam instrumentos como o microscópio, uma novidade no Brasil e na Bahia, pioneira nessa área.

Nesse sentido, é possível afirmar que tanto o legado dos tropicalistas quanto as expedições sanitaristas na Bahia seabrista forneceram as condições para a constituição de novos construtos mentais e cognitivos ligados a temas como:[501] higiene, miasmas, urbanismo, solo, comportamento, religião e bruxaria, álcool e alcoolismo, alimentação, sexo, prostituição e doença venérea, mulher, hereditariedade, família, puericultura e mortalidade infantil, profilaxia clínica, doenças parasitárias, tuberculose, febre tifoide, paludismo, clima e higiene. Todos obrigatórios nos debates acadêmicos, intelectuais, de forma a conduzir os "*homens de ciências"* a um alto grau de reconhecimento.

A partir daquele rol de conhecimentos, foram praticados os princípios de uma medicina urbana que, de forma mais estruturada, atentava para o controle, a apartação, a medicalização e cura dos males que de forma indistinta tomavam a cidade colonial. Eram ideias de higiene e urbanismo que, em rede, aportaram na Bahia, desde o século XIX. Mescladas com percepções

---

[500] *AMMS:* Arquivo do Memorial de Medicina. **PEREIRA**, Pacífico. *Reformas necessárias à legislação sanitária, e ao ensino médico.* Aos Médicos Deputados. *Gazeta Médica da Bahia.* 2008;78 (2): p. 86-93

[501] Sobre este aspecto é importante uma consulta sobre o rol de teses doutorais que foram defendidas na Faculdade de Medicina da Bahia a partir da publicação dos relatórios de Neiva e Penna em 1916. Ver anexo I deste trabalho.

do campo epidemiológico tropicalista, a partir de 1912, tornou-se comum nos espaços médicos e das instâncias administrativas locais a promoção de dispositivos legais em torno do controle de tudo que circulava nos espaços urbanos, inclusive dos indivíduos portadores de doenças e sua relação com o cotidiano da cidade.

Esta nova situação gerou abordagens que já apareciam nos trabalhos de doutoramento dos médicos formandos da Faculdade de Medicina. Seus autores evidenciavam a preocupação com os elementos que legavam à população a contumácia das doenças e epidemias. Assim, como exemplo desta percepção estão críticas à cidade e seu solo fétido, com a desagradável presença de "*esterquilínios*", os monturos, amontoamentos, cemitérios e seus miasmas passaram a ser vistos como os agentes etiológicos das enfermidades.

Exemplo de tal perspectiva encontra-se na tese "*Sobre a Hygiene do Solo Urbano"* [*Sic*] defendida em 1919, pelo médico Arnaldo Moreira Reis[502], o qual estudou os patógenos causadores das doenças infecciosas no solo urbano de Salvador, num momento em que a capital baiana passava por grandes transformações na sua infraestrutura. A apresentação desse trabalho evidencia uma clara aproximação entre a ciência médica, a medicina urbana e o campo do urbanismo científico da época.

Nesse sentido, na mesma perspectiva, os discursos higienistas locais deixavam muito claro que a circulação do ar, das águas, dos esgotos e seus chorumes deveriam ter um especial enfoque, uma vez que Salvador, além de ser uma cidade com graves problemas de abastecimento de água, tinha o seu sítio urbano geologicamente recortado por veios, vales e fontes, muitas vezes contaminadas que, em sua maioria, eram utilizados para o consumo da população, como mostra fragmento de um editorial publicado pelo *Diário de Notícias* de 1912.

> Affirmamos, sim, que nao temos servicos de abastecimento de agua a populacao nas ruas, o que e vexatorio. Os poucos chafarizes existentes nao preenchem o fim desejado; as fontes que se encontram na cidade, de kilometros a kilometros, como a do Gravata, como a de Santo Antonio, como a de Agua de Meninos, cheias de limo, focos de immundicies, viveiros de germes patogenos, melhor, muito melhor fora se nao existissem.[503][*Sic*]

---

[502] *BGM:-* Acervo da Biblioteca Gonçalo Moniz - Faculdade de Medicina da Bahia. REIS, Arnaldo Moreira Reis[502]. *Sobre Hygiene do Solo Urbano*. Faculdade de Medicina da Bahia: 1919, p. 12.[*Sic*]

[503] *BCEB:* Setor de Periódicos. *Diário de Notícias***, Editorial.** *"***Fontes públicas".** *[Sic]* 08/02/1912, p. 1.

Ainda que a percepção de uma parte da classe política acerca das doenças não fosse favorável às ações sanitárias em todo o estado, a partir de 1915, os resultados obtidos pelas mudanças no currículo do curso de Medicina da FAMEB, de 1911, propiciaram a interação entre higiene e as Ciências Sociais. Desta forma, evidenciando uma relativa melhora no quadro sanitário da cidade. Um trecho do *Diário Oficial* de 30 de março de 1920 reproduz discurso de Antônio Muniz no ato cerimonial de passagem para o segundo governo de J.J. Seabra no quadriênio (1920-1924), onde isso é mostrado:

> [...] Tenho a grande satisfação de assignalar o excelente estado sanitário que ultimamente se tem verificado nesta capital, como claramente se evidencia nos quadros juntos. Vê-se nestes quadros que o estado sanitario , que foi muito melhor em 1915 do que nos annos anteriores, melhorou ainda em 1916. Assim é que a mortalidade geral que em 1912 foi de 52025 obitos, elevou-se em 1913 a 5675, em 1914 a 6101, baiaxando em 1915 a 5169 e em 1916 a 4854. O coefficiente anual de letalidade por 1.000 habitantes, que também subiu em 1913 a 18,30 e em 1914 a 19,68, desceu a15,51 em 1916. E' o mais baixo coeficiente registrado nesta capital desde que há estatistica sanitária, com excepção do relativo ao anno de 1905.[504][*Sic*]

Na verdade, tal avanço só foi possível graças à utilização dos princípios da medicina urbana, bem como da reprodução e vulgarização dos discursos médicos, através dos meios de comunicação da época. Essas ações se constituíam como uma pedagogia de condução e controle da população Nunes (2000)[505], portanto, era uma condição que atendia aos interesses de estabilidade social dos grupos de poder. Vale lembrar que a doença, sob certas condições de estresse político, poderia gerar situações resistências e crise social, como foi o caso da Revolta da Vacina, de 1906, no Rio de janeiro, durante o governo de Rodrigues Alves.

Por essas terras, o desenvolvimento de uma lógica higienista e sanitarista[*506*] desde a segunda metade do século XX, legou à capital baiana o desenvolvimento de formas de controle social. Além disto, esta maneira de entender e gerir a sociedade possibilitou aos profissionais

---

[504] *BCEB:* Setor de Periódicos. ***Discurso de passagem do executivo baiano na cerimônia de posse de J.J. Seabra para o quadriênio 1920-1924.*** *Diário Oficial do Estado da Bahia* de 30 de março de 1920 p. 2446

[505] **NUNES**, Everardo Duarte. *Sobre a História da Saúde Pública: ideias e autores. In* Ciência e saúde coletiva, 5(2): 2000. p. 256.

[506] A utilização dos termos *higienistas e sanitarista e/ou higienismo sanitarismo* em todo o trabalho tem como intenção identificar os grupos profissionais, geralmente do campo médico, bem como, as ações tomadas em relação à convivência e saúde das populações no Brasil, nas primeiras décadas do século XX. Para Lilian Moritz Schwarcz, "a divisão entre sanitaristas - responsáveis pelos grandes projetos públicos - e higienistas – vinculados diretamente às pesquisas e à atuação médica mais individualizada - funcionou, muitas vezes, de maneira apenas teórica. Na prática, as duas formas de atuação apareceram de modo indiscriminado." **SCHWARCZ,** Op. Cit. 1993, p. 206

de saúde, especialmente aos médicos, as investiduras políticas e administrativas que lhes conferiram a condição de interventores e normatizadores do comportamento humano[507] em sociedade, muitas vezes sem limites nas suas ações que conduziram as populações à momentos de tensão e histeria[508].

Apesar da extemporaneidade em relação ao período estudado, sob tal aspecto, na Bahia, Reis (1996)[509] fez um brilhante relato sobre um dos mais conhecidos momentos de tensão causado pelas ações sanitaristas em Salvador, a *Cemiterada*, *quando* Três dias após a inauguração do Campo Santo, em 25 de outubro de 1836, cerca de 4.000 cidadãos enfurecidos de Salvador destruíram o novo cemitério. O evento nos remete aos embates existentes entre as ideias de salubridade, lucro e fé, uma vez que o cemitério foi construído com o objetivo de higienizar a cidade, de acordo com os princípios da boa sanidade defendidos pelos médicos baianos que convenceram os legisladores e parte da sociedade sobre a existência de "miasmas mefíticos" produzidos pela decomposição dos cadáveres e sua relação com as doenças.

Desta forma, como parte de um projeto civilizatório que teve os seus pressupostos lançados no segundo império, era necessário expulsar os mortos do meio dos vivos. Em 1836, essa ideologia higienista e secular, apoiada sobre princípios iluministas entraria em choque com o universo da mentalidade religiosa tradicional. Na verdade, num mesmo terreno de disputas, estavam os interesses defendidos pelo capital privado que a partir dali teria 30 anos o monopólio sobre a organização dos enterros em cemitérios que ficariam afastados do centro da cidade. E

---

[507] **FOUCAULT,** Michel. *Microfísica do Poder*. 5.ed. Rio de Janeiro: Graal. 1985.

[508] Em períodos epidêmicos ocorre "a abolição da morte personalizada", ou seja, os rituais de enterramento são suspensos em função do perigo do contágio e do excesso de cadáveres produzido pela epidemia. Nesse sentido, os familiares ocultavam a causa da morte para manter preservado o importante ritual católico de enterrar seus mortos e salvar suas almas. **DELUMEAU**, Op. Cit. 1993, p.124

[509] Três dias após a inauguração do Campo Santo, em 25 de outubro de 1836, cidadãos enfurecidos de Salvador destruíram o novo cemitério. O evento nos remete aos embates existentes entre as ideias de salubridade, lucro e fé, uma vez que o cemitério foi construído com o objetivo de higienizar a cidade, de acordo com os princípios da boa sanidade defendidos pelos médicos baianos que finalmente, convenceram legisladores e parte da sociedade de que os "miasmas mefíticos" produzidos pela decomposição dos cadáveres era prejudicial à saúde dos vivos. Desta forma, era então necessário expulsar os mortos do meio dos vivos como parte de um amplo projeto civilizatório. Em 1836, essa ideologia higienista secular, de inspiração iluminista, entraria em choque com a mentalidade religiosa tradicional e barroca com os interesses defendidos pelo capital privado que a partir dali teria o monopólio dos enterros por trinta anos. Eram os agentes do capital, ou melhor aqueles que investiram na implementação do projeto e construção que, a partir de uma lógica de mercado, buscavam os ganhos referentes aos investimentos feitos. Segundo Reis (1996) era de costume, os baianos serem sepultados nas igrejas, agora interditadas aos mortos por influência das ideias higienistas europeias. O *quebra-quebra* teve início após uma manifestação em frente ao palácio do governo convocada pelas principais irmandades religiosas de Salvador que, dentre outras práticas, eram as principais organizadoras dos sepultamentos dos irmanados de acordo com o poder censitário e social de seus associados. Em uma Soterópolis católica habitada por 65 mil habitantes, a Cemiterada se colocou como um movimento que teve um efetivo formado por cerca de quatro mil pessoas oriundas das várias classes, qualidades e sexos, que defendiam um aspecto bastante singular da tradição católica local. Na verdade, aquele era um pleito de certa forma colocava em evidencia o poder espiritual ante as formas de laicismo defendidos pela ciência e o capital.

de outro lado, estavam as irmandades religiosas que, dentre outras práticas, faziam esforços voltados para a alforria de escravos e, em momentos de falecimento, tomavam as providências necessárias ao sepultamento de seus associados[510].

Segundo Reis (1996) a depender da condição social e censitária dos mortos, era costume entre os baianos fazer o sepultamento nas áreas de dentro e de fora das igrejas de Salvador. Entretanto, por estarem interditadas aos mortos locais por influência do higienismo europeu. A consequência o "quebra-quebra" no cemitério do Campo Santo em 1836. Em uma Soterópolis católica habitada por 65 mil habitantes, a *Cemiterada* foi um movimento de natureza social, política e econômica formado por cerca de quatro mil pessoas oriundas das várias classes, qualidades e sexos, que defendiam a permanência de um aspecto bastante singular da tradição católica local. Por outro lado, podemos entender que aquele também foi um pleito que, de certa forma, colocou em evidência o poder espiritual da igreja católica ante ao laicismo defendido pela ciência, e pelos representantes do capital.

Ainda seguindo a linha de desenvolvimento dos três últimos parágrafos, Uzeda (1996)[511], faz alusão aos momentos de tensão e medo vivenciados pela população soteropolitana quando da atuação dos agentes de saúde no espaço da vida privada de suas residências. Principalmente, em momentos de combate direto aos agentes transmissores da peste Bubônica ou nos momentos de busca dos doentes.

Sobre a questão acima, os relatórios da Inspetoria de Saúde produzidos entre os anos de 1924 e 1930, seja em Salvador, seja no interior do estado, apontam para uma espécie de resistência tão perigosa quanto silenciosa, por força do alarmismo presente no jogo político e nos jornais, que insistiam em levar as populações a esconderem seus doentes em casa. Denúncia veiculada pelo jornal *Diário de Notícias,* de 31 de maio de 1924, cita mais um caso de guarda ilegal de doente em residência familiar, situação que, para os médicos higienistas da época, inviabilizava o tratamento e cura dos doentes.

> Ainda ontem o dr. Aristides Novis teve denúncia de que no Rio Vermelho, havia um doente na padaria rajo que a família pretendia esconder. Mandando sindicar do fato apurou o diretor da saúde pública a veracidade da denúncia fazendo a retirada para o Isolamento do doente e o fechamento da panificação. O médico assistente, o dr Manoel

[510] **REIS,** Op. Cit. 1996, p.
[511] **UZEDA**, Op. Cit. 2006. P. 48

> Brandão, foi multado por ter desobedecido as determinações legais"[512] [*Sic*]

Além disso, em consonância com os princípios defendidos pela medicina urbana e social, o Serviço de Verificação de Óbitos, mantido por Seabra mesmo após a Reforma Administrativa ocorrida entre os anos de 1912 e 1914 e estabelecido pela Comissão de Saúde, demonstrou que vários óbitos ocorridos em Salvador eram ocultados por seus parentes e responsáveis[513]. Esse comportamento de esconder os doentes e ocultar os cadáveres era bastante comum à época das epidemias que assolavam a capital e outras regiões do Estado. Em uma sociedade em que as suas elites clamavam por mudanças voltadas para a modernidade civilizatória, não ficaria bem para a família de um branco da elite morrer como um preto qualquer.

Portanto, diante de um quadro social tão aviltante aos olhos das elites, tornou-se comum entre os profissionais de saúde a ideia de isolamento do doente do convívio social, impedindo com isto a possibilidade de contágio, de modo que era redefinido o lugar, tanto dos enfermos como dos não brancos, pobres e trabalhadores no espaço urbano. Na verdade, esta era uma forma de entender os processos endêmicos como uma consequência direta das condições de vida e moradia daqueles que tinham origem nas zonas de pobreza e marginalização social.

> Já existe no Bom Despacho uma camara de desinfecção com estufa fixa de Geneste, a vapor sob pressão, em boas condicções de funccionamento.
>
> Como obras complementares, bastará apenas apropriar os commodos annexos a uma egrejinha ahi existente para desinfecção das pessoas que tiveram de retirar-se do hospital, e dos objetos a que não for applicável a estufa referida.
>
> Todas as communicações serão cortadas, mantendo-se completamente isolado o edifício e suas adjacencias, para o que não existe nenhuma difficuldade insanavel, concorrendo também para este fim a força publica do modo já indicado quanto ao lazareto.[514] [*Sic*]

---

[512] BCEB: Setor de Periódicos- *Diário de Notícias*, de 31 de maio de 1924

[513] *APEB:* Seção Republicana. Fundo: Sec. Interior e Justiça. Grupo: Diretoria Geral de Saúde Pública. Série: *Relatório da Comissão Sanitária de Vitória da Conquista.* Data – Limite – S/D. Cumpre registrar que este relatório foi encontrado incompleto no APEB e sem data, no entanto, a análise das informações existentes nele assegura se tratar da comissão que veio para Conquista debelar a epidemia de peste bubônica entre 1917 e 1928. *Apud*, **BRITO, BRITO,** Ana Clara. *SANEAR E CURAR: saúde pública, higiene e atuação dos postos de profilaxia nos sertões da Bahia.* Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em ensino, Filosofia e História das Ciências UFBA/UEFS 2018, p. 86

[514] *BCEB:* Setor de Periódicos - *Gazeta Médica da Bahia: Hygiene Publica.* Novembro de 1918, p. 196 [*Sic*]

A partir dali a medicina social e urbana se constituía como teoria e prática legitimadora de um processo depurador. E, assim, os "*homens de ciências"* da Bahia seabrista asseguraram, por intermédio da eloquência de suas falas, a legitimação do que iria acontecer em termos de ações direcionadas à população, principalmente negra e mestiça, da cidade da Bahia. Além disso, deve-se à contumácia das doenças e epidemias sobre aquela parcela da população a corroboração dos discursos racialistas que conduziam a capital baiana a um tipo de higienismo depurador. Vide as intervenções urbanísticas e sanitárias do governador J.J. Seabra durante as obras de remodelação da cidade

Assim, não era incomum a adequação e criação de instituições voltadas para o isolamento do doente, de modo a impedir o avanço da doença para outras áreas da cidade. Em Salvador, seguindo esta ótica, existiam como herança do império: o Isolamento de Mont-Serrat, o Asilo D. Rodrigo de Menezes, o Asilo S. João de Deus, a enfermaria de variolosos do distrito do Barbalho, o Instituto Vacínico e, com a institucionalização do novo sistema político, foram criados o Instituto Oswaldo Cruz da Bahia, o Dispensário Central, além do Instituto Bacteriológico.

A atuação médica ocorreu basicamente por meio das ações de natureza higienista e/ou sanitarista, responsáveis por constituir um discurso de regramento dos hábitos das famílias, uma vez que essas guardavam no seu universo mental as permanências oriundas de uma Bahia colonial e monarquista. Uma situação que legou aos médicos o poder de colocar em prática novas normas de educação, moral, intelectual e sexual, de forma a permitir aos habitantes de cidades como Salvador o gosto pela saúde, modificando a percepção de convivência e, consequentemente, de depuração social em todos os níveis Costa (1979).[515]

Sobre o processo de "medicalização da sociedade", Machado (1978)[516] chama atenção para a importância dos espaços da cidade, uma vez que esses deveriam existir na condição de vitrine da modernidade e da civilização desejadas pelas elites urbanas. A cidade do Salvador do início do século XX não ficaria de fora desta lógica, afinal, na condição de um grande centro agroexportador e comercial, por aqui, tudo estava por acontecer. Ou melhor, tudo que se

[515] **COSTA**, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 232
[516] **MACHADO,** Roberto et al. *Danação da norma, medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil***.** Rio de Janeiro: Graal, 1978, p. 18

colocava no trânsito das redes de interlocução[517] por aqui também se manifestava em todos os níveis da atividade humana.

Desta forma, a chegada e utilização dos princípios sanitários e higienistas tiveram acolhida garantida na construção dos discursos médicos da cidade do Salvador. Na verdade, a Faculdade de Medicina da Bahia se constituiu como um dos principais polos produtores de conhecimento do campo médico nacional, ao construir, de maneira bastante diferenciada, um discurso que, na perspectiva das elites, levaria a cidade a formas de uma clara apartação social, tendo por base elementos patológicos, raciais e de classe como traços legitimadores dos papéis e *status* ocupados por brancos, negros e mestiços.

Ao constituir uma relação de complementariedade dentro de um intenso jogo de interesses, os atores principais desta contenda, as elites e os médicos, puderam saciar as suas respectivas aspirações de afirmação identitária, de poder e de reconhecimento social. Assim, as elites ao afirmarem a sua identidade de classe, e dominar os desígnios da nacionalidade, passaram a ser percebidas e naturalmente aceitas como um grupo hegemônico na sociedade baiana. Em paralelo a tal situação, os "*homens de ciências"*, especificamente os médicos, por força das interações com os campos político e intelectual locais, além de se colocarem como a mão tutelar da sociedade, oportunamente ao contexto em curso, fizeram-se parte do corpus político-administrativo da cidade e do estado, produzindo uma silenciosa e contínua cultura de apartação em relação aos doentes e, principalmente, em relação àqueles vistos como "indesejáveis da sociedade".

Educação de inválidos

> Evitar a mendicidade deve ser uma preoccupação constante de todos os governos. Para chegar a esse resultado não basta só a repressão policial ditada por medidas energicas. Esse cancro das sociedades constitue um verdadeiro flagello no nosso paiz, e, em determinadas condições, uma vergonhosa mancha na vida dos centrs principaes e até nos de segunda ordem.
>
> Nas cidades, principiando pela capital , os mendigos enxameiam nas ruas, collocam-se ás portas dos templos, pejam as proximidades das vivendas onde se celebra uma festa ou onde se chora um acontecimento lutuoso, perseguem com a tenacidade lamuriante de pedintes medievaes

[517] Neste caso, especificamente, entenderemos a rede que se constituiu no âmbito das relações comerciais da cidade do Salvador, seu porto com as outras regiões do Brasil e do mundo. A Bahia era um porto aberto às influências externas nos campos da moda e da cultura eurocêntrica que por sua vez se faziam presentes no cotidiano da cidade.

> os transeuntes nacionaes e extrangeiros que cruzam a esphera da sua jurisdicção.[518] [*Sic*]

A exclusão de certos grupos sociais, também, pode ser justificada pelas formas vulgarizadas de difusão e representação que a ideia de contágio assumiu no imaginário "popular", influenciando as ações das pessoas quanto às doenças e os doentes. Afinal, as teorias e noções, quando negligenciadas e não bem conhecidas, tendem a ser cotidianamente ressignificadas, reproduzidas e utilizadas para formular conceitos discriminatórios em relação aos outros e suas condições sociais[519]. Na verdade, ao identificar os agentes causadores e difusores das doenças: o lixo, os esgotos, as habitações superlotadas e pouco ventiladas etc., automaticamente elas eram colocadas como condições inerentes à vida dos mais pobres, especificamente dos negros e mestiços da cidade.

Na verdade, as condições de vida da população mais pobre e sua ligação com a doença foram colocadas como pano de fundo para a produção de relações políticas e sociais marcadas pela alterização[520] produtora da apartação entre os atores de dentro de um sistema oligárquico dominante e indivíduos sem a mínima possibilidade de adentrar os espaços de poder e privilégios da sociedade. Tal situação, indica que ao contrário do que aconteceu em países outrora colonizados, como os Estados Unidos, a África do Sul, dentre outros, no Brasil e, em especial, na Bahia Republicana não ocorreu a produção de um estatuto jurídico legitimador das formas de apartação social[521]. Entretanto, a veemente e contínua reprodução de um discurso

---

[518] *BCEB:* Setor de Periódicos - *Educação de Inválidos, Diário de Notícias*, 14/04/1914. p. 4

[519] Aqui é importante salientar que os critérios de classificação racial produzido no campo do biologismo social foram incorporados aos temas ligados a saúde de forma vulgarizada. Nesse sentido, a sociedade ao incorporar o sistema de classificação impôs as suas próprias características e concepções de raça. Portanto, tendo por base os elementos da formação histórica, mantendo os pressupostos diferenciadores do escravismo. O sistema de classificação racial na Bahia constituiu "*cores próprias*", com isso evidenciando vários graus de percepção e intermediação nos espaços de convivência do branco, do negro e do indígena. Um exemplo desta associação se manifesta nas formas de percepção de um branco puro e outro não puro (o sarará); entre os negros e o negro não puro (o pardo) e entre os índios puros e os não puros (O mameluco e o cafuzos). Ou seja, os critérios de classificação permitem subclassificações e dinâmicas relacionais e discussionais internas a cada segmento de cor.

[520] **ARTEAGA**, **EL-HANI, GARCIA e RASELLA, Op. Cit.** v. 13, n. 3, p. 615-41, 2015

[521] Na verdade, sobre este aspecto, numa das várias tentativas de impor a sociedade brasileira a oficialização de um estatuto racial uma parte da imprensa mais progressista da época deu grande visibilidade às críticas feitas ao nordestino e Presidente da República Epitácio Pessoa por ter votado a favor e mesmo defendido a proposta do Presidente dos Estados Unidos, Woodrow Wilson, que estabelecia a doutrina de desigualdade das raças: *"Mas o voto malefico ao qual se refere é exactamente a desigualdade das raças e dos povos, uns perante outros; donde se há de inferir, pois que si os nippões, gente forte, armada, numerosa e efficiente, são inferiores ao povo dos Estados Unidos, a massa da população brasileira, rebentto viril e esperançoso, mas recente e ainda não armada e preparada, de várias raças, cuja fusão só a ignorancia presumida e bronca desconheceria aqui, não poderá pretender melhor qualificação quando posta em confronto. Assim, o sr. Epitácio [Pessoa] e o sr. Domicio [Gama] se alheiaram não só do Brasil, mas ainda da humanidade, cuja igualdade reconhecida e assegurada é - no dizer*

racial atrelado ao higienismo legou ao cotidiano das relações sociais, a construção de um forte senso de diferenciação, no espaço da cidade do Salvador.

Sendo assim, a partir dos princípios da medicina urbana e social muito em voga nos espaços acadêmicos positivistas baianos, foi possível a construção de um texto performático[522] de ordenamento das sociabilidades urbanas na Salvador Seabrista. Os saberes médicos e acadêmicos baianos estabeleceram a constituição de novos paradigmas, no que concerne aos cuidados com a saúde, e também passaram a interferir nos princípios da convivência social, a partir do início da segunda década do século XX. Na verdade, as ações higienistas e sanitaristas associadas ao projeto de modernização infraestrutural da capital baiana geraram repercussões sociais, redefinindo papéis e status de sujeitos no âmbito das estruturas sociais e políticas e aprofundando as distâncias entre ricos e pobres, brancos e negros, até os dias de hoje.

3.3 – A apropriação e aplicação do discurso médico na Bahia seabrista

O primeiro aspecto a ser colocado sobre a apropriação e utilização dos discursos médicos pelas elites locais está no fato de que assim como em outros importantes centros de produção do conhecimento do país, nossas elites também buscavam a constituição de um senso de identidade e pertença tendo nos discursos das ciências, especialmente a partir daqueles produzidos pelos médicos os elementos necessários à construção de uma nacionalidade embasada nos princípios da civilização moderna.

Por outro lado, tem-se a dizer que a dinâmica existente no campo da comunicação social evidenciou uma nova situação, caracterizada pela apropriação dos discursos médicos tanto por parte das elites como também de uma população que, por receio de uma morte indigna, passou a ver os conselhos médicos como verdades sacralizadas.

---

do famoso escriptor - o único anteparo juridico às ambições de conquista, às veleidades de dominio de uma sobre outra nação e às matanças exterminadoras dos povos chamados inferiores." [*Sic*]. *Dois ministros anti-brasileiros,* Jornal *O Imparcial,* 1919. Editorial assinado por Methodio Coelho. Lembremos que o republicanismo liberal brasileiro não previa a diferenciação social e raça. O racismo daquele período, por assim dizer, era uma construção mental. Um resquício cujas origens remontava os tempos de uma escravidão recém abolida.

[522] **BHABHA**, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 207a

Para tecer um comentário mais abalizado sobre o problema da apropriação do discurso médico na Bahia Seabrista importa trazer aqui a noção desenvolvida por Certeau (1994)[523] no livro "*A invenção do Cotidiano"*, de. Para o autor, existe nas sociedades modernas e contemporâneas uma lógica de consumo cultural, geralmente metaforizada pela leitura e liberdade concedida ao leitor que, em tese, é um intérprete da obra. Dentro disso, Certeau (1994)[524] fala da justaposição do texto sobre uma dada realidade social, uma vez que o mesmo é aberto e plástico, portanto, dado a um certo grau de semantismos. É uma construção que permite derivações interpretativas, desde que sejam mantidos os pressupostos básicos da obra. Nesse sentido, o processo de absorção de ideias ocorre de modo a tornar o texto entendido e consumível; apropriado e instrumentalmente ressignificado.

No caso específico dos discursos médicos produzidos na Bahia Seabrista, tem-se a dizer que a sua existência e circulação remetiam o leitor a um texto cujas origens estavam ligadas à produção científica europeia. Portanto, era um conhecimento apropriado e ressignificado a partir dos embasamentos de natureza racial, persistentemente presentes nos espaços acadêmicos da cidade. Portanto, uma condição para a produção de discursos por médicos e outros intelectuais, a partir dos pressupostos de cor e degeneração. Ambas, categorias que, precariamente entendidas, legitimavam a exclusão social, tendo a doença como um dispositivo de poder nas mãos daquelas cujas ações políticas e administrativas voltavam-se para o reordenamento social.

Seguindo a lógica da difusão e vulgarização do conhecimento, é possível afirmar que, para além da velha Faculdade de Medicina, a reapropriação, naturalmente, se enunciava. Os discursos eram reproduzidos e dirigidos a um público especializado, através das gazetas médicas locais, em associação com os espaços da alta intelectualidade local, especificamente o IGHBa, cujos periódicos davam um ar de notoriedade e prestígio aos seus autores, os quais eram vistos como homens ilustrados, membros das estruturas de poder e sócios daquela instituição.

Num certo nível de percepção e produção do discurso médico, não pode ser esquecido o papel dos diários da imprensa oficial e dos meios de massa locais e regionais no processo de apropriação, veiculação e vulgarização dos discursos médicos. Sendo assim, enquanto o primeiro fazia a propaganda política e ideológica das ações do Estado junto à sociedade, o

[523] **CERTEAU,** Michel de. *A invenção do Cotidiano. Artes de fazer*. Petrópolis, Rio de janeiro. 1994, p.41
[524] Idem **CERTEAU,** Op. Cit. 1994, p.41

segundo, quando de posse de alguns elementos do campo cognitivo científico, lançava mão de uma linguagem mesclada entre o ordinário e o abuso das terminologias científicas, mesmo quando não estavam em foco assuntos puramente científicos.

Assim, era comum encontrar, naqueles meios, partes dos discursos médicos sobre análises do cotidiano da sociedade, em condição coloquial de escrita, sobre acidentes, crimes, editoriais políticos e administrativos, religiosidade, trabalho, educação e saúde. Entretanto, lançando mão de uma semiótica que conduzia a cidade e seus extratos sociais a processos mentais de apartação, tendo a utilização de termos médicos como o elemento legitimador das ações policiais. Nesse caso específico, a coluna "*O Jogo público*" do jornal *a Hora*, no ano de 1916, além dos pedidos de providências, fez contundentes críticas à existência de bancas de jogo do bicho em Salvador.

> Ha dias, porém, surgiu a boa nova de que a policia ia sanear um tanto a cidade empesteada, ia perseguir o jogo publico, o do bicho, ao menos, bacilo negro, que esporula espantosamente, contaminando até á medula o nosso organismo social.
> Ninguem lhe pedirá a extirpação completa do mal que é uma acção quase impossível se extinguir depressa na Bahia, o bruxedo o feitichismo, a varíola, a febre amarela, a peste bubônica e certas pestes moraes... [525] [*Sic*]

Nesse sentido, a linguagem utilizada era a expressão de uma noção sacralizada da ciência como verdade absoluta. Tal situação dava à imprensa a condição de porta-voz de um mundo distante do público comum. A grande imprensa tinha a função de não só divulgar os avanços da ciência, como dar ao leitor a sensação de domínio de um vocabulário com difíceis termos científicos. Na verdade, os jornais eram a ponta de um conjunto de enunciações de natureza sociopolítica, que legavam à cidade uma falsa noção de si.

Um outro aspecto que deve ser abordado é que os periódicos da cidade se constituíram como o espaço de debate e vulgarização do conhecimento científico. De certa forma, os jornais, colocavam para fora do mundo acadêmico a ideia de ciência no espaço da cultura de massa, ao contrário do hermético mundo das instituições científicas, como a Faculdade de Medicina da Bahia, o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e a Academia de Letras. Uma condição que garantia aos jornais louvor e crédito das tradicionais instituições de conhecimento.

---

[525] *BCEB:* Setor de Periódicos - *O jogo Público.* Jornal *A hora*, de 09 de fevereiro de 1916 p.1

Nesse sentido, através do processo de repetição e de espetacularização dos problemas sanitários da cidade, os periódicos locais popularizavam expressões e termos médicos. Especificamente, o Jornal *A tarde*, numa edição de 1915, fez ampla cobertura de uma diligência da Secretaria de Saúde. Um procedimento bastante corriqueiro na rotina dos fiscais sanitários municipais, se não fosse a questão política que estava por trás de um show tão inapropriado, uma vez que o referido veículo fazia clara oposição ao governo J.J. Seabra.

O estomago da cidade!

Mais uma diligencia da Hygiene Municipal em sua defeza

As visitas aos depositos de xarque

Da esquerda para a direita os srs Costa Pinto, Gonçalo Muniz, Amaral Muniz, cons Arnaldo Suvany, dr. Demetrio Nascimento, coronel Intendente Azevedo Fernandes e cons Heraclio Pires, que fiseram as visitas aos depositos de xarque no commercio.

Fig. 30 - *A Tarde*[526]

> [...] essa diligência foi assistida pelos srs. Coronel in tendente joão de Azevedo Fernandes; secretario da Intendencia dr. Pedro de Azevedo Gordilho; dr. Amaral Muniz, inspector da Hygiene Municipal; conselheiros Pedro seixas, tertulizano Soares de Goes, heraclio pires e Arnaldo Silvany; drs Gonçalo muniz, diretor geral da"Saude publica "; dr. Falcão, diretor do "Laboratorio municipal de Analyses", dr. Costa pinto, professor da Faculdade de Medicina e que vae fazer exame e **culturas** das carnes; representantes da imprensa e funcionários da hygiene Municipal.[527] [*Sic*]

> [...] - O que não podemos, entretanto, assegurar é que a febre amarela já esteja de toda extincta nesta cidade, atento o conhecido facto que se chama "endemia latente".[528] [*Sic*]

[526]*BCEB:* Setor de Periódicos. Jornal *A Tarde* 12 de junho de 1915, p. 1

[527] *BCEB:* Setor de Periódicos. Jornal *A Tarde. O estomago da cidade. Mais uma diligência da hygienne municipal em sua defeza. As visitas aos deposito de xarque*. [Sic] 12 de junho de 1915, p. 1 [Sic]. *Grifos meus*

[528] *Fala de Dr. Gonçalo Muniz Secretário de Saúde do Estado da Bahia sobre a Febre Amarela em Salvador.* [Sic] . *Grifos meus*. *BCEB:* Setor de Periódicos. Jornal *A Tarde,*19 de setembro de 09/1915, p. 1.

O Dr. Gonçalo Moniz era médico formado pela Faculdade de Medicina da Bahia. Ainda em fins do século XIX, tornou-se professor da Faculdade de Medicina da Bahia em 1895, depois de apresentar a tese para concurso "*Da*

Ou

> [...] Só depois do emprego rigoroso, em larga escala, e persistente das medidas de profhylaxia específica, é que se o pode declarar exterminada.[529] [*Sic*]

O fato de os meios de comunicação se colocarem como difusores dos discursos e termos médicos não pode nos remeter à ideia de que a medicina estava ao alcance da população. Ao contrário, Salvador apresentava uma intensa vivacidade cultural oriunda de suas matrizes formadoras, daí a ocorrência de práticas populares no âmbito da doença e da cura evidenciadas pela procura dos serviços das rezadeiras e dos curandeiros, com suas xaropadas e beberagens, para atacar males de natureza e etiologias desconhecidas pela sabedoria das ruas. A coluna do Jornal *A Tarde*, a seguir, mostra como isso acontecia.

> Na Bahia, porem, apesar do remodelamento, das ruas abertas para o ar, para o sol, o candomblé continua no exercicio medieval do demonismo, com convulsionarias e curandeiros, que mistificam a eterna tolice humana. E preciso, porem, por-se um paradeiro a isso e cumpre a policia nao dar tregoas A essa farandnla de loucos e exploradores[530][*Sic*]

Na verdade, era um quadro que explicitava as profundas contradições entre a tradição popular e um contexto marcado pelos avanços da medicina urbana, quando aplicada à manutenção da ordem social e sanitária da cidade. Ou seja, era uma clara situação que colocava em xeque a dita infalibilidade do conhecimento médico-científico. Nesse sentido, o embate entre as práticas populares e as ordenações do campo médico profissional ou de seus patrocinadores só confirmava a ideia de que, embora os jornais lançassem mão de uma pedagogia voltada para a difusão dos discursos médicos, a cidade vivia no seu cotidiano formas de resistência em relação àquelas falas e aconselhamentos. Por isso, os jornais da cidade traziam denúncias contra as

---

imunidade mórbida" Gonçalo Moniz foi catedrático da Faculdade. No início ano de 1920, tornou-se diretor dessa instituição. Foi figura importante no período da hegemonia de Seabra no estado, assumindo cargos da administração pública do governo, chegando a atuar como Diretor de Saúde Pública do Estado e Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública. *In Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia (1924). Grifos meus*

[529] Idem. *Grifos meus.*

[530] *BCEB:* Setor de Periódicos. Jornal *A Tarde*. Coluna "*Mundanas e Sociais*. [Sic] 29 de setembro de 1913 p. 3

dificuldades causadas por indivíduos que não aceitavam os agentes de saúde em suas propriedades, situações que quase sempre terminavam como caso de polícia.

Um caso bem particular pode ser aqui relatado quando os agentes do programa antiamarílico da Rockefeller que atuou entre 1916 e 1941, também denominados de "*mata-mosquitos*"[531], tinham que adentrar residências sem a prévia permissão dos proprietários para combater as larvas do *Aedes Aegypti*, chegando a sofrer com xingamentos e agressões, conforme jornal *A Tarde*, em dois momentos do ano de 1924.

> "(...) Foi intimado a comparecer a 2ª delegacia o Sr. Francellino Santos, morador à Estrada dos Boiadas, em cuja residência foram dirigidos insultos a uma turma de mata-mosquitos.
> Na polícia, o homem disse que toda história se originou da colocação de peixinhos nos reservatórios d'água potável.
> Resolvendo a questão, o Dr. Chagas Filho disse que as turmas de mata-mosquitos seriam garantidas porque esta é a ordem que os delegados recebem das autoridades superiores do Estado.
> E conveniente, portanto, que ninguém procure dificultar a entrada das turmas dos homens da higiene nos domicílios"[532] *Grifos meus*

Ou, em julho de 1924, quando

> "O chefe de turma dos mata-mosquitos, Cesar Leoni, foi à 2 delegacia se queixar de que, quando visitava a casa do Sr. Francisco Ribeiro Costa, este puxara contra o queixoso um revólver, ameaçando matá-lo.
> O Dr. Chagas Filho mandou intimar o Sr. Francisco a comparecer à segunda delegacia para explicar o fato dizendo ele ao delegado que não puxara revólver absolutamente, tendo, sim, se visto obrigado a deitar o mata-mosquito para fora de casa, por causa dos absurdos que ele queria praticar, olhando até as panelas que estavam no fogo"[533] *Grifos meus*

---

[531] Em 1881, os trabalhos de pesquisa do médico cubano Carlos Finlay apontaram o mosquito *Stegomyia fasciata* como o vetor transmissor da febre amarela. No Brasil, o médico Oswaldo Cruz deu início ao combate direto à doença ao criar as "*brigadas mata-mosquitos*". Entretanto, a existência desses atores num cenário tão controverso por força do autoritarismo sanitário de suas ações, a começar pela invasão dos lares cariocas com seus apetrechos sanitários e o uso de gás de piretro e enxofre para desinfecção do ambiente causavam um grande mal-estar em uma sociedade que antes de tudo, tinha nos seus fundamentos de família, o privatismo patriarcal. Aliado a tal situação, o uso político dos opositores ao governo se manifestava através das charges veiculadas pelos principais jornais. Eram mensagens insinuantes que sempre mostravam a presença de homens estranhos no espaço privado das residências. Não obstante, vale ressaltar a importância dos resultados alcançados pelas intervenções sanitárias dos "*mata-mosquitos*", pois foram elas que no Rio de Janeiro e no restante do Brasil evidenciaram índices de queda da doença nos anos que sucederam a primeira grande epidemia de 1906. Portanto, é importante lembrar que só no primeiro semestre de 1904, foram feitas cerca de 110 000 visitas ao passo que 626 edifícios e casas foram interditados. Sobre a ação sanitária dos "*mata-mosquitos*" Ver **MIANI,** Rozinaldo. *Charge editorial: iconografia e pesquisa em História*. *In: Domínios da Imagem*, Londrina, v.8, n. 16. p. 133-145, jun./dez, 2014. e **CARVALHO,** José Murilo de. *Os bestializados*: *o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras. 1987, p.95

[532] BCEB: Setor de Periódicos. Jornal *A Tarde*, 24 de outubro de 1924. p. 2.

[533] BCEB: Setor de Periódicos. Jornal *A Tarde*, 11 de julho 1924. p.2. *Grifos meus*

À esta época, a doença era um dispositivo de poder presente no espaço de um intenso jogo de natureza sociopolítica, que conduzia a cidade a um forte senso de controle médico-sanitário. Nesse sentido, por volta de abril de 1924, o diretor da Profilaxia Rural e coordenador do Serviço de Combate à Febre Amarela no Estado, o Dr. Abel Tavares de Lacerda, portanto mais um médico nas estruturas de poder, impôs um rigoroso controle a ser aplicado durante a execução do programa antiamarílico.

Na verdade, a esta altura, a autoridade sanitária legitimada pelos princípios da medicina urbana e dos dispositivos punitivos da lei sanitária nacional, constantes no Regulamento do D.N.S.P., com o apoio da imprensa e de segmentos científicos e intelectuais, lançou mão da aplicação de pesadas multas sobre as pessoas que não adotassem as medidas profiláticas exigidas pela autoridade sanitária. Nesse sentido, dentre outros aspectos legais, ficava determinado no parágrafo único.

> (...)Se dentro da habitação e nos terrenos a ela pertencentes, ou baldios, forem encontrados depósitos que contenham larvas de mosquitos, será imposta ao morador a multa de 20$000 a 100$000, dobrada nas reincidências. (...)
>
> (...) Art.1.265. É obrigatória a limpeza das valas, sarjetas e caixas coletoras, das calhas e dos telhados, afim de evitar a estagnação das águas pluviais ou o seu transbordamento, sendo a infração punida com a multa de 20$000 a 100$000" (...)[534]

Portanto, é possível entender que o processo de apropriação e difusão dos princípios higienistas foi importante para as políticas de saúde no estado da Bahia e sua capital, no espaço-tempo do seabrismo. Se, para uma pequena minoria especializada, os construtos cognoscíveis do campo médico se apresentavam como barganha na seara política, administrativa e social, para a grande maioria da população, os discursos e aconselhamentos médicos se constituíam como forma de minimizar os efeitos da ignorância sobre o homem comum, uma vez que o desconhecimento e as terríveis condições de higiene foram os principais vetores das enfermidades.

[534] *BCEB:* Setor de Periódicos. *Gazeta Médica da Bahia*, abril de 1924. p. 690.

A situação clamava pela urgente promoção da consciência sanitária da população. Foi assim que utilizando o poder dos meios de comunicação Löwy (2006)[535] locais que os médicos, por estarem assentados sobre ordenamentos de natureza legal, tiveram como intenção obter a aquiescência geral em relação aos trabalhos dos agentes sanitários. A exemplo de tal situação é possível citar as ações feitas com o objetivo de "*evitar a proliferação de muriçocas"*[536]*(...) "nas dependências de sua residência*"[537] e "*nos terrenos baldios de sua propriedade*"[538]. Uma situação que não foi de fáceis resultados, pois aquele era um cenário formado por uma série contradições entre indivíduos de diferentes origens sociais.

Diante das tensões surgidas em Salvador no final da segunda década do XX - momentos de surgimento dos grandes surtos epidêmicos de 1917 e 1918 - mesmo nos níveis intermediários e mais baixos da população ocorreram situações causadas pelo caráter distintivo e depurador das doenças entre indivíduos sãos e aqueles portadores de uma dada enfermidade. Em muitos casos, a ideia do contágio e de profilaxia veiculadas nos jornais da cidade tinha como ressonância as denúncias feitas entre aqueles que, por força da pedagogia higienizadora tinha a sua reprodução nos meios de comunicação.

Geralmente os jornais reservavam espaços em suas colunas para a divulgação de notícias, críticas, denúncias, além de informações passadas por médicos, intelectuais e jornalistas referentes à saúde no Estado e, especialmente, em Salvador. Portanto, era muito comum a publicação de palestras e textos relativos à educação sanitária. No levantamento feito nos jornais *A Tarde*, de 1915, e *A Hora*, de 1919, sempre nas colunas da página inicial foi possível identificar duas perspectivas de publicações: na primeira, destacam-se colunas em textos diagramados, com títulos, como: *A Cidade Monturo* (*A Tarde* de 27/02/1915)[539], *Pelo Estomago da Cidade* (*A tarde* de 1915)[540], *Assistência à Infância* (*A Tarde* de 06/10/1915)[541], *A Crise do H2O – Os Chafarizes já não Pingam* (*A Tarde* de 09/01/1915)[542]. No jornal *A Hora* do ano de 1919, por sua vez, além das colunas também em textos diagramados, eram comuns

[535] **LÖWY,** Ilana. *Vírus, mosquitos e modernidade: a febre amarela no Brasil entre ciência e política***.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006, p. 140-149
[536] BCEB: Setor de Periódicos. *Gazeta Médica da Bahia,* abril de 1924. p. 689.
[537] Idem
[538] Idem
[539] *BCEB:* Setor de Periódicos. *A Cidade Monturo*. Jornal *A Tarde* de 27/02/1915, p.1
[540] *BCEB:* Setor de Periódicos. *Pelo Estomago da Cidade*. Jornal *A tarde* de 1915, p.1[*Sic*]
[541] *BCEB:* Setor de Periódicos. *Assistência à Infância. Jornal A Tarde* de 06/10/1915, p.1
[542] *BCEB:* Setor de Periódicos. *A Crise do H2O – Os Chafarizes já não pingam*. *A Tarde* de 09/01/1915, p.1

as terríveis charges, que se caracterizavam como verdadeiras iconoclastias da morte, causada pelas epidemias que assolavam a cidade.

Fig. 31 - Jornal *A Hora*[543]

Fig. 32 - Jornal *A Hora*[544]

As duas situações jornalísticas trazidas anteriormente deixam claro o quanto o cotidiano da cidade estava direcionado pelos discursos médicos, seja através dos textos em linguagem ordinária, seja através da iconografia, que deveria ter um efeito muito devastador sobre o universo mental acerca de uma realidade social que se mostrava linguisticamente apartada entre os letrados e a grande maioria analfabeta e, por tal razão, mais sujeita às sinestesias causadas pelas imagens e pelos ruídos na comunicação diária.

Assim, a veiculação e citação de nomes de profissionais médicos, seu jargão e ações na sociedade local garantiram aos seus discursos e práticas o poder de caracterizar a saúde como um definidor de papéis e *status* num momento de construção da identidade nacional, de forma

[543] BCEB: Setor de Periódicos. *As duas amigas e seu amante.* Jornal *A Hora*, 24 de setembro de 1919, p. 1
[544] BCEB: Setor de Periódicos. *A Variola em Acção [Sic].* Jornal *A Hora* de 16 de outubro de 1919, p.1

ajustada aos textos produzidos nos grandes centros do saber nacional. Ou seja, também, em Salvador, a doença enquanto metáfora semântica legitimou o papel dos médicos como intérpretes do Brasil, graças a seus construtos em torno da situação sanitária no imaginário social, político, cultural, literário e intelectual dos baianos.

Nesse sentido, autores como Hochman e Lima (2009)[545], dizem que o médico e seus discursos higienistas, quando vistos nos espaços das idealizações da nacionalidade, podem ser entendidos como um dos mais importantes personagens da história recente, tanto pela força dos seus construtos intelectuais como pela herança deixada através do movimento pró-saneamento do Brasil. Nesse sentido, o discurso médico, como uma forma de pensar, foi uma construção que desnudou o Brasil, na medida em que suas enunciações mostravam à nação um país cujas faces do rural e do urbano colocavam-se muito aquém das idealizações de modernidade e civilização.

Também, é consensual para uma parte bastante significativa do campo historiográfico contemporâneo – Reis (1991)[546], Leite (1999)[547] e Pinheiro (2011)[548] e - que os anseios de modernização e civilidade das elites baianas tiveram na figura de engenheiros, advogados e, especialmente, médicos o aporte intelectivo necessário à construção de um discurso legitimador da manutenção de certas permanências mentais, no processo de reposicionamento e de ordenação de indivíduos no tecido social da cidade do Salvador.

O processo de apropriação e difusão dos discursos médicos na Salvador seabrista ocorreu de forma complementar em três níveis distintos. No primeiro, associado ao campo científico, a produção do conhecimento ocorreu diretamente ligado às relações e condições estabelecidas entre os "*homens de ciências*" e o objeto cotejado, no caso, doenças e epidemias, dentro e fora do universo acadêmico. O segundo nível de apropriação se manifestou no espaço da organização administrativa do Estado, pela necessidade de organizar a rede estadual de saúde, quando os médicos atuaram como agentes no âmbito de uma política. O terceiro nível aconteceu de forma ordinária e coloquial no processo de difusão e vulgarização do

---

[545] **HOCHMAN,** Gilberto e **LIMA**, Nísia Trindade; *"Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo Movimento Sanitarista da Primeira República".* In: **MAIO,** Marcos Chor e **SANTOS**, Ricardo Ventura. *Raça Ciência e Sociedade*. RJ: Editora Fiocruz, 1996, p. 23 - 40.

[546] **REIS,** João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX***.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.247 - 291

[547] **LEITE,** Op. Cit. 1996, p.36

[548] **PINHEIRO,** Eloísa Petit. *Europa, França e Bahia: difusão e adaptação de modelos urbanos (Paris, Rio e Salvador).* 2ª edição. Salvador: EDUFBA, 2011, p119

conhecimento médico, para uma população desigual e apartada do processo da recepção da informação.

3.4 - "Gangrenado e extirpado!" O fim de uma era! Derrubando pra inglês ver!

O título aqui enunciado é, de fato, bastante sugestivo. Ele não deixa dúvidas quanto ao objetivo de propor um certo entendimento sobre os elementos que atuaram na derrocada de um sistema de poder, e cuja característica principal eram as contradições presentes na sua natureza formacional. Ou seja, um sistema político e administrativo que, por se apresentar mesclado por elementos da tradição política e pelas novas formas conceituais da gestão liberal republicana, não conseguiu impor-se de forma uníssona no atendimento das demandas de uma estrutura marcada pelos antagonismos internos.

Desta forma, ao colocar a Bahia nos rumos de uma pretensa modernidade, o governador J.J. Seabra referendava, através da sua práxis política, a permanência dos diacríticos da cultura política brasileira, aqui representados pelos compromissos assumidos com as oligarquias regionais[549] sob a forma *de* demandas cunhadas e atendidas no campo das disputas regionais, com o objetivo de ter equilíbrio e governabilidade, entretanto, legando ao Estado o atraso nos campos político, econômico e, principalmente, social.

> A integração da Bahia no contexto nacional naquele momento supunha um projeto político para as elites baianas que estas não tinham. Faltava-lhes substrato social e econômico para tanto. A disputa do poder como um meio de ter privilégios sociais frente aos demais de sua própria classe, se esgotava aqui mesmo na província. Não transcendia o *locus operandi* dela mesmo. Não se integrava ao seu sentido nacional, republicano, antes de tudo.[550]

Não resta dúvida de que a Bahia foi uma das províncias de maior representatividade nos cenários político e econômico do Império. A sua importância podia ser medida tanto pela

---

[549] Sobre a atuação econômica das oligarquias na Bahia (Sampaio, 1979:6-7) dia que "o cenário produtivo era "*diversificado, mas sem dinamismo*". As colheitas de exportação e a mineração não foram capazes de gerar um superávit considerável. A despeito de períodos ocasionais de alta demanda por produtos baianos, com efeitos positivos sobre a economia, essas consequências não foram duradouras. **SAMPAIO**, Consuelo Novais. *Crisis in the Brazilian Oligarchical System: A Case Study on Bahia, 1889-1937*. Tese de Doutorado, The Johns Hopkins University.1979, pag. 6-7

[550] **PINHEIRO,** Op. Cit. 1999. Pag. 61

quantidade de deputados e senadores nas Assembleias do Império[551] como também pela quantidade de baianos em cargos ministeriais junto ao governo central.

> [...] até 15 de novembro de 1889, em quase meio século, pois, foram organizados no Brasil 34 ministérios, tendo sido o primeiro de Antônio Carlos de Andrade e Silva (o da menoridade de D. Pedro II) e o último do Sr. de Ouro Preto. Destes ministérios foram presididos: 12 por baianos, 5 por mineiros, 5 por fluminenses, 4 por pernambucanos (o Sr. marquês de Olinda, que ocupou por 4 vezes a curul de presidente do conselho), 3 por paulistas, 1 por maranhense, 1 por alagoano e 1 por piauiense.[552]. *Grifos meus*, [*Sic*]

Dentro disso, a revista Bahia Ilustrada de 1918 ainda completava, fazendo a seguinte comparação:

> (...) A antiga influencia política da Bahia no Segundo Império foi muito decisiva e notável.(...) Na República essa influencia se deixou de sentir, mas em equivalência ainda o maior luzeiro do país é Ruy Barbosa, e o seu mais notável estadista é Miguel Calmon.[553] [*Sic*]

Na verdade, figuras como Joaquim José Seabra, Rui Barbosa e Miguel Calmon se constituíram como matrizes fundantes das relações políticas que se estabeleceram na Bahia republicana. Eles foram sujeitos históricos de reconhecida notoriedade tanto no plano nacional como nos seus territórios de poder, fazendo-se presentes no tempo-espaço das cisões ao longo de toda a República Velha, na Bahia. Essa situação gerou a demarcação de um tenso campo político gerador de sérias consequências e prejuízos sociais uma vez que a necessidade de acomodação e governabilidade possibilitou o surgimento de demandas de toda ordem para aqueles que passaram a orbitar as zonas de poder de Seabra.[554]

Os ressentimentos do pós-abolição e o recrudescimento pela tomada do poder local e regional foram a tônica no período da República Velha. Na Bahia, tal situação deu origem a um

---

[551] Em termos de cadeiras ocupadas no conselho de Estado do Império, a Bahia era superada apenas pela província do Rio de Janeiro em número de conselheiros indicados pelo imperador entre 1842 e 1889. **RUSSELL-WOOD**, A. J. R. (1968), "*Fidalgos" and Philantropists: The Santa Casa de Misericórdia of Bahia, 1550-1755.* Berkeley, University of California Press. 1968:78-79

[552] *BCEB:* Setor de Periódicos**.** *Revista Bahia Ilustrada*, publicação mensal. Rio de Janeiro, nº 10, setembro de 1918.

[553] Idem.

[554] Aqui nos referimos a ocupação do aparelho de Estado que foi transformado em instrumento de locupletacão dos afiliados oriundos das alianças políticas estabelecidas na Bahia Seabrista.

tipo ideal de sujeito político que, na perspectiva de Sampaio (1998)[555], foi denotado como o "republicano de última hora[556]", ou seja, um sujeito político divergente, em termos de princípios e doutrinas, mas extremamente convergente em relação à permanência dos seus interesses pessoais e de classe, no âmbito do estado cartorial e patrimonialista brasileiro e baiano.

Embora a figura de Seabra esteja sempre ligada ao ideal histórico do líder carismático e conciliador, o governador se tornou refém de sua própria forma de exercício do poder. Ou seja, no âmbito das disputas oligárquicas, o desenvolvimento de uma política voltada para a acomodação dos grupos divergentes transformou-se num grande entrave ao desenvolvimento e consolidação de um governo sustentado pela hegemonia de um partido único. A consequência de tal situação foi a constituição de um governo que não tinha sob o seu controle o perfeito funcionamento do aparelho administrativo. Por ter sido fatiado no espaço da política de acomodação e entregue aos representantes das oligarquias, suas ações não tinham relação com um programa de governo voltado para o atendimento das naturais demandas de cunho social.

Aliás, esta foi uma das situações que explicitava o caráter entrópico da política de Seabra, o qual legava ao Estado uma certa inércia em relação às transformações necessárias para o alcance da modernidade. Na verdade, na Bahia Seabrista, o Estado, enquanto estrutura administrativa, sofria com os revezes causados pelo constante uso político dos "*acomodados*". Pois, as facções oligárquicas e seus aliados tinham como rotina dificultar as ações empreendidas nos campos legislativo e administrativo[557]. Com isso, a criação de leis e a aplicação de políticas públicas em áreas como educação e saúde eram continuamente prejudicadas.

Sobre os usos políticos dos temas de interesse do Governo do Estado, e que estivessem fora da esfera de interesse dos potentados do poder baiano, Santos (1992) diz:

> Na ausência de um sólido partido governista, o aparelho de Estado tinha pouco a fazer para assegurar que as leis fossem observadas e postas em prática. A função legislativa, em tal contexto, era eminentemente negativa e bloqueadora.[558]

Na verdade, a situação descrita acima já enunciava os sinais de uma crise nas frágeis estruturas de sustentação do seabrismo. Pois, ao contrário de 1912, quando contara com o

[555] **SAMPAIO,** Op. Cit.1998, p.27
[556] Idem.
[557] **CASTRO SANTOS,** Op. Cit. 1998, p. 06
[558] Idem.

declarado apoio do Presidente Hermes da Fonseca para o seu primeiro mandato, passados os descalabros administrativos do seu sucessor, Antônio Muniz, que governou a Bahia entre 1916 e 1920, Seabra foi eleito para um segundo quadriênio, entre 1920 e 1924, tendo como objetivo a retomada política da Bahia. Entretanto, o reeleito governador encontraria um Governo federal distante dos governadores de estado. Portanto, tendo a sua frente Arthur Bernardes, um antigo inimigo político.

A partir daí, Seabra passaria por um verdadeiro calvário político, que teve início com a perda do apoio federal em 1922; aliás, aqui é pertinente dizer que a repercussão da herança maldita do impopular e desgastado governador Antônio Muniz, sua cria política e antecessor, ao seu segundo governo, foi terrível uma vez que, por inabilidade política, "*O Fantoche*", como os jornais da época a ele se referiam, não conseguiu manter o tênue equilíbrio político entre as oligarquias acomodadas. Além disso, ocorreu um certo descaso do executivo federal em relação ao Estado, quando Seabra teve por intenção a Vice-Presidência da República na chapa de Nilo Peçanha; esses fatores explicam o seu acelerado declínio[559].

Em paralelo a esse quadro, tem-se uma nova situação relacionada ao desgaste político de J.J. Seabra, que foi o derretimento das frágeis alianças forjadas na base do "*toma lá, dá cá",* que causou a decadência do seu partido de sustentação, o Republicano Democrata. Nesse sentido, Sampaio (1994)[560] diz que "A atuação mais ou menos dominante do partido é reflexo da maior ou menor influência e prestígio do seu chefe. Ao apagar-se Seabra, o PRD exala também seus últimos os suspiros".

[559] **SAMPAIO**, Op. Cit. 1998, p.160
[560] Idem

Fig. 33 - Jornal *A Hora*[561]

Por fim, entende-se que a cinese política das oligarquias baianas se constituiu verdadeiramente como o motor das transformações e permanência ocorridas nas estruturas sociopolíticas locais. Se, do ponto de vista da organização política, ocorreu a mudança do sistema, no que concerne à agência sobre as novas estruturas de poder, foram mantidos os velhos atores, sob o manto de um *republicanismo de última hora*[562]. O Governador Seabra,

[561] *BCEB:* Setor de Periódicos. *O equilibrio das mollas* [*Sic*]. Jornal *A Hora,* 21 de janeiro de 1919, p.1. Esta publicação se colocava na oposição a Seabra e seus jogos e barganhas, denunciando e fazendo-se constante na crônica política da época através de suas colunas e charges muito comuns nos periódicos da época.

[562] A dualidade de J.J. Seabra na forma de fazer política e gestão, de certa forma, em muito, se justificou por ele ter assumido a administração de um dos Estados mais comprometidos com o antigo sistema político. Lembremos que enquanto o resto do país já despertara para o 15 de novembro de 1889, a Bahia, por força das resistências dos grupos fieis ao imperador, bem como, suas benesses, e a própria fragilidade do Partido Republicano Baiano - PRB, só se permitiu oficialmente republicana um dia depois dos acontecimentos ocorridos no Rio de Janeiro. **SAMPAIO**, Op. Cit. 1998, p.27-28

enquanto um velho estadista forjado nos espaços da transição monarquia-república soube, através de um sistema de alianças, acomodar diferentes posições, atraindo para seu entorno inimigos e adversários históricos, com o objetivo de garantir a governabilidade de um mandato que se sustentava a partir de uma frágil linha de equilíbrio.

Nesse sentido, retomando a questão da saúde e das ações de embelezamento urbanísticos como elementos nodais dos projetos de modernização da cidade do Salvador e do Estado, é possível dizer que a débil liderança exercida por Seabra e seus correligionários situacionistas ligados aos dois principais partidos políticos baianos - o Republicano da Bahia (PRB) e o Republicano Democrático (PRD), ao qual pertencia o governador - foi responsável pelo fracasso das ações de Saúde Pública no estado.

Na verdade, foi na capital que o projeto sanitário e depurador se fez minimamente presente, especificamente nas áreas do centro da cidade e do bairro comercial. Diante da incapacidade financeira do Governo no restante do território baiano, a simples ideia de ação das autoridades estaduais nos territórios oligárquicos baianos era impensável, uma vez que eram áreas em que os serviços de saúde geralmente só ocorriam no âmbito da interferência federal[563] e, ainda assim, em caráter de emergência. Portanto, uma situação que se viesse a acontecer seria de total agrado para os adversários de Seabra, pois ali ficaria evidenciada a debilidade de um sistema que se colocava politicamente de forma hegemônica no estado e que só agradava as oposições. [564]

[563] Sobre o crescimento das intervenções estadual e federal na saúde pública na Bahia durante os anos 20, a reforma sanitária do Estado se manteve limitada. Eul-Soo Pang (1979) chamou atenção para a existência de um "*coronelismo não institucionalizado*". Ou seja, tal situação evidenciava que na Bahia as oligarquias rurais constituíam e comandavam verdadeiros territórios independentes. Eram "*semi-autarquias*" que se mantinham a salvo das tentativas de cooptação empreendidas pelo governador. Este é o caso da cidade de Ilhéus e os potentados do cacau e da região diamantífera comandada pelo Coronel Horácio de Matos. *In* PANG (1979). Apud **CASTRO SANTOS,** 1998, p.06

[564] **BRITO,** Op. Cit.2014, p.51

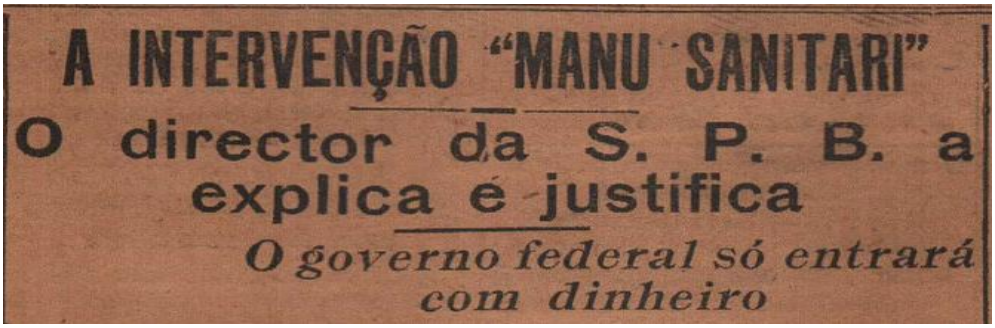

A INTERVENÇÃO "MANU SANITARI"
O director da S. P. B. a explica é justifica
O governo federal só entrará com dinheiro

Fig.34 - Jornal *A Tarde*[565]

> [...] "E é justamente para evitar que esse mal se manifeste epidemicamente, que se torna necessária a intervenção federal.
>
> - E crer o sr. Diretor que ella se dê?
>
> - Sim. Pecuniariamente só. A ideia ou iniciativa da subvenção, em que ora se fala, do governo federal, partiu do sr. Ministro do interior. Feita a proposta particularmente ao governo do Estado, este a aceitou.
>
> O serviço de prophylaxia anti-amaril é caríssimo. Deante da crise que atravessamos, o governo do estado não podia dar a esse serviço a extensão desejável, fazendo, todavia, o quanto era possível. "[566] [*Sic*]

Ainda que, alguns pequenos avanços tivessem ocorrido no campo da pesquisa médica avançada na Bahia, como foi o caso da Escola Tropicalista Baiana e os seus já citados errantes seguidores, durante o governo de J.J. Seabra, o Dr. º Antônio Pacífico Pereira (1846-1922), um dos últimos tropicalistas da primeira geração, com o apoio de outros profissionais com atuação no âmbito da saúde, colocaram-se à frente de uma intensa campanha pela realização de reformas na saúde, até o final da década de 20. Entretanto, para além dos obstáculos oriundos das visões médicas tradicionalistas, em relação às doenças e suas abordagens, o nobre e bem-intencionado médico ainda teve a sua frente as consequências da fragmentação oligárquica baiana e suas interferências nas ações do executivo, no campo administrativo[567].

---

[565] *BCEB:* Setor de Periódicos. *A "INTERVENÇÂO MANU SANITARI"* Jornal *A Tarde*. 17 de setembro de 1915

[566]*BCEB:* Setor de Periódicos. Jornal *A Tarde*. 17 de setembro de 1915. Entrevista concedida pelo Sr. Dr. Gonçalo Muniz, Secretário de Saúde sobre o avanço da febre Amarela em Salvador.

[567] CASTRO SANTOS (1998) nos diz que "mesmo que a Assembleia Estadual depois de muitos embates aprovasse um projeto de saúde pública, eram notórias a ocorrência de entraves burocráticos no momento de execução ou de consolidação dos programas e serviços de saúde no Estado (...) Higienistas baianos lutaram para disseminar a ideia da reforma, mas encontraram uma vigorosa resistência da parte de um establishment médico conservador e de um ambiente político e intelectual hostil (ou indiferente) às ações no campo da saúde pública.." **CASTRO SANTOS**, Op. Cit.1998, p.2

A constatação de tudo que foi colocado até aqui fica perceptível quando observados os números expostos pelo quadro a seguir, publicado pelo Diário Oficial da Bahia, em 30 de março de 1920, que apontam para a realidade das taxas de mortalidade[568], no Estado.

Mortalidade Por Moléstias Transmissíveis								
Moléstias	1912	1913	1914	1915	1916	1917	1918	1919
Febre Amarela	13	54	68	5	-	1	18	48
Peste	59	111	81	52	14	29	7	2
Varíola	-	1	-	-	1	-	-	2804
Sarampo	8	-	86	5	1	2	1	4
Escarlatina	-	-	-	1	-	-	-	-
Coqueluche	7	33	36	9	2	7	28	18
Diphiteria	6	7	4	1	1	4	3	8
Grippe	17	18	16	10	12	21	-	-
Febre typhoide	10	16	8	12	12	10	12	21
Dysenteria	81	176	62	63	26	23	18	51
Beriberi	38	34	68	27	26	22	17	27
Lepra	1	3	3	3	2	7	10	3
Paludismo	381	327	439	319	355	277	479	532
Tuberculose	782	843	854	949	932	965	1153	1065
Outras Moléstias	1	1	-	-	2	-	-	-

Diário Oficial do Estado – 03/1920[569]

Os números presentes no quadro acima só revelam as consequências causadas pelas terríveis condições de sanidade e salubridade em todo o Estado quando aliadas a ineficácia do combate às doenças e epidemias que assolavam as terras baianas. Na verdade, era uma situação que, além de antagônica em relação aos projetos de modernização das elites no estado, também se constituía como entrave para o desenvolvimento da economia agroexportadora baiana, principalmente quando a sua capital se colocava como uma metrópole doente.

Assim, por força da persistência do movimento pró-reformas sanitárias na Bahia, bem como dos interesses em jogo no plano político e econômico, para além da capital, só na década de 20 houve um certo avanço em termos de ações na saúde pública do estado, graças à intervenção e subvenção do governo federal que, em paralelo às incursões sanitárias empreendidas pela Fundação Rockefeller, assumiu medidas de controle dos avanços epidêmicos, prioritariamente na capital.

[568] *BCEB:* Setor de Periódicos. *Diário Oficial do Estado da Bahia* de 30 de março de 1920, pag. 2451
[569] Idem.

Se, por um lado, o governo Seabra tornara-se refém das facções oligárquicas que atuavam nos espaços do executivo e do legislativo, de outro lado, as consequências não tardaram a chegar. A máquina administrativa se mostrava emperrada; as reformas sanitárias eram parte de um jogo político e, quando aconteciam, não tinham a amplitude desejada pelos defensores do higienismo urbano e social. Entretanto, aliado a tal situação, foi no campo material que o projeto de modernidade e progresso se manifestou com grande ênfase, através das reformas infraestruturais ocorridas na capital baiana.

Para Pinheiro (2011),[570] foi um conjunto de reformas realizadas por José Joaquim Seabra (1912-1916) nos principais espaços da capital baiana através de ações fortemente influenciadas pelas transformações ocorridas na cidade do Rio de Janeiro, à época do urbanismo demolidor do prefeito Pereira Passos. Vale ressaltar que Seabra foi um sujeito político de grande trânsito nos territórios do poder republicano brasileiro quando assumiu o Ministério da Justiça (1902-1906) durante o governo Rodrigues Alves, tendo ainda assumido interinamente a chancelaria das Relações Exteriores, em 1902. Em 1908, foi mais uma vez eleito deputado e, por fim, entre 1910 e 1912 esteve à frente do Ministério da Viação e Obras Públicas, no governo de Hermes da Fonseca. Portanto, foi "coadjuvante das intervenções ocorridas na capital federal"[571].

Nesse sentido, ao assumir o cargo de governador do Estado da Bahia, Seabra fez uma releitura do que presenciou no Rio de Janeiro dando início ao processo de transformação na capital baiana através de um processo reformista de natureza material, sanitária e comportamental que buscava colocar a cidade nos quadros do mundo civilizado com suas largas avenidas, boulevards e jardins, entretanto, deixando de fora do centro da cidade do Salvador a grande parcela de uma população destituída dos princípios e instrumentos mais básicos da cidadania liberal.

Aliás, sobre as transformações ocorridas no espaço físico da cidade, seus resultados manifestaram-se através do processo de higienização e social e, consequentemente, de apartação sobre o sítio urbano da capital. Sendo assim, na edição de 05 de março de 1913, o Jornal *Diário de Notícias* de Salvador, fez alusão aos planos de construção de casas populares de baixo preço de mercado nas longínquas regiões da Península Itapagipana, área industrial da cidade, nas localidades dos Mares e Penha[572].

---

[570] **PINHEIRO,** Op. Cit., 2011, p.31
[571] Idem.
[572] *BCEB:* Setor de Periódicos. *Diário de Notícias*, 5 de março de 1913, p.3

Sobre a Península Itapagipana, é importante dizer que de alguma forma a incipiente industrialização em muito impactou de forma significativa a região à medida que atraia uma parte da população pobre e de baixa renda de maioria negro-mestiça da capital interessada nas atividades ali desenvolvidas. Afinal, era um novo mercado de trabalho que apesar da precarização na formação profissional baiana, teve como consequência a expansão de moradias populares. Para Sousa (2010, p.31)[573], aquela era uma situação que permitiu o aumento de um velho problema, agora sob a forma de favelas e a aglomeração de palafitas nas áreas de maré, dada a impossibilidade de absorver o grande contingente de pessoas que para lá se deslocou.

No projeto, aquelas áreas passariam a ser chamadas de "cidade nova" ou "cidade jardim", inspiradas no modelo inglês de habitações destinadas às classes operárias, sob a orientação dos engenheiros Manoel Weyll e Antônio Navarro de Andrade, que se qualificaram para a incorporação e construção de moradias de baixo preço.

[573] **SOUSA,** Maria Marineide de. *Arranjo Produtivo Local de Confecções da Rua do Uruguai/Itapagipe.* Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social da Universidade Católica do Salvador como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre. Orientadora: Profa. Dra. Maria Helena Ochi Flexor. Salvador/Ba 2010, p. 31

Fig. 35 - Jornal *A Tarde*[574]

A lógica de urbanização dirigida àquela área da cidade também passaria pelo crivo dos médicos e teóricos do higienismo da velha Faculdade de Medicina da Bahia. Inicialmente, o aceite da obra teve a seu favor o fato de que a Península Itapagipana era considerada pelos higienistas como um espaço localizado fora do centro da cidade e com boa salubridade.

Um outro aspecto que deve ter influenciado a realização do empreendimento foi a certeza de que, com o início das obras, em pouco tempo seria tirada da cena urbana de Salvador "uma boa parte da parte mais indesejável"[575], formada por trabalhadores – ambulantes e quituteiras – pobres, desocupados e mendigos, em sua esmagadora maioria negros e mestiços da cidade. Por outro lado, se for levado em consideração o fato de que àquela época eram intensamente difundidos os postulados da boa sanidade, o projeto, por si só, apresentava uma

[574] *BCEB:* Setor de Periódicos. *A 100 METROS DA AVENIDA. Os contrastes palpitantes da remodelação*. Jornal *A Tarde* 18 de agosto de 1915, p. 1
[575] *BCEB:* Setor de Periódicos. *Diário de Notícias*, 27/03/1913, p.03

grande contradição em termos de concepção, ao propor um empreendimento de moradia popular numa zona industrial[576].

De certa forma, as ações imobiliárias, ao serem implementadas naquela região, atendiam aos interesses dos capitalistas da terra. Ou seja, a "*cidade nova*" ou "*cidade jardim*"[577], ali pensada, otimizaria a relação tempo X produção das atividades laborais do chão de fábrica da incipiente economia local. Esta era uma lógica bem utilizada na Inglaterra industrial do século XIX. Em Salvador, as indústrias têxteis da Península Itapagipana foram as primeiras a construir as residências operárias, isolando seus empregados do resto dos trabalhadores que ainda viviam no Centro. Afinal, o trabalhador estaria a umas poucas quadras das unidades fabris, otimizando, dessa maneira, o tempo produção[578].

Na verdade, desde o ano de 1882 o governo já evidenciava preocupações com a questão da higiene na capital. Assim, em *Decreto do Legislativo, de 9/12/1882*[579], o Estado concedia isenção de impostos alfandegários, além de outros benefícios, às indústrias que construíssem casas de acordo com os padrões de higiene para os seus trabalhadores. No âmbito da gestão municipal, uma Postura foi publicada em 1889[580], impondo à cidade: "[...] fica proibido o estabelecimento e a construção de cortiços, casinhas e outras edificações acanhadas para a habitação das classes menos favorecidas, e ainda mesmo nos quintais dos prédios." Essa proibição valia para determinadas áreas da cidade, principalmente o Centro.

---

[576] Sobre São Paulo, Rago (1985) refere-se à invasão do espaço privado do trabalhador operário pelo poder médico (que se articulava aos interesses dos donos de fabricas) e a tentativa de controle do seu comportamento com a criação das vilas operarias. **RAGO,** Op. Cit., 1985, p. 172-173 e 178.

[577] O conceito de *"Garden City" ou "Cidades-Jardins"* foi criado na Inglaterra por Ebenezer Howard, no final do século XIX. A sua ideia passava pela construção de comunidades autônomas cercadas por um cinturão verde geralmente em áreas que deveriam estar entre o campo e cidade. Na Franca este movimento foi retomado pelo Barrão Haussmann à época das mudanças urbanísticas de Paris. **PINHEIRO,** Op. Cit.,2011 p.263

[578] Segundo FLEXOR (2007), "a superpopulação mal instalada em torno das fábricas e minas inglesas fizeram surgir, na Inglaterra, muitos anos antes, os primeiros modelos das vilas operárias". Ainda de acordo com os estudos de flexor, a vila operária, da fábrica Boa Viagem, foi criada em maio de 1892. De acordo com o projeto, inicialmente, foi edificada com 258 casas e dotada de toda infraestrutura, como água encanada, sistema de esgoto. Inclusive, com a prestação de assistência ao operariado residente e trabalhadores das fabricas da Península Itapagipana. *in* **FLEXOR,** Maria Helena Ochi; **TAVARES,** Hermes Magalhães; **CAMARGO**, Maria Vidal de Negreiros. *A antiga indústria de Itapagipe: possibilidades de sua reconversão.* Relatório FAPESB. Salvador: UCSal, 2007, p. 23

[579] *APEB: Decreto do Legislativo, de 9/12/1882. in* **AMARAL**, José Alvares do. *Resumo cronológico e noticioso da Província da Bahia desde o seu descobrimento em 1500.* Salvador – Bahia. Ed. Bahia, Imprensa Oficial do Estado, 1922, p. 123.

[580] *BCEB:* Prefeitura Municipal do Salvador. Câmara Municipal. *Livro de Postura*. Apud MOURA, Roberto. *Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro.* 2. ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, DGDIC – DEd., 1995. (Coleção Carioca, v. 32, série p. 52)

Na virada do século, em 1º de junho de 1900, foi publicado um decreto que legislava sobre o layout das residências e da quantidade de famílias que deveriam habitá-las:

> "A divisão de casas de vastas dimensões por cubículos de madeira, de modo a se estabelecerem sob o mesmo teto famílias diversas, é terminantemente proibida, por contrária à higiene das habitações."[581]

Ao mesmo tempo, o serviço de salubridade e a legislação determinavam as condições para a construção de moradias proletárias, como a preparação do terreno, o traçado das ruas, a altura das divisões e as instalações higiênicas.

Diante disso, quando Seabra assumiu o governo da Bahia, em 1912, constava na sua agenda de ações a construção de habitações proletárias para tentar solucionar os problemas sanitários ligados ao déficit de moradia, principalmente nas áreas fabris da capital. Nesse sentido, a partir das experiências ocorridas em outros momentos da história, em países europeus com tradição operária, médicos e engenheiros começaram a pensar o modelo de edificações de casa para trabalhadores locais. Por outro lado, lembremos que a preocupação em depurar espaços estava presente na virada urbanista proposta por Seabra.

Desta forma as habitações pensadas por Seabra deveriam seguir o projeto de 1892. Era um empreendimento que

> Tinha jardins comunitários, diversões, escola, ambulatório e serviços de proteção contra incêndio. O açougue, a farmácia, a loja de fazendas, lugar para prática de esportes, o armazém de víveres eram modelos de organização, e que funcionava como uma espécie de cooperativa. Oferecia entretenimento aos operários nos fins de semana e feriados. Além de casas, a Vila possuía escola, biblioteca, creche, posto de atendimento médico e banda de música formada pelos operários[582].

A carência de moradias provocava, nas áreas do centro da cidade, a proliferação de cortiços e outros tipos de arranjos populares de habitações Leite (1996)[583], sempre empanturradas de gentes e vistas como foco de doenças e epidemias. Aliado a tais aspectos, a inexistência de um serviço regular de abastecimento de água encanada e de captação de esgotos

---

[581] *FGM:* Prefeitura Municipal do Salvador. Câmara Municipal. *Decreto de Municipal de 1º de junho de 1900*. Livro de Postura, pág. 01

[582] **FLEXOR,** op. cit. 2000. p. 341

[583] **LEITE,** Op. Cit. 1996, p. 10

no espaço urbano evidenciava o caos sanitário, urbano e social da cidade. Sendo assim, os projetos encaminhados objetivavam garantir aos operários moradias ajustadas aos princípios sanitários e higienistas da época, por ser um entendimento higienista a necessidade de um espaço doméstico que garantisse ao trabalhador uma salubridade reparadora, uma vez que

> [...] encontram os germes de morbus que lhes depaoperam as forças e envenenam a saúde, porque as casas ao alcance de seus recursos são em geral mal situadas e mal construídas, acanhadas e insalubres, sem ar, nem luz, edificadas ao desamparo das mais elementares condições indispensáveis á garantia da saúde e bem estar próprio e da família [...][584] [*Sic*]

Dando continuidade aos processos higienizadores no âmbito urbanístico, Seabra publicou, em ordem do dia, o *Decreto de 24 de janeiro de 1913*[585] permitindo concessão de direitos a Jose Pereira Soares sobre o *Decreto n° 1.210, de 6 de dezembro de 1912*[586], que versaria sobre a edificação de 500 casas de baixo custo e baixo preço para atender a populações proletárias da cidade. Em 16 de janeiro de 1913 foram assinados contratos que também beneficiariam as construtoras *Magalhaes e Cia. e Almeida Castro e Cia*[587], que deveriam construir 3000 habitações destinadas à população pobre da cidade.

Também chama atenção, neste processo de concorrência e licitação, as possíveis jogatinas de um pleito que já se apresentava marcado pelo vício, visto que foi amplamente divulgada, na época, a ocorrência de um possível caso de espionagem de projetos envolvendo a *Companhia Comercial Construtora* que, de forma muito estranha, se incorporou à realização das obras. Ou melhor, ficou à frente dos contratos das empresas anteriormente citadas.

Desta forma, após prática de espionagem ou por mero favorecimento, algo muito comum aqui na Bahia, a empresa teria que construir quatro tipos diferentes de moradias nos bairros da Boa Viagem e Dendezeiros, bem como nas áreas onde ficava o antigo hipódromo da cidade. Coube à *Companhia de Serraria e Construções* edificar mil casas para operários em núcleos de 100 a 200 casas nos bairros de Itapagipe, Fazenda Garcia, na

---

[584] *APEB:* **SEABRA, J.J**. - *Mensagem apresentada a Assembleia Geral Legislativa do estado da Bahia na Abertura da 1ª sessão Ordinária da 2ª legislatura pelo Dr. J.J. Seabra, Governador do Estado da Bahia. Revista do Brasil 1913*

[585] *BCEB:* **AMARAL,** José Alvares do. *Resumo cronológico e noticioso da Província da Bahia desde o seu descobrimento em 1500.* Salvador – Bahia. Ed. Bahia, Imprensa Oficial do Estado, 1922, p. 123.

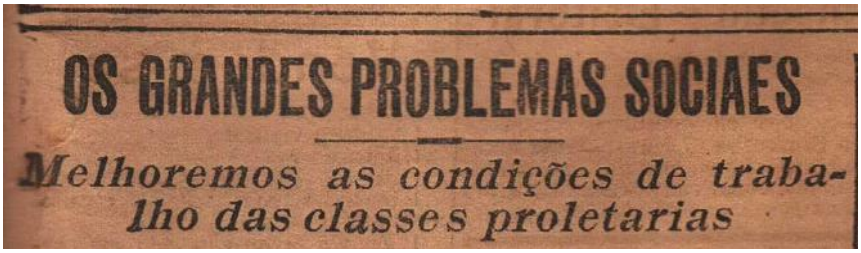
[586] Idem

[587] *BCEB: Diário de Notícias*, 29/01/1913, p.01

Madragoa e em outros lugares da cidade, desde que se mantivesse a lógica higienista e de ordenamento das construções[588].

Embora este fosse um projeto localizado de natureza urbanística, ou seja, fora do grande centro da cidade, a presença da ideologia higienista fez-se oportuna ao empreendimento, uma vez que, por exigência do governo,

> "Os projetos de edificação estão bem organizados, obedecendo aos diversos typos de casas às condições hygienicas e às condições estheticas. No plano das construções, foi adoptado o systema conhecido pela denominação de cidade-jardim, tão preconizado actualmente" [*Sic*] *grifos meus*. Diário de Notícias, 27/03/1913, p.03


OS GRANDES PROBLEMAS SOCIAES

Melhoremos as condições de trabalho das classes proletarias

Fig. 36 - Jornal *A Tarde*[589]

> [...]á cooperação, ás habitações econômicas, á hygiene no trabalho, ao tratamento das moléstias profissionaes, á segurança individual, e dellas dá todo o conhecimento ás classes populares para que saibam precaver-se; conheçamos seus direitos e tenham a iniciativa do trabalho.[590] [*Sic*]

A passagem acima confirma o entendimento de que os discursos médicos, quando aliados aos princípios do urbanismo científico, bem como aos interesses capitalistas da época, produziram a cinese necessária às transformações que viriam a acontecer na cidade da Bahia durante o seabrismo; vide a relevância do legado deixado por figuras como Otávio Torres, Alfredo Magalhães, Pacífico Pereira, Theodoro Sampaio, Saturnino Brito e, especialmente, pelo médico Raimundo Nina Rodrigues, no campo da Antropologia Biológica e Cultural *e* sua

---

[588] Flexor (2007) afirma que "O único projeto (de ocupação parcial) de êxito na região de Itapagipe foi de iniciativa particular. Graças ao pioneirismo de Luís Tarquínio, em 4 de março de 1891, foi inaugurada a Fábrica de Tecidos do Empório Industrial do Norte. Situava- se na Avenida Luís Tarquínio, antiga Boa Viagem. Seu idealizador foi chamado "*o Mauá baiano*". Teve como companheiros de direção Leopoldo José da Silva e Miguel Francisco Rodrigues de Morais. Colaboraram nos trabalhos de construção os engenheiros Augusto Weilemann e Augusto Frederico de Lacerda.". **FLEXOR, TAVARES** e **CAMARGO.** Op. Cit. 2007, p.23

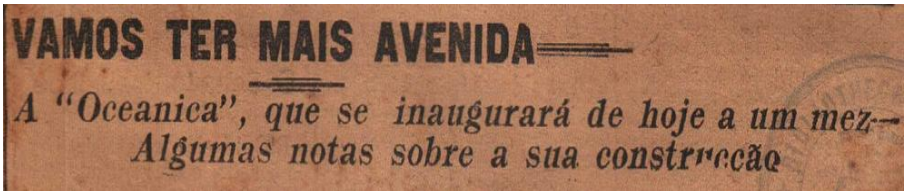
[589] *BCEB:* Setor de Periódicos. Jornal *A Tarde,* 29 outubro de 1915

[590] Idem

influência na construção do que viriam a ser as bases ideológicas da práxis depuradora na Salvador seabrista.

Apesar das ressignificações do discurso liberal manifestadas em eventos históricos como a Abolição da Escravidão em 1888 e, principalmente, a Proclamação da República, em 1889, ficou claro que o positivismo , ao garantir ao sistema representativo uma nova organização política e administrativa no âmbito da federação, também impunha a minimização do papel do Estado, enquanto instituição gestora da sociedade, no atendimento das demandas de natureza social, em um momento chave para o processo de formação do Brasil contemporâneo.

Dentro disto, o que se pode deduzir é que, especialmente na Bahia, a não implantação de políticas públicas voltadas para a inclusão social e material da população negro-mestiça e pobre nos momentos que se seguiram ao Pós-abolição é consequência direta de um tipo de aparelhamento criado por um Estado refém dos compromissos políticos assumidos com uma mínima parcela da população, as elites e os grupos de poder. A partir dessa perspectiva de análise, o Estado Republicano, na Bahia, teve no clientelismo o elemento perpetuador dos privilégios nas esferas de um poder destinado às elites, seus aliados e àqueles que se tornaram parte de um grupo gestor no âmbito da estrutura administrativa local, em especial no campo da saúde.


VAMOS TER MAIS AVENIDA

A "Oceanica", que se inaugurará de hoje a um mez—
Algumas notas sobre a sua construcção

Fig. 37 - Jornal *A Tarde*[591]

> Alviçaras! vamos ter mais uma avenidas e, que, sem duvida, será mais bela queo a do dr. Seabra, dada a sua tangente corres parallela e visinha do Atlantico.[592] [*Sic*]

Não foi uma simples reforma voltada para o "embelezamento afrancesado" de uma metrópole colonial, como é demonstrado na citação anterior, foi um movimento político-

[591] *BCEB:* Setor de Periódicos. *A Oceanica.* Jornal *A Tarde,* 16 de outubro de 1915, p1
[592] Idem

administrativo de natureza ideológica, visando atender aos anseios de uma elite frívola e conservadora. Portanto, foi um conjunto de discursos e ações que, por estarem apoiados em princípios higienizadores, permitiram à cidade a experiência de uma modernidade depuradora dos sentidos da convivência social. Isso, na medida em que grupos reivindicavam e se apropriavam de temas médicos e científicos legitimadores do expurgo de tudo que, aos olhos dos grupos de poder, foi percebido como incivilizado, feio, grotesco e atrasado.

Enfim, para as elites a ideia era, através das ações dos seus representantes médicos e outros agentes nas estruturas do poder, extirpar do meio urbano tudo que se constituísse como "ameaça à ordem social"[593] e, consequentemente, empecilho à modernização da sociedade. Desta forma, tanto na perspectiva humana quanto material, a cidade deveria passar por um processo de reordenamento de forma a garantir o uso dos espaços em favor daqueles que reivindicavam a civilização num ambiente higienizado, estética e urbanisticamente de acordo com aquilo que a "*Belle Époque Tardia*" estabelecia como uma condição de vida voltada para o prazer e o deleite.

Uma vez que, para as elites, "flanar", "adejar", "pairar" ou perambular eram verbos associados a um estilo de vida voltado para a apreciação do que o mundo material e tecnológico da cidade e seus espaços tinham a lhes oferecer como espetáculo Filha (1997)[594]. Não é sem razão que a política demolidora de Seabra tinha uma relação direta com o embelezamento, pois colocava para fora da urbi o indesejável, como fica claro na chamada de capa de um jornal *A Tarde* de 1915.

[593] **FRAGA FILHO**, Walter. *Mendigos, moleques e vadios na Bahia do século XIX*. São Paulo: Hucitec; Salvador, EDUFBA, 1996, p. 135-150.

[594]Para FILHA (1997) "a ideia de cidade espetáculo, um cenário composto de largas avenidas, praças monumentais e edifícios solenes, traduzindo a preocupação dominante na época, no sentido de criar uma imagem de cidade próspera, obtida através de uma reordenação do espaço urbano e da arquitetura, onde o efeito estético das intervenções seria relevante." **FILHA,** Maria Berthilde Moura, *O cenário da vida urbana: a definição de um projeto estético para as cidades brasileiras na virada do século XIX/XX*. Dissertação apresentada ao Mestrado em Arquitetura e Urbanismo - Faculdade de Arquitetura. Salvador: UFBA, 1997. p.240

Fig. 38 - Jornal *A Tarde*

> Illmo. Sr. Secretário do Estado.
>
> Peço as vossas ordens afim de que a polícia de acordo com o art. 502 do Regulamento Sanitário, torne efectiva a evacuação da casa ao Largo dos Afflictos, em frente ao Quartel do Regimento policial pertencente à viúva Fernandes Muniz Pinto, definitivamente interdicta e que foi occupada negando-se a cumpri a determinação desta Directoria, o morador Cyro Paes Coelho. Saúde e fraternidade – Pelo director, o inspector sanitário, dr. Vergne de Abreu[595] [*Sic*]

Aliás, sobre os semantismos que perpassavam o universo mental dos "*homens de ciências",* especialmente os médicos, "intelectuais" e "*civilizados da terra*", Leite (1996) diz:

> Da ligação estabelecida, a princípio, entre o estado da saúde e a estrutura urbana, fundou-se um vínculo inexorável entre higienização e urbanização (...) prosseguiu estabelecendo vínculos sucessivos, contíguos, múltiplos e recíprocos entre muitos outros fenômenos: modernização, urbanização, higienização, normatização, moralização dos costumes, ações de controle social, regulamentação dos usos do espaço, etc... Tornaram-se, todos eles, corolários, e seguiram um decurso tal que se referir a modernização ou a urbanização ou a higienização implicava sempre referir-se sempre a outras tantas 'ações'. Uma expressão, entretanto, pela abrangência que adquiriu resumia todo este complexo de relações: civilizar."[596].

Desta forma, extirpar as chagas gangrenadas da cidade colonial era o mote de uma política sanitária e urbanística montada para satisfazer os anseios de uma elite urbana voltada

---

[595] *BCEB:* Setor de Periódicos-. *A "S.P.B" e as Habitações Proletarias* - Jornal *A Tarde,* 19 de fevereiro de 1915 p. 1 [*Sic*]
[596] **LEITE,** Op. Cit**.** 1996, p. 11

para as atividades agroexportadoras, que tinham relações com os mundos de fora e suas formas civilizadas de pensar, agir, fazer e sentir. Por isso, se tornou tão natural para aquele grupo enculturar-se à luz dos modismos que estavam nos fluxos das várias redes de interlocução, especialmente se seus conteúdos e suas enunciações tivessem como origem cidades como Paris e Londres.

Essas duas metrópoles mundiais, com suas grandes universidades, centros de pesquisas e eventos de divulgação científica, se constituíram como os dois principais polos produtores dos discursos científicos que, "em rede", na transição dos Séculos XIX e XX, no Brasil e, especificamente na Bahia[597] foram ressignificados com o intuito de apartar e depurar social e racialmente a sociedade e, consequentemente, os espaços da grande cidade. Lembremos que pairava sobre o universo mental das elites baianas e soteropolitana da época a imputação aos negros e mestiços da responsabilidade de um historicismo gerador de todo o atraso civilizatório nacional.

Para concluir, entendemos que o afã modernizante das elites soteropolitanas era parte de um contexto marcado por complexidades ligadas a um campo sociopolítico que, por sua vez, refletia as permanências estruturais e mentais daquele segmento social. Afinal, apesar da incontestável diversidade produtiva do Estado, e sua importância política para o Brasil Monarquista, em tempos republicanos, a "*Rainha do Norte*"[598] não apresentava o dinamismo necessário ao seu reposicionamento no cenário político e econômico do país, sendo reduzida à condição de mera coadjuvante nos cenários do poder republicano da época.

Por outro lado, diante de tudo que foi colocado neste trabalho, é possível entender que ao tornar a "*Rainha do Norte*"[599] perceptível aos olhos da nação, a Bahia se colocava como um

---

[597] Sobre o papel da Bahia no processo de ressignificação dos discursos que estavam na rede de interlocução científica da virada dos séculos XIX -XX é importante ver o papel exercido pela Faculdade de Medicina da Bahia que com seus "h*omens de ciências*", professores e médicos que produziram a luz do seu tempo toda uma forma de pensar as relações existentes no mundo local. Para tal faz-se muito relevante um entendimento sobre as obras produzidas por figuras como Nina Rodrigues, Octávio Torres, Alfredo Magalhaes, dentre outros, as suas influências na construção dos sentidos de raça por estas terras.

[598] Cunhado pelos jornais da época, este epíteto é um claro remetimento aos tempos de glória e pujança que a Bahia viveu no período imperial como protagonista em vários setores da vida nacional. Um período em que a província exercia liderança regional tendo vários dos seus filhos ilustres atuando nos conselhos de Estado do Império. A revista Bahia Ilustrada em vários dos seus números fez alusões ao papel desempenhado pela Bahia nos momentos mais importante da História nacional. Esta era a condição que a elites baiana reivindicavam para o Estado na recém-formada República Brasileira. *BCEB:* Revista *Bahia Ilustrada,* Rio de Janeiro, nº 35, fev./1921.

[599] Segundo Leite (2004) O título de Atenas Brasileiro deve ser interpretado como uma expressão que remete a referências simbólicas e históricas. Tendo surgido durante o Segundo Reinado, ele demarca, também, a importante posição ocupada pela Bahia na época do regime monárquico, quando muitos dos seus naturais exerceram proeminência nas altas funções de Estado, enquanto outros despontaram nas letras, na educação, no direito, nas ciências, enfim, nos mais diversos campos em que a capacidade intelectiva dos compatrícios pudesse ser

território afeito às transformações que ocorreriam no país nas décadas que se seguiram à Proclamação da República e do Pós-abolição[600]. Assim como as elites de outras partes do país, os empoderados baianos passaram a assumir uma posição de adaptação e acomodação em relação aos rumos que o Brasil tomava, ainda que ficasse clara a manifestação do espírito de sobrevivência e conveniência daquele segmento social.

Desta forma, seguindo os elementos discussionais em voga naquele contexto, ou seja, a partir dos textos do positivismo, do darwinismo, do higienismo e do urbanismo na sua versão demolidora, as elites locais deram início a um conjunto de ações cujo principal mote era o alcance do poder e da representatividade perdida, ao tempo em que deixavam de fora uma grande parcela da população afrodescendente de Salvador. Na verdade, as elites buscavam fortalecer laços de identidade política e regional como uma maneira de se apresentar à nação e, também, se colocavam como as legítimas herdeiras de um tempo de glória perdido.

Entretanto, para que o seu projeto de poder e longevidade dos privilégios tivesse êxito sobre a cidade do Salvador, fazia-se necessário extirpar do tecido social a grande parte gangrenada formada por tudo que se enunciava como atrasado, incivilizado e chagásico. Neste caso, seria o homem comum de origem negro-mestiça que, com o seu modo de viver nos espaços de uma cidade colonial, se punha em oposição às idealizações eurocêntricas dos brancos das elites, através de uma dinâmica social e cultural de sobrevivência em um espaço urbano racialmente definido por uma mentalidade voltada para a apartação, apesar da inexistência de um estatuto jurídico voltado para a segregação humana.

Sendo assim, a responsabilização de negros, mestiços, trabalhadores, mendigos, mulheres e crianças pobres pelos infortúnios da terra foi um discurso política e ideologicamente ajustado aos ideais de reorganização do poder e de afirmação identitária dos grupos de poder da cidade. Eram falas apropriadas e cotidianamente reproduzidas que só legitimavam a condição daquela parcela da população a um alto grau de indigência humana, numa época em que se defendia a tese da "*nação forte*", embora os novos padrões de sanidade física e moral

---

demonstrada. **LEITE,** Rinaldo Cesar Nascimento. *Bahia, Atenas Brasileira: reduto de estadistas (uma acepção política do título*) II Encontro Regional de História: Historiador, a que será que se destina? Comunicação 'Bahia, Atenas Brasileira: reduto de estadistas (uma acepção política do título)'. 2004, p. 01

[600] Colocar para fora do espaço da "cidade civilizada" os elementos materiais e humanos contraditórios ao ideal de modernidade permitiria as elites afirmar o natural papel de condutora dos destinos da terra. Lembremos que pouco adiantaria manter-se no centro das decisões da Atenas Brasileira sem que os elementos da cultura material não estivessem em consonâncias com o projeto maior. Afinal voltar a ser parte de um seleto grupo seleto no espectro político nacional exigia claros sinais de modernidade e progresso. Nesse sentido a cidade era parte de um projeto de maior vulto. A cidade limpa e higienizada, com seus sistemas em funcionamento

estivessem afinados com os discursos defendidos por "*homens de ciências"*, médicos, engenheiros, juristas, literatos, jornalistas e outros dos setores intelectualizados da sociedade.

Para a grande parcela da população negro-mestiça, muito pouco aconteceu de forma a produzir as mudanças de hábitos em indivíduos que, ao longo dos anos, desenvolveram a seu favor estratégias voltadas para a sobrevivência, a partir dos diacríticos da cultura popular , elementos de uma pertença identitária que não se alinhavam com as aspirações de civilidade das elites da velha cidade.

Ainda que os melhoramentos sobre o espaço da cidade não tivessem alcançado as proporções desejadas, depois dos quatro primeiros anos do governo Seabra, Salvador já apresentava no seu escopo muitos melhoramentos através da construção de grandes avenidas; ruas que foram alargadas e calçadas e um conjunto de novas edificações que seguiam a nova estética. Na verdade, as obras de remodelação da cidade ocorreram com o claro objetivo de atender aos anseios de uma burguesia agroexportadora e comercial que precisava manter-se num espaço de relações econômicas e financeiras que exigiam um certo ar de modernidade, tendo a cidade como veio instrumental dessa lógica[601].

Desta forma, à medida que "*pau, casas, pedra, prédios e solare*s" eram derrubados, uma nova Salvador era erigida, dando um novo sentido de localidade e pertença a um pequeno segmento privilegiado da população, as elites. A cidade se transmutava ao sair do seu lugar histórico para um "*não lugar*"[602], com isso perdendo as referências históricas e materiais de si mesma. Ou seja, a cidade material se renovou, rompendo e negando o seu passado.

Se o branco rico da "*Belle Époque tardia"* se encantava com a cidade e passou a "flana*r"* sobre as gotas de suor e sangue da remodelação, nas zonas de fora da cidade, apesar de todo o sentido de apartação física e simbólica de que foram vítimas, orbitavam indivíduos, tradições e formas de agir que, teimosamente persistiam, negando a subalternidade de outrora. Entretanto, legando à cidade o vitalismo de uma cultura identitária de rua "inclusiva". "Inclusive", para os ricos não tão brancos assim. Mas, também, filhos de uma terra ungida pela mestiçagem.

---

[601] **LEITE**, Op. Cit**.,** 1996, p. 143

[602] Marc Augé define o lugar como um espaço antropológico. Portanto, como um espaço identitário, relacional e histórico. Por outro lado, o não-lugar será então um lugar que não é relacional, não é identitário e não histórico. **AUGÉ,** Marc *Não-lugares: introdução a uma antropologia da super modernidade*, Lisboa, Bertrand Editora. 1994.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos, nos anos iniciais da república, na transição dos séculos XIX e XX ainda se constituía como uma das mais importantes metrópoles brasileiras, graças a sua histórica vitalidade, econômica e sociocultural. Do ponto de vista físico, a capital baiana era detentora de uma das mais belas baías do mundo, bem como por apresentar uma geografia que sensualizava o olhar dos viajantes que se dirigiam, maravilhados, à cidade desde os tempos coloniais.

Além disso, a Soterópolis impressionava pela lógica urbanística adotada por seus fundadores que, em 1549, com claros objetivos de defesa e de dominação colonial, a conceberam como a cidade fortaleza do mundo colonial português no hemisfério sul. Uma condição que, ao longo dos séculos, por força da estreiteza da faixa de terra ocupada pela população, se constituiu como um grande problema ao seu desenvolvimento.

Por outro lado, chegando aos seus 363 anos, em 1912, no primeiro governo de J.J. Seabra à frente do governo do Estado, é possível perceber que a Salvador do início do século XX, se constituiu como um natural objeto de crítica e leitura etnográfica, visto que a cidade se apresentava como uma metrópole colonial, enfatizando aspectos materiais da sua formação - suas ruas e ladeiras estreitas, muitas vezes sem calçamento, assim como uma profusão de casas e sobrados em total desalinho e amontoados um sobre o outro, sem espaços abertos que facilitassem a livre circulação do ar. Além disso, *"lixo", "monturo", "esterquilínio"*, eram expressões usadas por jornalistas, médicos, higienistas e engenheiros como referência a toda sorte de descarte feito por uma população que, em geral, se apresentava deseducada para o convívio em situação de urbanidade.

Materialmente, a situação se cristalizava num ambiente lúgubre, de casarões em ruína, ruas estreitas e sem iluminação, imundice generalizada e falta de infraestrutura e saneamento, tudo causado por séculos de inépcia e descaso das autoridades, que conduziam a cidade a formas desumanas e incivilizadas de convivência social. A cidade desta época ainda não tinha um design voltado para a apartação, ou seja, naquela Salvador, brancos e negros, ricos e pobres, doutores e iletrados, em muitos casos, ocupavam o mesmo pedaço do sítio urbano da capital baiana, muitas vezes até na condição de vizinhos.

Aliás, pode-se deduzir que, se o poder e seus privilégios, a riqueza e o alto padrão de vida tinham um lugar comum, estes se faziam presentes nos espaços de vida e relações dos potentados e seus representantes. Entretanto, as péssimas condições de vida e salubridade, as doenças e epidemias que havia na cidade, naturalmente, se democratizavam em toda a estrutura social com muita vitalidade, uma vez que suas consequências de natureza médica e sanitária atingiam a vida de todos.

Do ponto de vista humano, a cidade se mostrava marcada por uma profusão de cores encarnadas nos tipos étnicos e raciais que havia na dinâmica histórica da fundação da cidade da Bahia, desde o século XVI. Desta forma, índios, brancos e negros, além dos troncos estrangeiros das mais variadas origens faziam parte dos espaços da grande cidade, dando formas e significados aos vários modos de pensar, agir, sentir e fazer o cotidiano urbano. Na verdade, inexistia uma unicidade no que concerne às práticas, aos sentidos e aos ideais de cultura, apesar das tentativas dos grupos de poder, das elites, intelectuais e dos profissionais médicos, no sentido de dar ao espaço urbano ares de racionalidade, modernidade, civilidade e progresso.

Nesse sentido, valores, hábitos, costumes e certas tradições, no espaço das sociabilidades, explicitavam um alto grau de persistência nas suas formas de enunciação, principalmente em manifestações que ocorriam no espaço das comemorações cívicas, religiosas e suas complementares formas de entretenimento. Eram eventos de caráter oficial que, muitas vezes, se constituíam como resultantes de ressignificações populares paralelas ao que era formalmente aceito pelas normas de convivência social. Portanto, evidenciando embates entre territórios diametrais e opostos tendo, de um lado, os segmentos elitizados e, de outro, a grande parcela pobre, majoritariamente formada por negros e mestiços.

Na verdade, a Salvador da Primeira República, por si só, evidenciava um natural e desorganizada forma de ser como consequência de séculos de ausência dos mais básicos princípios da gestão urbana, inclusive se levarmos em consideração os períodos de emancipação e consolidação do Estado político, à época da monarquia e primeiros anos da República. Além disso, a visão exclusivista das elites era a causa do seu distanciamento em relação ao espaço da rua, uma vez que este foi relegado a um plano de inferioridade; ou seja, a rua, suas sociabilidades e seu vitalismo cultural não pertenciam ao mundo dos brancos. Portanto, a cidade que se via era consequência de uma invisibilidade forjada por um passado de relações sociopolíticas tecidas no universo dos salões da cidade e que, naquela hora, clamava pela modernidade.

Diante disso, sentidos do “moderno” ou da “modernidade” foram incorporados ao cotidiano da cidade, tendo como intuito as necessárias rupturas que ligavam a cidade a um passado de atraso, à falta de representatividade no cenário de então, também no intuito de manter a Bahia, sua cidade e seu porto na nova ordem econômica da época. Sendo assim, da mesma forma que ocorreram movimentos desta natureza em outras capitais brasileiras, as elites da cidade da Bahia também desejaram “civilizar-se”. Para tal, a cidade passaria por ações de natureza urbanística, com o objetivo de garantir condições propicias à circulação, à estética e à reeducação da sociedade, por meio dos elementos cognitivos da ciência, principalmente aqueles que despertavam o interesse dos engenheiros urbanistas e dos médicos higienistas.

Sendo assim, o projeto civilizador se estruturou a partir de três eixos nodais. O primeiro foi aquele que atendeu às reivindicações em favor de mudanças materiais e infraestruturais da cidade, garantindo às elites uma estética depurada da cidade; o segundo atuou na esfera da vida privada, propondo mudanças no modo de vida da grande parcela da população; e o terceiro, de certa forma, se apresentou à luz dos graves problemas sanitários existentes no estado, mas principalmente na cidade.

Assim, o primeiro eixo de transformação da cidade, no âmbito da administração de Seabra, destacou-se pelo “urbanismo demolidor”, em nome da modernidade e de um progresso que se propunha atender os interesses do grupo mercantil e agroexportador da cidade e que passou a colher os frutos ocorridos após a efetivação das obras do centro comercial e do centro industrial de Itapagipe, por exemplo. A primeira consequência da sanha demolidora da modernização foi a previsível, porém não evitada, expulsão das camadas mais pobres que viviam no centro e no bairro comercial da cidade para áreas mais distantes, causando terríveis problemas que até hoje se manifestam, sobretudo, na falta de moradia e na favelização dos espaços da capital.

Por outro lado, para as elites, as ações de embelezamento tiveram resultados muito expressivos, e funcionavam como elementos sinestésicos do campo visual. Afinal, ao término do seu primeiro governo, Seabra apresentou um novo centro urbano, à luz das novas configurações existentes nas cidades europeias, sobretudo metrópoles como Paris e Londres. A Salvador da *Belle Époque*, ainda que tardiamente, se mostrava como uma metrópole dos trópicos, atendendo, dentre outras reivindicações elitistas, à produção de uma atmosfera voltada para o deleite de uns poucos privilegiados que passariam a flanar pelos espaços do centro da cidade. Desta forma, *boulevards*, jardins, praças, ruas largas, asfaltadas e iluminadas davam o

tom, facilitavam a circulação das coisas, assim como a da elegância tropicalizada dos senhores e senhoras, em total estado de euforia e deslumbre com tamanhas mudanças.

Ainda sobre as obras de embelezamento de Seabra, a cidade foi tomada por uma mentalidade que se manifestou no plano das sociabilidades; a rua foi transformada num palco, em que o aspecto privado da vida se colocou em movimento. Eram famílias que deixavam suas casas. As elites e a classe média iam às ruas, provocando, assim, o surgimento de novos arranjos e diferenciações na vida cotidiana da cidade. Afinal, o sorvete e o sorveteiro; as balas e o baleiro; o jornal e o jornaleiro; o engraxate e o cliente eram os atores e ícones compondo um quadro preenchido por novas formas de interação entre indivíduos diferenciados por suas respectivas condições socioeconômicas. Aliás, sobre tal aspecto, Simmel (1983)[603] pontua que são as várias formas de interação que caracterizam uma sociedade.

Sobre o segundo eixo de ações, entendo que o Estado e seus agentes ao atuarem sobre o comportamento da população davam início a uma pedagogia voltada para a construção dos novos sentidos da convivência social impondo à cidade em sentido amplo noções de modernidade, civilidade e progresso. Na verdade, tratava-se de mudar um jeito de ser enraizado no cotidiano da cidade, mas que incomodava e constrangia sujeitos que, por força dos seus *status* e papéis, não identificavam tais enunciações como diacríticos identitários complementares ao próprio projeto de nação.

Se, do ponto de vista simbólico, o projeto civilizador se fez a partir da imposição dos discursos, a sua materialização se fundiu com as consequências causadas por séculos de exploração escravista. Especificamente, através da negação dos direitos de cidadania da população pobre e negro-mestiça nos processos sociopolíticos que ocorreram a partir da abolição.

Nesse sentido, a intolerância das elites em relação aos comportamentos e hábitos da população pobre justificou a constituição de políticas públicas através de ações saneadoras, a partir dos embasamentos oferecidos pela medicina urbana da época que, mesclados com os novos conhecimentos da microbiologia, promoveram intervenções de natureza depuradora. A construção de hospitais e dispensários durante o Governo Seabra, com equipamentos destinados ao isolamento da doença e dos doentes da cidade da Bahia, atesta isso. Além do mais a partir

[603] SIMMEL, G. Sociabilidade: um exemplo de sociologia Pura ou Formal. In: MORAIS FILHO. (org.) Georg Simmel: sociologia. São Paulo: Ática, 1983. Coleção Grandes Cientistas Sociais.

de 1913, também em consonância com a lógica higienista, cito a implantação de uma política habitacional voltada para apartação social, nas áreas da Península Itapagipana, do Queimadinho e da Fazenda Garcia.

O terceiro eixo de ação, diante das terríveis condições infraestruturais de Salvador, relaciona-se à ausência de saneamento e água potável, ao descontrole da gestão sanitária e das constantes epidemias que assolavam o estado e sua capital. Seabra apresentou vários projetos de política pública destinados à solução de problemas de saúde cujas consequências não se manifestavam apenas sobre os mais pobres, mas também sobre os mais ricos da cidade.

Nesse sentido, para além do caos sanitário da cidade, as doenças e epidemias se constituíam como um problema que aos olhos das elites, dos intelectuais e dos "*homens de ciências"* deveriam ser urgentemente resolvidos de maneira a conduzir à cidade e o Estado à tão propalada modernidade civilizatória.

Na verdade, as providências tomadas pelo governo do estado a partir do terceiro eixo de ações estiveram diretamente ligadas ao processo de reorganização econômica e política que o estado experimentou na transição dos séculos XIX e XX quando, de um lado, a cena do poder foi estruturada à luz de um hibridismo representativo e, de outro, as velhas elites, clamando reparação, por força do desmantelamento material causado pela abolição. Ou seja, eram os velhos e os novos diacríticos da cultura política e econômica baianas que se misturavam, enunciando uma seara marcada por um intenso jogo de poder, entre sujeitos que buscavam, a partir daqueles campos, a longevidade da tradição e das suas investiduras sociais, dos seus privilégios e, por fim, o galardão das barganhas.

A ascensão de Seabra ao poder nos remete à ideia de ele era um *plebeu na corte* de uma realidade sociopolítica marcada pelo atraso e pelos personalismos geradores do mandonismo, em muitos rincões do estado. Desta forma, sua eleição foi mais do que um movimento político que permitiu a guindada de um importante líder regional ao poder. Pode-se até dizer que o novo governador, por não ser ungido pelos elementos das tradições do sangue dos velhos potentados da terra, foi por sua agência que ocorreram as rupturas possíveis, ao propor outras significações a um contexto republicano local, cheio de especificidades no que concerne à organização política e administrativa, de maneira a causar grandes consequências em relação ao exercício do poder, em muitas partes do estado, até os dias de hoje.

Sendo assim, embora Seabra estivesse envolto numa atmosfera de modernidade, por força das relações que construiu na Capital Federal e dos novos dispositivos legais instituídos pelo sistema republicano, no Governo da Bahia, ele se apresentou à luz do que existia de mais contraditório e atávico em relação aos princípios do republicanismo liberal. Pois, ao construir, a todo custo, alianças tendo como objetivo a governabilidade, Seabra se colocou como um "*chefe*", acomodava tensões localizadas, ao trocar favores e, o que é pior, ceifando as possibilidades de representatividades políticas que possibilitassem avanços sociais nos territórios oligárquicos do Estado.

Desta forma, Seabra se colocava diante dos representantes dos vários espaços da economia baiana, em especial, do setor agroexportador, das oligarquias regionais, muitas das quais, nos dizeres de Sampaio (1998),[604,] "*republicanos de última hora*" que, de posse e amparados nas estruturas do Estado, passaram a reivindicar o reposicionamento e o prestigio social dos tempos de outrora. Lembremos que esta era uma sociedade que se constituiu sobre bases escravocratas, conservadoras e patrimonialistas, tendo nas clivagens da tradição a legitimação do status e papéis desenvolvidos pelos indivíduos.

Nesse sentido, a partir da pesquisa, percebi que as ações voltadas para a modernização na Bahia seabrista eram resultantes de decisões surgidas nos espaços do poder. Eram barganhas políticas que atendiam às demandas de uma elite em processo de urbanização. Desta forma, era um grupo social sequioso por uma cidade saneada, moderna e em consonância com as demandas dos segmentos econômicos, políticos e culturais que, colocados em trânsito e tendo, dentre outras consequências, o surgimento de um segmento social médio, formado por profissionais liberais, a exemplo de advogados, professores, engenheiros, jornalistas e médicos.

Esses atores se tornaram vitais para a execução de medidas, de caráter administrativo, necessárias à implantação do projeto modernizador. Na verdade, eram eles que, na condição de representantes de um determinado campo do conhecimento, legitimavam o papel de cada sujeito nas estruturas locais. Desta forma, legitimando a construção da identidade social de um grupo de poder que, por sua vez, deveria impor-se ao restante da população como um modelo de comportamento e formas de fazer, agir e sentir a ser seguido pelo restante da população, sempre na perspectiva da depuração, da diferenciação e da apartação em relação àqueles que não seguiam as ordenações de natureza médico-sanitária.

---

[604] **SAMPAIO**, Op. Cit. 1998, p.27

A análise dos jornais, da literatura produzida sobre o higienismo, dos documentos oficiais e dos discursos produzidos pelos profissionais de saúde, de modo geral, indica que os médicos baianos estavam integrados ao conhecimento acadêmico do período. Ou seja, eles faziam parte de uma rede que realizava interlocuções na esfera nacional e internacional, ao participar de eventos que permitiam a cambialidade necessária à constituição do campo científico baiano[605]. Como exemplo, podem ser citados, dentre outros, figuras como os doutores Francisco da Silva Lima, Pacífico Pereira, Clementino Fraga, Gonçalo Moniz de Aragão, José Serafim Junior, Alfredo Magalhães e Belmiro Valverde.

Trata-se de profissionais que atuaram de forma bastante intensa no momento em que a comunidade médica brasileira e parte da baiana davam os primeiros passos rumo à virada experimental do campo da microbiologia para a solução dos terríveis problemas presentes no campo médico-sanitário, aprendendo e partilhando conhecimento com pesquisadores como Oswaldo Cruz, Carlos Chagas, figuras de destaque na ação sanitária nacional, formando uma verdadeira rede de interlocução, graças às missões de Arthur Neiva e Belisário Penna, bem como a vinda da Fundação Rockfeller à Bahia.

Nesse sentido, os médicos, seus discursos e suas ações sobre o caos sanitário existente no Estado e na cidade do Salvador, além do prestígio e caráter político que adquiriram, estavam ligados à ideia de missionários de uma ação salvacionista. Este é o entendimento que a historiografia mais recente desenvolveu, a partir de autores como Marisa Correia e João José dos Reis, ambos intelectuais que, respectivamente, deram aos médicos alcunhas de "heróis civilizadores" e "anjos tutelares da sociedade".

Na verdade, ao seu tempo, a categoria médica, de modo geral, produziu um tipo de medicina que, apesar de seus métodos e formas de abordagem das doenças, colocou a cidade no espaço das redes de interlocução científica da época. Não há dúvidas de que Salvador se tornou parte de uma cultura científica tomada por seus notáveis "*homens de ciências*". Entretanto, por força das debilidades presentes na organização da rede de assistência médica na Bahia, os profissionais de saúde, especificamente os médicos foram colocados à mercê das injunções políticas da época no âmbito das estruturas de Estado ou a serviço dos chefes políticos locais.

---

[605] **BATISTA**, Op. Cit. 2017, p.251

Como parte receptora dos conteúdos presentes no fluxo das redes de interlocução científica da época, a Faculdade de Medicina da Bahia, nas primeiras décadas do século XX, ainda que de forma tímida, tornou-se um espaço privilegiado para a discussão, produção e difusão tanto de conhecimentos referentes à ciência médica e suas teorias, quanto das percepções filosóficas de origem eurocêntrica que aqui chegavam.

Portanto, é inegável a tese de que a instituição propiciou o progresso de um nascente, porém "incipiente" campo investigativo científico local, muito embora a velha Faculdade tenha se caracterizado por formar médicos, em sua maioria, oriundos dos berços aquinhoados do poder político, econômico e social baianos.

A análise das fontes do período nos possibilita a perceber que tal situação teve forte influência sobre os destinos das ações médico-sanitárias adotadas pelo governo, ao longo do período de vigência da Primeira República. Principalmente, à época em que J.J. Seabra assumiu a hegemonia política baiana, entre 1912 e 1926; um período em que, apesar das tentativas de centralização administrativa no campo da saúde, a cidade e o estado passaram a sofrer não só com os eventos epidêmicos que ocorreram a partir dali mas, principalmente, por terem sido instrumento de um jogo político que transcendia os espaços acadêmicos e intelectualizados. Isso gerou terríveis consequências para a população pobre e negro-mestiça, não só de Salvador como de toda a Bahia, até os dias de hoje.

Como exemplo de tal situação, percebi o antagonismo existente no âmbito acadêmico da Faculdade de Medicina, formado por duas correntes disputando a aceitação das suas formas de abordagens das doenças e suas etiologias; era um grupo formado por professores médicos conservadores. Eram especuladores de um conhecimento estático e cujos embasamentos valiam-se da mera observação dos casos. Na verdade, este grupo tinha como ideia a manutenção do poder, não só nos espaços acadêmicos como também da representatividade política, na medida em que dissimulavam e jogavam com os débeis resultados de ações caracterizadas pelo emergencialismo das intervenções.

Em paralelo a estes estavam aqueles que, embasados nos avanços médicos da época, defendiam a total ruptura em relação a medicina especulativa praticada à época do Império. Suas ações propunham soluções de caráter preventivo, ambulatorial, clínico e de intervenção direta sobre a doença, suas causas e processo mórbidos, portanto, era um conhecimento que se colocava de forma mais coerente no que diz respeito ao combate às mazelas causadas pelas péssimas condições de vida e salubridade nos espaços urbano e rural baianos.

Desta forma, o relativo atraso baiano, no campo médico-sanitário, teve suas origens ligadas à presença de uma oligarquia médica na capital e no interior que, por força dos seus interesses, procurava inviabilizar o desenvolvimento de uma nascente prática investigativa e experimental. Era uma oligarquia ligada às tensões de um jogo tomado por imbricamentos políticos, pelas investiduras da tradição e das permanências existentes em um universo mental conservador pouco afeito a mudanças sociais. Esses grupos tornaram-se elites sociais desde os primórdios da república, impondo à sociedade a sua visão exclusivista acerca de um mundo fechado à grande parcela da população, à medida que se apropriavam dos discursos cientifico do campo médico-higienista sempre atrelado aos critérios de raça e classe.

Por fim, o trabalho nos fez perceber que as querelas médicas presentes no campo político e institucional baiano, além de permitirem a construção identitária dos profissionais médicos, lhes garantiram a inserção social nos territórios das elites, bem como no âmbito de um poder amealhado por trocas de favores. Ou seja, além de reconhecido e prestigiado, o médico tornou-se um sujeito politicamente indispensável ao poder, haja vista que seus discursos e práticas vinculavam-se aos interesses de um projeto de longevidade política dos potentados. De alguma forma, as ações médicas rendiam votos e, com isso, asseguravam o poder de muitos chefes políticos nos rincões do estado.

Por outro lado, ainda que tal situação, à época do nascimento do seabrismo tivesse permitido a constituição da rede pública de saúde na Bahia, em termos de ações, os seus resultados eram bastante incipientes, uma vez que as intervenções na saúde, além de dependerem da vontade política dos potentados nos currais eleitorais do estado, na cidade da Bahia, as políticas sanitaristas e higienistas sofriam com as resistências de uma área social arraigada aos diacríticos de uma cultura popular que se manifestava nos espaços das ruas, das feiras e, sobretudo, nos espaços do sagrado que, apesar de toda a repressão policial e higienista, não abdicou das suas formas de enunciação, se levarmos em consideração que a cura praticada naqueles espaços era aceita por indivíduos de todos os níveis da estrutura social.

Nesse sentido, Seabra muito se empenhou na realização do projeto civilizador, que gerou, em certa medida, a ocupação do espaço público por parte das elites e, com isso, novas sociabilidades entre os seus pares. É possível perceber que a nova configuração do espaço soteropolitano também permitiu aos de fora daquele segmento social manifestarem-se como aparições de um passado persistente.

Enfim, ainda que negros, mestiços e trabalhadores pobres não fossem detentores dos elementos materiais que lhes garantissem riqueza e destaque social, foram eles que, à luz de uma mentalidade exclusivista e racialista, se colocaram na cena cotidiana como sujeitos complementares. Portanto, atores históricos indispensáveis à vida simbólica e material de uma cidade que, apesar de toda a construção sinestésica voltada para uma nova estética e higiene depuradas, continuou negra e mestiça e, persistentemente, alheia àqueles construtos de civilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. *O jogo da dissimulação. Abolição e cidadania negra no Brasil*. São Paulo. Companhia das Letras, 2009.

ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. *Algazarra nas ruas: comemorações da independência na Bahia (1889-1923).* Campinas. Editora da Unicamp, 1999.

ALMEIDA, Manoel B. Calmon du P'in e. *Degenerados e Criminosos.* Salvador. Litho-Typo e Encadernação V. Oliveira e E., 1900

ALMEIDA, Rômulo Barreto de. *Traços da História Econômica da Bahia no Último Século de Meio.* Planejamento, v.1.set/out.1973. Salvador- Fundação Pesquisa. CPE, 1973.

AMARAL, Braz H. do. *História da Bahia*: do Império à República. Bahia, Imprensa Oficial do Estado, 1923.

AMARAL, José Alvares do. *Resumo cronológico e noticioso da Província da Bahia desde o seu descobrimento em 1500.* Salvador – Bahia. Ed. Bahia, Imprensa Oficial do Estado, 1922, p. 123.

ANTUNES, José Leopoldo Ferreira. *Medicina, Leis e moral: pensamento médico e comportamento no Brasil (1870-1930).* São Paulo. Fundação Editora da UNESP. 1999

ARANTES, Érika Bastos. O Porto Negro: Cultura e trabalho no Rio de Janeiro dos primeiros anos do século XX. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado História, Unicamp, 2005.

ARAÚJO, Emanuel. *O Teatro dos Vícios: transgressões e transigência na sociedade Urbana colonial*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1993.

ARAÚJO, Ubiratan Castro e **BARRETO,** Vanda Sá. *A Inserção da Bahia na Evolução Nacional. 2a etapa 1890-1930.* Salvador: Fundação de Pesquisas - CPE. Secretaria do planejamento, ciência e tecnologia. Salvador, 1980

ARTEAGA, Juan Manoel Sánchez; **EL-HANI,** Charbel; **GARCIA,** Laia Ventura; **RASELLA**, Davide. *Alterização, biologia humana e biomedicina.* São Paulo, v. 13, n. 3, 2015.

AUGÉ, Marc *Não-lugares: introdução a uma antropologia da super modernidade,* Lisboa, Bertrand Editora. (1994)

AZEVEDO, Thales de. *Povoamento da cidade do Salvador***.** Salvador: Editora Itapuã.1969.

BACELAR, Jeferson. *A Hierarquia das Raças. Negros e Brancos em Salvador*. Rio de Janeiro. Pallas Editora. 2001,

BARRETO JR, Jurandir Antônio Sá. *Raça e Degeneração. Análise do processo de construção da imagem dos negros e mestiços, a partir de artigos publicados na Gazeta Médica Baiana*

(1880-1930). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências. 2004,

BARROS, Pedro Mota de. O Alvorecer de Uma Nova Ciência: a medicina tropical baiana. *In* História, Ciência, Saúde. Rio de Janeiro – Manguinhos. FIOCRUZ. Vol. IV (3). Nov.1997 / fev.1998, p. 442-443

BASALLA, George. *The Spread of Western Science. Science,* New Series, Vol. 156, n. 3775, May 5, 1967

BASTIANELLI, Luciana. *Gazeta Médica da Bahia 1866/1934 - 1866/1876.* Bahia: Edições Contexto, 2002

BASTOS, Bartira Brandão. *O Desenvolvimento de Documentos Técnico-Científicos Através do Ciberespaço: um estudo de caso.* Salvador: Dissertação de Mestrado no Curso de Pós-Graduação em Informação Estratégica, 2001.

BATISTA, Ricardo dos Santos. *Lues Venerea e as Roseiras Decaídas: biopoder e convenções de gênero e sexualidade em Jacobina-BA (1930-1960).* 2010. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

_____ *A sífilis na Bahia: considerações sobre saúde pública, medicina e eugenia.* Texto apresentado no XXVII Simpósio Nacional de História. Conhecimento Histórico e Diálogo Social. Natal. 22 a 26 de julho e 2013.

_____ *Como se saneia a Bahia: a sífilis e um projeto político-sanitário nacional em tempos de federalismo.* Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia. Orientadora: Profa. Dra. Lígia Bellini. Salvador. 2015.

BHABA, Homi K. O local da Cultura. Belo Horizonte, Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

BOURDIE, P. *Para uma sociologia da ciência.* Lisboa: Editora 70, 2004.

_____ *Gostos de classe e estilos de vida.* In: ORTIZ, Renato (org.) Pierre Bourdieu: *Sociologia.* São Paulo: Ática, 1983a.

BOXER, C.R. *Pureza de Sangue e Raças Infectas.in: O império colonial português.* Lisboa: Edições 70, 1969.

BRITO, Ana Clara. *SANEAR E CURAR: saúde pública, higiene e atuação dos postos de profilaxia nos sertões da Bahia.* Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em ensino, Filosofia e História das Ciências UFBA/UEFS 2018

BRITO, Francisco Saturnino Rodrigues de: *Saneamento da Bahia: cidade do Salvador.* Relatório dos Projectos. Salvador. Secretaria de Saúde e Assistência Pública. Imprensa Oficial do Estado. Edição de 1926,

BRITTO, Alfredo. *Memória histórica da Faculdade de Medicina da Bahia no ano letivo de 1900 a 1901.* Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1904,

BRITO, JONAS. *A BAHIA DOS CALMON: um ás no jogo político da I República (1920-1926).* Programa de Pós-graduação em História, Da Faculdade de Filosofia e Ciências humanas da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2014.

CALMON, Pedro. *História da Bahia***:** das origens à atualidade. Bahia, Livraria Editora Leite Ribeiro, 1927. Pode-se citar como exemplos: CALMON, Pedro. *Gente da Bahia no século XVII: costumes, cabedais e nobreza, informações inéditas***.** Revista do IGHB, Salvador. V.53, 1927.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2.ed. São Paulo: Edusp, 1998

CARRARA, Sérgio. *Tributo a Vênus: A luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40.* Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996

CARVALHO, Daniel Rebouças. *As Crônicas de Lulu Parola na Bahia: desilusão republicana e engajamento político em Aloísio de Carvalho (c. 1891-1916).* Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção de grau de Mestre em História. Orientadora: Profa. Dra. Edilece Souza Couto. Salvador. 2013, p.112.

CARVALHO, José Murilo de. *Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: uma discussão conceitual.* Dados Rio de Janeiro. V. 40. N.02, 229-250. 1997

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados*: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras. 1987

MIANI, Rozinaldo. *Charge editorial: iconografia e pesquisa em História*. In: Domínios da Imagem, Londrina, v.8, n. 16. p. 133-145, jun./dez, 2014

CERQUEIRA, Nedy Maria Branco (Organizadora). *A primeira faculdade de medicina brasileira: experiências vividas pelos seus grandes alunos.* Salvador: CREMEB, Conselho Regional de Medicina do Estado da Bahia 2008.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano. Artes de fazer.* Petrópolis, Rio de janeiro. 1994

CHERNOVIZ, Napoleão. *Dicionário de medicina popular*. 6ª edição 1890. Disponível em: HTTP://www.meusdownloads.com.br/p-servicos.jsp?ppID=c586 Acesso em: 11/02/2017

CORRÊA, Mariza. *As ilusões da liberdade: a escola Nina Rodrigues & a Antropologia no Brasil.* 1982. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, 1982.

_____ *Raimundo Nina Rodrigues e a "Garantia da Ordem Social*. REVISTA USP, São Paulo, n.68, p. 130-139, dezembro/fevereiro 2005-2006.

CORRÊA, Roberto Lobato. *O Espaço Urbano*. São Paulo, Editora Ática,1989

COSTA, Emília Viotti da. **Do Império à república: momentos decisivos.** São Paulo, UNESP, 1999

COSTA, Iraneidson Santos. *A Bahia já deu Régua e Compasso: o saber médico-legal e a questão racial na Bahia, 1890-1940.* Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em História (UFBA), sob a orientação do Professor Dr. Ubiratan Castro de Araújo. 1997

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

COSTA, L. A. M. *Theodoro Sampaio, o processo de urbanização e a questão sanitária paulista do fim do século XIX: teoria mesológica e teoria microbiana, infra-estruturação e políticas públicas*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo: USP, 1999.

COSTA, Renato da Gama-Rosa. *Entre "Avenida" E "Rodovia": a História da Avenida Brasil (1906-1954).* Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, para obtenção do título de Doutor em Urbanismo. Orientador: Profª. Drª. Margareth da Silva Pereira. Rio de Janeiro. 2006, p. 97

COUTO, ES. "A Bahia não se desnacionaliza": modernidade, civilidade e permanência dos costumes *na Salvador republicana"*. In: MOURA, M., org. *A larga barra da baía*: essa província no contexto do mundo. Salvador: EDUFBA, 2011

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Introdução Walnice Nogueira Galvão. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1995

CUNHA, Sílvio Humberto dos Passos. UM RETRATO FIEL DA BAHIA: *sociedade-racismo-economia na transição para o trabalho livre no recôncavo açucareiro, 1871-1902.* Tese de doutoramento apresentada ao Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Doutor em Economia sob a orientação da Profa. Dra. Lígia Maria Osório Silva. 2004

CZERESNIA, Dina. Do contágio à transmissão: ciência e cultura na gênese do conhecimento epidemiológico. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997.

DAVID, Onildo Reis. *O Inimigo Invisível. Epidemia na Bahia no Século XIX*. Salvador. EDUFBA/ SARAH LETRAS. 1996

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, em http://static.scielo.org/scielobooks/knm4c/pdf/czeresnia-9788575412565.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2015

DURKHEIM, Emile. O Suicídio. *Da divisão do trabalho social. T*radução Eduardo Brandão. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999

EDLER, Flávio. C. *A Escola Tropicalista Baiana: um mito de origem da medicina tropical no Brasil.* História, Ciências, Saúde. Manguinhos, Rio de Janeiro, vol. 9(2):357-85, maio-ago. 2002.

FRANTZ, Fanon. *Pele negra, máscaras brancas.* Rio de Janeiro: Editora Fator, 1983.

FAORO, Raymundo. *Os donos do poder. Formação do Patronato Político Brasileiro*. Rio de Janeiro: Globo, 1958.

FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil. Edusp. Fundação do Desenvolvimento da Educação.* São Paulo. 1995.

_____, Boris. *História geral da Civilização Brasileira. Sociedade e instituições1889-1930.* Bertrand Brasil. Rio de Janeiro. 2006.

FERNANDES, Florestan. *A Revolução Burguesa no Brasil. Ensaio de interpretação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976

FILHA, Maria Berthilde Moura, *O cenário da vida urbana: a definição de um projeto estético para as cidades brasileiras na virada do século XIX/XX*. Dissertação apresentada ao Mestrado em Arquitetura e Urbanismo - Faculdade de Arquitetura. Salvador: UFBA, 1997

FILHO, Alberto Heráclito F. *Desafricanizar as Ruas: Elites Letradas, Mulheres Pobres e Cultura popular em Salvador (1890-1937).* In Afro-Ásia, 21-22 (1998-1999), 239-256. Mestrado em História, CEAO - FFCH – UFBA. EDUFBA, Salvador, 1999

FILHO, Naomar Almeida. *Sobre Redes.* In TEIXEIRA, Francisco (org). *Gestão de Redes de Cooperação Interempresariais.* Salvador, BA. Casa da Qualidade, 2005.

FLEXOR, M. H. M. O. *Salvador verde: séculos XIX-XX. In*: I Colóquio Internacional de História da Arte, 2000, São Paulo. Paisagem e Arte. São Paulo: Comitê Brasileiro de História da Arte, CNPq, FAPESP, 2000.

_____, Maria Helena Ochi; **TAVARES**, Hermes Magalhães; **CAMARGO**, Maria Vidal de Negreiros. *A antiga indústria de Itapagipe: possibilidades de sua reconversão.* Relatório FAPESB. Salvador: UCSal, 2007.

FONSECA, Anselmo da. Memória histórica, 1891 apud OLIVEIRA, Eduardo de Sá Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia. Salvador: Centro Editorial e Didático da Universidade Federal da Bahia, 1992

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. 5.ed. Rio de Janeiro: Graal. 1985.

FRAGA FILHO, Walter. Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1879-1910). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006).

_____, *Mendigos, moleques e vadios na Bahia do século XIX*. São Paulo: Hucitec; Salvador, EDUFBA, 1996

FREYRE, *Gilberto. Casa-Grande & Senzala*. Editora Record, Rio de Janeiro, 1998, cap. IV, 34ª edição

Fundação Centro de Pesquisa, 1978

GOBINEAU apud Thomas Skidmore. *Preto no Branco. Raça e nacionalidade no pensamento Brasileiro.* Rio de janeiro: Editora Paz e Terra, 1989

GOES, Luciano. *A "Tradução" do Paradigma Etiológico de Criminologia no Brasil: um diálogo entre cesare lombroso e nina rodrigues da perspectiva centro-margem***.** Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação *stricto sensu*, Programa de Mestrado em Direito, área de concentração Direito, Estado e Sociedade, da Universidade Federal de Santa Catarina, para a obtenção do Grau de Mestre em Direito. Orientadora: Prof.ª Dr.ª Vera Regina Pereira de Andrade. Florianópolis. 2015

GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras. *Pelo pelô: história, cultura e cidade*. Salvador. Edufba.1995

GONÇALVES, Leidiane de Castro. *As Transformações Urbanas e o Papel da Intendência de Polícia no Rio de Janeiro Joanino. XXVII* Simpósio Nacional de História - ANPUH. Natal. 2013.

GUIMARÃES, Antônio Sergio Alfredo. A Formação e a Crise da Hegemonia Burguesa na Bahia (1930-1964). Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia. 2003

GUIMARÃES, Pery. *Ligeiras considerações sobre as raças humanas. 31 de outubro de 1911*. Tese Faculdade de Medicina da Bahia, Bahia, 1911

HAROUEL, Jean-Louis. *História do Urbanismo, Campinas*, São Paulo. Papirus, 1990

HOCHMAN, Gilberto. *Logo ali, no final da avenida: Os sertões redefinidos pelo movimento sanitarista da Primeira República.* História, Ciências, Saúde – Manguinhos. 1998, v. 5, 1998.

HOCHMAN, Gilberto e **LIMA,** Nísia Trindade; *"Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo Movimento Sanitarista da Primeira República".* In: Maio, Marcos Chor e Santos, Ricardo Ventura. Raça Ciência e Sociedade. RJ: Editora Fiocruz, 1996

_____ *Regulando os efeitos da interdependência: sobre as relações entre saúde pública e construção do Estado (Brasil 1910-1930).* Estudos Históricos. vol. 6, n. 11. Rio de Janeiro, 1993.http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-932002000400002&lng=en&nrm=iso>. Access on: 16 Feb. 2017.

KOK, Glória. *Rio de Janeiro na época da Av. Central.* São Paulo: Bei Comunicação, 2005

LABURTHE-TOIRA, Philippe e **WARNIER,** Jean-Pierre. *Etnologia - Antropologia*. 2ª Edição. Editora Vozes. Petrópolis. 1999

LATOUR, Bruno e **WOOLGAR,** Steeve. *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos;* Tradução Ângela Ramalho Vianna - Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo Enxada e Voto.* São Paulo, Editora Alfa-Omega, 1976,

LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. *E a Bahia Civiliza-se... Ideias de Civilização e Cenas de Anticivilidade em um Contexto de Modernização urbana – Salvador, 1912-1916*. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-graduação em História da FFCH-UFBA, 1996

_____ Rinaldo Cesar Nascimento. *A Rainha destronada: discurso das elites sobre as grandezas e os infortúnios da Bahia nas primeiras décadas republicanas*. Feira de Santana. UEFS editora. 2012

LIMA, Nísia Trindade. Public health and social ideas in modern Brazil. *American Journal of Public Health*, Washington, v.97, n.7, p.1168-1175. 2007. LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil*: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: Iuperj. 1999.

LÖWY, Ilana. *Vírus, mosquitos e modernidade: a febre amarela no Brasil entre ciência e política***.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006

LOEWY, Raymondd apud **SEVCENKO**. *História da vida Privada, República: da Belle Époque à Era do Rádio*. Companhia das Letras. São Paulo.1998

MACHADO, Roberto et al. *Danação da norma, medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil***.** Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MAGALHÃES, Alfredo Ferreira. *Pró Eugenismo*. Bahia: Tipografia de São Francisco, 1913.

MARIANI, Clemente. *Análise do problema econômico baiano.* Planejamento, Salvador, v. 5, n. 4, p. 55-121, out./dez. 1977.

MATOS, Kédima Ferreira de oliveira. *Os Estudos de Química e Mineralogia na Faculdade de Medicina da Bahia no Século XIX e as Contribuições de Malaquias Álvares dos Santos e Virgílio Clímaco Damazio.* Tese apresentada ao Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de doutora em ciências, orientador: Pedro Wagner Gonçalves. Campinas. 2016

MATTEDI, Maria Raquel Mattoso; BRITO, Marusia Rebouças de; BARRETO, Sueli Santos. *Salvador: o processo de urbanização.* In: BAHIA. Secretaria de Planejamento, Ciência e Tecnologia. Fundação de Pesquisas. Habitação e urbanismo em Salvador. Salvador: SEPLANTEC, 1979

MATTELART, Armand. *Comunicação-Mundo. História das Ideias e Estratégias*. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis-R.J. Editora Vozes, 1999

MATTOS, João Rabelo de. *Fatos e Aspectos da Tuberculose na Bahia*. Salvador-Bahia, A Nova Gráfica. 1924

MATTOSO, Kátia de Queirós. *Bahia:* século XIX (Uma Província no Império). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992

_____,. *Bahia: a cidade do Salvador e seu mercado no século XIX*. Salvador: HUCITEC; 1978.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social*. In: **MINAYO,** Maria Cecília de S. (Org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.* 8ª edição. Petrópolis: Vozes, 1998 (1996) 20-21, p.30

MOREIRA, Juliano. *Notícia sobre a evolução da Assistência a alienados no Brasil Diretor do Hospital Nacional de Alienados*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905,

MOURA, Clóvis. O negro: de bom escravo a mau cidadão? Editora Conquista. RJ, 1977**.**

_____ Clóvis. Sociologia do Negro Brasileiro. Série Fundamentos. São Paulo: Editora Ática, 1988

MOUTINHO, Laura. Razão. "cor" e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos **afetivos**-*sexuais "inter-raciais" no Brasil e na África do Sul.* São Paulo, Editora da UNESP, 2004.

MURICY, Kátia. *A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo.* São Paulo: Companhia das Letras, 1988

NEEDELL, Jeffrey. *Belle epoque tropical - sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

NOVAIS, Fernando A. e **SEVCENKO,** Nicolau. *História da vida Privada no Brasil: República: da belle Époque à Era do Rádio.* São Paulo. Editora Companhia das letras. 1998

NUNES, Everardo Duarte. *Sobre a História da Saúde Pública: ideias e autores. In* Ciência e saúde coletiva, 5(2): P. 256. 2000.

NUNES, Fábio de Carvalho. *A Mortalidade por Tuberculose na Cidade do Salvador*. Secretaria de Educação e saúde. Salvador-Bahia, 1949

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura.* Editoria Brasiliense, São Paulo, 1994

PANG, Eul-Soo. ***Coronelismo e Oligarquias (1889-1934) A Bahia na República Brasileira.*** Rio de Janeiro: Civilização brasileira,1979

PECHMAN & FRITSCH, *A Reforma Urbana e seu Avesso*. Revista Brasileira de História, v.5, 8/9. 1985

PERESTRELLO, M. *Juliano Moreira – Um Mestre.* Revista Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina. Volume 98. Número 01. Jan-fev. mar. 2004.

PINHEIRO, Eloísa Petit. *Europa, França e Bahia: difusão e adaptação de modelos urbanos (Paris, Rio e Salvador).* 2ª edição. Salvador: EDUFBA, 2011.

PINHEIRO, Eloísa. *Intervenções Públicas na Freguesia da Sé em Salvador de 1850 a 1920.* Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFBA, p1. 1992,

PINHEIRO, Israel de Oliveira. *A Política na Bahia: atraso e personalismos.* Ideação, Feira de Santana, n.4, jul./dez. 1999

POLANCO, Xavier. *Une Science-monde: la* mondialisation de la science européenne et la création de traditions scientifiques locales" . In: POLANCO, Xavier. *Naissance et développement de la Science-monde.* Paris, Éditions La Découvert, 1989

PORTO, Ângela. & **PONTE**, Carlos Fidelis. *Vacinas e campanhas: imagens de uma história a ser contada*. História, Ciências, Saúde, vol. 10, suplemento 2, 2003.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar, Brasil, 1890-1930*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

REBELO, Fernanda. *A Travessia: imigração, saúde e profilaxia internacional (1890-1926).* tese de Doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde. Fundação Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, Rio de Janeiro. 2010

REGO, Waldeloir. *Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico*. Salvador: Itapoá, 1968

REIS, Arnaldo Moreira. *Sobre a Hygiene do Solo Urbano.* Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia, em 28 de outubro de 1919. P. 12

REIS, João José. *A Morte é uma Festa: Ritos Fúnebres e Revolta Popular no Brasil do Século XIX*, São Paulo:Companhia das letras,. 1992

RESENDE, Maria Efigênia de. *O processo político na Primeira República e o liberalismo oligárquico. In O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930.* **DELGADO**, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge. 2ºed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

REVEL, Jacques; **PETER,** J. P. *O corpo: o homem doente e sua história*. In: **LE GOFF, J. & NORA**, P. (orgs). *História: Novos Objetos.* Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1988

RIBEIRO, Marcos Augusto Pessoa. *A faculdade de medicina na Visão de seus Memorialistas, 1854-1924.* Salvador: EDUFBA, 2014

RODRIGUES, R.N. Brasília: Editora UNB, 1988. *"O Animismo Fetichista dos Negros Baianos"* Rio de Janeiro, UFRJ/Biblioteca Nacional, 2006 e por fim, *As Raças Humanas e a*

Responsabilidade Penal no Brasil. Rio de Janeiro. Editora: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. 2006

_____ Raymundo Nina *Africanos no Brasil*. São Paulo: Universidade de Brasília, 1982, p. 7.

RUSSELL-WOOD, A. J. R. (1968), "*Fidalgos" and Philantropists: The Santa Casa de Misericórdia of Bahia, 1550-1755.* Berkeley, University of California Press. 1968

SÁ, Dominichi Miranda de. *A voz do Brasil: Miguel Pereira e o discurso sobre o "imenso hospital".* História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v.16, supl.1, jul. 2009, p.333-348.

SAES, Décio. *A formação do Estado Burguês no Brasil (1888-191)* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

SAMPAIO, Antônio Joaquim de. *Da influência da liberdade illimitada no exercício da prostituição.* Salvador. Typographia Commercial, 1912.

SAMPAIO, Consuelo Novais. (1979), *Crisis in the Brazilian Oligarchical System: A Case Study on Bahia, 1889-1937.* Tese de Doutorado, The Johns Hopkins University.1979

_____ *Partidos Políticos da Bahia na Primeira República. Uma Política de Acomodação.* Salvador, EDUFBA, 1999

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro Imperial.* Campinas-SP: Editora da UNICAMP, CECULT, IFCH, 2001,

SANSONE, Lívio. *Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil,* tradução de Vera Ribeiro, Salvador/Rio de Janeiro, Edufba/Pallas, 2004,

SANTOS, Luiz A. de Castro. *As Origens da Reforma Sanitária e da Modernização Conservadora na Bahia durante a Primeira República*. vol. 41 n. 3 Rio de Janeiro 1998

_____, Poder, *ideologias e saúde no Brasil da Primeira República: ensaio de sociologia histórica.* In: **HOCHMAN**, G., and **ARMUS**, D., orgs. *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. *História e Saúde- Collection*, pp. 249-293. ISBN 978-85-7541-311-1. Available from SciELO Books *Cuidar, controlar e curar. Acesso em: 12/10/2018*

SANTOS, M. A. S. *Habitação em Salvador: fatos e mitos.* In: BRESCIANI, Maria Estella (Org.). *Imagens da cidade: Século XIX e XX.* 1 ed. São Paulo - SP: Marco Zero, 1994

_____, *"Sobrevivência e Tensões sociais. Salvador (1890-1930).* Tese de Doutorado Apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1982

SANTOS, Mário Augusto da Silva. *Crescimento urbano e habitação em Salvador (1890-1940).* In Rua, Revista de Arquitetura e Urbanismo. V.3(4/5):20-29, junho/dezembro.1990

SANTOS, Milton. *O centro da cidade de Salvador: estudo de geografia urbana.* 4ª ed. Salvador: Publicações da Universidade da Bahia. 1959.

SARAIVA, Manoel Joaquim. *Esgoto na Capital da Bahia.* Salvador - Bahia, Imprensa Popular, 1890.

SARMENTO, Sílvia Noronha. *A raposa e a Águia - J.J. Seabra e Rui Barbosa na Política Baiana da Primeira República.* Salvador. EDUFBA, Ba. 2011, p. 145

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil, 1870-1930.* São Paulo: Companhia das Letras, 1993

SILVA, Anderson Silveira. *Para a Construção de uma Analítica de Agenciamentos. Uma Proposta de Compreensão das Novas Texturas Sociais.* Programa de pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientação Proº Dr. º Milton de Araújo Moura. 2003.

SILVA, Aldo José Morais Silva. In *INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DA BAHIA: origem e Estratégias de Consolidação Institucional 1894 – 1930.* Tese Apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal da Bahia, como pré-requisito para obtenção do título de Doutor em História. Orientador: Professor Doutor Antônio Fernando Guerreiro de Freitas. Salvador 2006

SILVA, Maria Elisa Lemos Nunes da. *Do "centro" para o "mundo": A trajetória do Médico José Silveira na luta contra a tuberculose*. UFPE. Recife, 2009

SILVA, Otávio Torres da. *A cidade do Salvador perante a higiene. 1908*. Tese (Doutorado) - Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1908

SILVA, Tomaz Tadeu da. *A produção social da identidade e da diferença. In Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.* Petrópolis: Vozes, 2000

SILVEIRA, Eder. *A Cura da Raça: Eugenia e higienismo no discurso médico sul-rio-grandense nas primeiras décadas do século XX.* Porto Alegre. Editora da UFCSPA.2016

SKIDMORE, Thomas. *Uma História do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora paz e terra, 1989

SOARES, Deodoro Alvares. *Alguns traços da população sob o ponto de vista hygiènico e evolucionista.* Salvador: Typographia Passos / Faculdade de Medicina e Pharmácia da Bahia, 1899

SOUSA, Maria Marineide de. *Arranjo Produtivo Local de Confecções da Rua do Uruguai/Itapagipe.* Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social da Universidade Católica do Salvador como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre. Orientadora: Profa. Dra. Maria Helena Ochi Flexor. Salvador/Ba 2010

SOUZA, Christiane Maria Cruz de. *A Gripe espanhola Na Bahia. Saúde, política e medicina em tempos de epidemia*. Salvador. EDUFBA - Editora Fio Cruz.2009

_____, *A gripe espanhola em Salvador, 1918:* ***cidade de becos e cortiços****. História, Ciências, Saúde* — Manguinhos, v. 12, n. 1, p. 71-99, jan.-abr. 2005

SOUZA, João Prudêncio de. *Syphilis e Eugenia*. Tese (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1923

STOCKINGER, G. *Para uma teoria sociológica da comunicação.* Salvador: FACOM, 2001. p. 220 Disponível em: www.facom.ufba.br Acesso em: 10 out. 2002. Livro eletrônico disponibilizado por meio de link. Material Impresso para consulta.

TADEI, Emanuel Mariano. *A mestiçagem enquanto um dispositivo de poder e a constituição de nossa identidade nacional.* Psicologia. Ciência e Profissão. Brasília, v. 22, n. 4, p. 2-13, Dec. 2002.

TAVARES, Luis Henrique Dias. *História do da Bahia.* São Paulo. UNESP - 10ª edição. 2001

UZEDA, Jorge Almeida. *A morte vigiada: a cidade do Salvador e a prática da medicina urbana 1890-1930,* 2006.

VARGAS, Jonas. *"Um império de cruzes, togas e espadas".* Notas comparativas sobre as elites políticas do Rio Grande do Sul, do Ceará e da Bahia no período monárquico. In *Poder, instituições e elites*: 7 ensaios de comparação e história /Organizador Flavio M. Heinz. – São Leopoldo: Oikos, 2012, pg. 115-144 **TAVARES**, 2000

VASCONCELOS, P de A. *Salvador transformações e permanências 1549-1999*. Ilhéus, Editus, 2002

VERGARA, Moema. *Ciência e literatura: a Revista Brasileira como espaço de vulgarização científica*, in *SOCIEDADE E CULTURA*, V. 7, N. 1, jan. /jun. 2004.

VIANNA, Oliveira. *Populações Meridionais do Brasil.* 4ª Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.